



MARY SHELLEY

FRANKENSTEIN

EDIÇÃO COMENTADA BILÍNGUE PORTUGUÊS-INGLÊS

PRIMEIRA VERSÃO DE 1818



MARY SHELLEY
FRANKENSTEIN
O MODERNO PROMETEU

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS / INGLÊS

FRANKENSTEIN
THE MODERN PROMETHEUS

TRADUÇÃO E NOTAS

DORIS GOETTEMES



COPYRIGHT © 2016 BY EDITORA LANDMARK LTDA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.

TEXTO ADAPTADO À NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA DECRETO NO 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008

PRIMEIRA EDIÇÃO DE “FRANKENSTEIN OR THE MODERN PROMETHEUS”: LACKINGTON, HUGHES, HARDING, MAJOR & JONES LONDRES; 11 DE MARÇO DE 1818

DIRETOR EDITORIAL: FABIO PEDRO-CYRINO

TRADUÇÃO E NOTAS: DORIS GOETTEMES

REVISÃO: FRANCISCO DE FREITAS

DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SÃO PAULO, BRASIL)

SHELLEY, MARY WOLLSTONECRAFT (1797-1851)

FRANKENSTEIN, OU O MODERNO PROMETEU = FRANKENSTEIN, OR THE MODERN PROMETHEUS /

MARY SHELLEY; [TRADUÇÃO E NOTAS DORIS GOETTEMES]

SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2016.

TÍTULO ORIGINAL: FRANKENSTEIN OR THE MODERN PROMETHEUS

EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS/INGLÊS

EDIÇÃO ESPECIAL DE LUXO

ISBN 978-85-8070-034-3

ISBN DIGITAL 978-85-8070-035-0

1. FICÇÃO INGLESA I. TÍTULO. II. TÍTULO: FRANKENSTEIN OR THE MODERN PROMETHEUS

16-00077 CDD - 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. FICÇÃO : LITERATURA INGLESA 823

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.

NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA ATRAVÉS DE QUALQUER MÉTODO, NEM SER DISTRIBUÍDA E/OU ARMAZENADA EM SEU TODO OU EM PARTES ATRAVÉS DE MEIOS ELETRÔNICOS SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK LTDA, CONFORME LEI Nº 9610, DE 19/02/1998

EDITORA LANDMARK

RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12º ANDAR - SANTANA

02017-010 - SÃO PAULO - SP

TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR

WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR

PRODUZIDO NO BRASIL

2016

COPYRIGHT © 2016 BY EDITORA LANDMARK LTDA.

MARY SHELLEY

FRANKENSTEIN

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

VOLUME I

CARTA I

CARTA II

CARTA III

CARTA IV

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

VOLUME II

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

VOLUME III

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

FRANKENSTEIN

PREFACE

INTRODUCTION

VOLUME I

LETTER I

LETTER II

LETTER III

LETTER IV

CHAPTER I

CHAPTER II

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[VOLUME II](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[CHAPTER VIII](#)

[CHAPTER IX](#)

[VOLUME III](#)

[CHAPTER I](#)

[CHAPTER II](#)

[CHAPTER III](#)

[CHAPTER IV](#)

[CHAPTER V](#)

[CHAPTER VI](#)

[CHAPTER VII](#)

[GRANDES CLÁSSICOS EM EDIÇÕES BILÍNGUES](#)

MARY SHELLEY

Mary Wollstonecraft Shelley

Mary Wollstonecraft Shelley, mais conhecida por Mary Shelley, nasceu em Londres, em 30 de Agosto de 1797, filha do filósofo e escritor William Godwin e da escritora Mary Wollstonecraft, uma das primeiras ativistas pelos direitos das mulheres.

Manteve um longo relacionamento com o um dos grandes expoentes do Romantismo Inglês, o poeta Percy Bysshe Shelley (1792-1822), casando-se com o mesmo em 1816, logo depois do suicídio de sua primeira esposa. O casal se mudou para a Itália, onde Mary Shelley sofreu a perda de seus dois filhos, além de seu marido em 1822 em um trágico naufrágio próximo a Livorno (seu corpo só seria recuperado semanas depois e cremado nas areias da praia conforme as leis italianas) lançando-a em um longo período de recolhimento, retornando à Inglaterra em companhia de seu único filho que ainda vivia.

Sua obra mais famosa é “Frankenstein, ou Moderno Prometeu” escrita entre os anos de 1816 e 1817. O romance obteve grande sucesso e gerou todo um novo gênero de horror, tendo grande influência na literatura e cultura popular ocidental. Esta obra foi elaborada após o encontro do casal Shelley com Lorde George Gordon Byron, 6º Barão Byron (1788-1824), em sua mansão às margens do lago Genebra, encontro este que produziu uma série de textos, poemas, romances de autoria de Byron, John Polidori (1795-1821), Percy e Mary Shelley, conforme relatado no “Prefácio” da edição de 1831 de “Frankenstein”.

Apesar da relação conturbada com o marido, Mary Shelley passou a reverenciá-lo após sua morte, sendo a responsável pela organização de toda sua vasta produção poética. Entrementes, Mary Shelley encontraria ainda tempo para produzir outras obras, contudo sem a mesma qualidade de “Frankenstein”. Apenas em 1826, Mary Shelley voltaria a produzir o que a crítica especializada considera sua melhor obra “O Último Homem”,

pioneira da ficção científica que influenciaria toda uma geração de escritores deste gênero na Inglaterra.

Os últimos anos de Mary Shelley foram afetados pela doença. Desde 1839, ela sofreu de dores de cabeça e ataques de paralisia em partes do seu corpo, que por vezes a impedia de ler e escrever. Viria a falecer em 1º de Fevereiro de 1851, em Londres, Inglaterra, vítima de um tumor cerebral.

No aniversário de um ano de sua morte, seu filho, Percy Florence Shelley, descobriu na pequena escrivaninha de sua mãe algumas mechas de cabelos de seus filhos mortos, um caderno que ela compartilhava com o marido, uma cópia manuscrita do poema “Adonais”, de autoria deste último, com uma página dobrada em volta de uma pedaço de seda, contendo algumas de suas cinzas e os restos do seu coração.

FRANKENSTEIN

O MODERNO PROMETEU

Pedi-vos, ó Criador, que do barro
Fizeste-me homem? Roguei-vos
Que das trevas me elevastes?
O PARAÍSO PERDIDO (x. 743-5)

A

WILLIAM GODWIN^[1]

AUTOR DE “JUSTIÇA POLÍTICA”, “CALEB WILLIAMS”, &C.

^[1] William Godwin (1756-1836), pai da escritora Mary Shelley, foi jornalista, filósofo político e romancista e é considerado um dos primeiros proponentes modernos do anarquismo, conhecido por dois livros que publicou no intervalo de um ano: “Inquérito acerca da Justiça Política”, um ataque às instituições políticas, e “As Coisas como Elas São: ou As Aventuras de Caleb Williams”, que ataca os privilégios da aristocracia, este último considerado um dos primeiros romances de mistério. Foi autor de inúmeros romances e textos históricos e demográficos, além de diversos livros infantis. Também teve uma considerável influência na literatura britânica e na cultura literária europeia.

PREFácio

O evento sobre o qual esta ficção se baseia tem sido considerado, pelo Dr. Darwin e alguns dos fisiologistas da Alemanha, como não impossível de ocorrer. Não se deve supor que eu possua o mais remoto grau de fé em tal imaginação; apesar disso, assumindo-a na condição de uma obra de fantasia, não achei que ela estivesse apenas tecendo uma série de terrores sobrenaturais. O evento do qual depende o interesse da história está isento das desvantagens de um simples conto de fantasmas ou encantamento. Tem a recomendá-lo a originalidade das situações que desenvolve e, embora impossível como um fato físico, fornece um ponto de vista à imaginação, para o delineamento das paixões humanas, mais inclusivo e dominante do que pode proporcionar qualquer uma das relações comuns dos acontecimentos reais.

Esforcei-me, assim, a preservar a veracidade dos princípios elementares da natureza humana, ao mesmo tempo em que não tive escrúpulos em inovar em suas combinações. A “Ilíada”, a poesia trágica da Grécia, Shakespeare em “A Tempestade” e em “Sonho de uma Noite de Verão”, e mais especialmente Milton em “O Paraíso Perdido”, obedeceram esta regra; e o mais humilde romancista, que busca proporcionar ou receber diversão de suas obras, pode, sem presunção, usar certa liberdade na ficção em prosa, ou melhor, ater-se à regra, de cuja adoção tantas primorosas combinações do sentimento humano resultaram nos mais elevados exemplos de poesia.

A circunstância sobre a qual repousa minha história foi sugerida por uma conversa casual. Começou em parte como uma fonte de diversão, e em parte como um expediente para exercitar quaisquer recursos inexplorados da mente. Outros motivos misturaram-se a esses, conforme a obra avançava. Não sou de modo algum indiferente à maneira pela qual o leitor é afetado por quaisquer tendências morais existentes nos sentimentos ou caracteres; no entanto, minha preocupação principal nesse sentido limitou-se a evitar os efeitos enervantes dos romances atuais, e à exposição da amabilidade da afeição doméstica, e da excelência da virtude universal. As opiniões que naturalmente brotam do caráter e da situação do herói não devem de modo algum ser concebidas como tendo sempre existido em

minha própria convicção; nem se deve tirar das páginas que se seguem qualquer conclusão prejudicial a doutrinas filosóficas de qualquer tipo.

Também é uma questão de interesse adicional para a autora que esta história tenha sido iniciada na majestosa região em que a cena se passa principalmente e na companhia de pessoas que jamais deixam de fazer falta. Passei o verão de 1816 nos arredores de Genebra. O tempo estava frio e chuvoso, e à noite nos reuníamos ao redor de um belo fogo; às vezes nos divertíamos com algumas histórias alemãs de fantasmas, que acontecia de caírem em nossas mãos. Tais contos despertaram em nós um divertido desejo de imitação. Dois outros amigos (um conto^[1] da autoria daquele que seria muito mais aceito pelo público a qualquer um que eu possa esperar um dia produzir) e eu combinamos escrever uma história cada, baseada em algum acontecimento sobrenatural.

O tempo, porém, melhorou de repente; e meus dois amigos deixaram-me por uma viagem pelos Alpes, e perderam, nos cenários magníficos que ofereciam, toda a lembrança de suas visões fantasmagóricas. O conto que se segue é o único que foi completado.

MARLOW, SETEMBRO DE 1817.

(PERCY BYSSHE SHELLEY)

^[1] Percy Bysshe Shelley (1792-1822) está se referindo a Lorde George Gordon Byron, 6º Barão Byron (1788-1824), que escreveu um conto que usaria em parte mais tarde como posfácio ao poema “Mazzepa”, publicado em 1819.

INTRODUÇÃO

Os editores da Standard Novels, ao selecionar “Frankenstein” para uma de suas séries, expressaram o desejo de que eu lhes fornecesse um relato sobre a origem da história. Concordei de bom grado, pois assim posso dar uma resposta geral à pergunta que com tanta frequência me fazem: “Como foi que eu, então uma jovem, vim a conceber e a desenvolver uma ideia tão horrível?” É verdade que sou bastante avessa a apresentar-me em letra de imprensa, mas como meu relato só aparecerá como um apêndice a uma produção anterior, e será limitado apenas aos tópicos que tenham ligação com a minha condição de autora, dificilmente eu poderia acusar-me de uma intrusão pessoal.

Não é de estranhar que, como filha de duas pessoas de notável celebridade literária, tenha pensado muito cedo na vida em escrever. Quando criança, rabiscava, e meu passatempo favorito durante as horas dadas para recreio era “escrever histórias.” Tinha, contudo, um prazer mais precioso do que este, que era a construção de castelos no ar – ceder a sonhos lúcidos – seguira cadeias de pensamento que tinham por tema a formação de uma sucessão de incidentes imaginários. Meus sonhos eram ao mesmo tempo mais fantásticos e agradáveis que meus escritos. Nestes, era uma boa imitadora – mais fazendo o que outros já tinham feito que colocando sugestões de minha própria mente. O que escrevia se destinava pelo menos a uma outra pessoa – o companheiro e amigo de minha infância, mas meus sonhos eram só meus; não prestava contas deles a ninguém; eram meu refúgio quando estava aborrecida – meu mais caro prazer quando livre.

Eu vivi principalmente no campo, quando era uma menina, e passei um tempo considerável na Escócia. Fiz visitas ocasionais às regiões mais pitorescas, mas minha residência habitual eram as desoladas e lúgubres praias do norte do Tay, perto de Dundee. Desoladas e lúgubres como as chamo agora, ao olhar para trás, mas não me pareciam assim à época. Eram um ninho de liberdade, e a região agradável onde, despercebida, podia comunicar-me com as criaturas da minha fantasia. À época já escrevia, mas meu estilo fosse bem comum. Foi debaixo das árvores do terreno pertencentes à nossa casa, ou nas encostas nuas e desertas das montanhas próximas, que nasceram e se desenvolveram minhas verdadeiras

composições, os voos fantásticos de minha imaginação. Não fiz de mim a heroína dos meus contos. No que me dizia respeito, a vida parecia um total lugar-comum. Não poderia imaginar que me sucedessem aflições românticas ou eventos maravilhosos; mas não me limitava à minha própria identidade, e podia então povoar as horas com criações mais interessantes para mim que minhas próprias sensações.

Depois disso, minha vida tornou-se mais ocupada e a realidade tomou o lugar da ficção. Meu marido, porém, desde o início mostrou-se muito ansioso para que eu provasse ser digna de meus pais e me inscrevesse nas páginas da fama. Estava sempre me estimulando a obter reputação literária, o que na ocasião também me preocupava, embora desde então tenha me tornado totalmente indiferente a isso. À época, ele desejava que eu escrevesse, não tanto com a ideia de que eu pudesse produzir algo digno de nota, mas para que ele mesmo pudesse julgar até que ponto eu poderia melhorar no futuro. Mesmo assim, eu nada fiz. As viagens e os cuidados com a família ocupavam o meu tempo; e o estudo, no sentido de ler, ou aperfeiçoar minhas ideias pelo contato com sua mente muito mais culta, era tudo o que, em termos literários, prendia minha atenção.

No verão de 1816, visitamos a Suíça e tornamo-nos vizinhos de Lorde Byron. A princípio, passávamos nossas horas de lazer no lago ou perambulando por suas margens; e Lorde Byron, que estava escrevendo o terceiro canto de “Childe Harold”, era o único dentre nós a colocar suas ideias no papel. Essas, à medida que ele as apresentava a nós, revestidas de toda a luz e a harmonia da poesia, pareciam selar como divinas as glórias do céu e da terra, cujas influências partilhávamos com ele.

Mas o verão se revelou chuvoso e desagradável, e chuvas incessantes com frequência nos confinavam por dias em casa. Alguns volumes de histórias de fantasmas, traduzidos do alemão para o francês, caíram em nossas mãos. Havia a “História do Amante Inconstante”, que acreditava estar abraçando a noiva, a quem fizera promessas, mas se encontrava nos braços do pálido fantasma daquela que abandonara. Havia o conto do pecaminoso fundador de sua raça, cujo infeliz destino era dar o beijo da morte a todos os filhos jovens de sua maldita estirpe, justo quando chegavam à flor da idade. Sua forma gigantesca e lúgubre, vestida como o fantasma de “Hamlet”, numa armadura completa, mas com a viseira levantada, era vista à meia-noite, sob os raios intermitentes da lua,

avançando lentamente ao longo da aleia escura. A forma desaparecia à sombra das muralhas do castelo; mas logo um portão rangia, ouviam-se passos, abria-se a porta de um quarto, e ele avançava para a cama dos jovens embalados em sono reparador. Uma tristeza infinita surgia em seu rosto, ao se inclinar e beijar a fronte dos meninos, que então murchavam como flores arrancadas dos talos. Nunca mais voltei a ver tais histórias, mas seus incidentes se acham tão frescos em minha mente como se as tivesse lido ontem.

“Cada um de nós escreverá uma história de fantasmas”, disse Lorde Byron, e sua oferta foi aceita. Éramos quatro. O nobre autor começou um conto, um fragmento que ele incluiu no final de seu poema de “Mazeppa”. Shelley, mais apto a corporificar ideias e sentimentos no esplendor de imagens brilhantes e na música de versos mais melodiosos que adornam nosso idioma a inventar o mecanismo de uma história, começou um conto baseado nas suas primeiras experiências de vida. O pobre Polidori teve uma ideia terrível sobre uma dama com cabeça de caveira, assim punida por ter espiado por um buraco de fechadura – não me lembro para ver o quê, mas era algo muito chocante e injurioso, é claro; mas quando ela foi reduzida a uma condição pior que a do renomado Tom de Coventry^[1], ele não soube mais o que fazer com ela e foi obrigado a despachá-la para a tumba dos Capuletos, único lugar adequado para ela. Os ilustres poetas, também, entediados com a trivialidade da prosa, rapidamente renunciaram à sua incompatível tarefa.

Dediquei-me a pensar em uma história – uma que rivalizasse com as que nos incitara a realizar essa tarefa. Uma que falasse aos misteriosos medos de nossa natureza e despertasse um eletrizante horror – das que fazem o leitor olhar em volta amedrontado, que gelam o sangue e aceleram o coração. Se não conseguisse isso, minha história de fantasmas não seria digna do nome. Pensei e ponderei – em vão. Sentia aquela incapacidade vazia de invenção que é a maior desgraça dos escritores, quando um estúpido Nada responde às nossas súplicas ansiosas. “Já pensou em uma história?”, perguntavam-me a cada manhã, e a cada manhã era forçada a responder com uma mortificante negativa.

Tudo deve ter um começo, parafraseando Sancho Pança; e esse começo deve estar ligado a algo que veio antes. Os hindus fazem um elefante sustentar o mundo, mas o elefante se acha apoiado sobre uma tartaruga. A

invenção, deve-se admitir humildemente, não consiste em criar alguma coisa do nada, mas sim do caos. Em primeiro lugar, deve-se dispor dos materiais: eles podem dar forma a substâncias escuras, informes, mas não podem fazer surgir a própria substância. Em tudo que se refere às descobertas e às invenções, mesmo aquelas pertencentes ao campo da imaginação, lembramo-nos sempre da história de Colombo e de seu ovo. A invenção consiste na capacidade de entender os recursos de um objeto, e no poder de moldar e adaptar as ideias sugeridas por ele.

Muitas e longas eram as conversas entre Lorde Byron e Shelley, das quais eu era uma ouvinte dedicada, mas quase silenciosa. Durante uma delas, discutiu-se sobre várias doutrinas filosóficas, e entre outras, sobre a natureza do princípio da vida, e se havia qualquer possibilidade de ele vir a ser descoberto e transmitido. Eles falavam das experiências do Dr. Darwin (não falo do que o doutor realmente fez, ou disse que fez, mas, mais próximo do que me interessa, do que foi dito então que ele teria feito), que havia guardado um pedacinho de massa num recipiente de vidro, até que, por algum meio extraordinário, ele começou a se movimentar voluntariamente. Afinal de contas, não era assim que se criaria a vida. Talvez se pudesse reanimar um cadáver; o galvanismo tinha dado sinal disso; talvez se pudesse fabricar as partes que compõem uma criatura, reuni-las, e dotá-las do calor da vida.

A noite passou-se com essa conversa, e até mesmo a hora das bruxas havia passado, ao nos retirarmos para descansar. Ao colocar a cabeça no travesseiro, não dormi, nem se poderia dizer que estivesse pensando. Minha imaginação, à solta, me possuía e guiava, dotando as sucessivas imagens que surgiam em minha mente de uma vivacidade que ia bem além dos limites usuais dos sonhos. Vi – com os olhos fechados, mas a visão mental aguçada – o pálido estudante das artes profanas ajoelhado diante da coisa que havia montado. Vi o pavoroso fantasma de um homem se esticar e, então, sob a ação de alguma máquina poderosa, mostrar sinais de vida e se mexer com um movimento desajeitado, meio-vivo. Deve ter sido assustador, pois extremamente assustador deveria ser o efeito de qualquer tentativa humana de imitar o estupendo mecanismo do Criador do mundo. O sucesso deveria aterrorizar o artista; correria para longe de sua odiosa obra cheio de horror. Esperaria que, deixada por conta, a leve faísca de vida que ele lhe transmitira enfraquecesse; que essa coisa que recebera uma

animação tão imperfeita, cairia na matéria morta e ele poderia então dormir acreditando que o silêncio do túmulo extinguiria a breve existência do cadáver hediondo que ele olhara como o berço da vida. Ele dorme, mas é despertado; abre os olhos; vê a horrenda coisa de pé ao lado de sua cama, abrindo as cortinas e olhando-o com seus olhos amarelos, insípidos, mas especulativos.

Abri os meus horrorizada. A ideia aprisionara minha mente, um calafrio de medo me tomou, e desejei trocar a medonha imagem da minha fantasia pelas realidade ao redor. Ainda as vejo: o próprio quarto, o assoalho escuro, as cortinas fechadas, o luar lutando para atravessá-las e a sensação de que o lago congelado e os altos e brancos Alpes estavam além. Não pude me livrar tão facilmente do meu terrível fantasma: ainda me assombrava. Devo tentar pensar em algo mais. Recorri ao meu conto de fantasmas – meu cansativo e infeliz conto! Ó! Se só pudesse inventar um que aterrorizasse o leitor tanto quanto eu ficara aterrorizada naquela noite!

Ocorreu-me então uma ideia, rápida e confortadora como a luz. “Achei! O que me causou terror também assustará outros; o que preciso é descrever o espectro que assombrou meu sono da madrugada”. De manhã, anunciei que havia pensado em uma história. Comecei aquele dia com as palavras, “Era uma sombria noite de novembro”, apenas transcrevendo os pavorosos terrores do meu sonho lúcido.

A princípio, pensei em só algumas páginas – um conto curto, mas Shelley me encorajou a desenvolver a ideia de modo mais amplo. Certamente não devo a sugestão de um só incidente a meu marido, nem a menor influência na cadeia dos meus sentimentos mas, não fosse pelo seu estímulo, o texto jamais tomaria a forma na qual foi apresentado ao mundo. Desta declaração devo excluir o prefácio. Até onde posso lembrar, foi inteiramente escrito por ele.

E agora, uma vez mais, ordeno à minha terrível criação que siga em frente e prospere. Tenho um afeto especial por ela, pois foi o fruto de dias felizes, quando a morte e o sofrimento eram apenas palavras, sem nenhum eco real em meu coração. Suas várias páginas falam de muitas caminhadas, muitos passeios e conversas, quando não estava sozinha, e quando meu companheiro era alguém que, neste mundo, nunca mais verei^[2]. Mas isso só diz respeito a mim: meus leitores nada têm a ver com essas associações.

Acrescentarei apenas uma palavra sobre as alterações que fiz. São principalmente questões de estilo. Não mudei nenhuma parte da história, nem introduzi qualquer ideia ou circunstância nova. Corrigi apenas o idioma, onde era tão pobre que poderia interferir no interesse da narrativa; e essas alterações ocorreram quase que exclusivamente no início do primeiro volume. No restante, foram inteiramente limitadas às partes que são simples complementos à história, deixando intactos o núcleo e a substância da obra.

M. W. S. ^[3]

LONDRES, 15 DE OUTUBRO DE 1831.

^[1] Diz a lenda que a bela Lady Godiva ficou penalizada com a situação do povo de Coventry, que sofria com os altos impostos estabelecidos por seu marido. Ela apelou tanto a ele que ele concedeu com uma condição: que ela cavalgasse nua pelas ruas da cidade. Ela aceitou a proposta e ordenou que todos os moradores se fechassem em suas casas até que ela passasse. Diz a lenda que somente uma pessoa (Peeping Tom) ousou olhá-la, e ficou cego em razão disso. “Peeping Tom” e “Tom de Coventry” acabariam por se tornar sinônimos de voyeur.

^[2] Mary Shelley se refere neste ponto à sucessão de acontecimentos que viriam a abalar sua vida pessoal após a conclusão de sua obra: em 1818, ela e seu marido, o poeta Percy Shelley mudam-se para a Itália, onde o segundo e o terceiro filhos morrem antes do nascimento de seu último e único sobrevivente filho, Percy Florence; e em 1822, seu marido viria a falecer, afogado, quando seu barco afundou durante uma tempestade na Baía de La Spezia, próximo a Livorno.

^[3] Houve três edições de “Frankenstein” enquanto Mary Shelley era viva. A primeira, ela completou em maio de 1817, sendo publicada em 11 de março de 1818 pela editora Lackington, Hughes, Harding, Mavor, & Jones, de Londres. Foi publicada anonimamente em uma edição de apenas 500 exemplares, em três volumes, o tradicional formato das maiores das primeiras edições do século XIX.

A segunda edição foi publicada em 11 de agosto de 1822, em dois volumes, pela editora G. and W. B. Whittaker, logo após o estrondoso sucesso da peça teatral “Presunção: ou o Destino de Frankenstein”, adaptada pelo dramaturgo Richard Brinsley Peake (1792-1847), sendo que nesta edição o nome de Mary Shelley já figurava como a autora da obra.

Em 31 de outubro de 1831, uma edição “mais popular”, impressa em apenas um volume, foi publicada pela editora Colburn & Bentley. Esta edição foi amplamente revista por Mary Shelley, parcialmente pela pressão para tornar a história mais conservadora. É desta edição, que a presente “Introdução”, que narra os acontecimentos e as circunstâncias que levaram à criação da história, foi retirada. Esta edição é usualmente a mais lida nos dias de hoje, embora o material original seja

ainda publicado. Muitos especialistas da obra de Mary Shelley preferem o texto de 1818, argumentando que o mesmo preserva o espírito original da obra; outros argumentam que a edição original contém muito da influência de Percy Shelley; e outros ainda chegam a afirmar que a obra teria sido escrita na realidade pelo próprio marido da autora.

É o texto da primeira edição de 1818 que a Landmark apresenta nesta publicação.

VOLUME i

CARTA I

PARA MRS. SAVILLE, INGLATERRA

SÃO PETERSBURGO, 11 DE DEZEMBRO DE 17...^[1]

Ficará feliz de saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão maus pressentimentos. Cheguei aqui ontem, e meu primeiro dever foi assegurar minha querida irmã do meu bem-estar e da minha crescente confiança no sucesso de minha empresa.

Já estou bem ao norte de Londres; e ao caminhar pelas ruas de Petersburgo sinto a brisa fria do norte brincar em meu rosto, o que retesa meus nervos e me enche de prazer. Será que entende esta sensação? Esta brisa, que vem das regiões para as quais estou indo, me dá um antegozo daqueles climas frios. Inspirados por esse vento carregado de promessas, meus sonhos se tornam mais ardentes e vívidos. Tento em vão persuadir-me de que o polo é o lugar do gelo e da desolação, pois sempre se apresenta à minha imaginação como a região da beleza e do encanto. Lá, Margaret, o sol está eternamente à vista; seu amplo disco apenas toca o horizonte, difundindo um perpétuo esplendor. Lá – com sua licença, minha irmã, porei um pouco de fé nos navegadores precedentes – lá são banidas a neve e o congelamento; e, navegando sobre um mar calmo, podemos ser transportados para uma terra que ultrapassa em maravilhas e belezas todas as regiões até agora descobertas na parte habitável do globo. Suas produções e características podem não ter similares, como são os fenômenos dos corpos celestes naquelas solidões desconhecidas. O que não se pode esperar num país de luz eterna? Posso lá descobrir a força maravilhosa que atrai a agulha; e posso ajustar milhares de observações celestiais que precisam apenas desta viagem para tornar suas aparentes excentricidades consistentes para sempre. Saciarei minha curiosidade ardente com a visão de parte do mundo jamais visitada e poderei pisar numa terra nunca antes marcada por pés humanos. São esses os meus atrativos e são suficientes para vencer todos os medo do perigo ou da morte e me levar à essa laboriosa viagem com a alegria que sente uma criança ao embarcar em um bote, com seus companheiros de lazer, numa expedição de descoberta do rio de sua terra natal. Mas, supondo que tais conjeturas sejam falsas, não pode contestar o inestimável benefício que concederei à

humanidade até a última geração, ao descobrir uma passagem perto do polo para aqueles países que no momento requerem tantos meses para alcançada; ou determinando o segredo do magnetismo, que, se for possível, só pode ser efetuado por uma empresa como a minha.

Essas reflexões dissiparam a agitação com que comecei minha carta, e sinto meu coração arder com um entusiasmo que me eleva ao céu, pois nada contribui mais para tranquilizar a mente do que um propósito firme – um ponto onde a alma pode fixar seu olho intelectual. Esta expedição foi o sonho favorito dos meus primeiros anos. Tenho lido com entusiasmo os relatos das várias viagens feitas com o propósito de chegar ao norte do Oceano Pacífico pelos mares que circundam o polo. Você deve lembrar-se de que uma história de todas as viagens feitas com o objetivo de exploração compunha uma parte da biblioteca do nosso bondoso tio Thomas. Minha educação foi negligenciada, embora eu fosse apaixonado pela leitura. Esses volumes foram o meu estudo dia e noite, e minha familiaridade com eles aumentou aquele pesar que senti, quando criança, ao saber que a imposição da morte de meu pai obrigara meu tio a proibir que eu embarcasse em uma vida de aventuras.

Essas visões perderam a força quando li com atenção, pela primeira vez, aqueles poetas cujas efusões extasiaram minha alma e a elevaram ao céu. Tornei-me um poeta também, e durante um ano vivi num paraíso de minha própria criação; imaginei que também poderia conseguir um lugar no templo onde os nomes de Homero e Shakespeare são consagrados. Conhece bem o meu fracasso e a dor com que suportei a decepção. Mas, justo naquela época, herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos voltaram ao canal para onde primitivamente se inclinaram.

Seis anos se passaram desde que decidi embarcar na minha presente aventura. Mesmo agora, posso lembrar do momento em que passei a me dedicar a este grande empreendimento. Comecei por acostumar meu corpo às privações. Acompanhei os pescadores de baleia em várias expedições ao Mar do Norte; suportei voluntariamente o frio, a fome, a sede e a falta de sono; muitas vezes trabalhei mais duro que os marinheiros comuns durante o dia, e dediquei minhas noites ao estudo da matemática, à teoria da medicina e àqueles ramos das ciências físicas dos quais um aventureiro dos mares poderia tirar a maior vantagem prática. De fato, por duas vezes me empreguei como suboficial num baleeiro groenlandês e provoqueei

admiração. Devo admitir que senti certo orgulho quando meu capitão me ofereceu o segundo posto no barco, e me pediu seriamente que ficasse, por considerar tão valiosos os meus serviços.

E agora, querida Margaret, não mereço realizar algum grande feito? Minha vida poderia ter se passado em ócio e luxo; mas preferi a glória a todos os atrativos que a riqueza pôs em meu caminho. Ó, que alguma voz encorajadora responda com uma afirmativa! Minha coragem e minha resolução são firmes, mas minhas esperanças flutuam e meu ânimo muitas vezes se deprime. Estou a ponto de embarcar numa viagem longa e difícil, cujas situações perigosas exigirão toda a minha coragem: é preciso que eleve não só o espírito dos outros, mas por vezes o meu próprio, quando o deles estiver falhando.

Esta é a época mais favorável para se viajar na Rússia. Voam rapidamente por sobre a neve em seus trenós; o movimento é agradável, e, em minha opinião, muito mais aprazível que o de uma diligência inglesa. O frio não é excessivo, se envolver-se em peles, um traje que já adotei; pois há uma grande diferença entre caminhar pelo convés e permanecer sentado imóvel por horas, quando, de fato, não há exercício capaz de impedir o sangue de congelar nas veias. Não tenho a menor vontade de perder minha vida num posto da estrada entre São Petersburgo e Arkhangelsk^[2].

Devo partir para esta última cidade dentro de uma quinzena ou três semanas; e minha intenção é alugar ali um navio, o que pode ser feito com facilidade pagando-se o seguro ao proprietário, e contratar tantos marinheiros quantos achar necessário, entre aqueles acostumados à pesca da baleia. Não pretendo navegar até o mês de junho: e quando voltarei? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Se tiver sucesso, muitos e muitos meses, talvez anos, passarão antes que possamos nos encontrar. Se eu falhar, ver-me-á de novo muito em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida, minha excelente Margaret. Que o céu derrame suas bênçãos sobre você, e me proteja, para que eu possa sempre e sempre testemunhar minha gratidão por todo o seu amor e bondade.

Seu devotado irmão,

R. WALTON.

^[1] A omissão de Mary Shelley à década significa que poderia evocar a uma paisagem histórica comum ao final do século XVIII. Mas, anacronismo a parte, o ano deve se situar em 1799. Walton refere-se ao poema de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), “A Balada do Velho Marinheiro”, publicado em 1798. Walton escreve nesse ano ou, tendo em conta suas viagens e distância da Inglaterra, em 1799, dez anos após a queda da Bastilha, seis anos após a Inglaterra declarar guerra à França. Mary Shelley iniciou o romance em 1816, um ano após a vitória de Wellington sobre Napoleão I em Waterloo, dando fim à catastrófica série de batalhas que tomou conta do continente europeu.

^[2] Arkhangelsk se localiza às margens da Baía do Dvina, na costa do Mar Branco, a cerca de 725 quilômetros a nordeste de São Petersburgo.

CARTA ii

PARA MRS. SAVILLE, INGLATERRA

ARKHANGELSK, 28 DE MARÇO DE 17...

Como o tempo passa devagar por aqui, cercado que estou por gelo e neve; mesmo assim, dei mais um passo em relação à minha empresa. Aluguei um navio, e estou ocupado em recrutar meus marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens em quem posso confiar, e com certeza possuem enorme coragem.

Mas tenho um anseio que ainda não pude satisfazer e sinto agora a ausência desse algo como o mais severo dos males. Não tenho amigos, Margaret: quando estou animado com o entusiasmo do sucesso, não há ninguém para compartilhar minha alegria; se sou assaltado pela decepção, ninguém tenta me apoiar em meu desalento. Confiarei meus pensamentos ao papel, é verdade, mas este é um meio muito pobre para comunicar meus sentimentos. Desejo a companhia de um homem que possa identificar-se comigo; cujos olhos respondam aos meus. Pode ser que me julgue romântico, minha querida irmã, mas sinto amargamente a falta de um amigo. Não tenho ninguém ao meu lado, gentil, mas corajoso, dono de uma mente tão culta quanto capaz, cujos gostos sejam semelhantes aos meus, para aprovar ou corrigir meus planos. Como um amigo assim repararia os erros de seu pobre irmão! Sou afoito demais na execução e impaciente demais com as dificuldades. Mas é ainda pior para mim que eu seja um autodidata: pois passei os primeiros 14 anos de minha vida correndo solto pelo campo, e nada li além dos livros de viagens do nosso tio Thomas. À época, tomei conhecimento dos célebres poetas de nossa pátria; mas só quando não estava mais em minhas mãos tirar os mais importantes benefícios dessa situação foi que percebi a necessidade de aprender outras línguas além daquela da minha terra natal. Tenho agora 28 anos, e sou na verdade bem mais iletrado que muitos escolares de 15. É verdade que tenho refletido mais e que meus sonhos são mais amplos e magníficos; mas falta-lhes (como dizem os pintores) harmonia; e preciso demais de um amigo que tenha bastante bom senso para não me desprezar como romântico, e bastante afeto por mim para empenhar-se em regular minha mente.

Bem, essas queixas são inúteis; certamente não encontrarei nenhum amigo na vastidão do oceano, nem aqui em Arkhangelsk, entre comerciantes e marinheiros. No entanto, alguns sentimentos, alheios à escória da natureza humana, batem até mesmo nesses peitos rudes. Meu imediato, por exemplo, é homem de magnífica coragem e iniciativa; anseia loucamente pela glória. É um inglês e, em meio a preconceitos nacionais e profissionais, sem ter sido refinado pela educação, retém alguns dos dons mais nobres da humanidade. Conheci-o a bordo dum baleeiro; descobrindo que estava desempregado nesta cidade, não tive dificuldade em recrutá-lo para ajudar-me em minha empresa.

O mestre é uma pessoa de excelente disposição e é reconhecido no navio por sua delicadeza e a brandura de sua disciplina. Na verdade, sua natureza é tão amável que ele não caça (um dos esportes favoritos e quase a única diversão por aqui), pois não suporta o derramamento de sangue. Além disso, é heroicamente generoso. Há alguns anos, apaixonou-se por uma jovem russa de fortuna moderada; e após acumular uma soma considerável em dinheiro, o pai da moça consentiu no casamento. Uma vez, antes da cerimônia, ele viu sua amada; mas ela estava banhada em lágrimas e, lançando-se aos seus pés, pediu-lhe que tivesse misericórdia, confessando ao mesmo tempo que amava outro, mas que ele era pobre, e que seu pai jamais consentiria na união. Meu generoso amigo tranquilizou a suplicante e, informando-se do nome de seu amado, abandonou imediatamente seu propósito. Ele já havia comprado uma fazenda com o dinheiro, onde planejava passar o resto de sua vida; mas a doou inteira ao seu rival, juntamente com o dinheiro que lhe restara para comprar gado; e então solicitou ao pai da moça que consentisse no casamento dela com o homem a quem amava. Mas o velho senhor recusou com firmeza, julgando ter empenhado sua palavra de honra para com meu amigo. Vendo que o pai estava irredutível, meu amigo deixou o país, e não retornou até que soubesse que sua antiga amada estava casada de acordo com suas inclinações. “Que homem nobre!” dirá você. Ele é assim. Depois disso, no entanto, passou toda sua vida a bordo de um navio, e mal tem ideia do que acontece além da corda e do ovém.

Mas não suponha, no entanto, que só por me queixar um pouco ou procurar um consolo às minhas labutas que pode ser que nunca venha a conhecer, não suponha que esteja vacilando em minhas resoluções. Estas

são tão firmes quanto o destino e minha viagem agora só espera que o tempo permita o embarque. O inverno foi terrivelmente severo; mas a primavera é promissora e parece que será bem precoce, de modo que talvez eu possa navegar mais cedo do que esperava. Não vou fazer nada às pressas; você me conhece o bastante para confiar em minha prudência e consideração, sempre que a segurança de outros é deixada aos meus cuidados.

Não posso descrever-lhe minhas sensações ao aproximar-se o momento de realizar meu empreendimento. É impossível dar-lhe uma ideia dessa sensação emocionante, entre agradável e temerosa, que sinto agora que me preparo para a partida. Vou para regiões inexploradas, para a “terra da neblina e da neve”, mas não matarei nenhum albatroz, por isso não fique preocupada com a minha segurança.

Será que a verei de novo, após ter atravessado mares imensos e retornado pelo cabo mais meridional da África ou da América? Não ousar esperar tal sucesso, apesar de não suportar ver o quadro de outro modo. Continue a me escrever sempre que puder: pode ser que eu receba as suas cartas (embora a probabilidade seja muito duvidosa) em alguns momentos em que mais precisarei delas para dar-me ânimo. Amo-a com toda a ternura. Lembre-se de mim com afeto, se nunca mais tiver notícias minhas novamente.

Seu devotado irmão,

ROBERT WALTON.

CARTA III

PARA MRS. SAVILLE, INGLATERRA.

7 DE JULHO DE 17...

Minha querida irmã,

Escrevo algumas linhas às pressas para dizer que estou a salvo e bem adiantado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra através de um mercador, que está em viagem de volta para casa partindo de Arkhangelsk; mais afortunado do que eu, que talvez não possa ver minha terra natal por muitos anos. Estou, contudo, bem animado: meus homens são corajosos e aparentemente firmes de propósitos; e nem os pedaços de gelo que continuamente passam flutuando por nós, indicando os perigos da região para a qual avançamos, parecem desencorajá-los. Já alcançamos uma latitude muito alta; mas estamos no auge do verão e, embora não seja tão quente quanto na Inglaterra, os fortes ventos do sul, que nos impelem com rapidez para estas costas que com tanto ardor desejo alcançar, sopram certo grau de calor renovado que eu não esperava.

Nenhum incidente nos aconteceu até aqui que mereça ser mencionado numa carta. Um ou dois ventos fortes e o rompimento de um mastro são incidentes que os navegadores experientes mal se lembram de registrar; e me darei por satisfeito se nada de pior nos acontecer durante a nossa viagem.

Adieu, minha cara Margaret. Esteja certa que, tanto por minha segurança quanto pela sua, não buscarei perigo imprudentemente. Serei calmo, perseverante e prudente.

Lembranças minhas a todos os meus amigos ingleses.

Com um abraço carinhoso,

R. W.

CARTA IV

PARA MRS. SAVILLE, INGLATERRA.

5 DE AGOSTO DE 17...

Aconteceu-nos um acidente tão estranho que eu não posso deixar de registrá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes que estes papéis possam chegar às suas mãos.

Segunda-feira última (31 de julho), estávamos quase cercados pelo gelo, que rodeava nosso navio por todos os lados, mal deixando um espaço de mar para que ele flutuasse. Nossa situação era um tanto perigosa, especialmente porque estávamos envoltos num nevoeiro muito espesso. Paramos, portanto, esperando que acontecesse alguma mudança na atmosfera e no tempo.

Perto das duas horas, o nevoeiro se dissipou e vimos, estendendo-se em todas as direções, vastas e irregulares planícies de gelo que pareciam não ter fim. Alguns dos meus camaradas resmungaram e minha mente começou a ficar alerta, cheia de pensamentos ansiosos, quando uma estranha visão de repente chamou nossa atenção, distraindo-nos de nossas preocupações. Observamos uma carruagem baixa, fixada num trenó e puxada por cães, passar em direção ao norte, à meia milha de distância: um ser com a forma de um homem, mas aparentemente de estatura gigantesca, estava sentado no trenó e guiava os cães. Assistimos ao rápido progresso do viajante com nossas lunetas, até que desapareceu entre as irregularidades distantes do gelo.

Esta aparição causou-nos um assombro imenso. Estávamos, como acreditávamos, a muitas centenas de milhas de qualquer terra; mas a aparição parecia indicar que não era assim, na verdade, tão distante quanto supunhamos. Porém, presos no gelo, era impossível seguir seu rastro, que observávamos com a maior atenção.

Cerca de duas horas depois desse fato, ouvimos o mar rugir; e antes do anoitecer o gelo se rompeu e liberou nosso navio. Porém, ficamos parados até de manhã, temendo chocar-nos no escuro com aquelas grandes massas

soltas que flutuam depois que o gelo se rompe. Aproveitei esse tempo para descansar por algumas horas.

De manhã, porém, assim que clareou, subi ao convés e encontrei todos os marinheiros ocupados num dos lados do navio, aparentemente falando com alguém no mar. Era, na verdade, um trenó, como o que víamos antes e que vagara em nossa direção durante a noite, num grande pedaço de gelo. Só um dos cães restava vivo, mas dentro do trenó havia um ser humano que os marinheiros tentavam persuadir a subir ao navio. Não era, como o outro viajante parecia ser, um habitante selvagem de alguma ilha desconhecida, mas um europeu. Ao aparecer no convés, o mestre disse, “Eis nosso capitão, e ele não permitirá que você morra no mar aberto.”

Ao ver-me, o estranho dirigiu-se a mim em inglês, embora com sotaque estrangeiro. “Antes de eu subir a bordo do seu navio”, disse ele, “teria a bondade de me informar para onde estão indo?”

Pode imaginar minha surpresa ao ouvir uma pergunta dessas dirigida a mim por um homem à beira da morte, e para quem eu deveria supor que meu navio pudesse representar um recurso que ele não teria trocado pela mais preciosa riqueza da terra. Respondi, no entanto, que estávamos realizando uma viagem de exploração em direção ao polo norte.

Ao ouvir isso, ele pareceu satisfeito e consentiu em subir a bordo. Santo Deus! Margaret, se tivesse visto o homem que assim capitulou para sua própria segurança, sua surpresa não teria limites. Seus membros estavam quase congelados e seu corpo terrivelmente emagrecido pela fadiga e pelos sofrimentos. Eu nunca vira um homem num estado tão lamentável. Tentamos levá-lo para o camarote, mas assim que saiu do ar fresco, ele desmaiou. Nós o trouxemos, portanto, de volta ao convés e o reanimamos, esfregando-lhe conhaque e forçando-o a beber uma pequena quantidade. Assim que ele mostrou sinais de vida, nós o embrulhamos em cobertores e o colocamos na cozinha, perto da chaminé do fogão. Aos poucos ele se recuperou, e tomou um pouco de sopa, que o restaurou maravilhosamente.

Assim se passaram dois dias, antes que ele pudesse falar, e eu muitas vezes temi que suas provações o tivessem privado da razão. Quando ele se restabeleceu um pouco, removi-o para meu próprio camarote e cuidei dele tanto quanto me permitiam os meus deveres. Nunca vi uma criatura mais interessante: seus olhos geralmente tem uma expressão de selvageria, até

mesmo de loucura, mas há momentos em que, se alguém tem um ato de bondade para com ele ou lhe presta o mais insignificante serviço, seu semblante inteiro se ilumina, como se tocado por um raio de benevolência e doçura como eu nunca vi igual. Mas, geralmente, ele é melancólico e desesperado, e às vezes range os dentes, como se fosse torturado pelo peso das aflições que o oprimem.

Após meu hóspede se restabelecer um pouco, tive certa dificuldade em manter afastados os homens que lhe desejavam fazer mil perguntas; mas não permitiria que fosse atormentado pela frívola curiosidade, encontrando-se num estado físico e mental, cuja recuperação evidentemente dependia de repouso completo. Uma vez, porém, o imediato perguntou por que vinha de tão longe no gelo num veículo tão estranho.

Seu semblante imediatamente assumiu uma expressão de profunda tristeza; e ele respondeu, “Para procurar alguém que fugiu de mim.”

“E o homem a quem procurava viaja da mesma maneira?”

“Sim.”

“Então creio que nós o vimos; pois um dia antes de o resgataremos avistamos alguns cães puxando um trenó, com um homem dentro, através do gelo.”

Isso despertou a atenção do estranho, e ele fez uma porção de perguntas a respeito da rota que o demônio, como o chamava, seguira. Logo após, quando estava sozinho comigo, ele disse: “Não há dúvida de que despertei sua curiosidade, assim como a dessa boa gente, mas o senhor é respeitoso demais para fazer perguntas.”

“Realmente. Eu seria, de fato, muito impertinente e desumano se o importunasse com qualquer curiosidade de minha parte.”

“E, no entanto, o senhor me salvou de uma situação estranha e perigosa. Teve a bondade de restituir-me à vida.”

Logo depois ele me perguntou se eu achava que a ruptura do gelo tinha destruído o outro trenó. Disse-lhe que não podia responder com qualquer grau de certeza, pois o gelo só se rompera próximo da meia-noite, e o viajante poderia ter chegado a algum lugar seguro antes disso. Mas eu não tinha como julgar.

A partir desse momento, o estranho demonstrou grande ansiedade por subir ao convés, a fim de procurar o trenó que tinha aparecido antes; mas eu o persuadi a permanecer no camarote, pois estava fraco demais para suportar a fria rudeza da atmosfera. Prometi-lhe, porém, que alguém vigiaria por ele, e o avisaria imediatamente se algum novo objeto surgisse à vista.

Tal é o meu relato no que se refere a essa estranha ocorrência até o dia de hoje. O estranho aos poucos vem melhorando de saúde, mas é bem calado e parece inquieto quando qualquer outra pessoa que não eu entra em sua cabina. Mesmo assim, seus modos são tão cordiais e gentis que todos os marinheiros estão interessados nele, embora tenham tido pouco contato com ele. De minha parte, começo a gostar dele como de um irmão, e sua tristeza constante e profunda me enche de simpatia e compaixão. Ele deve ter sido uma nobre criatura em seus dias melhores, se mesmo agora em sua desgraça se mostra tão cativante e amável.

Disse numa de minhas cartas, querida Margaret, que não deveria encontrar um amigo na vastidão do oceano; contudo, encontrei alguém que, antes de seu espírito se abater pela desgraça, teria ficado feliz em considerar como um querido irmão.

Continuarei meu diário relativo ao estranho de vez em quando, sempre que tiver algum novo incidente que mereça registro.

13 de Agosto de 17...

Minha afeição pelo meu hóspede aumenta a cada dia. Desperta ao mesmo tempo minha admiração e minha piedade, num grau espantoso. Como posso ver, sem sentir a dor mais pungente, uma criatura tão nobre destruída pela desgraça? É tão gentil, além de sábio; sua mente é bem culta e, ao falar, ainda que as palavras sejam escolhidas com refinada arte, fluem com uma rapidez e eloquência inigualáveis.

Ele agora se acha bastante recuperado de sua doença e está constantemente no convés, aparentemente procurando pelo trenó que precedeu o seu. Embora infeliz, não se ocupa apenas com sua própria desgraça, mas interessa-se profundamente pelas atividades dos outros. Fez-me muitas perguntas sobre o meu projeto e lhe contei com franqueza minha pequena história. Pareceu contente com a minha confiança e sugeriu várias

alterações em meu plano que considere extremamente úteis. Não há qualquer pedantismo em suas maneiras, mas tudo que faz parece brotar apenas do interesse instintivo que tem pelo bem estar daqueles que o cercam. Ele muitas vezes é vencido pela tristeza e então se senta sozinho e esforça-se para superar tudo que há de taciturno ou antissocial em seu humor. Estes paroxismos passam por ele como uma nuvem diante do sol, embora sua melancolia jamais o abandone. Empenhei-me em conquistar sua confiança e creio que tive sucesso. Um dia, mencionei a ele o desejo que sempre tive de encontrar um amigo que tivesse afinidade comigo e me orientasse com seus conselhos. Disse que não era desse tipo de homem que se sente ofendido com um conselho. “Sou um autodidata e talvez apenas não confie o suficiente em minha própria capacidade. Por isso gostaria que meu amigo fosse mais sábio e mais experiente do que eu para me tranquilizar e me apoiar. Não penso que seja impossível encontrar um verdadeiro amigo.”

“Concordo com o senhor”, respondeu o estranho. “Creio que conquistar uma amizade é não apenas desejável, mas possível. Uma vez tive um amigo, a mais nobre das criaturas, estando portanto capacitado para julgar tudo o que diz respeito à amizade. O senhor tem a esperança e o mundo diante de si, e não tem nenhum motivo para desespero. Mas eu... perdi tudo e não posso começar a vida de novo.”

Ao dizer isso, seu semblante exprimia uma dor calma e constante, que me tocou o coração. Mas ele se calou, e então retirou-se para sua cabina.

Mesmo abatido de ânimo como está, ninguém é capaz de sentir com mais profundidade as belezas da natureza. O céu estrelado, o mar e todas as vistas propiciadas por estas regiões maravilhosas ainda parecem ter o poder de elevar sua alma da terra. Tal homem tem uma existência dupla: pode padecer sofrimentos e ser dominado pelas decepções, mas, ao se recolher em si, será como um espírito celestial com um halo em torno de si, no qual nenhuma tristeza ou loucura se aventura.

Você ri do entusiasmo que demonstro por esse divino vagabundo? Se rir, certamente perdeu aquela simplicidade que era uma das características do seu charme. Ainda assim, se resolver fazê-lo, ria do ardor das minhas expressões, enquanto encontro novos motivos para repeti-las todos os dias.

19 de Agosto de 17...

Ontem, o estranho me disse: “Capitão Walton, deve ter percebido facilmente que sofri grandes e inigualáveis infortúnios. Decidi, certa vez, que a lembrança desses males morreria comigo, mas você me levou a alterar minha decisão. Busca o conhecimento e a sabedoria, conforme eu mesmo fiz uma vez, e espero ardentemente que a satisfação de seus desejos não se torne uma serpente que o pique, como aconteceu comigo. Não sei se o relato de meus infortúnios lhe será útil, contudo, se estiver inclinado, escute meu relato. Acredito que os estranhos incidentes relacionados a ela proporcionarão uma imagem da natureza que talvez possa alargar suas faculdades de entendimento. Ouvirá falar de poderes e ocorrências que foi acostumado a acreditar serem impossíveis; mas não duvido que meu relato carregue em si uma série de evidências internas da verdade dos eventos de que se compõe.”

Bem pode imaginar o quanto fiquei satisfeito com o oferecimento desse relato, embora não suportasse vê-lo renovar suas aflições pela narrativa de seus infortúnios. Eu estava ansioso por ouvir o prometido relato, em parte por curiosidade, e em parte por um forte desejo de melhorar sua sorte, se isso estivesse em minhas mãos. Expressei esses sentimentos na resposta que lhe dei.

“Eu lhe agradeço”, respondeu, “por sua simpatia, mas é inútil; meu destino está quase cumprido. Só espero por um único acontecimento e então descansarei em paz. Entendo seus sentimentos”, continuou, percebendo que eu pretendia interrompê-lo; “mas está enganado, meu amigo, se me permite chamá-lo assim; nada pode mudar minha sorte; ouça minha história e verá como está irrevogavelmente determinada.”

Ele então me disse que começaria seu relato no dia seguinte, quando eu tivesse um tempo livre. Esta promessa arrancou-me os mais calorosos agradecimentos. Resolvi que vou registrar, todas as noites, quando não estiver ocupado, tudo o que ele me relatou durante o dia, tanto quanto possível em suas próprias palavras. Se eu estiver ocupado, farei pelo menos algumas anotações. Esse manuscrito sem dúvida lhe dará grande prazer; mas para mim, que o conheço e que ouvi a história de seus próprios lábios, com quanto interesse e simpatia não o lerei algum dia no futuro!

CAPÍTULO I

Sou genebrês de nascimento; e minha família é uma das mais importantes daquela república. Por muitos anos, meus antepassados têm sido conselheiros e magistrados, e meu pai ocupou vários cargos públicos com honradez e renome. Ele era respeitado por todos os que o conheciam por sua integridade e incansável dedicação à causa pública. Ele passou os dias de sua juventude sempre ocupado com os negócios de seu país; e não foi senão no declínio da vida que pensou em se casar, e dar ao estado filhos que pudessem levar seu nome e suas virtudes para a posteridade.

Como as circunstâncias de seu casamento ilustram bem o seu caráter, não posso deixar de referi-las. Um de seus amigos mais íntimos era um comerciante que, depois de desfrutar de uma situação muito próspera, por conta de numerosos revezes acabou na pobreza. Este homem, que se chamava Beaufort, de temperamento orgulhoso e inflexível, não pôde suportar viver pobre e esquecido na mesma cidade onde anteriormente se distinguira por sua posição e grandeza. Portanto, depois de pagar suas dívidas da maneira mais honrosa, retirou-se com sua filha para a cidade de Lucerna, onde viveu ignorado e infeliz. Meu pai gostava de Beaufort, dedicando-lhe verdadeira amizade, e ficou muito triste com sua partida nessas circunstâncias tão desditosas. Entristecia-o também a falta da companhia do amigo, e resolveu procurá-lo e tentar persuadi-lo a recomeçar a vida com o seu crédito e a sua assistência.

Beaufort tinha tomado medidas eficazes para se esconder, e levou dez meses para que meu pai descobrisse seu paradeiro. Radiante com tal descoberta, precipitou-se para a casa, que estava situada numa rua insignificante perto do Reuss. Ao entrar, porém, foi recebido apenas pela miséria e pelo desespero. Beaufort tinha salvo só uma pequena soma de dinheiro da ruína de sua fortuna, suficiente apenas para sustentá-lo por alguns meses, e nesse meio tempo esperava conseguir algum emprego respeitável na casa de um comerciante. Por consequência, o intervalo foi passado na inatividade; sua aflição só se tornava ainda mais profunda e exasperante quando tinha tempo para refletir; por fim, tomou conta de sua mente de tal forma que ao cabo de três meses ele caíra doente, de cama, incapaz de qualquer esforço.

Sua filha o cuidava com a maior ternura, mas via com desespero que suas poucas economias diminuía rapidamente, sem qualquer outra perspectiva de apoio. Mas Caroline Beaufort possuía uma mente de natureza incomum, e sua coragem levou-a a suportar a adversidade. Ela conseguiu um trabalho modesto, trançando objetos de palha, e inventou vários meios de ganhar uma ninharia que mal dava para sobreviver.

Assim se passaram vários meses. Seu pai piorava; seu tempo era quase todo ocupado em atendê-lo; seus meios de subsistência diminuía; e no décimo mês seu pai morreu em seus braços, deixando-a órfã e na miséria. Este último golpe a devastou. Ela estava ajoelhada junto ao caixão de Beaufort, chorando amargamente, quando meu pai entrou no quarto. Ele surgiu como um espírito protetor para a pobre menina, que se submeteu aos seus cuidados. Depois do enterro do amigo, ele a levou para Genebra e a colocou sob a proteção de um parente. Dois anos depois desse evento, Caroline tornou-se sua esposa.

Quando meu pai se tornou marido e depois pai, viu-se tão ocupado pelos deveres de sua nova situação que renunciou a muitas de suas funções públicas, e dedicou-se à educação dos filhos. Eu era o primogênito, e aquele fadado a sucedê-lo em todas as suas funções no serviço público. Nenhuma criatura poderia ter pais mais carinhosos que os meus. Minha educação e minha saúde eram o seu único cuidado, especialmente porque durante vários anos fui o único filho. Mas antes de continuar minha narrativa, devo relatar um incidente que aconteceu quando eu tinha quatro anos de idade.

Meu pai tinha uma irmã, a quem era muito afeiçoado, e que tinha se casado muito cedo com um cavalheiro italiano. Logo depois do casamento, ela acompanhou o marido ao seu país natal, e durante vários anos meu pai teve muito pouco contato com ela. Ela morreu mais ou menos nessa época, e alguns meses depois meu pai recebeu uma carta de seu marido, informando-o de sua intenção de casar-se com uma senhora italiana, e pedindo-lhe que se encarregasse da menina Elizabeth, a única filha de sua falecida irmã. “É meu desejo”, disse ele, “que o senhor a considere como sua própria filha, e a eduque de acordo. A fortuna da mãe está garantida para ela, e deixarei sob sua guarda os respectivos documentos. Reflita sobre esta proposta, e decida se prefere o senhor mesmo educar sua sobrinha ou deixar que seja criada por uma madrastra.”

Meu pai não hesitou, e imediatamente foi para a Itália, de modo a acompanhar a pequena Elizabeth até o seu futuro lar. Muitas vezes ouvi minha mãe dizer que ela era então a criança mais bonita que ela já tinha visto, e já naquela época mostrava sinais de um caráter gentil e afetuoso. Estes sinais, e um desejo de estreitar tão logo quanto possível os laços do amor familiar, levaram minha mãe a considerar Elizabeth como minha futura esposa; um propósito do qual ela jamais teve motivo para arrepender-se.

A partir de então, Elizabeth Lavenza se tornou minha companheira de brincadeiras e, ao crescermos, minha amiga. Era dócil e de bom temperamento, mas alegre e travessa como um inseto de verão. Embora fosse cheia de vida e animada, seus sentimentos eram fortes e profundos e sua disposição incomumente afetuosa. Ninguém desfrutava melhor da liberdade do que ela, embora ninguém se submetesse com mais graça às restrições e aos caprichos. Sua imaginação era exuberante, mas era capaz de enorme perseverança. Era a imagem de sua mente: os olhos castanhos, apesar de vivos como os de uma ave, possuíam uma atraente suavidade. Tinha aparência clara e etérea; e, embora capaz de suportar grandes fadigas, parecia a criatura mais frágil do mundo. Ao admirar sua compreensão e fantasia, gostava de tomar conta dela, como se faz com um animal favorito; e nunca vi tanta graça, de físico e de mente, junto com tão pouca pretensão.

Todos adoravam Elizabeth. Se os criados tinham alguma reivindicação a fazer, era sempre por intermédio dela. Não conhecíamos qualquer tipo de desunião ou de briga, pois embora houvesse grande diversidade de caráter entre nós, havia uma harmonia nessa mesma diversidade. Eu era mais tranquilo e pensativo que minha companheira, ainda que meu temperamento não fosse tão submisso. Minha persistência durava mais tempo, mas não era tão severa ao durar. Deleitava-me em investigar os fatos relativos ao mundo real; ela se ocupava em seguir as criações fantasiosas dos poetas. Para mim, o mundo era um segredo que eu desejava descobrir; para ela, um vazio que ela buscava povoar com criações de sua própria imaginação.

Meus irmãos eram bem mais novos do que eu, mas eu tinha um amigo entre os meus colegas de escola que compensava essa deficiência. Henry Clerval era filho de um comerciante de Genebra, amigo íntimo de meu pai. Ele era um menino de singular talento e imaginação. Lembro-me que, quando tinha nove anos, ele escreveu um conto de fadas que foi a delícia e o

assombro de todos os seus companheiros. Suas leituras favoritas consistiam em histórias de cavalaria e romances; e, quando muito jovem, lembro-me que encenávamos peças compostas por ele, extraídas desses livros favoritos, cujos personagens principais eram Orlando, Robin Hood, Amadis e São Jorge.

Nenhum jovem poderia ter tido uma infância mais feliz do que a minha. Meus pais eram indulgentes, e meus companheiros amáveis. Nossos estudos nunca eram forçados; de algum modo, sempre tínhamos um objetivo em vista, que nos excitava a persegui-lo. Era por este método, e não pelo esforço, que éramos estimulados a estudar. Elizabeth não foi incitada a dedicar-se ao desenho, em que suas companheiras não podiam superá-la, mas dedicou-se pelo desejo de agradar à tia, com a representação de alguma cena favorita feita por sua própria mão. Aprendemos o latim e o inglês, para que pudéssemos ler as obras escritas nesses idiomas. E em vez do estudo se tornar odioso para nós, por medo dos castigos, adorávamos estudar, e o que para nós era diversão para outras crianças seria obrigação. Talvez não lêssemos tantos livros, ou aprendêssemos idiomas tão depressa, como aqueles que são educados de acordo com os métodos usuais, mas o que aprendíamos ficou gravado profundamente em nossa memória.

Nessa descrição do nosso círculo familiar eu incluo Henry Clerval, pois ele estava sempre conosco. Ia para a escola comigo, e geralmente passava a tarde em nossa casa. Sendo filho único, sem companheiros em seu próprio lar, seu pai ficou bem contente por ele ter encontrado amigos em nossa casa, e nunca estávamos completamente felizes se Clerval estivesse ausente.

Sinto prazer em discorrer sobre as lembranças da infância, antes que o infortúnio maculasse minha mente e transformasse suas luminosas visões de extensa utilidade em reflexões sombrias e limitadas sobre si. Mas, ao pintar o quadro dos meus primeiros dias, não devo omitir aqueles eventos que conduziram, através de passos imperceptíveis, ao meu posterior conto de desgraça; pois, ao prestar contas a mim do nascimento daquela paixão que regeria meu destino, vejo-a surgir qual um rio de montanha, de fontes inferiores e quase esquecidas que se avoluma em seu curso, para se transformar numa torrente que varreu todas as minhas esperanças e alegrias.

As ciências naturais foram o gênio que regulou o meu destino; desejo, portanto, neste relato, mencionar os fatos que levaram à minha predileção

por aquelas ciências. Quando eu tinha treze anos, fomos todos, numa excursão, aos banhos termais perto de Thonon, mas a inclemência do tempo obrigou-nos a ficar um dia confinados na hospedaria. Nesse lugar, encontrei por acaso um volume das obras de Cornélio Agripa. Abri-o com apatia; a teoria que ele tenta demonstrar e os fatos maravilhosos que ele relata logo transformaram esse sentimento em entusiasmo. Uma nova luz parecia surgir em minha mente e, pulando de alegria, comuniquei minha descoberta a meu pai. Não posso deixar de observar aqui as muitas oportunidades que os educadores possuem de direcionar a atenção de seus alunos para conhecimentos úteis, coisa que negligenciam totalmente. Meu pai olhou de modo descuidado para o título do meu livro e disse, “Ah! Cornélio Agripa! Meu caro Victor, não perca seu tempo com isso; é pura bobagem.”

Se, em vez dessa observação, meu pai tivesse se dado ao trabalho de me explicar que os princípios de Agripa estavam completamente desacreditados, e que havia sido introduzido um moderno sistema científico que possuía muito mais força do que o antigo, pois esse era quimérico enquanto o mais moderno era real e prático, sob tais circunstâncias eu certamente teria deixado de lado Agripa e, com minha imaginação despertada como estava, eu provavelmente teria me dedicado à teoria mais racional da química, que tinha sido o resultado das descobertas modernas. É mesmo possível que o curso de minhas ideias jamais tivesse recebido o impulso fatal que levou à minha ruína. Mas o olhar de relance que meu pai lançara ao livro de algum modo garantiu-me que ele estava familiarizado com seu conteúdo, e eu continuei a ler com a maior avidez.

Quando voltei para casa, meu primeiro cuidado foi obter todas as obras daquele autor, e depois as de Paracelso e Albertus Magnus. Li e estudei com deleite as selvagens fantasias desses autores; eles me pareciam tesouros que poucos além de mim conheciam; e, embora muitas vezes desejasse comunicar a meu pai esse acúmulo secreto de conhecimentos, sua vaga censura ao meu favorito Agripa sempre me conteve. Conteí minhas descobertas a Elizabeth, no entanto, sob a promessa de estrito segredo; mas ela não se interessou pelo assunto e deixou que eu prosseguisse meus estudos sozinho.

Pode parecer estranho que surgisse um discípulo de Albertus Magnus no século XVIII; mas a nossa não era uma família de cientistas, e eu não assistira a nenhuma das aulas dadas nas escolas de Genebra. Meus sonhos,

então, não eram perturbados pela realidade; e entreguei-me com a maior diligência à busca da pedra filosofal e do elixir da vida. Mas o último logo monopolizou inteiramente minha atenção. A saúde era um assunto inferior, mas que glória não acompanharia a descoberta, se pudesse banir a doença do corpo humano e tornasse o homem invulnerável a tudo que não fosse a morte violenta!

Nem eram essas as minhas únicas visões. A evocação de fantasmas ou demônios era uma promessa liberalmente consentida por meus autores favoritos, promessa que eu, avidamente, buscava cumprir; e se meus encantamentos sempre eram malsucedidos, eu atribuía o fracasso mais à minha própria inexperiência e aos meus erros do que à falta de habilidade ou fidelidade dos meus autores.

Os fenômenos naturais que acontecem todos os dias diante de nossos olhos não escapavam ao meu exame. A destilação e os efeitos maravilhosos do vapor, processos nos quais meus autores favoritos eram totalmente ignorantes, provocavam meu assombro; mas minha última maravilha ligava-se a algumas experiências com bomba de ar, que vira ser utilizada por um cavaleiro a quem costumávamos visitar.

A ignorância dos antigos filósofos neste e em vários outros pontos serviu para diminuir o seu crédito aos meus olhos, mas eu não podia deixá-los inteiramente de lado antes que algum outro sistema viesse a ocupar o seu lugar em minha mente.

Eu tinha cerca de quinze anos, e havíamos nos retirado para nossa casa perto de Belrive, quando testemunhamos a mais terrível e violenta das tempestades. Ela veio de trás das montanhas do Jura, enquanto os trovões explodiam com assustadora intensidade de todos os cantos do céu. Durante o tempo que durou a tempestade, eu fiquei observando o seu progresso com curiosidade e deleite. De pé na porta, vi de repente uma língua de fogo sair de um lindo e velho carvalho, que ficava a cerca de vinte metros de nossa casa. Tão logo a luz ofuscante sumiu, o carvalho tinha desaparecido, sem nada restar senão um toco calcinado. Quando fomos vê-lo na manhã seguinte, encontramos a árvore rompida de maneira singular. Não fora despedaçada pelo choque, mas completamente reduzida a finas tiras de madeira. Eu nunca vira uma coisa tão completamente destruída.

A catástrofe ocorrida com essa árvore causou-me extrema surpresa. Ansioso, perguntei a meu pai sobre a natureza e a origem do trovão e do raio. Ele respondeu: “Eletricidade”, e em seguida descreveu os vários efeitos dessa força. Construiu uma pequena máquina elétrica, e fez algumas experiências; também fez uma pipa, com arame e cordão, que puxava esse fluido das nuvens.

Este último golpe completou a queda de Cornélio Agripa, Albertus Magnus e Paracelso, que por tão longo tempo reinaram soberanos em minha imaginação. Mas, por alguma fatalidade, não me sentia inclinado a começar o estudo de nenhum sistema moderno, e essa relutância foi influenciada pela circunstância que se segue.

Meu pai expressou o desejo de que eu assistisse a uma série de aulas sobre as ciências naturais, com o que concordei alegremente. Algum acidente impediu que eu comparecesse a essas aulas até quase o final do curso. A aula a que assisti, sendo uma das últimas, era inteiramente incompreensível para mim. O professor falou com enorme fluência sobre potássio e boro, sulfatos e óxidos, termos dos quais eu não fazia a menor ideia; e assim acabei desprezando as ciências naturais, embora ainda me deleitasse lendo Plínio e Buffon, autores que, em minha opinião, não ficam a dever em termos de interesse e utilidade.

Nessa idade, minha ocupação principal era a matemática e a maioria dos ramos de estudo pertencentes a ela. Dediquei-me com afincamento ao estudo de idiomas. O latim já me era familiar, e comecei a ler alguns dos autores gregos mais fáceis sem a ajuda de um léxico. Também entendia perfeitamente o inglês e o alemão. Esta é a lista de minhas realizações aos dezessete anos, e pode-se imaginar que minhas horas eram totalmente empregadas em adquirir e manter o conhecimento dessa variada literatura.

Outra tarefa também recaiu sobre mim, quando me tornei o professor de meus irmãos. Ernest era seis anos mais novo do que eu, e meu principal aluno. Ele sofrera problemas de saúde desde a infância, quando Elizabeth e eu éramos seus enfermeiros constantes; tinha um temperamento gentil, mas era incapaz de dedicar-se seriamente aos estudos. William, o caçula de nossa família, era ainda uma criança, e a mais bela criaturinha do mundo; seus vivos olhos azuis, suas covinhas e seus modos amáveis inspiravam o mais terno afeto.

Assim era nosso círculo familiar, do qual as preocupações e o sofrimento pareciam banidos para sempre. Meu pai supervisionava nossos estudos e minha mãe partilhava os nossos divertimentos. Nenhum de nós possuía o menor predomínio sobre o outro; nunca se ouviu entre nós uma voz de comando; mas a afeição mútua fazia com que todos concordassem e obedecessem ao menor desejo uns dos outros.

CAPÍTULO II

Quando cheguei à idade de dezessete anos, meus pais resolveram que eu devia ingressar na universidade de Ingolstadt. Até então eu tinha frequentado as escolas de Genebra, mas meu pai julgou necessário, para completar a minha educação, que eu me familiarizasse com outros costumes que não os de meu país natal. Marcou-se então a minha partida para uma data próxima, mas antes que o dia determinado chegasse, ocorreu o primeiro infortúnio de minha vida – como se fosse um presságio da minha futura desgraça.

Elizabeth tinha contraído febre escarlatina, mas a condição de sua doença não era grave e logo se recuperou. Durante sua enfermidade, muitos argumentos foram invocados para impedir minha mãe de assisti-la. A princípio, ela rendeu-se aos nossos pedidos; mas quando soube que sua favorita estava se recuperando, já não pôde mais ficar longe dela, e entrou em seu quarto muito antes de ter passado o perigo de contágio. As consequências dessa imprudência foram fatais. No terceiro dia, minha mãe adoeceu; sua febre era muito maligna, e os olhares das pessoas que a atendiam prognosticavam o pior. Em seu leito de morte, a fortaleza e a bondade dessa mulher admirável não a abandonaram. Juntou minhas mãos e as de Elizabeth: “Meus filhos”, disse, “minhas maiores esperanças de felicidade futura repousavam nesta união. Essa esperança será agora o consolo de seu pai. Elizabeth, meu amor, você deverá tomar o meu lugar junto a seus primos mais novos. Ai de mim! Como lamento ter que deixá-los. Feliz e amada como fui, como é difícil deixar tudo isso! Mas esses pensamentos de nada servem. Esforçar-me-ei para resignar-me pacificamente com a morte, e me permitirei a esperança de encontrá-los no outro mundo.”

Ela morreu calmamente, e mesmo na morte seu semblante irradiava afeto. Não preciso descrever os sentimentos daqueles cujos laços mais caros são rompidos pelo mais irreparável dos males, o vazio que se instalou nas almas e o desespero nos semblantes. Demora um longo tempo para que a mente se convença de que aquela a quem víamos todos os dias, e cuja própria existência parecia uma parte da nossa, tenha partido para sempre – que o brilho de um olhar amado pudesse ter se extinguido, e que o som de

uma voz tão familiar e cara aos ouvidos pudesse ser silenciado para nunca mais ser ouvido. Estas são as reflexões dos primeiros dias; mas quando, com a passagem do tempo, o mal se mostra real, então começa a verdadeira amargura da dor. Porém, quem ainda não teve um ente querido levado por essa rude mão? E por que deveria descrever uma tristeza que todos sentiram, e devem sentir? Por fim, chega um tempo em que a dor é mais uma indulgência do que uma necessidade; e quando o sorriso que brinca nos lábios, embora possa ser considerado um sacrilégio, não é mais banido. Minha mãe estava morta, mas todos ainda tínhamos deveres a cumprir; devíamos prosseguir nosso caminho com os outros, e aprender a nos considerar afortunados por sermos os despojos que a morte destruidora não quis levar.

Minha viagem para Ingolstadt, que tinha sido adiada por esses acontecimentos, foi novamente marcada. Consegui de meu pai um adiamento de algumas semanas. Esse período foi dominado pela tristeza; a morte de minha mãe e minha breve partida deprimiam nossos ânimos; mas Elizabeth empenhou-se em renovar o espírito de alegria em nosso pequeno grupo. Desde a morte da tia, sua mente adquirira nova firmeza e vigor. Ela decidiu cumprir com seus deveres com perfeição, e sentiu que o dever mais imperioso, o de devolver a felicidade ao tio e aos primos, fora delegado a ela. Elizabeth me consolava, distraía o tio, ensinava a meus irmãos; e nunca a vi tão encantadora como naquele tempo, ao se dedicar continuamente a contribuir para a felicidade dos outros, completamente esquecida de si própria.

Por fim, chegou o dia da minha partida. Eu me despedira de todos os meus amigos, com exceção de Clerval, que passou a última noite conosco. Ele lamentou amargamente não poder acompanhar-me, pois seu pai não conseguira ser persuadido a deixá-lo partir; pretendia que ele se tornasse seu sócio nos negócios, seguindo sua teoria favorita de que o estudo era supérfluo nas relações da vida comum. Henry possuía uma mente refinada; não tinha qualquer intenção de viver na ociosidade, e ficou muito satisfeito por tornar-se sócio do pai, mas acreditava que um homem poderia ser um comerciante muito bom e ainda possuir uma mente culta.

Ficamos juntos até tarde, escutando as reclamações dele e fazendo vários pequenos arranjos para o futuro. Parti bem cedo na manhã seguinte. Os olhos de Elizabeth estavam cheios de lágrimas, que se deviam em parte

à sua tristeza pela minha partida, e em parte ao seu pensamento de que a mesma viagem deveria ter acontecido três meses antes, quando a bênção de uma mãe teria me acompanhado.

Lancei-me na carruagem que devia me levar, e permiti-me as mais melancólicas reflexões. Sempre fora rodeado de amáveis companheiros, continuamente empenhados em propiciar mútua satisfação, e me achava agora só. Na universidade, para onde seguia, teria que fazer meus próprios amigos e ser meu próprio protetor. Minha vida tinha sido notavelmente retirada e doméstica, e isto me dera uma insuperável repugnância por novos rostos. Amava meus irmãos, Elizabeth e Clerval: estes eram os “velhos rostos familiares”, mas me considerava totalmente inadequado para o convívio com estranhos. Tais eram as minhas reflexões ao começar minha viagem, mas, à medida que prosseguia, meu espírito se animou e minhas esperanças renasceram. Ansiava ardentemente por adquirir conhecimento. Muitas vezes, em casa, achava difícil permanecer minha juventude inteira preso a um só lugar e desejava fazer parte do mundo e tomar meu lugar entre outros seres humanos. Agora meus desejos se realizavam, e seria na verdade uma loucura arrepender-se.

Tive tempo de sobra para essas e muitas outras reflexões durante minha viagem para Ingolstadt, que foi longa e cansativa. Por fim, o alto campanário branco da cidade surgiu aos meus olhos. Eu desci e fui conduzido ao meu apartamento solitário, para passar a noite como me agradasse.

Na manhã seguinte, entreguei minhas cartas de apresentação e visitei alguns dos principais professores, entre eles M. Krempe, professor de ciências naturais. Ele me recebeu com cortesia, e me fez várias perguntas sobre meu progresso nos diferentes ramos de estudo que pertencem às ciências naturais. Eu mencionei, nervoso e apreensivo, é verdade, os únicos autores que já lera sobre esse assunto. O professor me encarou: “O senhor realmente perdeu seu tempo estudando essas tolices?”, disse.

Respondi afirmativamente. “Cada minuto”, continuou M. Krempe com veemência, “cada momento que o senhor gastou com esses livros foi uma total e completa perda de tempo. O senhor sobrecarregou sua memória com sistemas ultrapassados e nomes inúteis. Santo Deus! Em que fim de mundo o senhor viveu, onde não havia ninguém bondoso o bastante para informá-

lo de que essas fantasias que o senhor absorveu com tanta sofreguidão tem mil anos e são tão bolorentas quanto antigas? Eu jamais esperaria encontrar, nesta idade das luzes e da ciência, um discípulo de Albertus Magnus e Paracelso. Meu caro senhor, deve recomeçar todos os seus estudos do zero.”

Assim dizendo, afastou-se e fez uma lista de livros que tratavam das ciências naturais, e que ele desejava que eu adquirisse – e me dispensou depois de mencionar que, no início da semana seguinte, pretendia começar um curso de palestras sobre as ciências naturais e suas relações gerais, e que M. Waldman, outro professor da universidade, dissertaria sobre química alternando os dias com ele.

Não voltei para casa desapontado, pois há muito considerava inúteis esses autores a quem o professor reprovava com tanta determinação, mas também não me sentia muito inclinado a estudar os livros que ele me recomendara. M. Krempe era um homenzinho baixo e gordo, com uma voz rouca e semblante repulsivo; o aspecto do professor, portanto, não me influenciava a favor de sua doutrina. Além disso, eu tinha certo desprezo pelos usos das ciências naturais modernas. Era muito diferente quando os mestres da ciência buscavam a imortalidade e o poder; embora fúteis, essas visões eram grandiosas. Mas agora o cenário havia mudado. A ambição do pesquisador parecia limitar-se à destruição daquelas visões sobre as quais basicamente se fundava o meu interesse pela ciência. Exigiam-me que eu trocasse quimeras de grandeza ilimitada por realidades de pouco valor.

Foram essas as minhas reflexões durante os primeiros dois ou três dias, que passei quase na solidão. Mas, ao começar a semana seguinte, pensei nas informações que M. Krempe me dera a respeito das palestras. E, embora eu não pudesse aceitar a ideia de ir ouvir aquele sujeitinho presunçoso declamar frases de cima de um púlpito, lembrei-me do que ele dissera de M. Waldman, a quem eu nunca tinha visto, pois até então ele estivera em viagem.

Parte por curiosidade, parte por não ter o que fazer, fui para a sala de aula, onde, logo a seguir, entrou M. Waldman. Este professor era muito diferente de seu colega. Ele parecia ter cerca de seus cinquenta anos, mas seu aspecto denotava grande benevolência; tinha alguns cabelos grisalhos nas têmporas, contudo os da parte de trás da cabeça eram quase negros. Era de estatura baixa, mas notavelmente ereto, e sua voz era a mais doce que eu

já ouvira. Começou sua aula por uma recapitulação da história da química e dos vários progressos feitos por diferentes estudiosos, pronunciando com fervor os nomes dos mais distinguidos descobridores. Depois deu uma ideia superficial do presente estado dessa ciência e explicou muitos de seus termos elementares. Após ter realizado algumas experiências preparatórias, concluiu ele com um panegírico sobre a química moderna, cujos termos jamais esquecerei:

“Os antigos professores desta ciência”, disse ele, “prometeram coisas impossíveis, mas nada realizaram. Os mestres modernos prometem muito pouco: eles sabem que os metais não podem ser transmutados e que o elixir da vida é uma quimera. Mas esses cientistas, cujas mãos parecem ser feitas apenas para chafurdar na sujeira, e os olhos para inclinar-se sobre o microscópio ou o cadinho, na verdade realizaram milagres. Penetram os recessos da natureza e mostram como ela funciona em seus lugares ocultos. Sobem às alturas; descobriram como o sangue circula e qual a natureza do ar que respiramos. Adquiriram novos e quase ilimitados poderes; podem comandar os trovões no céu, reproduzir o terremoto, e até mesmo zombar do mundo invisível e suas sombras.”

Fui embora muito satisfeito com o professor e sua palestra, e lhe fiz uma visita naquela mesma tarde. Seus modos na intimidade eram até mais suaves e atrativos do que em público, pois havia uma certa dignidade em sua conduta durante a aula que em sua própria casa era substituída pela maior gentileza e bondade. Ele ouviu com atenção meu pequeno relato sobre os meus estudos e sorriu ante os nomes de Cornélio Agripa e Paracelso, mas sem o desprezo demonstrado por M. Krempe. Ele disse que “estes eram homens a cujo zelo infatigável os cientistas modernos deviam a maior parte dos fundamentos de seu saber. Havia nos deixado, como tarefa mais fácil, dar nomes novos e organizar em classificações interligadas os fatos aos quais, em grande escala, eles foram os responsáveis por trazer à luz. Os esforços dos homens de gênio, embora erroneamente direcionados, dificilmente falham, no final, em trazer sólida vantagem para a humanidade.” Escutei sua declaração, dita sem qualquer vaidade ou afetação; e então acrescentei que sua aula tinha acabado com meus preconceitos contra os químicos modernos, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que me aconselhasse sobre os livros que eu devia adquirir.

“Fico contente de ter ganho um discípulo”, disse M. Waldman, “e se sua dedicação igualar sua habilidade, não tenho nenhuma dúvida do seu sucesso. A química é o ramo das ciências naturais em que foram feitos e ainda se podem fazer os maiores progressos; foi por isso que fiz dela o meu estudo particular; mas ao mesmo tempo não negligenciei os outros ramos da ciência. Um homem não seria mais que um químico lamentável, se ele se dedicasse apenas àquele departamento do conhecimento humano. Se o seu desejo é realmente tornar-se um homem de ciência, e não apenas um mero experimentalista, eu o aconselharia a dedicar-se a todos os ramos das ciências naturais, inclusive à matemática.”

Ele então me levou para o seu laboratório e explicou-me os usos de seus vários aparelhos, instruindo-me sobre o que eu devia adquirir e prometendo me deixar usar os seus, quando eu já estivesse adiantado o suficiente na ciência para não estragar seus mecanismos. Deu-me também a lista de livros que eu pedira, e então parti.

Assim terminou um dia memorável para mim, um dia que decidi meu futuro destino.

CAPÍTULO III

Desse dia em diante, as ciências naturais, e particularmente a química, no sentido mais amplo do termo, tornaram-se quase minha única ocupação. Lia com ardor as obras, tão cheias de gênio e perspicácia, que os pesquisadores modernos escreveram sobre esses assuntos. Assistia às aulas e cultivava o relacionamento dos cientistas da universidade; e encontrei até em M. Krempe muito bom senso e informações concretas, combinadas, é verdade, a uma fisionomia e maneiras repulsivas, mas nem por isso menos valiosas. Em M. Waldman encontrei um verdadeiro amigo. Sua gentileza jamais era maculada pelo dogmatismo, e seus ensinamentos eram transmitidos com um ar de franqueza e generosidade que afastavam qualquer ideia de pedantismo. Foi o caráter amável deste homem, talvez, que me inclinou mais àquele ramo das ciências naturais que ele mesmo professava do que um amor intrínseco pela própria ciência. Mas esse estado de espírito só teve lugar em meus primeiros passos em direção ao conhecimento; à medida que me dedicava mais inteiramente à ciência, mais prosseguia motivado pela ciência em si. Essa dedicação, que no princípio tinha sido uma questão de dever e decisão, agora tornava-se tão ardente e ansiosa que muitas vezes ainda estava entretido em meu laboratório quando as estrelas desapareciam na luz da manhã.

Já que estudava com tal aplicação, é fácil imaginar que meu progresso foi rápido. De fato, meu entusiasmo causava espanto aos estudantes e minha aptidão, aos mestres. O professor Krempe muitas vezes me perguntava, com um sorriso irônico, como ia Cornélio Agripa, ao passo que M. Waldman demonstrava a mais sincera alegria com meu progresso. Assim se passaram dois anos, durante os quais não fui a Genebra, mas dedicava-me de corpo e alma a algumas descobertas que eu esperava fazer. Ninguém, a não ser aqueles que já a experimentaram, pode imaginar a tentação da ciência. Em outros campos de estudo se vai até onde os outros já foram antes, e nada mais há para se saber; numa pesquisa científica, porém, há uma fonte ininterrupta de descobertas e surpresas. Uma mente de capacidade mediana que se dedique com afinco a um estudo deve infalivelmente alcançar grande competência nesse estudo; e já que buscava, sem cessar, atingir um objetivo e estava envolvido apenas com ele, progredi com tanta rapidez que, ao

término de dois anos, fiz algumas descobertas para a melhoria de alguns instrumentos da química, que me proporcionaram grande estima e admiração na universidade. Ao chegar a tal ponto, estando bem familiarizado com a teoria e a prática das ciências naturais no que dependia das lições de quaisquer dos professores de Ingolstadt, minha residência ali não mais me conduzindo a novos progressos, pensei em voltar aos meus amigos e minha cidade natal, mas aconteceu um incidente que prolongou minha estada.

Um dos fenômenos que atraía especialmente minha atenção era a estrutura do corpo humano, e, na verdade, de qualquer animal dotado de vida. De onde, eu me perguntava muitas vezes, provinha o princípio de vida? Era uma questão ousada e que sempre foi considerada um mistério; no entanto, com quantas coisas não poderíamos nos familiarizar se nossas investigações não fossem contidas pela covardia ou o descaso? Revolvi essas questões em minha mente, e decidi, dali por diante, dedicar-me mais particularmente àqueles ramos das ciências naturais relacionados à fisiologia. A menos que eu fosse animado por um entusiasmo quase sobrenatural, minha dedicação a esse estudo teria sido tediosa e quase intolerável. Para examinar as causas da vida, devemos primeiro recorrer à morte. Familiarizei-me com a anatomia, mas não era o suficiente; deveria analisar também a decrepitude e a deterioração naturais do corpo humano. Durante minha educação, meu pai tomara todas as precauções para que minha mente não fosse impregnada de horrores sobrenaturais. Não me lembro de jamais ter me arrepiado diante de um conto de superstição, ou de temer a aparição de algum espírito. A escuridão não tinha qualquer efeito sobre minha imaginação e um cemitério era para mim apenas o receptáculo de corpos privados de vida que, de sua condição de sede da beleza e da força, se tornaram comida de vermes. Agora era levado a examinar a causa e o progresso dessa deterioração e forçado a passar dias e noites em catacumbas e câmaras mortuárias. Minha atenção se dirigia aos objetos mais insuportáveis à delicadeza dos sentimentos humanos. Vi como a boa forma do homem se degradava e se extinguia; contemplei a deterioração da morte suceder à florescência da vida; observei como vermes herdavam as maravilhas do olho e do cérebro. Parava para examinar e analisar em todas as minúcias as causas, por exemplo, da transformação da vida em morte e da morte em vida, até que, dentre as trevas, uma luz repentina irradiou-se sobre mim – uma luz tão brilhante e maravilhosa, embora tão simples que,

enquanto me sentia atordoado pela imensidão da perspectiva que ela representava, surpreendia-me que entre tantos homens de gênio que dirigiam suas pesquisas para a mesma ciência, só a mim estivesse reservada a descoberta de um segredo tão assombroso.

Lembre-se de que eu não estou recordando a visão de um louco. O que eu afirmo agora é tão verdadeiro quanto o fato de que o sol brilha no céu. Isso poderia ter sido produzido por algum milagre, mas as fases da descoberta eram distintas e prováveis. Após dias e noites de incriveis labutas e fadigas, tive sucesso em descobrir a causa da criação e da vida; e mais ainda, tornei-me capaz de conferir a vida à matéria inanimada.

O assombro que experimentei a princípio com essa descoberta logo cedeu lugar ao deleite e ao êxtase. Depois de tanto tempo gasto num trabalho fatigante, chegar de repente ao auge de meus desejos era a mais agradável consumação de minhas labutas. Essa descoberta, contudo, era tão grande e esmagadora, que todos os passos pelos quais eu havia sido aos poucos conduzido a ela foram esquecidos, e só enxerguei o resultado. O que tinha sido motivo de estudo e desejo dos homens mais sábios, desde a criação do mundo, estava agora ao meu alcance. Não que tudo tivesse caído de repente em minhas mãos, como num passe de mágica; a informação que eu obtivera era mais de natureza a dirigir meus esforços, tão logo eu pudesse apontá-los, para o objetivo de minha pesquisa, do que de exibir aquele objetivo já realizado. Eu era como o árabe que havia sido enterrado com os mortos, e encontrou uma passagem para a vida ajudado por uma luz de brilho aparentemente fraco.

Vejo por sua impaciência e espanto e expectativa em seu olhar, meu amigo, que espera que lhe conte o segredo com o qual estou familiarizado; não pode ser assim: escute minha história com paciência até o fim e perceberá facilmente por que sou reservado sobre esse assunto. Não o arrastarei, ingênuo e ardoroso como eu mesmo era então, para sua inevitável destruição e infelicidade. Aprenda comigo, se não pelos meus ensinamentos, ao menos por meu exemplo, como é perigoso adquirir conhecimento, e quão mais feliz é o homem que acredita que sua cidade natal é o mundo, do que aquele que aspira tornar-se maior do que a sua natureza permite.

Ao ver um poder tão surpreendente colocado em minhas mãos, hesitei muito tempo sobre a maneira como deveria empregá-lo. Embora possuísse a capacidade de proporcionar a vida, preparar um corpo para recebê-la, com toda a sua complexidade de nervos, músculos e veias, ainda era uma tarefa de inconcebível dificuldade e trabalho. No início, fiquei em dúvida se deveria tentar a criação de um ser como eu, ou de um organismo mais simples; minha imaginação, porém, estava exaltada demais pelo meu primeiro sucesso para me permitir duvidar da minha capacidade de dar vida a um animal tão complexo e maravilhoso como o homem. Os materiais de que dispunha no momento mal me pareciam adequados a uma tarefa tão árdua, mas não duvidava de que por fim teria sucesso. Preparei-me para uma série de revezes; minhas operações poderiam sofrer constantes frustrações; e por fim minha obra podia sair imperfeita; ainda assim, quando pensava no progresso que acontece todos os dias na ciência e na mecânica, sentia-me encorajado a esperar que minhas tentativas presentes pelo menos estabelecessem as fundações de meu sucesso futuro. Nem podia considerar a magnitude e complexidade do meu plano como uma razão para sua impraticabilidade. Foi com esses sentimentos que comecei a criação de um ser humano. Como a minúcia das partes constituía um grande obstáculo à velocidade do meu trabalho, decidi, contrariamente à minha primeira intenção, fazer o ser de uma estatura gigantesca, isto é, com cerca de oito pés de altura, e grande na mesma proporção. Depois de ter tomado tal decisão, e passar alguns meses reunindo e organizando meus materiais, comecei.

Ninguém pode conceber a variedade de sentimentos que me impulsionavam, como um furacão, no primeiro entusiasmo do sucesso. Vida e morte me apareciam como limites ideais, que primeiro devia transpor, para lançar uma torrente de luz em nosso mundo de trevas. Uma nova espécie me abençoaria como seu criador e sua origem; muitas criaturas felizes e excelentes iriam dever a existência a mim. Nenhum pai reivindicaria a gratidão de um filho tão completamente quanto eu mereceria a delas. Prosseguindo nas reflexões, pensei que, se pudesse dar vida à matéria inanimada, com o tempo poderia (embora agora julgue isso impossível) restituir a vida onde a morte aparentemente tivesse destinado o corpo à deterioração.

Tais pensamentos apoiavam meu espírito, enquanto prosseguia em minha tarefa com incessante ardor. Minhas faces ficaram pálidas com o estudo e meu corpo emagreceu com o confinamento. Às vezes, à beira da certeza, eu falhava; mesmo assim, agarrava-me à esperança do que poderia realizar no dia ou hora seguintes. A esperança a que me devotava era um segredo que só eu possuía; e a lua contemplava minhas labutas da meia-noite, enquanto, com uma ânsia aflitiva e constante, perseguia a natureza em seus lugares ocultos. Quem poderá imaginar os horrores da minha labuta secreta, enquanto chafurdava entre gases profanos dos túmulos ou torturava animais vivos para animar o barro sem vida? Diante dessa recordação, meus membros agora tremem e meus olhos ficam marejados de lágrimas; mas, há época, um impulso irresistível e quase frenético impelia-me para frente. Parecia ter perdido toda sensibilidade e espírito que não fossem para essa ocupação. Não era, de fato, senão um transe passageiro, que só me fez renovar minha intensidade, assim que, deixando de atuar o estímulo antinatural, retornei aos meus velhos hábitos. Recolhia ossos de câmaras mortuárias e perturbava, com dedos profanos, os tremendos segredos do corpo humano. Num quarto solitário, ou melhor, numa cela, no alto da casa, separado de todos os outros aposentos por um corredor e uma escada, mantinha a oficina onde trabalhava em minha medonha criação; meus olhos saltavam das órbitas ao atentar para os detalhes da minha tarefa. A sala de dissecação e o matadouro forneciam grande parte do meu material; e muitas vezes minha natureza humana afastou-se enojada com minha ocupação, ao, impelido por uma ânsia sempre crescente, me aproximava da conclusão do meu trabalho.

Os meses do verão se passaram enquanto eu estava assim envolvido, de corpo e alma, numa só ocupação. Era a mais bela das estações; nunca os campos deram uma colheita tão abundante ou os vinhedos uma safra tão rica, mas meus olhos estavam insensíveis aos encantos da natureza. E os mesmos sentimentos que me faziam negligenciar as cenas ao meu redor, também me faziam esquecer os amigos distantes tantas milhas e que não via há tempos. Sabia que meu silêncio os inquietava e me lembrava bem das palavras de meu pai: “Sei que, enquanto estiver satisfeito consigo mesmo, você pensará em nós com afeto, e teremos notícias suas regularmente. Deve me perdoar se considero qualquer interrupção de sua correspondência como prova de que você está igualmente negligenciando seus outros deveres.”

Sabia bem, portanto, quais eram os sentimentos de meu pai; mas não podia desviar meus pensamentos da minha tarefa, repugnante em si mesma, mas que tomara conta irresistivelmente de minha imaginação. Eu desejava, de certo modo, adiar tudo que se relacionasse aos meus sentimentos de afeição até que a grande obra, que consumira todos os meus hábitos naturais, fosse completada.

Pensei, então, que meu pai seria injusto se atribuisse minha negligência aos vícios ou a algum defeito meu, mas agora estou convencido de que ele tinha razão ao imaginar que eu não estava inteiramente isento de culpa. Um ser humano em busca do aperfeiçoamento deve sempre manter a mente calma e em paz, e jamais permitir que a paixão ou um desejo passageiro perturbe sua tranquilidade. Não creio que a busca do conhecimento seja uma exceção a essa regra. Se o estudo ao qual você se dedica apresenta uma tendência a enfraquecer suas afeições e destruir seu gosto por aqueles prazeres simples, aos quais nada se pode misturar, então esse estudo com certeza é ilegítimo, ou seja, não é adequado à mente humana. Se esta regra fosse sempre observada, se nenhum homem permitisse que um objetivo, qualquer que fosse, interferisse com a tranquilidade de seus afetos familiares, a Grécia não teria sido escravizada, César teria poupado seu país, a América teria sido descoberta mais gradativamente, e os impérios do México e do Peru não teriam sido destruídos.

Mas me esqueço de que estou me estendendo em reflexões morais na parte mais interessante de meu relato e seus olhares me lembram de que devo prosseguir.

Meu pai não me fez qualquer censura em suas cartas, e limitou-se a notar o meu silêncio perguntando com mais detalhes do que antes sobre as minhas ocupações. O inverno, a primavera e o verão passaram, enquanto meu trabalho prosseguia; mas não observei o desabrochar das flores ou o crescimento das folhas – visões que antes sempre me traziam supremo deleite – tão concentrado estava em minha ocupação. Naquele ano, as folhas murcharam antes que meu trabalho chegasse perto do fim, e cada dia que passava agora me mostrava com mais clareza o quanto eu havia sido bem-sucedido. Mas meu entusiasmo era contido pela minha ansiedade, e eu mais parecia um condenado ao trabalho escravo nas minas, ou a qualquer outra ocupação insalubre, do que um artista ocupado em sua atividade favorita. Toda noite eu era acometido de uma febre baixa, e passei a ficar

extremamente nervoso, uma doença que lamentei mais porque até então desfrutara de excelente saúde, e sempre me gabara da firmeza de meus nervos. Mas eu acreditava que o exercício e a diversão logo afastariam tais sintomas, e prometi a mim mesmo desfrutar de ambos, quando minha criação estivesse terminada.

CAPÍTULO IV

Foi numa sombria noite de novembro que contemplei a consumação de minha obra. Com uma ansiedade que beirava a agonia, reuni os instrumentos ao meu redor, de modo que pudesse infundir uma centelha de vida na coisa inanimada que jazia aos meus pés. Já era uma hora da manhã; a chuva tamborilava tristemente contra as vidraças, e minha vela estava quase consumida quando, ao brilho fraco da luz já quase extinta, vi o olho amarelo e embaçado da criatura se abrir; ela respirou com dificuldade, e um movimento convulsivo agitou os seus membros.

Como descrever minhas emoções diante da catástrofe, ou como esboçar o infeliz que eu, com dores e cuidados infinitos, havia me empenhado em formar? Seus membros eram proporcionais, e havia escolhido suas feições para que fossem belas. Belas! Santo Deus! Sua pele amarela mal cobria a atividade dos músculos e artérias abaixo; seu cabelo era escorrido, de um negro lustroso; os dentes, de uma brancura perolada. Estas exuberâncias, no entanto, só formavam um contraste ainda mais horrendo com seus olhos serosos, que pareciam quase da mesma cor das órbitas de um branco pardo onde se fixavam, e com a pele enrugada e os lábios finos e negros.

Os diferentes incidentes da vida não são tão mutáveis quanto os sentimentos humanos. Eu tinha trabalhado duro por quase dois anos, com o único objetivo de infundir vida num corpo inanimado. Para tanto tinha me privado do repouso e da saúde. Desejara isso com um ardor que excedia em muito a moderação, mas agora que eu havia terminado, a beleza do sonho desaparecera. e meu coração se enchia de indizível horror e asco. Incapaz de suportar o aspecto do ser que eu havia criado, corri para fora da sala e continuei por muito tempo a andar em meu quarto, incapaz de acalmar minha mente para poder dormir. Por fim, o cansaço sucedeu ao tumulto de emoções que eu havia sofrido, e me atirei na cama, ainda vestido, buscando alguns instantes de esquecimento. Mas foi em vão. Dormi, de fato, mas fui assaltado pelos sonhos mais violentos. Pensei ter visto Elizabeth, em plena saúde, caminhando pelas ruas de Ingolstadt. Encantado e surpreso, abracei-a, mas quando depusitei o primeiro beijo em seus lábios, eles ficaram lívidos com a cor da morte; suas feições pareceram mudar, e julguei que segurava em meus braços o cadáver de minha mãe; uma mortalha envolvia

seu corpo, e vi os vermes rastejando pelas dobras do tecido. Acordei horrorizado; um suor frio cobria minha testa, meus dentes batiam e todos os meus membros se agitaram quando, à luz turva e amarela da lua, que forçava sua passagem pelas folhas da janela, vi o desgraçado – o infeliz monstro que eu havia criado. Ele levantava o cortinado da cama, e seus olhos, se é que se podia chamá-los assim, estavam fixos em mim. Suas mandíbulas se abriram, e ele murmurou alguns sons inarticulados, enquanto uma careta enrugava suas faces. Talvez ele tenha falado, mas eu não ouvi; uma de suas mãos estava estendida, como se quisesse segurar-me, mas escapei e corri escada abaixo. Refugiei-me no pátio da casa em que eu morava, onde permaneci pelo resto da noite, andando de um lado para o outro na maior agitação, escutando atentamente e temendo cada som, como se ele fosse anunciar a aproximação do cadáver demoníaco ao qual tão desgraçadamente eu havia dado a vida.

Ó! Nenhum mortal poderia aceitar o horror daquele rosto. Uma múmia dotada novamente de vida não poderia ser tão horrenda quanto aquele infeliz. Eu o contemplara quando ainda estava inacabado; já era feio, então; mas quando aqueles músculos e juntas passaram a se mover, tornou-se uma coisa que nem Dante seria capaz de ter concebido.

Passei a noite de modo devastador. Ora meu pulso batia tão forte e rápido que eu sentia a palpitação de cada artéria; ora quase caía no chão, abalado por um extremo langor e fraqueza. Misturado a esse horror, eu sentia a amargura da decepção: sonhos que tinham sido meu alimento e agradável descanso por tão longo tempo, agora haviam se tornado um inferno para mim; e a mudança fora tão rápida, a subversão tão completa!

A manhã, escura e úmida, afinal surgiu, descobrindo a meus olhos insones e doloridos a igreja de Ingolstadt, seu campanário branco e o relógio, que marcava seis horas. O porteiro abriu os portões do pátio que tinha sido meu asilo naquela noite, e saí para as ruas, caminhando com passos rápidos, como se buscasse evitar o desgraçado que eu temia que se apresentasse aos meus olhos a cada esquina. Não ousava retornar ao apartamento em que eu habitava, mas me sentia impelido a correr, embora molhado pela chuva que caía de um céu negro e desolado.

Continuei a caminhar assim durante algum tempo, procurando, pelo exercício físico, aliviar a carga que pesava em minha mente. Atravessava as

ruas sem qualquer ideia clara de onde estava, ou do que estava fazendo. Meu coração palpitava consumido pelo medo, e eu me apressava, andando a passos irregulares, sem ousar olhar à minha volta:

Como aquele que, numa estrada solitária,
Caminha temeroso e assustado,
E, depois de olhar ao seu redor, prossegue
E não mais vira a cabeça;
Pois sabe que um demônio assustador
Segue seus passos bem de perto.^[1]

Assim prosseguindo, cheguei afinal em frente à estalagem onde as várias diligências e carruagens costumavam parar. Ali me detive, sem saber bem por quê; mas fiquei alguns minutos com os olhos fixos num coche que vinha em minha direção, do outro extremo da rua. Quando ele se aproximou, percebi que era a diligência da Suíça, que parou bem onde eu estava; e, quando a porta se abriu, vi Henry Clerval que, ao me ver, saltou imediatamente. “Meu caro Frankenstein”, exclamou ele, “como estou contente em vê-lo! Que sorte você estar aqui, justo no momento em que eu ia descer!”

Nada poderia igualar meu prazer ao ver Clerval; sua presença trouxe de volta aos meus pensamentos meu pai, Elizabeth, e todas aquelas cenas domésticas tão caras à minha lembrança. Apertei sua mão e, num instante, esqueci o meu horror e o meu infortúnio; senti de repente, e pela primeira vez em muitos meses, uma alegria calma e serena. Dei as boas vinda a meu amigo, portanto, da maneira mais cordial, e caminhamos em direção à minha faculdade. Clerval continuou falando durante algum tempo sobre nossos amigos comuns, e de sua boa sorte em ter conseguido permissão para vir para Ingolstadt. “Você bem pode imaginar”, disse ele, “como foi difícil convencer meu pai de que não é absolutamente necessário que um comerciante não entenda de nada a não ser de contabilidade; e, de fato, creio que o deixei incrédulo ao extremo, pois sua eterna resposta aos meus incansáveis pedidos era igual a do professor holandês em O Vigário de Wakefield^[2]: “Tenho uma renda de dez mil florins por ano sem saber grego, posso comer muito bem sem o grego.” Mas sua afeição por mim finalmente

superou sua antipatia pelo estudo, e ele permitiu que eu fizesse uma viagem de descoberta à terra do conhecimento.”

“Fico muito feliz em ver você, mas me conte como estão meu pai, meus irmãos e Elizabeth.”

“Estão todos muito bem, muito felizes, só um pouco preocupados por terem notícias suas tão raramente. A propósito, eu mesmo pretendo passar-lhe um sermão em nome deles. Mas, meu caro Frankenstein”, continuou ele, parando de repente e olhando-me em cheio no rosto, “não tinha reparado antes como você parece doente, tão magro e pálido. Parece que estive de vigília por várias noites.”

“Você acertou: estive tão ocupado, ultimamente, com um trabalho, que não me permiti descansar o suficiente, como bem vê; espero, no entanto, espero sinceramente que toda essa labuta tenha agora terminado, e que afinal eu esteja livre.”

Eu tremia muito. Não suportava pensar, e muito menos aludir aos acontecimentos da noite anterior. Eu caminhava depressa, e logo chegamos à minha faculdade. Então refleti, e esse pensamento me provocou calafrios, que a criatura que eu tinha deixado em meu apartamento ainda podia estar ali, viva e andando pelo lugar. Eu temia contemplar aquele monstro, mas temia ainda mais que Henry pudesse vê-lo. Pedindo-lhe, portanto, que permanecesse alguns minutos ao pé da escada, subi apressado em direção ao meu quarto. Antes que eu me desse conta, minha mão já estava no trinco da porta. Parei, então, e um tremor frio percorreu meu corpo. Abri a porta com violência, como costumam fazer as crianças quando esperam que um fantasma esteja esperando por elas do outro lado, mas nada apareceu. Eu entrei, temeroso: o apartamento estava vazio, e meu quarto também estava livre de seu abominável hóspede. Eu mal podia acreditar que tivesse tido tamanha sorte; quando, porém, assegurei-me que o meu inimigo realmente tinha fugido, bati palmas de alegria e corri até Clerval.

Subimos para o meu quarto, e o criado então trouxe o café da manhã, mas eu não podia me conter. Não era apenas alegria o que me dominava; eu sentia minha carne vibrar com um excesso de sensibilidade, e meu pulso bater rapidamente. Era incapaz de permanecer um só instante no mesmo lugar; eu pulava sobre as cadeiras, batia palmas e ria alto. Clerval, a princípio, atribuiu minha animação incomum à alegria por sua chegada,

mas, quando me observou com mais atenção, viu um brilho selvagem em meus olhos pelo qual a sua presença não era responsável; e minha risada alta, desenfreada e insensível, deixou-o surpreso e amedrontado.

“Meu caro Victor”, exclamou ele, “pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Não ria desse jeito. Você está muito doente! Qual é a causa de tudo isso?”

“Não me pergunte”, gritei, cobrindo os olhos com as mãos, pois pensei ver a medonha aparição se esgueirando para o quarto. “Ele pode dizer. Ó, salve-me! salve-me!” Imaginava que o monstro me agarrara; lutei furiosamente, e caí desmaiado.

Pobre Clerval! O que deve ter sentido! Um encontro, que antecipara com tanta alegria, transformar-se de modo tão estranho em amargura. Mas não testemunhei sua aflição, pois estava sem sentidos, e não recuperei meus sentidos por um longo, longo tempo.

Este foi o começo de uma febre nervosa que me deixou de cama por vários meses. Durante todo esse tempo, Henry foi meu único enfermeiro. Soube depois que, sabendo da idade avançada de meu pai e de sua impossibilidade de fazer uma viagem tão longa, e também da aflição que minha doença provocaria em Elizabeth, ele os poupou dessa angústia, escondendo a extensão da minha enfermidade. Clerval sabia que eu não poderia ter um enfermeiro mais gentil e atento do que ele e, firme na crença da minha recuperação, não tinha dúvidas de que, em vez de causar mal, estava agindo da melhor forma possível em relação a eles.

Mas eu estava, de fato, muito doente; e certamente nada senão os cuidados ilimitados e constantes de meu amigo foram capazes de me restituir a vida. A forma do monstro a que tinha dado vida estava sempre diante de meus olhos e eu tinha delírios incessantes a respeito dele. Minhas palavras sem dúvida surpreenderam Henry. A princípio, ele acreditava que eram os desvarios de minha mente transtornada, mas a insistência com que eu recorria sempre ao mesmo tema convenceu-o de que, com efeito, o meu distúrbio se devia a algum acontecimento incomum e terrível.

Muito lentamente, e com frequentes recaídas que alarmavam e afligiam meu amigo, eu me recuperei. Lembro-me que a primeira vez em que fui capaz de observar os objetos exteriores com algum tipo de prazer, percebi

que as folhas caídas tinham desaparecido, e que novos botões brotavam das árvores que sombreavam minha janela. Era uma primavera divina, e a estação contribuiu muito para minha convalescença. Senti também renascerem em meu peito sentimentos de alegria e afeição; minha tristeza desapareceu, e, em pouco tempo, tornei-me tão alegre quanto era antes de ser atacado pela paixão fatal.

“Meu caro Clerval”, exclamei, “como você é amável, como é bom para mim. Você passou este inverno inteiro no meu quarto de doente, em vez de gastá-lo em estudos, como prometeu a si mesmo. Como poderei retribuir-lhe algum dia? Sinto um enorme remorso por ter sido a causa desse desapontamento, mas você há de me perdoar.”

“Você me recompensará inteiramente se não se agitar e procurar recuperar-se o mais depressa possível. E já que parece estar com tão boa disposição, posso falar-lhe sobre um assunto, não posso?”

Estremeci. Um assunto! Qual seria? Será que ele iria aludir a uma coisa em que eu não ousava nem mesmo pensar?

“Acalme-se”, disse Clerval, que observara minha mudança de cor. “Não mencionarei isso, se o deixa tão agitado, mas seu pai e sua prima ficariam muito felizes se recebessem uma carta escrita por você. Eles mal sabem o quanto esteve doente, e estão preocupados com seu longo silêncio.”

“Então é isso, meu querido Henry? Como pôde imaginar que meus primeiros pensamentos não iriam para esses amigos queridos a quem eu amo, e que tanto merecem o meu amor?”

“Se é essa a sua disposição no momento, meu amigo, talvez fique contente de ver uma carta para você que está aqui há alguns dias: é de sua prima, eu creio.”

[1] Versos de “A Balada do Velho Marinheiro”, de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834).

[2] No original “Vicar of Wakefield”, obra do escritor irlandês Oliver Goldsmith (1730-1774), um dos romances mais populares e lidos durante o século XVIII na Inglaterra, sendo citado nas obras de diversos escritores como Charles Dickens, Jane Austen e Charlotte Brontë.

CAPÍTULO V

Clerval, então, pôs a carta a seguir em minhas mãos.

PARA V. FRANKENSTEIN.

Meu querido primo,

Não há como descrever-lhe a preocupação que todos sentimos em relação à sua saúde. Não podemos deixar de imaginar que seu amigo Clerval esconde a gravidade de sua doença, pois já faz vários meses que não vemos uma carta escrita por sua própria mão; todo esse tempo foi obrigado a ditar suas cartas para Henry. Você com certeza deve ter estado muito doente, Victor, e isso nos deixa a todos muito infelizes, ainda mais assim tão perto da morte de sua querida mãe. Meu tio quase foi convencido de que você de fato estava muito mal, e foi difícil impedi-lo de fazer uma viagem a Ingolstadt. Clerval sempre escreve que você está melhorando; espero ansiosamente que você confirme esta notícia em breve, escrevendo de próprio punho; pois realmente, Victor, realmente estamos todos muito aflitos a esse respeito. Alivie-nos desse medo, e seremos as criaturas mais felizes do mundo. A saúde de seu pai agora está tão boa que desde o inverno passado ele parece dez anos mais jovem. Ernest, também, desenvolveu-se tanto que você mal o reconheceria: tem agora quase dezesseis e perdeu aquela aparência doentia que tinha alguns anos atrás; cresceu bastante robusto e ativo.

Titio e eu conversamos longo tempo ontem à noite, sobre qual profissão Ernest deveria seguir. Suas constantes doenças quando jovem o privaram do hábito de dedicar-se aos estudos, e agora que ele desfruta de boa saúde está sempre ao ar livre, escalando montanhas ou remando no lago. Propus, portanto, que ele se tornasse um fazendeiro, o que, como você sabe, meu primo, é um dos meus planos favoritos. A vida de um fazendeiro é uma vida feliz e muito saudável; e a menos danosa, ou antes a mais benéfica profissão entre todas. Meu tio tinha a ideia de educá-lo para que fosse advogado, e pelo seu interesse poderia se tornar juiz. Mas, além de ele não ser talhado para uma ocupação como essa, com certeza é mais respeitável cultivar a terra para o sustento do homem do que ser o confidente, e às vezes o cúmplice, dos vícios desse mesmo homem, que é o que faz o advogado. Eu

disse que as tarefas de um próspero fazendeiro, se não são as mais ilustres, pelo menos são de um tipo mais feliz do que as de um juiz, cujo infortúnio sempre foi o de interferir com o lado negro da natureza humana. Meu tio sorriu, e disse que eu mesma deveria ser uma advogada, o que deu fim à nossa conversa sobre esse assunto.

E agora devo contar-lhe uma historinha que vai agradá-lo, e talvez diverti-lo. Você se lembra de Justine Moritz? É provável que não. Vou, portanto, contar-lhe a história em poucas palavras. Mrs. Moritz, a mãe dela, era uma viúva com quatro filhos, dos quais Justine era a terceira. A menina sempre fora a favorita de seu pai, mas, por uma estranha perversidade, sua mãe não podia suportá-la e, depois da morte de M. Moritz, passou a tratá-la muito mal. Titia observou isso e, quando Justine fez doze anos, convenceu sua mãe a deixá-la vir morar em nossa casa. As instituições republicanas de nosso país produziram modos mais simples e afortunados do que aqueles que prevalecem nas grandes monarquias que nos cercam. Por consequência, há menos diferenças entre as várias classes de seus habitantes, e como as classes inferiores não são nem tão pobres nem tão desprezadas, possuem modos mais educados e uma boa moral. Uma criada, em Genebra, não significa a mesma coisa que uma criada na França e na Inglaterra. Justine, assim recebida em nossa família, aprendeu os deveres de uma criada, condição que em nosso afortunado país não inclui a ideia da ignorância e do sacrifício da dignidade do ser humano.

Depois do que eu disse, creio que você se lembrará bem da heroína do meu pequeno conto, pois Justine era sua grande favorita. Lembro-me que uma vez você observou que, se estivesse de mau humor, bastava um olhar de Justine para dissipá-lo, pela mesma razão de Ariosto em relação à beleza de Angélica: ela parecia extremamente sincera e feliz. Minha tia imaginava uma grande ligação para ela, razão pela qual foi levada a dar-lhe uma educação superior àquela que tinha pretendido a princípio. Este benefício foi inteiramente recompensado: Justine era a criaturinha mais grata do mundo. Não quero dizer que ela tenha dito alguma coisa, nunca ouvi algo assim de seus lábios, mas podia-se ver nos seus olhos que ela praticamente adorava sua protetora. Embora fosse de disposição alegre, e em muitos aspectos imprudente, prestava a maior atenção ao menor gesto de titia. Considerava-a o modelo de toda excelência, e esforçava-se para imitar seus

modos e sua maneira de falar, de modo que até hoje ela me faz lembrar sempre de titia.

Quando minha querida tia morreu, todos estavam ocupados demais com sua própria dor para notar a pobre Justine, que a assistira durante sua doença com a mais ansiosa afeição. A pobre Justine ficou muito abalada, mas outras provações ainda lhe estavam reservadas.

Um a um, seus irmãos e sua irmã morreram; e a mãe dela, com exceção da filha abandonada, ficou sem filhos. A mente da mulher ficou perturbada; ela começou a pensar que a morte de seus filhos favoritos era um castigo dos céus pela sua parcialidade. Ela era uma católica romana, e creio que seu confessor confirmou a ideia que ela havia concebido. Desse modo, alguns meses depois de sua partida para Ingolstadt, a mãe arrependida chamou Justine de volta para casa. Pobre menina! Chorou quando deixou nossa casa: estava muito alterada desde a morte de titia. A tristeza tinha conferido certa suavidade e delicadeza às suas maneiras, que antes sempre tinham sido notáveis por sua vivacidade; e sua residência com a mãe também não contribuía para restaurar sua alegria. A pobre mulher vacilava muito em seu arrependimento. Às vezes implorava a Justine que a perdoasse por sua maldade, porém, com muito mais frequência, a acusava de ter causado a morte dos irmãos e da irmã. A irritação constante com o tempo levou Mrs. Moritz ao declínio, o que a princípio aumentou sua irritabilidade, mas agora ela descansa em paz para sempre. Morreu na primeira onda de frio, no começo do último inverno. Justine voltou para nós, e asseguro-lhe que a amo ternamente. Ela é muito inteligente, amável e extremamente bonita; como eu já disse antes, seus modos e suas palavras me fazem lembrar continuamente de minha querida tia.

Devo dizer-lhe também algumas palavras, meu caro primo, sobre o pequeno e querido William. Gostaria que pudesse vê-lo; é muito alto para a idade, com olhos azuis, doces e risonhos, cílios negros e cabelos cacheados. Quando ri, aparecem duas covinhas em cada face, que são rosadas de saúde. Já teve uma ou duas esposinhas, mas sua favorita é Louisa Biron, uma bela menininha de cinco anos de idade.

Agora, querido Victor, ousa dizer que gostaria de entregar-se a um pequeno mexerico sobre a boa gente de Genebra. A bela Miss Mansfield já recebeu as visitas de congratulações pelo seu próximo casamento com um

jovem inglês, John Melbourne, cavalheiro. Sua irmã feia, Manon, casou-se com M. Duvillard, o rico banqueiro, no outono passado. Seu colega de escola favorito, Louis Manoir, sofreu vários revezes desde que Clerval partiu de Genebra. Mas ele já recuperou o ânimo, e dizem que está prestes a casar-se com uma francesa muito viva e bonita, Mrs. Tavernier. Ela é viúva, e muito mais velha do que Manoir, mas é muito admirada e estimada por todo mundo.

Escrevi com a melhor disposição de espírito, querido primo, embora não possa terminar sem de novo perguntar ansiosamente por sua saúde. Querido Victor, se não está muito doente, escreva-nos, e faça feliz a seu pai e a todos nós; ou então... Não suporto pensar no outro lado da questão; minhas lágrimas já correm soltas. Adieu, meu querido primo.

ELIZABETH LAVENZA.

Genebra, 18 de março de 17...

Querida, querida Elizabeth! exclamei, ao ler a carta. “Escreverei agora mesmo, e aliviá-los da ansiedade que devem estar sentindo.” Escrevi a carta, e o esforço deixou-me fatigado ao extremo; mas minha convalescença havia começado, e prosseguiu normalmente. Dentro de mais quinze dias, eu já podia deixar o quarto.

Depois de recuperado, um de meus primeiros deveres foi apresentar Clerval aos diversos professores da universidade. Ao fazer isso, experimentei uma espécie de tortura, pouco conveniente às feridas que minha mente sofrera. Desde aquela noite fatal, quando terminou o meu trabalho e começaram meus infortúnios, eu criara uma violenta antipatia até mesmo ao nome das ciências naturais. De outro lado, após recuperar quase totalmente a saúde, a mera visão de um instrumento de química fazia renascer toda a agonia dos meus sintomas nervosos. Henry percebeu isso, e removeu todos os aparelhos científicos da minha vista. Trocou também meu apartamento, pois viu que eu criara aversão ao quarto que antes tinha servido como meu laboratório. Esses cuidados de Clerval, porém, de nada adiantavam quando eu visitava os professores. M. Waldman me torturava ao elogiar, com bondade e entusiasmo, o espantoso progresso que eu fizera no campo das ciências. Logo percebeu que o assunto me desagradava, mas, ignorando a verdadeira causa, atribuiu meus sentimentos à modéstia e mudou o assunto do meu progresso para a própria ciência, com a intenção,

evidentemente, de deixar-me mais à vontade. O que podia fazer? Ele pretendia me agradar e me atormentava. Era como se tivesse disposto cuidadosamente diante de mim, um por um, aqueles instrumentos que depois seriam usados para me levar a uma morte lenta e cruel. Eu padecia com suas palavras, mas não ousava demonstrar a dor que sentia. Clerval, cujos olhos e sensações eram sempre rápidos em entender os sentimentos dos outros, declinou do assunto, alegando seu total desconhecimento sobre ele e a conversa tomou um rumo mais geral. Agradei a meu amigo do fundo do coração, mas não falei nada. Vi claramente que estava surpreso, embora nunca tivesse tentado arrancar-me o meu segredo; e, embora eu o estimasse muito com uma mistura de afeto e reverência sem limites, jamais poderia me convencer a confiar-lhe aquele fato, sempre presente em minha memória, mas que temia fixar ainda mais profundamente se detalhasse a outros.

M. Krempe também não era fácil, e na condição em que me encontrava àquela época, de uma sensibilidade quase insuportável, seus louvores rudes e bruscos provocaram-me ainda mais sofrimento que a aprovação benevolente de M. Waldman. “Sujeito danado!” exclamou ele. “Ora, M. Clerval, asseguro-lhe que ele ultrapassou a todos nós. Sim, pode arregalar os olhos, se quiser, mas mesmo assim é verdade. Um rapazinho que, há alguns anos, acreditava tão firmemente em Cornélio Agripa quanto nos evangelhos, agora se colocou à frente da universidade; e se não for logo desbancado, vamos todos perder a compostura. Sim, sim”, continuou ele, observando minha expressão de sofrimento, “M. Frankenstein é modesto, uma excelente qualidade num jovem. Os jovens deviam ser modestos, sabe, M. Clerval? Eu mesmo era assim quando jovem, mas isso passa logo.”

M. Krempe começara agora a tecer autoelogios, o que felizmente desviou a conversa de um assunto que tanto me incomodava.

Clerval não se dedicava às ciências naturais. Sua imaginação era ardente demais para as minúcias da ciência. Os idiomas eram seu estudo principal, e ao adquirir esses conhecimentos básicos, ele pretendia tornar-se um autodidata em seu retorno a Genebra. As línguas persa, árabe e hebraica atraíram sua atenção, depois que ele se tornara um perfeito mestre no grego e no latim. Quanto a mim, a ociosidade sempre me incomodara, e agora que eu desejava fugir das reflexões, e odiava meus estudos anteriores, sentia um grande alívio em poder ser colega de meu amigo, e encontrei não apenas

saber, mas consolo, nas obras dos orientalistas. Sua melancolia é repousante, e sua alegria tão alentadora como eu nunca havia experimentado, ao estudar os autores de qualquer outro país. Quando se lê os seus escritos, a vida parece consistir num sol cálido e num jardim de rosas, nos sorrisos e carrancas de um inimigo leal, e no fogo que consome o próprio coração. Quanta diferença para a poesia heroica e varonil da Grécia e de Roma.

Com essas ocupações, passou-se o verão, e meu retorno a Genebra foi marcado para o final do outono. No entanto, como precisou ser adiado por vários incidentes, o inverno e a neve chegaram, as estradas se tornaram totalmente intransitáveis, e minha viagem foi postergada até a primavera seguinte. Senti amargamente essa demora, pois ansiava por ver minha cidade natal e meus amigos queridos. Meu retorno só foi adiado por tão longo tempo por minha relutância em deixar Clerval num lugar estranho, antes que ele tivesse travado relações com alguns de seus habitantes. No entanto, passamos o inverno alegremente e, embora a primavera chegasse excepcionalmente tarde, quando chegou, sua beleza compensou o atraso.

O mês de maio já havia começado, e todos os dias eu aguardava a carta que fixaria a data de minha partida, quando Henry propôs um passeio a pé pelos arredores de Ingolstadt, para que eu pudesse despedir-me pessoalmente do país onde vivera por tão longo tempo. Aceitei com prazer a sua proposta; adorava o exercício, e Clerval sempre fora meu companheiro favorito nas perambulações dessa natureza que eu fizera entre os cenários de minha terra natal.

Passamos quinze dias nessas perambulações. Há muito já havia recuperado minha saúde e meu espírito e eles se fortaleciam ainda mais com o ar saudável que respirava, com os incidentes naturais de nosso passeio e com a conversa com meu amigo. O estudo já me afastara antes da convivência com meus colegas, tornando-me antissocial, mas Clerval trouxe à tona os melhores sentimentos do meu coração. Ensinou-me a amar de novo a visão da natureza e os alegres rostos das crianças. Excelente amigo! Como me amou com sinceridade e se esforçou para elevar meu espírito até que estivesse ao nível do seu. Eu fora limitado e restringido por um propósito egoísta, até que sua bondade e afeição reavivaram e ampliaram meus sentidos. Tornei-me a mesma criatura feliz que eu era há alguns anos, amando e amado por todos, sem tristeza ou preocupação.

Quando a natureza feliz e inanimada tinha o poder de me provocar as mais encantadoras sensações. Um céu sereno e os campos verdejantes me enchiam de êxtase. A estação agora realmente era divina; as flores da primavera floresciam nas sebes, enquanto as do verão já estavam em botão. Não era mais perturbado por pensamentos que, durante o ano anterior, me oprimiam, apesar de meus esforços para livrar-me deles, como de um fardo insuportável.

Henry alegrava-se com a minha alegria, e se identificava de coração com meus sentimentos; esforçava-se para divertir-me, enquanto expressava as emoções que lhe enchiam a alma. Nessa ocasião, os recursos de sua mente eram de fato espantosos; sua conversa era cheia de imaginação, e muitas vezes, imitando os escritores persas e árabes, inventava contos maravilhosos de fantasia e paixão. Outras vezes, declamava meus poemas favoritos, ou me deixava à vontade para discutir algum assunto, que ele sustentava com grande inventividade.

Voltamos para a faculdade numa tarde de domingo: os camponeses dançavam, e todos que encontrávamos pareciam alegres e felizes. Eu mesmo estava animado, tomado por sentimentos de intensa alegria e prazer.

CAPÍTULO vi

No meu regresso, encontrei a seguinte carta de meu pai.

PARA V. FRANKENSTEIN

Meu querido Victor,

Com certeza espera com impaciência por uma carta que marque a data de seu retorno para nós; e a princípio, senti-me tentado a escrever apenas algumas linhas, só mencionando o dia em que o esperamos. Mas seria uma crueldade e não ousa fazê-lo. Qual não seria sua surpresa, filho meu, se, esperando uma acolhida alegre e feliz, visse, em vez disso, lágrimas e infelicidade? E como posso, Victor, relatar nosso infortúnio? A ausência não pode tê-lo tornado insensível às nossas alegrias e aflições e como poderia causar dor a um filho ausente? Gostaria de prepará-lo para as tristes notícias, mas sei que é impossível; agora mesmo seus olhos percorrem a página em busca das palavras que lhe comunicarão as terríveis notícias.

William está morto! Aquela doce criança, cujos sorrisos encantavam e aqueciam meu coração, que era tão gentil e tão alegre! Victor, ele foi assassinado!

Não tentarei consolá-lo, mas apenas relatarei as circunstâncias do acontecido.

Na última quinta-feira (7 de maio), eu, minha sobrinha e seus dois irmãos fomos passear em Plainpalais. A tarde estava cálida e serena, e prolongamos nosso passeio mais que o habitual. Já escurecia quando pensamos em voltar, e então descobrimos que William e Ernest, que tinham ido na frente, não estavam à vista. Sentamo-nos, portanto, para descansar, esperando que voltassem. Ernest então chegou, e perguntou se havíamos visto o irmão: disse que estavam brincando juntos, e que William tinha corrido para se esconder; que procurou em vão por ele, e que depois esperou por muito tempo, mas ele não apareceu.

Esse relato nos deixou muito alarmados, e continuamos a procurá-lo até que a noite caiu, quando Elizabeth achou que ele talvez tivesse voltado para casa. Mas ele não estava lá. Voltamos ao lugar com tochas, pois eu não podia ter descanso pensando que meu doce menino havia se perdido e

estava exposto à umidade e ao orvalho da noite. Elizabeth também estava extremamente angustiada. Em torno das cinco horas da manhã, encontrei meu adorado menino, que na noite anterior eu vira viçoso e cheio de saúde, estendido na grama, lívido e imóvel: a marca dos dedos do assassino estava em seu pescoço.

Ele foi levado para casa, e a angústia que se estampava em meu rosto traiu o segredo para Elizabeth. Ela estava determinada a ver o cadáver. A princípio, pensei em impedi-la, mas ela insistiu e, entrando no quarto onde ele se achava, rapidamente examinou-lhe o pescoço, e então, juntando as mãos, exclamou: “Ó, meu Deus! Eu matei minha querida criança!”

Ela desmaiou e foi muito difícil reanimá-la. Quando voltou a si, foi só para chorar e suspirar. Contou-me que naquela mesma tarde William insistira para que o deixasse usar uma miniatura muito valiosa que ela possuía, lembrança de sua mãe. O retrato desapareceu, e sem dúvida foi a tentação que levou o assassino a agir. Não temos nenhuma pista sobre ele até o momento, embora nossos esforços para descobri-lo sejam incansáveis; mas isso não trará meu amado William de volta.

Venha, querido Victor, só você pode consolar Elizabeth. Ela não para de chorar e de se acusar injustamente pela morte dele; suas palavras trespassam meu coração. Estamos todos muito infelizes; mas não será mais um motivo para que volte, meu filho, para nos consolar? Sua querida mãe! Ai, Victor! Agradeço a Deus que ela não esteja viva para testemunhar a morte cruel e infeliz de seu querido caçula!

Venha, Victor, sem alimentar pensamentos de vingança contra o assassino, mas com sentimentos de paz e bondade que haverão de curar, em vez de envenenar, as feridas de nossos espíritos. Entre nesta casa enlutada, meu amigo, mas com bondade e afeição por aqueles que o amam, e não com ódio pelos seus inimigos.

Seu pai amoroso e aflito,

ALPHONSE FRANKENSTEIN.

Genebra, 12 de Maio de 17...

Clerval, que observava meu rosto conforme eu lia a carta, ficou surpreso ao ver o desespero que sucedeu à alegria que eu expressara a princípio por

ter recebido notícias de meus amigos. Atirei a carta na mesa e cobri o rosto com as mãos.

“Meu caro Frankenstein”, exclamou Henry, ao me ver chorar com amargura, “será que você tem de ser sempre infeliz? Meu caro amigo, o que aconteceu?”

Fiz-lhe sinal para que pegasse a carta, enquanto eu andava de um lado para outro no quarto, na mais extrema agitação. As lágrimas também correram dos olhos de Clerval, quando leu o relato de meu infortúnio.

“Não posso oferecer-lhe qualquer consolo, meu amigo”, disse ele; “sua desgraça é irreparável. O que pretende fazer?”

“Ir imediatamente para Genebra: venha, Henry, para arranjar os cavalos.”

Durante o caminho, Clerval esforçou-se para animar meu espírito. Não fez isso recorrendo a frases comuns de consolo, mas exibindo a mais verdadeira compaixão. “Pobre William!” disse ele, “aquela criança querida agora dorme ao lado de sua santa mãe. Seus amigos choram e lamentam, mas ele está em paz. Não sente mais agora a mão do assassino, seu pequenino corpo está coberto pela relva, e não conhece a dor. Não pode mais ser motivo de piedade; os sobreviventes são os maiores sofredores, e para eles o tempo é o único consolo. Essas máximas dos estoicos, de que a morte não era um mal e que a mente do homem seria superior ao desespero pela ausência eterna de um ser amado, não servem de argumento. Mesmo Cato chorou sobre o corpo sem vida do irmão.”

Assim falava Clerval, enquanto caminhávamos apressados pelas ruas; suas palavras ficaram gravadas em minha mente, e depois, quando estava sozinho, lembrei-me delas. Mas naquele momento, assim que os cavalos chegaram, precipitei-me para um cabriolé e dei adeus ao meu amigo.

Minha viagem foi bem melancólica. No início, queria apressar-me, pois ansiava por consolar e condoer-me de meus queridos e tristes amigos; mas ao me aproximar de minha cidade natal, retardei meu avanço. Mal podia suportar a profusão de sensações que povoavam minha mente. Passei por cenários familiares da minha juventude, mas que não via há seis anos. Quanto tudo não poderia ter mudando durante aquele tempo? Havia ocorrido uma mudança repentina e devastadora; mas mil outras pequenas

circunstâncias poderiam ter gradativamente provocado outras mudanças que, embora tenham sido mais tranquilas, nem por isso eram menos decisivas. O medo me dominou e não ousava prosseguir, temendo milhares de males sem nome que me faziam tremer, embora não pudesse defini-los.

Fiquei dois dias em Lausanne, nesse doloroso estado de espírito. Contemplava o lago: as águas eram plácidas; tudo ao redor estava calmo e as montanhas nevadas, “os palácios da natureza”^[1], não mudaram. Aos poucos, a serenidade e a beleza divina do cenário me restabeleceram, e continuei minha viagem para Genebra.

A estrada corria ao longo do lago que se estreitava à medida que me aproximava de minha cidade natal. Percebi mais distintamente as encostas negras do Jura e o cume luminoso do Mont Blanc. Chorava como uma criança: “Queridas montanhas! Meu lindo lago! Como recebem este viajante? Seus cumes são claros; o céu e o lago são azuis e plácidos. Isso é um presságio de paz ou zombam de minha infelicidade?”

Receio, meu amigo, que eu me tornei aborrecido ao enfatizar essas circunstâncias preliminares, mas aqueles foram dias de relativa felicidade, e recordo-os com prazer. “Minha terra, minha amada terra! Quem senão um filho teu poderia contar o deleite que senti ao contemplar de novo teus riachos, tuas montanhas e, mais do que tudo, teu adorável lago?”

Mesmo assim, ao aproximar-me de casa, fui tomado outra vez pela dor e pelo medo. Também caiu a noite, e quando eu mal podia ver as montanhas escuras, senti-me ainda mais triste. A paisagem parecia um vasto e obscuro cenário do mal, e previ sombriamente que estava destinado a me tornar o mais infeliz dos seres humanos. Ai de mim! Minha profecia era verdadeira, e só errei numa única circunstância: em toda a infelicidade que eu vislumbrava e temia, não concebi a centésima parte da angústia que eu estava destinado a suportar.

Já estava completamente escuro quando cheguei aos arredores de Genebra. Os portões da cidade já estavam fechados, e fui obrigado a passar a noite em Sécheron, uma aldeia distante meia légua, a leste da cidade. O céu estava sereno e, como eu não conseguia dormir, decidi visitar o lugar onde o meu pobre William fora assassinado. Como não podia atravessar a cidade, fui obrigado a cruzar o lago num bote para chegar a Plainpalais. Durante essa curta viagem, vi os relâmpagos formando os mais lindos

desenhos no cume do Mont Blanc. A tempestade parecia aproximar-se rapidamente e, ao desembarcar, subi numa colina baixa para poder observar seu progresso. A tempestade avançava; o céu se enchera de nuvens, e logo eu sentia a chuva caindo em grandes pingos, e sua violência aumentava rápido.

Deixei o lugar onde estava e continuei a caminhar, embora a escuridão e a tempestade aumentassem a cada minuto e os trovões ribombassem com um estrondo assustador por sobre minha cabeça. Seu eco vinha de Salêve, do Jura e dos Alpes da Savoia; os vívidos clarões dos raios me ofuscavam, iluminando o lago e fazendo-o parecer um vasto lençol de fogo; então, por um momento, cada coisa parecia envolta numa escuridão de breu, até que o olho se recuperasse do clarão anterior. A tempestade, como acontece com frequência na Suíça, surgia ao mesmo tempo em várias partes do céu. A mais violenta acumulava-se precisamente ao norte da cidade, em cima daquela parte do lago que se estende entre o promontório de Belrive e a aldeia de Copêt. Outra tempestade iluminava o Jura com clarões fracos; e outra, ora cobria ora descobria o Môle, uma montanha pontiaguda a leste do lago.

Enquanto eu observava a tempestade, tão bela quanto terrível, vagueava a passos largos. Essa nobre guerra nos céus elevava meu espírito. Juntei as mãos e exclamei em voz alta: “William, anjo querido! Este é o teu funeral, este é o teu canto fúnebre!” Ao pronunciar essas palavras, percebi na escuridão um vulto que se esgueirava atrás de um grupo de árvores perto de mim. Parei e fiquei olhando atentamente: não podia haver engano. O clarão de um relâmpago iluminou o objeto, e revelou-me claramente sua forma. Sua estatura gigantesca e a deformidade de sua aparência, mais medonha do que humana, me informaram de imediato que era o infeliz e abjeto demônio ao qual tinha dado a vida. O que ele fazia ali? Teria sido ele (e tremi a esse pensamento) o assassino de meu irmão? Nem bem essa ideia cruzara minha mente e eu já estava convencido de sua veracidade. Meus dentes batiam, e tive que me apoiar contra uma árvore para não cair. A figura passou depressa por mim, e a perdi de vista na escuridão. Nada que tivesse a forma humana poderia ter destruído a vida daquela linda criança. Era ele o assassino! Não havia como duvidar. A simples presença daquela ideia era uma prova irrefutável do fato. Pensei em perseguir o demônio, mas teria sido em vão, pois outro relâmpago mostrou-me que ele subia as rochas de

uma encosta quase perpendicular do Mont Salève, colina que limita Plainpalais ao sul. Ele logo alcançou o cume e desapareceu.

Continuei imóvel. Os trovões cessaram, mas a chuva ainda continuava, e toda a paisagem ficou envolta numa escuridão impenetrável. Eu revolia em minha mente os eventos que até agora tinha procurado esquecer: a longa cadeia de progressos que me levaram à criação; o surgimento da obra de minhas próprias mãos, viva, ao lado da minha cama; depois sua partida. Fazia agora quase dois anos desde aquela noite em que ele recebera a vida. E seria este o seu primeiro crime? Ai de mim! Eu soltara no mundo um infeliz depravado, cujo prazer era a carnificina e a desgraça; não havia ele assassinado meu irmão?

Ninguém pode conceber a angústia que sofri durante o resto da noite, que passei ao relento, encharcado e com frio. Mas eu não sentia a inconveniência do tempo; minha imaginação estava ocupada com cenas de maldade e desespero. Eu considerava o ser que eu havia lançado entre a humanidade, e dotado da vontade e da força para perpetrar horrores, como o ato que acabara de cometer, quase como o meu próprio vampiro, meu próprio espírito liberto da sepultura e forçado a destruir tudo aquilo que me era caro.

O dia amanheceu e me encaminhei para a cidade. Os portões estavam abertos e me dirigi às pressas para a casa de meu pai. Meu primeiro pensamento era revelar o que sabia do assassino e motivar sua imediata perseguição. Mas me detive ao refletir sobre a história que teria que contar. Um ser que eu mesmo criara, e dotara de vida, me encontrara à meia-noite entre os precipícios duma montanha inacessível. Lembrei-me também da febre nervosa que me acometera justo na época em que terminei minha criação e que daria um ar de delírio a um conto de outro modo já bastante improvável. Também sabia que, se qualquer outra pessoa me contasse tal coisa, eu a olharia como se estivesse às raias da loucura. Além disso, a estranha natureza do animal frustraria qualquer perseguição, mesmo se eu chegasse ao ponto de convencer meus parentes a iniciá-la. E além do mais, de que adiantaria tal perseguição? Quem poderia prender uma criatura capaz de escalar as encostas escarpadas do Mont Salève? Essas reflexões me decidiram e resolvi manter silêncio.

Eram cerca de cinco horas da manhã quando adentrei na casa de meu pai. Pedi aos criados que não perturbassem ninguém, e fui para a biblioteca esperar a hora em que eles habitualmente se levantavam.

Seis anos se passaram, como num sonho, a não ser por um único traço indelével e me encontrava no mesmo lugar em que abraçara meu pai pela última vez, antes de minha partida para Ingolstadt. Amado e venerável pai! Ele ainda me restara. Olhei para o retrato de minha mãe que se achava sobre a lareira. Era um tema histórico, pintado a pedido de meu pai e representava Caroline Beaufort no desespero da agonia, ajoelhada junto ao caixão de seu pai morto. Seu traje era rústico e ela tinha as faces pálidas, mas havia um ar de tanta dignidade e beleza que quase não permitia um sentimento de piedade. Abaixo do quadro havia uma miniatura de William, e meus olhos se encheram de lágrimas ao contemplá-la. Enquanto estava assim entretido, entrou Ernest: ouvira-me chegar e apressou-se a dar-me as boas-vindas. Expressou um prazer entremeado de tristeza ao me ver: “Bem-vindo, meu querido Victor”, disse ele. “Ah! Quem dera tivesse vindo há três meses, então ter-nos-ia encontrado alegres e contentes. Mas agora estamos infelizes e receio que seja recebido com lágrimas, em vez de sorrisos. Nosso pai tem um aspecto tão triste: esse evento terrível parece ter reavivado em sua mente o sofrimento pela morte de mamãe. A pobre Elizabeth também está inconsolável.” Ao dizer essas palavras, Ernest começou a chorar.

“Não me receba assim, Ernst”, disse eu, “tente ficar mais calmo para que eu não me sinta absolutamente infeliz no momento de entrar na casa de meu pai, depois de tão longa ausência. Mas, diga-me, como meu pai está suportando seus sofrimentos? E como está a minha pobre Elizabeth?”

“Ela realmente precisa de consolo: se acusa de ter sido a causa da morte de meu irmão, e isso a deixa muito infeliz. Mas desde que o assassino foi descoberto...”

“O assassino foi descoberto! Meu Deus! Como isso aconteceu? Quem poderia tê-lo perseguido? É impossível. É mais fácil alcançar o vento, ou conter um regato da montanha com uma palha.”

“Não sei o que quer dizer, mas ficamos todos muito infelizes quando ela foi descoberta. Ninguém queria acreditar nisso, a princípio, e mesmo agora Elizabeth ainda não se convenceu, apesar de todas as evidências.

Realmente, quem acreditaria que Justine Moritz, que era tão amável e tão apegada à família, pudesse de repente se tornar má a esse ponto?”

“Justine Moritz! Pobre menina, é ela a acusada? Mas isso é uma injustiça, todo mundo sabe. Certamente ninguém acredita nisso, não é, Ernest?”

“Ninguém acreditou, no início, mas surgiram várias circunstâncias que quase nos convenceram. E, além disso, o próprio comportamento dela foi tão confuso que, receio, acrescentou um peso à evidência dos fatos que não deixa qualquer margem a dúvida. Mas ela será julgada hoje, e você então poderá ouvir tudo.”

Ele contou que, na manhã em que fora descoberto o assassinato do pobre William, Justine tinha caído doente, permanecendo de cama. E, depois de vários dias, aconteceu de uma das criadas examinar por acaso a roupa que ela tinha usado na noite do crime, e descobrir em seu bolso o retrato em miniatura de minha mãe, que se acreditava ter sido o que motivara o assassino. A criada imediatamente mostrou-o a um dos outros criados que, sem dizer uma palavra a ninguém da família, levou-o ao juiz encarregado; e, com o seu depoimento, Justine foi presa. Ao ser acusada do fato, a pobre menina confirmou em grande parte a suspeita com seus modos muito confusos.

Essa era uma história muito estranha, mas não abalou minha fé. Respondi com veemência: “Todos vocês estão enganados; eu conheço o assassino. Justine, a pobre e boa Justine, é inocente.”

Naquele momento entrou meu pai. Vi uma profunda infelicidade impressa em seu rosto, mas ele esforçou-se para me receber calorosamente. Depois de trocarmos nossas expressões de pesar, teríamos entrado em algum outro tópico que não o da nossa desgraça, se Ernest não tivesse exclamado: “Santo Deus, papai! Victor disse que sabe quem é o assassino do pobre William.”

“Nós também sabemos, infelizmente”, respondeu meu pai. “Na verdade, eu preferia ficar para sempre na ignorância do que descobrir tamanha perversidade e ingratidão em alguém que eu prezava tanto.”

“Meu querido pai, o senhor está enganado; Justine é inocente.”

“Se ela for, Deus não permitirá que seja condenada. Ela será julgada hoje, e eu espero, espero com toda sinceridade, que ela seja absolvida.”

Essa declaração me acalmou. Em minha mente, estava firmemente convencido de que Justine, e de fato qualquer outro ser humano, era inocente desse crime. Não tinha medo, portanto, que pudesse ser apresentada qualquer prova circunstancial forte o bastante para condená-la; e, com essa certeza, tranquilizei-me, esperando o julgamento com ansiedade, mas sem prognosticar um resultado injusto.

Logo Elizabeth se juntou a nós. O tempo causara grandes alterações em sua aparência desde que a vira pela última vez. Há seis anos, ela era uma menina bonita e bem-humorada, a quem todos amavam e cobriam de mimos. Agora era uma mulher, na estatura e na expressão do rosto, extremamente adorável. A testa alta e ampla indicava um bom entendimento, unido a uma disposição franca. Seus olhos eram castanhos e expressavam suavidade que agora se juntava à tristeza pelo recente sofrimento. Seu cabelo era de um castanho escuro muito rico, a pele clara, o talhe leve e gracioso. Recebeu-me com a maior afeição. “Sua chegada, querido primo”, disse ela, “enche-me de esperança. Talvez encontre um meio de justificar minha pobre e inocente Justine. Ai de mim! Quem estará seguro, se ela for condenada por um crime? Confio na inocência dela tanto quanto confio na minha. Nossa infelicidade é dupla: não só perdemos aquele adorável menino, mas esta pobre menina, a quem amo de coração, está para ser destruída por um destino ainda pior. Se for condenada, nunca mais saberei o que é a alegria. Mas não será, estou certa que não. E então poderei ser feliz de novo, mesmo depois da triste morte do meu pequeno William.”

“Ela é inocente, minha Elizabeth”, disse eu “e isso será provado. Nada tema, apenas permita que seu espírito se anime com a garantia de sua absolvição.”

“Como você é bondoso! Todo mundo acredita que ela seja culpada, e isso me deixa infeliz, pois eu sei que é impossível. E ver todo mundo com uma predisposição desse tipo me deixa desesperada e sem qualquer esperança.” Ela se pôs a chorar.

“Querida sobrinha”, disse meu pai, “enxugue suas lágrimas. Se, como você acredita, ela for inocente, confie na justiça de nossos tribunais, e na

minha diligência para que não haja a mais leve sombra de parcialidade.”

^[1] Byron, George Gordon: “A Peregrinação de Childe Harold”, Canto III, lxii

CAPÍTULO VII

Passamos algumas horas tristes até às onze horas, quando começaria o julgamento. Como meu pai e o resto da família tinham que servir de testemunhas, eu os acompanhei ao tribunal. Durante todo aquele infeliz arremedo de justiça, eu sofri imensa tortura. Seria decidido se o resultado de minha curiosidade e meu trabalho ilegal causara a morte de dois de meus semelhantes: um, uma criancinha sorridente, cheia de inocência e alegria; o outro, assassinado de maneira ainda mais terrível, com todo o agravante da infâmia que faria aquele crime ser lembrado por seu horror. Justine também era uma menina de valor, e possuía qualidades que prometiam tornar sua vida feliz; agora, tudo seria apagado por uma sepultura infame, e por minha causa! Mil vezes eu teria me confessado culpado do crime atribuído a Justine, mas eu estava ausente quando ele foi cometido, e uma declaração dessa ordem teria sido tomada como o delírio de um louco, e não a teria absolvido de sofrer em meu lugar.

A aparência de Justine era calma. Estava vestida de luto, e seu rosto, sempre atraente, se tornara, pela solenidade de seus sentimentos, singularmente belo. No entanto, ela parecia confiante em sua inocência, e não tremia, embora olhada e execrada por milhares de pessoas, pois toda a bondade que sua beleza poderia de outro modo ter despertado fora apagada das mentes dos espectadores pela imagem da enormidade do crime que se supunha que ela cometera. Ela estava tranquila, embora fosse uma tranquilidade evidentemente constrangida; e como sua confusão mental fora considerada antes como prova de sua culpa, ela procurava aparentar coragem. Quando entrou no tribunal, lançou um olhar ao redor e depressa descobriu onde estávamos sentados. Uma lágrima pareceu ofuscar seus olhos quando nos viu, mas ela logo se recompôs, e um olhar de triste afeição parecia atestar sua total inocência.

O julgamento começou; e depois que o promotor formalizou a acusação, foram chamadas diversas testemunhas. Vários fatos estranhos combinavam-se contra ela, o que poderia ter abalado qualquer um que não tivesse uma prova de sua inocência como aquela que eu tinha. Ela estivera fora durante toda a noite em que o crime fora cometido e, pela manhã, fora vista por uma mercadora não longe do lugar onde o corpo da criança assassinada fora

depois encontrado. A mulher lhe perguntara o que fazia ali, mas ela olhou de modo estranho e deu apenas uma resposta confusa e ininteligível. Ela voltou para casa em torno das oito horas e, quando lhe indagaram onde tinha passado a noite, respondeu que estivera procurando pela criança, e perguntou com ansiedade se alguém tivera alguma notícia dela. Quando mostraram o corpo, ela teve um violento ataque de histeria e permaneceu de cama por vários dias. Apresentaram então o retrato que a criada havia encontrado em seu bolso; e quando Elizabeth, com a voz vacilante, afirmou que era o mesmo que ela colocara ao redor do pescoço do menino uma hora antes de seu desaparecimento, um murmúrio de horror e indignação percorreu o tribunal.

Justine foi chamada a fazer sua defesa. À medida que o julgamento prosseguia, seu semblante havia se alterado. Expressava fortemente a surpresa, o horror e a infelicidade. Às vezes, ela lutava com as lágrimas mas, quando foi chamada a defender-se, juntou suas forças e falou com voz audível, embora variável:

“Deus sabe”, disse ela, “que sou inteiramente inocente. Mas não pretendo que minhas declarações me absolvam. Apoio minha inocência numa explicação clara e simples dos fatos que foram alegados contra mim, e espero que o caráter que sempre ostentei incline meus juízes a uma interpretação favorável, quando alguma circunstância parecer duvidosa ou suspeita.”

Relatou então que, com a permissão de Elizabeth, havia passado a tarde da noite em que ocorrera o assassinato na casa de uma tia em Chêne, aldeia situada a cerca de uma légua de Genebra. Ao retornar, em torno das nove horas, encontrou um homem que lhe perguntou se tinha visto algum sinal da criança que estava perdida. Ela ficou alarmada com essa notícia e passou várias horas procurando o menino, quando os portões de Genebra foram fechados, e ela se viu forçada a permanecer por várias horas num celeiro que pertencia a um chalé, mas não quis chamar os moradores, de quem ela era bem conhecida. Incapaz de dormir ou descansar, deixou cedo o seu abrigo, para que pudesse de novo procurar por seu irmão. Se ela se aproximara do lugar onde o corpo jazia, fora sem o seu conhecimento. Que ela estivesse confusa quando questionada pela mercadora não era de surpreender, já que tinha passado a noite sem dormir, e o destino do pobre

William ainda era incerto. Com relação ao retrato, não sabia dar qualquer informação.

“Bem sei eu”, continuou a infeliz vítima, “o quanto esta circunstância pesa fatalmente contra mim, mas não tenho condições de explicá-la. E quando expressei minha absoluta ignorância, só me restou imaginar por quais meios ele poderia ter sido colocado em meu bolso. Mas aqui também deparei com obstáculos. Acho que não tenho nenhum inimigo no mundo, e com certeza ninguém seria tão mau a ponto de me destruir intencionalmente. Será que foi o assassino quem o colocou ali? Não sei de nenhuma oportunidade que eu tenha lhe dado para fazê-lo; ou, se foi assim, por que ele teria roubado a joia, para abrir mão dela logo depois?

“Entrego a minha causa à justiça dos meus juízes, embora não veja nenhum lugar para a esperança. Peço permissão para que algumas testemunhas deponham sobre o meu caráter e, se o seu testemunho não se sobrepuser à minha suposta culpa, devo ser condenada, embora confie minha salvação à minha inocência.”

Foram chamadas várias testemunhas, que a conheciam há muitos anos, e todas falaram bem dela; mas o medo, e o ódio despertado pelo crime de que a supunham culpada, deixou-as temerosas e pouco dispostas a adiantar mais alguma coisa. Elizabeth viu até mesmo este último recurso, seu excelente caráter e sua conduta impecável, a ponto de abandonar a acusada. Então, apesar de muito agitada, pediu permissão para dirigir-se ao tribunal.

“Eu sou”, disse ela, “a prima da infeliz criança que foi assassinada, ou melhor, sou a irmã, pois fui educada por seus pais e vivi com eles desde então, muito antes de ela nascer. Pode, portanto, ser considerado indecoroso de minha parte apresentar-me nesta ocasião; mas quando vejo uma criatura amiga a ponto de morrer pela covardia de seus pretensos amigos, gostaria que me permitissem falar, para que eu possa dizer o que sei sobre o seu caráter. Conheço muito bem a acusada. Vivi com ela na mesma casa, uma vez durante cinco anos, e outra por quase dois anos. Durante todo esse tempo ela me pareceu a mais amável e bondosa das criaturas humanas. Cuidou de Mrs. Frankenstein, minha tia, em sua última doença, com o maior afeto e desvelo; e depois cuidou de sua própria mãe, durante uma fatigante doença, de um modo que despertou a admiração de todos que a conheciam. Depois disso, voltou a viver na casa de meu tio, onde era

querida por toda a família. Tinha uma calorosa afeição pela criança que agora está morta e agia com ela como a mais afetuosa das mães. De minha parte, não hesito em dizer que, apesar de todas as provas apresentadas contra ela, acredito e confio em sua total inocência. Ela jamais seria tentada a praticar uma ação como essa. E quanto à quinquilharia sobre a qual repousa a prova principal, se ela a tivesse desejado seriamente eu de boa vontade a teria dado a ela, tanto a estimo e considero.”

Admirável Elizabeth! Ouviu-se um murmúrio de aprovação, mas fora motivado pela sua generosa interferência, e não a favor da pobre Justine, sobre quem a indignação pública se voltou com renovada violência, acusando-a da mais negra ingratidão. Ela mesma chorou enquanto Elizabeth falava, mas nada respondeu. Minha própria agitação e angústia durante todo o julgamento eram extremas. Acreditava na inocência; sabia da inocência dela. Poderia o demônio que tinha assassinado meu irmão (eu não duvidava nem por um minuto) abandonar, em seu esporte infernal, uma criatura inocente à morte e à infâmia? Não podia suportar o horror de minha situação e ao perceber que o clamor popular e os semblantes dos juízes já tinham condenado minha infeliz vítima, corri para fora do tribunal em agonia. Os tormentos da acusada não se igualavam ao meu; ela era sustentada pela inocência, mas as garras do remorso dilaceravam meu peito e não abriam mão de sua presa.

Passei uma noite de verdadeiro tormento. Pela manhã, fui ao tribunal; tinha os lábios e a garganta secos. Não ousava fazer a pergunta fatal, mas eu era conhecido, e o oficial adivinhou o motivo da minha visita. Os votos já haviam sido depositados; eram todos negros, e Justine fora condenada.

Não pretendo descrever o que senti então. Já havia antes experimentado sensações de horror e tenho tentado conferir-lhes expressões adequadas, mas as palavras não podem dar uma ideia do desespero que então dilacerava o meu coração. A pessoa a quem me dirigi acrescentou que Justine já confessara a culpa. “Essa prova nem seria necessária num caso assim tão claro”, observou ele, “mas estou contente que tenha sido assim. Na verdade, nenhum dos nossos juízes gosta de condenar um criminoso sob provas circunstanciais, por mais decisivas que sejam.”

Quando voltei para casa, Elizabeth, ansiosa, perguntou pelo resultado.

“Minha prima”, respondi, “foi decidido conforme era de se esperar: todos os juízes prefeririam condenar dez inocentes a liberar um único culpado. Mas ela confessou.”

Foi um golpe terrível para a pobre Elizabeth que confiara firmemente na inocência de Justine. “Ai de mim!” disse ela, “como poderei um dia voltar a crer na bondade humana? Justine, a quem eu amava e estimava como minha irmã, como pôde fingir aqueles sorrisos de inocência só para trair? Seus olhos ternos pareciam incapazes de qualquer severidade ou irritação, e, no entanto, cometeu um crime.”

Logo depois, soubemos que a pobre vítima havia expressado o desejo de ver minha prima. Meu pai não queria que ela fosse, mas disse que ela era livre para decidir por seu próprio critério e sentimentos. “Sim”, disse Elizabeth, “eu irei, embora ela seja culpada. E você, Victor, me acompanhará: não posso ir sozinha.” A ideia dessa visita era uma tortura para mim, contudo eu não podia recusar.

Entramos na sombria cela da prisão, e vimos Justine num canto, sentada sobre um pouco de palha. Tinha as mãos algemadas, e sua cabeça repousava sobre os joelhos. Ela ergueu-se ao nos ver entrar e, quando ficamos sós, lançou-se aos pés de Elizabeth, chorando amargamente. Minha prima também chorava.

“Ó, Justine!” disse ela, “por que você me privou do meu último consolo? Eu confiava em sua inocência, e embora eu fosse muito infeliz, não era tão infeliz quanto sou agora.”

“E a senhora também acredita que eu seja assim tão, tão má? Também se unirá aos meus inimigos para destruir-me?” Sua voz era sufocada pelos soluços.

“Levante-se, minha pobre menina”, disse Elizabeth, “por que se ajoelha, se é inocente? Não sou um de seus inimigos. Acreditava em sua inocência, apesar de todas as provas, até que soube que você confessou sua culpa. Diga que aquele relatório é falso, e esteja certa, querida Justine, que nada pode abalar minha confiança em você por um só momento, a não ser sua própria confissão.”

“Confessei sim, mas uma mentira. Confessei para ser absolvida, mas agora isto pesa mais em meu coração que todos meus outros pecados. Deus

do céu, perdoai-me! Desde que fui condenada, meu confessor tem me assediado: ameaçava e intimidava até que quase comecei a pensar que eu era o monstro que dizia. Ameaçou-me com excomunhão e com o fogo do inferno em meus últimos momentos, se continuasse obstinada. Cara senhora, não tinha ninguém a me amparar; me olhavam como uma infeliz condenada à infâmia e à perdição. O que podia fazer? Numa hora infeliz, endosseí uma mentira; e agora sou uma verdadeira desgraçada.”

Ela parou, chorando, e depois continuou: “Pensei com horror, minha boa senhora, que acreditaria que sua Justine, a quem sua santa tia tanto honrou e a quem a senhora amava, era uma criatura capaz de um crime que ninguém, a não ser o demônio, poderia ter cometido. Querido William! Querido e abençoado! Logo o verei no céu, onde todos seremos felizes; isso me consola, condenada como estou à desonra e à morte.”

“Ó, Justine! Perdoe-me por ter duvidado de você por um momento. Por que confessou? Mas não chore, minha cara menina; proclamarei sua inocência em todos os lugares e exigirei que acreditem. Ainda assim, irá morrer: minha companheira de infância, minha amiga, minha irmã. Não sobreviverei a tão horrível infortúnio”

“Querida, doce Elizabeth, não chore. Deveria animar meu espírito com pensamentos de uma vida melhor e elevar-me dos cuidados insignificantes deste mundo de injustiça e conflitos. Não seja você, amiga querida, a levar-me ao desespero.”

“Tentarei confortá-la, mas receio que seja um mal muito profundo e pungente para admitir consolo, pois não há esperanças. Que o céu te abençoe, minha querida Justine, com resignação e uma confiança que vai além deste mundo. Ó! Como odeio os modos e as zombarias do mundo! Quando uma criatura é assassinada, outra é imediatamente privada da vida de um modo lento e torturante; os carrascos, então, as mãos ainda manchadas pelo sangue de um inocente, acreditam ter praticado uma grande ação. Chamam isso forra. Odioso nome! Ao ser pronunciado sei que serão infligidos castigos maiores e mais horrendos do que aqueles que o mais sombrio dos tiranos já inventou para saciar sua sede extrema de vingança. Porém, isso não lhe serve de consolo, minha Justine, a menos que realmente se regozije em escapar de tão infeliz caverna. Ai! Gostaria de estar em paz

com minha tia e meu amado William, libertados dum mundo que me é odioso e de rostos de homens que eu detesto.”

Justine deu um leve sorriso. “Isso, querida senhora, é desespero, e não resignação. Não devo aprender a lição que a senhora me ensina. Fale de qualquer outra coisa, algo que traga paz, e não mais infelicidade.”

Durante essa conversa, eu havia me retirado para um canto da cela, onde poderia esconder a horrenda angústia que me possuía. Desespero! Quem ousaria falar disso? A pobre vítima, que na manhã seguinte devia transpor o triste limite entre a vida e a morte, não sentia, como eu, uma agonia tão profunda e amarga. Eu rangia e apertava os dentes, proferindo um gemido que veio do fundo de minha alma. Justine sobressaltou-se. Ao ver quem era, aproximou-se de mim e disse: “Caro senhor, é muito gentil em me visitar. Espero, também que não acredite que eu seja culpada.”

Não consegui responder. “Não, Justine”, disse Elizabeth; “ele está mais convencido de sua inocência do que eu estava; pois mesmo quando ele soube que você tinha confessado, não deu crédito nenhum a isso.”

“Eu lhe agradeço de coração. Nestes últimos momentos, sinto a mais sincera gratidão por aqueles que pensam em mim com bondade. Como é doce a afeição dos outros por uma desgraçada como eu! Isso faz desaparecer metade do meu infortúnio. Sinto que poderia morrer em paz, agora que vocês, minha querida senhora e seu primo, reconheceram a minha inocência.”

Assim, a pobre sofredora procurava consolar os outros e a si. De fato, conseguiu a resignação que desejava. Mas eu, o verdadeiro assassino, sentia sempre vivo em meu peito o verme que não permitia qualquer esperança ou consolo. Elizabeth também chorava e estava muito infeliz; mas era a tristeza da inocência que, como uma nuvem passageira, pode encobrir a claridade da lua por algum tempo, mas não pode empanar seu brilho. A angústia e o desespero haviam penetrado no fundo de meu coração; sofria um inferno dentro de mim que nada poderia extinguir. Ficamos várias horas com Justine e foi a duras penas que Elizabeth conseguiu se afastar. “Quisera eu”, exclamou ela, “pudesse morrer com você; eu não posso viver neste mundo de misérias.”

Justine assumiu um ar de alegria, enquanto reprimia as lágrimas amargas com dificuldade. Abraçou Elizabeth e disse, numa voz meio embargada pela emoção: “Adeus, doce senhora, querida Elizabeth, minha única e estimada amiga; que Deus, em sua generosidade, a abençoe e a proteja; que este seja o último infortúnio que sofreu. Viva e seja feliz, e faça os outros felizes.”

Ao voltarmos, Elizabeth disse: “Você não sabe, meu querido Victor, o quanto estou aliviada, agora que confio na inocência desta menina infeliz. Nunca mais saberia o que é ter paz, se tivesse me enganado na confiança que depusitei nela, pois no momento em que a vi culpada, senti uma angústia que não poderia suportar por muito tempo. Agora, meu coração está aliviado. A inocente sofre, mas quem eu considerava amável e boa, não traiu minha confiança e isso para mim é um consolo.”

Amável prima! Tais eram os seus pensamentos, suaves e gentis como seus olhos e sua voz que me eram tão caros. Mas eu... eu era um desgraçado, e ninguém jamais concebeu o sofrimento que supusitei então.

FIM DO VOLUME i

VOLUME ii

CAPÍTULO I

Nada é mais doloroso para a mente humana, depois que sentimentos são perturbados por uma rápida sucessão de eventos, que a perfeita calma da inação e a certeza que se segue e que priva a alma tanto da esperança quanto do medo. Justine morreu; descansou; e eu estava vivo. O sangue fluía livremente em minhas veias, mas sentia o coração oprimido por um peso de desespero e remorso que nada poderia remover. O sono abandonara meus olhos; vagava qual um espírito do mal, pois cometera ações danosas, horríveis além de qualquer descrição, e mais, muito mais (estava convencido) ainda viria. Mesmo assim, meu coração transbordava de bondade e de amor pela virtude. Tinha começado a vida com boas intenções e ansiava pelo momento em que pudesse pô-las em prática e tornar-me útil para meus semelhantes. Agora, tudo estava arruinado. Em vez daquela serenidade de consciência, que me permitiria olhar para o passado com íntima satisfação, e dali reunir promessas de novas esperanças, fora tomado pelo remorso e sentimento de culpa que me arrastavam para um inferno de intensas torturas que nada poderia descrever.

Esse estado de espírito consumiu minha saúde, que tinha se recuperado completamente do primeiro choque que sofrera. Eu evitava olhar para os homens. Toda aparência de alegria ou complacência era uma tortura para mim. A solidão era meu único consolo – solidão profunda, sombria, igual à morte.

Meu pai observava com aflição a mudança perceptível em minha disposição e hábitos e esforçava-se para argumentar comigo sobre a loucura de dar vazão a uma dor sem limites. “Crê, Victor”, disse ele, “que também não sofro? Ninguém poderia amar uma criança mais do que eu amava seu irmão.” As lágrimas lhe vieram aos olhos enquanto falava. “Mas não é dever daqueles que sobrevivem evitar aumentar a própria infelicidade demonstrando uma dor excessiva? É também um dever seu, pois a tristeza excessiva impede a melhora ou a alegria, ou mesmo a descarga dos proveitos diários, sem o que nenhum homem é apto para viver em sociedade.”

Esse conselho, embora bom, era totalmente inaplicável ao meu caso; teria sido o primeiro a ocultar meu sofrimento e a consolar meus amigos, se

a amargura do remorso não se mesclasse aos meus outros sentimentos. Agora, só restava responder a meu pai com um olhar de desespero e tentar esconder-me de sua vista.

Nesta época, retiramo-nos para nossa casa em Belrive. Essa mudança me foi particularmente agradável. O fechamento regular dos portões da cidade às dez horas e a impossibilidade de permanecer no lago após aquela hora havia tornado nossa residência dentro dos muros de Genebra muito aborrecida para mim. Agora estava livre. Muitas vezes, depois que o resto da família se recolhia para dormir, pegava o barco e passava muitas horas na água. Às vezes, com as velas levantadas, deixava-me levar pelo vento; outras vezes, depois de remar no meio do lago, deixava o barco seguir seu próprio rumo e dava livre curso às minhas infelizes reflexões. Com frequência era tentado – quando tudo estava em paz ao meu redor e eu era a única coisa inquieta a vagar impaciente num cenário tão belo e divino, com exceção de algum morcego ou rãs, cujo coaxar duro e ininterrupto só era ouvido ao me aproximar da margem – com frequência, repito, eu era tentado a mergulhar no lago silencioso, para que as águas pudessem se fechar sobre mim e as minhas desgraças para sempre. Mas me continha quando pensava na heroica e sofredora Elizabeth, a quem eu amava ternamente, e cuja existência estava ligada à minha. Também pensava em meu pai e no meu outro irmão. Poderia eu, com minha vil deserção, deixá-los desprotegidos e expostos à maldade do demônio que havia soltado entre eles?

Nesses momentos, eu chorava amargamente e desejava que a paz voltasse à minha mente só para que pudesse dar-lhes consolo e felicidade. Mas isso não era possível. O remorso extinguiu toda a esperança. Eu tinha sido o autor de males irreparáveis, e vivia no medo diário de que o monstro que eu criara perpetrasse alguma nova maldade. Tinha uma obscura sensação de que aquilo ainda não havia terminado e de que ele ainda cometeria algum crime extraordinário que, por sua enormidade, quase apagaria a lembrança do passado. Sempre haveria lugar para o medo, enquanto alguém que eu amasse estivesse envolvido. Não dá para conceber a minha repulsa por aquele demônio. Ao pensar nele, meus dentes rangiam, meus olhos se inflamavam e eu desejava ardentemente extinguir aquela vida que eu criara de modo tão irrefletido. Ao pensar em seus crimes e em sua maldade, meu ódio e desejo de vingança não tinham limites. Teria feito uma

peregrinação ao cume mais alto dos Andes, se, estando lá, pudesse atirá-lo até a base. Desejava vê-lo de novo para que pudesse descarregar sobre sua cabeça toda a extrema raiva que sentia, e vingar as mortes de William e Justine.

Nossa casa era a casa do luto. A saúde de meu pai fora profundamente abalada pelo horror dos acontecimentos recentes. Elizabeth estava triste e desanimada, e já não sentia prazer algum com suas ocupações habituais; qualquer prazer parecia-lhe um sacrilégio para com os mortos. Pensava então que só com dor e lágrimas eternas poderia pagar o justo tributo à inocência assim destruída. Não era mais aquela criatura feliz que na adolescência vagava comigo pelas margens do lago, e falava com êxtase sobre nossos projetos futuros. Tornara-se séria, e com frequência falava da inconstância da sorte e da precariedade da vida humana.

“Quando penso, querido primo”, disse ela, “na morte miserável de Justine Moritz, já não posso ver o mundo da mesma forma que antes. Antes, considerava os relatos de crime e injustiça, que lia nos livros ou ouvia dos outros, como coisas de tempos passados ou males imaginários; ou pelo menos eram remotos e mais familiares à razão do que à imaginação. Agora, porém, que a infelicidade bateu à nossa porta, vejo os homens como monstros sedentos do sangue uns dos outros. Embora eu certamente seja injusta. Todos acreditavam que a pobre menina era culpada, e se ela pudesse ter cometido o crime pelo qual pagou, seguramente teria sido a mais desnaturada das criaturas humanas. Assassinar, por causa de algumas joias, o filho de seu benfeitor e amigo, uma criança de quem cuidara desde o nascimento e a quem parecia amar como se fosse seu próprio filho! Não posso admitir a morte de qualquer ser humano, mas sem dúvida eu teria considerado tal criatura indigna de continuar no convívio dos homens. Mas ela era inocente. Eu sei, eu sinto que ela era inocente; você é da mesma opinião, e isso confirma a minha. Ai de mim! Quando a mentira pode se parecer tanto com a verdade, Victor, quem pode assegurar para si alguma felicidade? Sinto-me como se estivesse caminhando à beira de um precipício, para onde se dirigem milhares de pessoas dispostas a me atirar no abismo. William e Justine foram assassinados, e o assassino escapa, anda pelo mundo, livre e talvez até respeitado. Mas mesmo se fosse eu a condenada a sofrer no cadafalso por esses mesmos crimes, não trocaria de lugar com um desgraçado dessa espécie.”

Ouvia essas palavras com extrema agonia. Não pelo ato, mas pelo efeito, eu era o verdadeiro assassino. Elizabeth leu a angústia em meu semblante e, tomando gentilmente a minha mão, disse: “Meu querido primo, precisa se acalmar. Esses acontecimentos me afetaram muitíssimo, só Deus sabe quanto, mas não estou tão infeliz quanto você. Há uma expressão de desespero e às vezes de vingança em seu rosto que me faz tremer. Fique tranquilo, meu querido Victor, sacrificaria minha vida pela sua paz de espírito. Nós certamente seremos felizes, aqui em nosso país natal, e não misturados ao mundo. O que poderia perturbar nossa tranquilidade?”

Ela chorara ao dizer isso, desafiando o próprio consolo que acabara de oferecer, mas ao mesmo tempo ela sorria, como se pudesse espantar o demônio que espreitava em meu coração. Meu pai, que via na infelicidade estampada em meu rosto apenas um exagero daquela tristeza que eu deveria naturalmente sentir, pensou que uma diversão que fosse do meu gosto seria a melhor maneira de restaurar minha serenidade habitual. Fora por esse motivo que ele se retirara para o campo e, levado pelo mesmo motivo, propôs então que todos nós fizéssemos uma excursão ao vale de Chamonix. Eu já havia estado lá, mas Elizabeth e Ernest nunca tinham ido, e ambos expressaram um firme desejo de ver a paisagem desse lugar, que lhes havia sido descrito como sendo tão maravilhoso e sublime. Portanto, nós partimos de Genebra para essa aventura em meados do mês de agosto, quase dois meses após a morte de Justine.

O tempo estava excepcionalmente bom, e se a minha tristeza fosse do tipo capaz de ser afastada por qualquer circunstância passageira, esta excursão sem dúvida teria tido o efeito pretendido por meu pai. No momento, eu tinha certo interesse na paisagem, que às vezes me acalmava, embora não pudesse extinguir minha dor. Viajamos de carruagem durante o primeiro dia. Pela manhã, vimos as montanhas à distância, e gradualmente avançamos em sua direção. Percebemos que o vale em que penetrávamos, formado pelo rio Arve, cujo curso seguíamos, fechava-se aos poucos sobre nós. E quando o sol se pôs, vimos imensas montanhas e precipícios projetando-se por todos os lados, e ouvimos o som dos rios rolando por entre as pedras e o forte rumor das cachoeiras ao redor.

No dia seguinte, prosseguimos nossa viagem em mulas, e conforme subíamos, o vale assumia um caráter ainda mais magnífico e

impressionante. Castelos em ruínas pendurados nos precipícios de montanhas cheias de pinheiros; o impetuoso Arve, e chalés espalhados aqui e ali, espiando por entre as árvores, formavam um cenário de beleza singular, tornada grandiosa e quase sublime pelos imponentes Alpes, cujas pirâmides e domos brancos e brilhantes se elevavam acima de tudo, como pertencentes a outro mundo, morada de outra raça de seres.

Passamos a ponte de Pelissier, onde a ravina formada pelo rio abria-se diante de nós, e começamos a subir a montanha que se elevava sobre ela. Logo depois, entramos no vale de Chamonix. Esse vale é mais maravilhoso e sublime, mas não tão bonito e pitoresco quanto o de Servox, que acabáramos de atravessar. Seus limites imediatos eram as montanhas altas e nevadas, mas não vimos mais castelos em ruínas nem campos férteis. Imensos glaciares se aproximavam da estrada; ouvíamos o ruído estrondoso das avalanches e percebíamos a nuvem branca de sua passagem. O Mont Blanc, o supremo e magnífico Mont Blanc, se elevava acima das aiguilles circundantes, e sua cúpula imponente dominava o vale.

Durante a viagem, às vezes me juntava à Elizabeth e me esforçava para lhe mostrar as várias belezas da paisagem. Com frequência, permitia que minha mula ficasse para trás e me entregava a tristes reflexões. Outras vezes, incitava o animal a ir à frente de meus companheiros, para que pudesse esquecer deles e do mundo e, mais do que tudo, esquecer de mim mesmo. Quando já estava a certa distância, descia e me atirava na grama, oprimido pelo horror e desespero. Chegamos a Chamonix às oito horas da noite. Meu pai e Elizabeth estavam bem cansados; Ernest, que nos acompanhava, estava encantado e bem disposto: a única circunstância que diminuía seu prazer era o vento sul e a chuva que parecia prometida para o dia seguinte.

Nós nos recolhemos cedo aos nossos apartamentos, mas não para dormir: não eu, pelo menos. Fiquei muitas horas à janela, contemplando os pálidos relâmpagos que brincavam sobre o Mont Blanc e escutando a correnteza do Arve, que corria abaixo de minha janela.

CAPÍTULO II

No dia seguinte, ao contrário das previsões de nossos guias, fez tempo bom, embora nublado. Visitamos a nascente do Arveiron, e passeamos pelo vale até o anoitecer. Esses cenários sublimes e magníficos proporcionavam-me o maior consolo que eu era capaz de receber. Elevavam-me de qualquer sentimento mesquinho e, embora não afastassem minha dor, de algum modo a dominavam e a tranquilizavam. Até certo ponto, também desviavam minha mente dos pensamentos que a ocuparam durante o último mês. Retornei à noite, cansado, mas menos infeliz, e conversei com minha família com mais alegria do que vinha sendo o meu costume nos últimos tempos. Meu pai ficou contente, e Elizabeth radiante. “Meu querido primo”, disse ela, “veja quanta felicidade você espalha quando está contente; não vá ter uma recaída de novo!”

Na manhã seguinte, caía uma chuva torrencial, e uma neblina espessa escondia os cumes das montanhas. Levantei-me cedo, mas me sentia estranhamente melancólico. A chuva me deprimia, meus antigos sentimentos retornaram, e fiquei triste. Eu sabia o quanto meu pai ficaria desapontado com esta súbita mudança, e procurei evitá-lo até que tivesse me recuperado o suficiente para esconder os sentimentos que me dominavam. Sabia que eles permaneceriam na hospedaria naquele dia, e como eu já tinha me acostumado à chuva, à umidade e ao frio, decidi ir sozinho até o cume do Montanvert. Lembrava-me do efeito que a vista do imponente glaciar, sempre em movimento, produzira em minha mente quando o vi pela primeira vez. Eu fora tomado então por um êxtase sublime, que dava asas à alma e permitia que ela levantasse voo desse mundo sombrio em direção à luz e à alegria. A visão do terrível e do majestoso na natureza, de fato, sempre tivera o efeito de elevar minha mente e fazer-me esquecer das preocupações passageiras da vida. Resolvi ir sozinho, pois conhecia bem o caminho, e a presença de outra pessoa destruiria a grandiosidade solitária do cenário.

A subida é íngreme, mas o caminho é cortado em curvas sinuosas, curtas e contínuas, que permitem que se vença a perpendicularidade da montanha. É um cenário terrivelmente desolado. Os vestígios da avalanche do inverno podiam ser percebidos em mil lugares, onde árvores jaziam

partidas e espalhadas pelo chão; algumas totalmente destruídas, outras inclinadas, apoiadas nas pedras salientes da montanha ou atravessadas sobre outras árvores. O caminho, à medida que se sobe, é cortado por ravinas de neve, por onde rolam continuamente pedras vindas de cima; uma delas é especialmente perigosa, pois o mais leve som, como o de se falar em voz alta, produz um choque de ar suficiente para atrair a destruição sobre a cabeça de quem fala. Os pinheiros não são altos ou exuberantes, mas sombrios, acrescentando um ar de severidade à paisagem. Olhava para o vale abaixo; vastas extensões de neblina subiam dos rios que o atravessam, enrolando-se em grossas espirais em torno das montanhas em frente, cujos cumes estavam escondidos por nuvens uniformes, enquanto a chuva caía do céu escuro e se somava à impressão de melancolia que eu recebia dos objetos que me rodeavam. Ai! Por que os homens ostentam uma sensibilidade superior à dos animais? Isso só os torna mais necessitados. Se nossos impulsos se resumissem à fome, sede e desejo, seríamos quase livres; mas somos agora movidos por cada vento que sopra e por uma palavra casual ou uma imagem que aquela palavra possa transmitir.

Repousamos; um sonho tem o poder de envenenar o sono.

Acordamos; um pensamento errante contamina o dia.

Sentimos, imaginamos ou raciocinamos; rimos ou choramos,

Abraçamos com carinho a aflição, ou descartamos nossas preocupações;

Mas vem a dar no mesmo: pois seja alegria ou tristeza,

O caminho da partida ainda está livre.

O ontem do homem talvez nunca seja como o seu amanhã;

Nada é permanente, a não ser a inconstância!^[1]

Era quase meio-dia quando atingi o cume da escalada. Sentei-me por algum tempo na rocha que domina o mar de gelo. Uma névoa encobria tanto aquela quanto as montanhas circundantes. Naquele momento, uma brisa dissipou a névoa e desci para o glaciar. A superfície é muito desigual, se elevando e baixando como ondas dum mar encapelado e entremeada de fendas muito profundas. O campo de gelo tem quase uma légua de largura, mas levei quase duas horas para cruzá-lo. A montanha oposta é uma rocha perpendicular e nua. De onde estava, Montanvert ficava exatamente no

oposto, à distância duma légua; e acima dele elevava-se o Mont Blanc, em terrível majestade. Permaneci num recesso da rocha, contemplando essa cena maravilhosa e estupenda. O mar, ou melhor, o vasto rio de gelo, serpenteava entre as montanhas interligadas, cujos cumes aéreos pairavam sobre seus recessos. Seus picos gelados e brilhantes cintilavam ao sol sobre as nuvens. Meu coração, antes triste, enchia-se agora de algo semelhante à alegria; exclamei: “Ó espíritos errantes, se de fato vagais sem descanso em vossos estreitos leitos, concedei-me esta breve felicidade ou levai-me, como vossa companhia, para longe das alegrias da vida.”

Ao dizer isso, vi de repente, a certa distância, a figura de um homem avançando para mim numa velocidade sobre-humana. Ele saltava por sobre as fendas do gelo, entre as quais eu caminhara com todo o cuidado; conforme se aproximava, sua estatura também parecia exceder a de um homem. Fiquei perturbado, uma névoa desceu sobre meus olhos, e senti uma fraqueza tomar conta de mim; mas logo me recobrei, com o vento gelado das montanhas. Percebi, conforme a figura se aproximava (visão horrenda e odiosa!), que era o infeliz que eu havia criado. Eu tremia de raiva e horror, decidido a esperar sua aproximação para lançar-me sobre ele numa luta mortal. Ele se aproximou; seu semblante expressava uma angústia amarga, misturada ao desdém e à maldade, enquanto sua feiúra sobrenatural o tornava quase horrível demais para os olhos humanos. Mas eu mal percebia tudo isso; a raiva e o ódio tinham, a princípio, me privado da fala, e quando me recobrei foi apenas para enchê-lo de palavras furiosas de abominação e desprezo.

“Demônio!” exclamei, “como ousas aproximar-te de mim? Será que não temes a feroz vingança de meu braço sobre tua miserável cabeça? Fora, inseto vil! Ou melhor, fica, para que eu possa reduzir-te a pó! Ah, que eu possa, com a extinção da tua infeliz existência, reabilitar as vítimas a quem assassinaste de modo tão diabólico!”

“Já esperava esta recepção”, disse o demônio. “Todos os homens odeiam o desgraçado: como devo ser odiado, então, eu que sou a mais infeliz de todas as coisas vivas! Até tu, meu criador, me detestas e me rejeitas, eu que sou tua própria criatura, a quem estás ligado por laços só dissolúveis pelo aniquilamento de um de nós. Pretendes me matar. Como ousas zombar assim da vida? Cumpre teu dever para comigo e cumprirei o meu para contigo e o resto da humanidade. Se aceitares minhas condições,

deixarei a eles e a ti em paz; mas, se recusares, saturarei de morte os meus sentidos, até que esteja saciado com o sangue do resto dos teus amigos.”

“Monstro odioso! Demônio que és! As torturas do inferno são um castigo muito brando para teus crimes. Pobre diabo! Reprova-me com tua criação; vem, então, para que eu possa extinguir a centelha que tão negligentemente conferi.”

Minha raiva não tinha limites; saltei sobre ele, impelido por todos os sentimentos que podem armar uma criatura contra a existência de outra.

Ele me evitou facilmente, e disse,

“Acalma-te! Peço que me ouças, antes que dês vazão ao teu ódio sobre a minha devotada cabeça. Já não sofri o bastante, para que procures aumentar ainda mais a minha infelicidade? A vida, embora seja só uma sucessão de angústias, me é muito cara, e eu a defenderei^[2]. Lembra-te, fizeste-me mais poderoso do que tu; minha altura é superior à tua; minhas juntas, mais elásticas. Mas não serei tentado a me colocar contra ti. Sou a tua criação, e serei sempre suave e dócil diante de meu amo e senhor natural, se também executares tua parte, aquela que me deves. Ó, Frankenstein, não sejas justo com todos os outros enquanto maltratas apenas a mim, que mais do que ninguém devo merecer a tua justiça, e até mesmo a tua clemência e afeto. Lembra-te que sou tua criatura: eu deveria ser o teu Adão, mas sou antes o anjo caído, de quem tiraste a alegria por crime nenhum. Por toda parte vejo a felicidade, da qual só eu estou irremediavelmente excluído. Eu era generoso e bom; a desgraça fez de mim um demônio. Faze-me feliz, e serei outra vez virtuoso.”

“Fora daqui! Não te ouvirei. Não pode haver qualquer comunhão entre nós; somos inimigos. Vai-te, ou vamos medir nossas forças numa luta, em que um de nós deverá morrer.”

“Como posso comover-te? Será que mil súplicas não te farão lançar um olhar benevolente sobre a tua criatura, que implora a tua bondade e compaixão? Acredita-me, Frankenstein, eu era bom; minha alma estava repleta de amor e humanidade; mas não estou só, miseravelmente só? Tu, meu criador, me detestas; o que posso, então, esperar dos teus semelhantes, que nada me devem? Eles me desprezam e me odeiam. As montanhas desertas e as geleiras sombrias são o meu refúgio. Tenho vagado por aqui há

muitos dias; as cavernas de gelo, que só eu não temo, são a minha moradia, a única que o homem não inveja. Eu saúdo estes céus desolados, pois são mais gentis comigo que os teus semelhantes. Se a maioria da humanidade soubesse da minha existência, faria o mesmo que tu, se armaria para me destruir. Não devo, pois, odiar aqueles que me detestam? Não terei piedade dos meus inimigos. Eu sou um infeliz, e eles deverão compartilhar da minha desgraça. No entanto, está em tuas mãos recompensar-me, e libertá-los de um mal que poderás tornar tão grande que não somente tu e a tua família, mas milhares de outros, serão engolidos pelo furacão de sua ira. Deixe que fale a tua compaixão, e não me desprezes. Escuta a minha história; e depois de ouvi-la, abandona-me ou tem pena de mim, conforme julgares que eu mereço. Mas escuta-me. Os culpados, por mais sanguinários que sejam, têm o direito, pelas leis humanas, de falar em sua defesa antes de serem condenados. Escuta-me, Frankenstein. Tu me acusas de assassinato e, no entanto, tu, com a consciência tranquila, destruirias a tua própria criatura. Ó, salve a eterna justiça dos homens! Não te peço, contudo, que me poupes; escuta-me e, depois, se puderes, e se quiseses, destrói a obra de tuas mãos.”

“Por que me trazes à lembrança circunstâncias que eu estremeço ao recordar”, disse eu, “e das quais sou a infeliz origem e o autor? Maldito seja o dia, demônio odioso, em que viste a luz pela primeira vez! Malditas (embora eu amaldiçoe a mim mesmo) sejam as mãos que te criaram! Tu me tornaste desgraçado além do que se possa expressar. Não me deixaste o poder de julgar se sou justo contigo ou não. Vai-te! Livra-me da visão de tua detestável figura.”

“Assim eu te livro, meu criador”, disse ele, e colocou suas mãos odiosas sobre meus olhos, as quais afastei com violência; “assim te protejo de uma visão que abominas. No entanto, podes ouvir-me, e conceder-me tua compaixão. Pelas virtudes que uma vez possuí, exijo isso de ti. Escuta minha história; é longa e estranha, e a temperatura deste lugar não é adequada aos teus sentidos delicados; vamos para a cabana no alto da montanha. O sol ainda está alto no céu; antes que ele desça para se ocultar atrás dos penhascos nevados e iluminar um outro mundo, tu terás ouvido a minha história e poderás decidir. Só depende de ti eu deixar para sempre a vizinhança dos homens e levar uma vida inofensiva, ou me tornar o flagelo de teus semelhantes e autor de tua própria e rápida ruína.”

Ao dizer isso, avançou pelo gelo. Eu o segui. Meu coração batia forte, e não respondi; mas, enquanto prosseguia, pesei os vários argumentos que ele havia usado, e resolvi pelo menos escutar sua história. Eu era movido em parte pela curiosidade, e a compaixão confirmou minha resolução. Até então, eu supunha que ele era o assassino de meu irmão, e procurava ansioso uma confirmação ou negação dessa suposição. Pela primeira vez, também, sentia quais eram os deveres de um criador para com sua criatura, e que deveria fazê-la feliz antes de reclamar de sua maldade. Esses motivos me levaram a concordar com seu pedido. Portanto, atravessamos o gelo e subimos a rocha em frente. O ar estava frio, e a chuva começou a cair de novo. Entramos na cabana, o demônio com um ar exultante, eu com o coração pesado e o espírito deprimido. Mas eu concordara em ouvir. Sentando-me junto ao fogo que meu odioso companheiro tinha acendido, ele começou assim a sua história.

[1] As duas últimas estrofes do poema “Inconstância”, de Percy Shelley, escrito em 1816. Estas exprimem a ideia que Mary apresentou algumas linhas antes que nós não somos verdadeira e completamente livres. Dormimos e temos sonhos que não somos capazes de controlar. Somos sujeitos a forças autônomas e incontroláveis, sejam elas internas ou externas. Em um uso irônico da palavra “livre”, Shelley afirma que o caminho da partida, da tristeza ou da alegria “ainda é livre”, no sentido de que nada pode controlá-lo. O poema termina com um sentimento próximo ao do Eclesiastes: “mutandis mutandi”: apenas a constância é mutável.

[2] Shelley até este momento manteve o monstro afastado do leitor, pretendendo com isso que tivéssemos apenas a visão preconceituosa do seu criador, contudo, ao nos apresentar, descobrimos que ele é indistinguível de nós, possuindo sentimentos e um discurso nobre e cheio de dignidade que transcende a culpa e o ressentimento, o que de certa forma transforma seu criador em um ser inferior.

CAPÍTULO III

“É com muita dificuldade que me lembro dos primórdios da minha existência: todos os eventos daquele período me parecem confusos e indistintos. Uma estranha multiplicidade de sensações tomou conta de mim, e eu via, sentia, ouvia e cheirava ao mesmo tempo; de fato, passou-se muito tempo antes que eu aprendesse a distinguir entre o funcionamento dos meus vários sentidos. Aos poucos, lembro-me, uma luz mais forte pressionou meus nervos de tal forma que fui obrigado a fechar os olhos. Então a escuridão me envolveu e fiquei perturbado; mas mal acabara de sentir isso quando, abrindo os olhos, como agora suponho que fiz, a luz voltou a cair sobre mim. Andei e, creio, descí, mas então senti uma grande mudança em minhas sensações. Antes, estivera rodeado de corpos escuros e opacos, impermeáveis ao meu toque ou à minha visão; agora, porém, descobria que podia vagar em liberdade, sem obstáculos que eu não pudesse transpor ou evitar. A luz tornava-se cada vez mais opressiva e, como me sentia fatigado com o calor à medida que andava, procurei um lugar onde pudesse ficar à sombra. Este lugar era a floresta perto de Ingolstadt. Ali, deitei-me ao lado de um regato, descansando da minha fadiga, até que fui atormentado pela fome e pela sede. Isso me despertou do meu estado de quase torpor e comi algumas frutinhas que achei penduradas nas árvores ou caídas no chão. Matei minha sede no regato e, depois, deitando-me, fui vencido pelo sono.

“Já estava escuro quando acordei; também sentia frio e tinha certa sensação instintiva de medo por me encontrar tão sozinho. Antes de deixar seu apartamento, sentindo frio, cobrira-me com algumas roupas, mas estas eram insuficientes para me proteger do orvalho da noite. Eu era um pobre desgraçado, desamparado e infeliz. Não conhecia e não podia distinguir nada, mas, sentindo a dor me invadir por todos os lados, sentei-me e chorei.

“Logo uma luz suave filtrou-se do céu, e me deu uma sensação de prazer. Endireitei o corpo e contemplei uma forma radiante que se elevava por entre as árvores. Olhei-a com uma espécie de assombro. Movia-se lentamente, mas iluminava meu caminho, e saí novamente à cata de frutos. Eu ainda sentia frio quando, debaixo de uma das árvores, achei um enorme capote, com o qual me cobri, sentando-me no chão. Nenhuma ideia distinta ocupava minha mente, tudo estava confuso. Eu sentia a luz, a escuridão, a

fome e a sede; diversos sons soavam em meus ouvidos, e por todos os lados vários odores me saudavam. O único objeto que eu podia distinguir era a lua brilhante, e fixei meus olhos nela com prazer.

“Várias passagens de dia e noite se sucederam e o disco da noite já se reduzira muito quando comecei a distinguir minhas sensações umas das outras. Pouco a pouco, vi claramente o córrego límpido que me supria de água e as árvores que me proporcionavam sombra com sua folhagem. Fiquei encantado ao descobrir que um som agradável, que muitas vezes saudava os meus ouvidos, provinha das gargantas de pequenos animais alados que com frequência interceptavam a luz aos meus olhos. Comecei também a observar com maior precisão as formas que me rodeavam e a perceber os limites da cúpula brilhante de luz que me cobria. Às vezes, tentava, sem conseguir, imitar os sons agradáveis dos pássaros. Outras vezes, queria expressar minhas sensações do meu próprio modo, mas os sons rudes e inarticulados que saíam do meu peito me amedrontavam, e me levavam de novo ao silêncio.

“A lua desaparecera da noite, e se mostrava de novo, com uma forma mais estreita, enquanto eu ainda permanecia na floresta. Meus sentidos, a esta altura, já haviam se tornado distintos, e minha mente recebia todo dia novas ideias. Meus olhos se acostumaram à luz e a perceber os objetos em suas formas corretas; passei a distinguir o inseto da grama e, aos poucos, um tipo de grama do outro. Descobri que o pardal não emitia senão notas grosseiras, enquanto as do melro e do tordo eram doces e atrativas.

“Um dia, oprimido pelo frio, achei uma fogueira que havia sido deixada por alguns vagabundos e fui dominado pelo prazer que experimentei com o seu calor. Na minha alegria, enfiei a mão nas brasas incandescentes, mas retirei-a depressa com um grito de dor. Que estranho, pensei, que a mesma causa possa produzir efeitos tão opostos! Examinei o material da fogueira e, para minha alegria, descobri que era composta de madeira. Depressa, recolhi alguns galhos, mas estavam molhados e não queimaram. Fiquei aflito com isso e sentei-me, ainda observando o funcionamento do fogo. A madeira molhada que eu havia colocado perto do calor, secou e pegou fogo por sua vez. Refleti sobre aquilo; então, tocando os vários galhos, descobri a causa, e me apressei a juntar uma grande quantidade de madeira, para que eu pudesse secá-la e ter uma boa provisão de fogo. Quando a noite chegou, trazendo consigo o sono, fiquei com muito medo de que o fogo se

extinguísse. Cobri-o cuidadosamente com madeira seca e folhas, e coloquei vários galhos molhados por cima; depois, estendendo meu capote, deitei-me sobre ele no chão e mergulhei no sono.

“Já era de manhã, quando acordei, e meu primeiro cuidado foi ver a fogueira. Tirei os galhos, descobrindo-a, e uma leve brisa que soprava rapidamente avivou as chamas. Observei isso também, e fiz um abanador com alguns galhos, que atiçava as brasas quando estavam quase extintas. Quando chegou a noite de novo, descobri com prazer que o fogo proporcionava tanto luz quanto calor; e que a descoberta desse elemento seria muito útil para a minha comida, pois vi que alguns restos que os viajantes tinham deixado haviam sido assados, e tinham um gosto muito mais saboroso do que os frutos que eu colhia das árvores. Tentei, então, preparar minha comida da mesma maneira, colocando-a sobre as brasas incandescentes. Vi que os frutos se estragavam com essa operação, e que as nozes e raízes melhoravam muito.

“A comida, porém, ficou escassa, e eu muitas vezes passava o dia todo procurando em vão algumas bolotas para suavizar as pontadas da fome. Quando descobri isso, decidi deixar o lugar em que morara até então, e procurar outro onde as poucas necessidades que eu tinha pudessem ser satisfeitas com mais facilidade. Durante esta migração, lamentei extremamente a perda do fogo que eu conseguira por acaso, e não sabia como reproduzir. Dediquei várias horas a refletir sobre essa dificuldade, mas fui obrigado a renunciar a qualquer tentativa de estocá-lo. Então, envolvendo-me em meu capote, avancei pela floresta em direção ao sol poente. Passei três dias nessa perambulação, até que afinal descobri o campo aberto. Na noite anterior caíra uma forte nevasca, e os campos estavam cobertos de branco. A paisagem era desoladora, e senti meus pés congelados pela substância úmida e fria que cobria o chão.

“Eram cerca de sete horas da manhã e ansiava por conseguir comida e abrigo. Por fim, vi uma pequena cabana numa parte elevada do terreno, sem dúvida construída para a comodidade de algum pastor. Aquela era uma visão nova para mim e examinei a estrutura com grande curiosidade. Encontrando a porta aberta, entrei. Um velho estava sentado perto de um fogo, onde preparava o seu café da manhã. Ele virou-se ao ouvir um barulho e, notando minha presença, gritou bem alto, deixou a cabana e correu pelo campo com uma velocidade de que o seu corpo fraco não

parecia capaz. Sua aparência, diferente de tudo que eu já havia visto e sua fuga surpreenderam-me um pouco. Mas eu fiquei encantado com a aparência da cabana; lá, a neve e a chuva não podiam penetrar; o chão estava seco; e me pareceu um abrigo tão primoroso e divino como Pandemônio pareceu aos demônios do inferno depois do que haviam sofrido no lago de fogo^[1]. Devorei sofregamente as sobras do café da manhã do pastor, que consistiam de pão, queijo, leite e vinho; deste último, porém, eu não gostei. Depois, vencido pela fadiga, deitei-me sobre algumas palhas e dormi.

“Era meio-dia quando acordei e, seduzido pelo calor do sol, que brilhava intensamente sobre o chão coberto de branco, decidi recomeçar a minha jornada. Colocando os restos do café da manhã do pastor numa sacola que encontrei, prossegui através dos campos durante várias horas, até que, ao pôr do sol, cheguei a uma aldeia. Como aquilo me pareceu milagroso! As cabanas, os chalés mais bem cuidados e as casas imponentes iam despertando minha admiração cada uma por sua vez. Os legumes nos jardins, o leite e o queijo que via dispostos nas janelas de algumas das casas despertaram meu apetite. Entrei numa das cabanas melhores, mas mal pusera meu pé para dentro da porta quando as crianças gritaram e uma das mulheres desmaiou. A aldeia inteira se levantou; alguns fugiam, outros me atacavam, até que, gravemente ferido pelas pedras e vários outros tipos de objetos usados como armas, fugi para o campo aberto. Amedrontado, refugiei-me numa choupana baixa, totalmente vazia, e com um aspecto bem miserável depois dos palácios que tinha visto na aldeia. Esta, porém, ligava-se a um chalé de aspecto agradável e bem cuidado; mas, depois da minha experiência recente, não ousei entrar. Meu refúgio era construído de madeira, mas tão baixo que eu mal podia ficar de pé dentro dele. No chão, no entanto, não havia madeira, mas estava seco; e, embora o vento penetrasse por inúmeras frestas, achei que era um abrigo agradável contra a chuva e a neve.

“Ali, então, me recolhi, e deitei-me, feliz por ter encontrado um abrigo, embora miserável, contra a inclemência do tempo e mais ainda contra a brutalidade do homem.

“Assim que amanheceu, esgueirei-me da minha morada miserável para observar o chalé ao lado e descobrir se eu podia permanecer na habitação que encontrara. A choupana estava situada nos fundos do chalé e era

rodeada, nos lados expostos, por um chiqueiro e uma poça de águas límpidas. Uma parte era aberta, e foi por ela que entrei. Agora, porém, cobrira com paus e pedras todas as fendas, pelas quais eu poderia ser percebido, mas de um modo que pudesse retirar quando quisesse sair; toda a luz que eu desfrutava vinha do chiqueiro, e isso me era suficiente.

“Tendo arrumado assim minha morada e a atapetado com palha limpa, recolhi-me, pois vira à distância a figura de um homem, e eu me lembrava muito bem do tratamento que recebera na noite anterior para me colocar sob seu poder. Antes, porém, tinha providenciado minha alimentação para aquele dia, com um pão grosseiro que eu roubara, e uma xícara com a qual eu pudesse beber, de modo mais conveniente do que usando as mãos, da água pura que corria ao lado do meu refúgio. O chão era um pouco elevado, de modo que se mantinha bem seco e, por ser vizinho à chaminé do chalé, era toleravelmente aquecido.

“Assim provido, resolvi morar nessa choupana, até que acontecesse algo que pudesse alterar minha decisão. Ela era realmente um paraíso se comparada à floresta desolada, minha residência anterior, com os galhos pingando água da chuva e a terra úmida. Comi meu desjejum com prazer e estava a ponto de remover uma tábua para pegar um pouco de água, quando ouvi passos; olhando através de uma pequena fresta, vi uma criatura jovem, com um balde na cabeça, passando diante da minha choupana. A menina era jovem e de aspecto gentil, diferente dos fazendeiros e trabalhadores rurais que vira até então. Mesmo assim, vestia-se pobremente, uma saia azul grosseira e um casaco de linho eram sua única vestimenta; o cabelo claro fora trançado, mas não tinha enfeites; ela parecia paciente, embora triste. Perdi-a de vista e, cerca de um quarto de hora depois, voltou carregando o balde, agora quase cheio de leite. Enquanto caminhava, parecendo incomodada pelo peso de seu fardo, foi ao seu encontro um homem jovem, cujo semblante expressava o mais profundo desânimo. Proferindo alguns sons com ar melancólico, pegou o balde da cabeça da moça e carregou-o ele mesmo até o chalé. Ela o seguiu e eles desapareceram. Então vi o jovem de novo, atravessar o campo atrás da casa com algumas ferramentas na mão. A moça também estava sempre ocupada, ora dentro de casa, ora no pátio.

“Examinando minha habitação, descobri que uma das janelas do chalé havia ocupado, antigamente, uma parte dela, mas as vidraças tinham sido cobertas por tábuas. Numa destas havia uma fresta pequena e quase

imperceptível, onde mal dava para encostar o olho. Através dessa fenda podia se ver uma sala pequena, caiada e limpa, mas muito vazia de móveis. Em um dos cantos, junto a uma lareira pequena, estava sentado um velho, com a cabeça apoiada nas mãos numa atitude desconsolada. A moça estava ocupada arrumando a casa, mas então tirou de uma gaveta alguma coisa em que suas mãos passaram a se ocupar, e sentou-se ao lado do velho que, pegando um instrumento, começou a tocar, e a produzir sons mais doces que a voz do tordo ou do rouxinol. Era uma cena adorável, até para mim, um pobre desgraçado que nunca antes vira alguma coisa bela. Os cabelos prateados e o semblante bondoso do velho morador do chalé conquistaram o meu respeito, enquanto os modos suaves da moça despertaram o meu amor. Ele tocava uma melodia doce e triste que, eu percebi, arrancava lágrimas dos olhos de sua amável companheira, a quem o velho parecia não notar até que ela passou a soluçar alto; então, ele pronunciou alguns sons, e a linda criatura, deixando seu trabalho de lado, ajoelhou-se a seus pés. Ele a ergueu, e sorriu com tanta bondade e afeto que experimentei sensações de natureza peculiar e avassaladora; era uma mistura de dor e prazer, como eu nunca experimentara antes com a fome ou o frio, o calor ou a comida; e eu me afastei da janela, incapaz de suportar essas emoções.

“Logo depois disso, o jovem voltou, carregando em seus ombros uma carga de lenha. A moça recebeu-o na porta, ajudou-o a livrar-se de seu fardo e, levando um pouco da lenha para o chalé, colocou-a no fogo. Então, ela e o rapaz foram para um canto da casa, e ele lhe mostrou um pão grande e um pedaço de queijo. Ela pareceu satisfeita, e foi até a horta para buscar algumas raízes e plantas, que ela colocou na água e depois sobre o fogo. Ela então continuou o seu trabalho, enquanto o jovem foi para a horta, parecendo diligentemente ocupado em cavar e arrancar raízes. Depois de ele se ocupar nisso por uma hora, a moça juntou-se a ele, e juntos entraram na casa.

“O velho, nesse meio tempo, estava pensativo, mas ao ver surgirem seus companheiros assumiu um ar mais alegre, e eles se sentaram para comer. A refeição logo terminou. A moça voltou a se ocupar com a arrumação da casa, e o velho saiu para caminhar ao sol diante do chalé, por alguns minutos, apoiado ao braço do rapaz. Nada podia exceder em beleza o contraste entre esses dois seres admiráveis. Um era velho, com cabelos prateados e um semblante iluminado pela bondade e pelo amor: o mais

jovem tinha um talhe esbelto e gracioso em sua postura e, embora as suas feições fossem modeladas com a mais fina simetria, seus olhos e suas atitudes expressavam uma extrema tristeza e desânimo. O velho voltou para o chalé, e o rapaz, com ferramentas diferentes das que ele usara pela manhã, dirigiu-se para os campos.

“A noite caiu rapidamente, mas, para meu imenso espanto, descobri que os moradores da casa tinham meios de prolongar a luz pelo uso de velas, e fiquei deliciado ao saber que o pôr do sol não acabaria com o prazer que eu experimentava em observar meus vizinhos humanos. À noite, a moça e seu companheiro empregaram seu tempo em várias ocupações que eu não entendia; e o velho pegou de novo o instrumento que produzira os sons divinos que haviam me encantado pela manhã. Tão logo ele terminou, o jovem começou não a tocar, mas a proferir sons monótonos, que não se assemelhavam de modo algum à harmonia do instrumento do velho ou ao canto dos pássaros. Eu agora penso que ele lia em voz alta, mas naquela ocasião eu nada sabia da ciência das palavras ou das letras.

“A família, depois de se ocupar assim durante algum tempo, apagou as luzes e retirou-se, imagino, para repousar.”

^[1] Referência a “O Paraíso Perdido”, de John Milton (1608-1674), citado diversas vezes nesta obra.

CAPÍTULO IV

“Deitei-me em meu leito de palha, mas não conseguia dormir. Pensava nos acontecimentos do dia. O que mais me espantava eram os modos gentis daquelas pessoas; eu ansiava por juntar-me a elas, mas não ousava. Lembrava-me muito bem do tratamento que recebera, na noite anterior, dos bárbaros aldeões, e resolvi que – qualquer que fosse a conduta que eu achasse certo adotar no futuro – no momento permaneceria quieto em minha choupana, observando e tentando descobrir os motivos que influenciavam suas ações.

“Na manhã seguinte, os moradores do chalé levantaram-se antes do sol nascer. A moça arrumou a casa e preparou a comida; e o rapaz partiu depois da primeira refeição.

“Esse dia se passou na mesma rotina do anterior. O rapaz estava quase sempre ocupado do lado de fora, e a moça em várias atividades dentro da casa. O velho senhor, que eu logo percebi que era cego, ocupava suas horas de lazer com o seu instrumento, ou entregue à contemplação. Nada podia exceder o amor e o respeito que os jovens moradores exibiam para com seu venerável companheiro. Em tudo o que faziam para ele demonstravam afeto e gentileza, e ele os recompensava com bondosos sorrisos.

“Eles não eram inteiramente felizes. O rapaz e sua companheira, muitas vezes, se afastavam e pareciam chorar. Não via motivo para sua infelicidade, mas era profundamente afetado por ela. Se aquelas criaturas tão encantadoras eram infelizes, não era tão estranho que eu, um ser imperfeito e solitário, fosse desgraçado. Contudo, por que seriam infelizes aquelas criaturas gentis? Possuíam uma casa adorável (pois assim parecia aos meus olhos), e todo o luxo; tinham um fogo para aquecê-las quando estava frio, e deliciosas provisões quando sentiam fome; vestiam-se com ótimas roupas e, mais ainda, desfrutavam da companhia e da conversa umas das outras, trocando todos os dias olhares de afeição e bondade. O que significariam as suas lágrimas? Será que de fato expressavam dor? A princípio, fui incapaz de responder essas questões, mas o passar do tempo e uma constante observação explicaram-me muitos aspectos inicialmente enigmáticos.

“Passou-se um tempo considerável antes que eu descobrisse uma das causas da inquietação daquela amável família: era a pobreza, que eles sofriam em alto grau. Sua alimentação consistia inteiramente dos legumes de sua horta e do leite de uma vaca, que dava muito pouco durante o inverno, quando seus donos mal podiam obter comida para sustentá-la. Com frequência, eu acho, eles sofriam as agruras da fome de forma aguda, especialmente os dois mais jovens, pois várias vezes colocavam comida diante do ancião sem que reservassem nada para si mesmos.

“Esse sinal de bondade me sensibilizou. Eu tinha me acostumado a roubar, durante a noite, parte de suas provisões para o meu próprio consumo, mas, quando vi que isso provocava mais aflição nos moradores do chalé, privei-me de fazê-lo, e me satisfazia com frutos, nozes e raízes, que eu colhia num bosque vizinho.

“Descobri também outro meio que me permitia ajudá-los em suas labutas. Vi que o rapaz gastava grande parte do dia juntando lenha para a lareira da família; e assim, durante a noite, muitas vezes eu pegava suas ferramentas, cujo uso eu depressa descobrira, e trazia para casa combustível suficiente para o consumo de vários dias.

“Lembro-me de que, da primeira vez em que fiz isso, a moça, quando abriu a porta de manhã, pareceu muito espantada de ver uma grande pilha de lenha do lado de fora. Disse algumas palavras em voz alta, e o rapaz juntou-se a ela, também demonstrando surpresa. Observei, com prazer, que ele não foi para a floresta naquele dia, mas passou o tempo consertando o chalé e cultivando a horta.

“Aos poucos, fiz uma descoberta ainda mais importante. Notei que aquelas pessoas possuíam um método de comunicar sua experiência e seus sentimentos entre si por meio de sons articulados. Percebi que as palavras que falavam às vezes causavam prazer ou dor, sorrisos ou tristeza, nas mentes e nos semblantes dos que ouviam. Aquela era, de fato, uma ciência divina, e desejei ardentemente familiarizar-me com ela. Mas fui frustrado em toda tentativa que fiz com esse propósito. Sua pronúncia era rápida e, como as palavras que diziam não tinham qualquer ligação aparente com nenhum objeto visível, eu não podia descobrir nenhuma pista com a qual pudesse desvendar o mistério de seu significado. Com grande aplicação, porém, e depois de permanecer em minha choupana pelo espaço de várias

luas, descobri os nomes que eram dados a alguns dos objetos mais familiares de sua conversa. Aprendi e utilizei as palavras fogo, leite, pão e madeira. Aprendi também os nomes dos moradores do chalé. O rapaz e sua companheira tinham vários nomes cada um, mas o ancião só tinha um, que era pai. A moça era chamada de irmã ou Agatha; e o rapaz de Felix, irmão ou filho. Não posso descrever o prazer que senti quando aprendi as ideias próprias a cada um desses sons, e fui capaz de pronunciá-los. Eu distinguia várias outras palavras, sem ainda ser capaz de entendê-las ou aplicá-las, tais como bom, querido, infeliz.

“Passei o inverno dessa maneira. Os modos gentis e a beleza dos moradores da casa os tornaram muito caros para mim; eu me sentia deprimido quando eles estavam tristes, e simpatizava com sua alegria quando estavam felizes. Eu via poucos seres humanos além deles, e, se acontecia de algum outro entrar no chalé, seu andar rude e seus modos grosseiros só aumentavam aos meus olhos as qualidades superiores de meus amigos. O velho, eu percebia, muitas vezes tentava encorajar seus filhos – como às vezes eu o ouvia chamá-los – a colocarem de lado a melancolia. Ele falava num tom alegre, com uma expressão de bondade que dava prazer até mesmo a mim. Agatha ouvia com respeito, seus olhos às vezes enchendo-se de lágrimas, que ela tentava limpar sem ser percebida; mas eu achava que, em geral, depois de escutar as exortações do pai, seu semblante e seu tom se tornavam mais animados. Não acontecia o mesmo com Felix. Ele era sempre o mais triste do grupo e, até mesmo para os meus sentidos inexperientes, parecia ter sofrido mais profundamente que seus amigos. Mas se seu semblante era mais triste, sua voz era mais animada do que a da irmã, especialmente quando ele se dirigia ao velho.

“Eu podia mencionar inúmeros exemplos que, embora modestos, marcavam as disposições desses amáveis moradores. Em meio à pobreza e à necessidade, Felix trazia com prazer para sua irmã a primeira florzinha branca que irrompia do chão coberto de neve. De manhã bem cedo, antes que ela se levantasse, ele removia a neve que obstruía seu caminho até o estábulo, tirava água do poço e trazia a lenha do anexo da casa, onde, para sua eterna surpresa, encontrava seu estoque sempre reabastecido por uma mão invisível. Durante o dia, eu creio, ele às vezes trabalhava para algum fazendeiro vizinho, pois saía e só retornava na hora do jantar, embora não

trouxesse lenha. Outras vezes trabalhava na horta, mas como havia muito pouco que fazer na estação gelada, lia para o velho pai e para Agatha.

“A princípio, essa leitura deixou-me muito confuso, mas aos poucos descobri que, ao ler, ele pronunciava muitos dos mesmos sons de quando falava. Conjeturei, portanto, que ele encontrava no papel sinais correspondentes à fala e que ele entendia. Desejei ardentemente poder compreendê-los também. Mas como seria possível, se não entendia nem mesmo os sons representados por esses sinais? Melhorei sensivelmente nessa ciência, no entanto, mas não o suficiente para acompanhar qualquer tipo de conversação, embora dedicasse minha mente inteira a esse esforço. A razão é que percebia facilmente que, embora ansiasse por revelar minha existência aos moradores do chalé, não devia tentá-lo até que primeiro tivesse dominado o seu idioma, conhecimento esse que podia fazer com que eles não percebessem a deformidade da minha figura; pois desse fato, também, eu fora informado pelo contraste entre a sua aparência e a minha, sempre diante de meus olhos.

“Admirara as formas perfeitas dos meus aldeões – sua graça, beleza e seu aspecto delicado, mas como fiquei aterrorizado ao me ver refletido num lago cristalino! A princípio, recuara, incapaz de acreditar que era realmente eu quem estava refletido no espelho; e ao ficar plenamente convencido de que era de fato o monstro que sou, fui tomado pelas mais amargas sensações de desânimo e mortificação. Ai de mim! Ainda não conhecia totalmente os efeitos fatais dessa infeliz deformidade.

“Conforme o sol se tornava mais quente e os dias mais longos, a neve desapareceu, e eu vi as árvores nuas e a terra negra. A partir de então, Felix tinha mais trabalho, e os tocantes indícios de uma fome iminente desapareceram. Sua comida, como verifiquei depois, era rústica, mas saudável, e eles a obtinham em quantidade suficiente. Brotaram, na horta, vários tipos novos de plantas, que eles cozinhavam. E esses sinais de conforto aumentavam diariamente à medida que a estação avançava.

“O ancião, apoiado no filho, caminhava diariamente ao meio-dia, quando não chovia, como descobri que se dizia quando o céu vertia suas águas. Isso acontecia com frequência, mas um vento forte secava rapidamente a terra, e o tempo se tornava ainda mais agradável do que antes.

“Meu modo de vida em minha choupana era sempre o mesmo. Durante a manhã, eu observava os movimentos dos moradores da casa e, quando eles se dispersavam, para atender suas várias ocupações, eu dormia. O resto do dia eu passava observando meus amigos. Quando eles se retiravam para dormir, se houvesse luar ou a noite fosse estrelada, eu ia para o bosque colher meu alimento e lenha para o chalé. Quando voltava, quantas vezes fosse necessário, removia a neve do caminho e executava as tarefas que via Felix fazer. Descobri depois que esses trabalhos, executados por uma mão invisível, causavam-lhes enorme espanto; e algumas vezes, nessas ocasiões, eu os ouvi proferirem as palavras bom espírito, maravilhoso, mas então eu não compreendia o significado desses termos.

“Meus pensamentos se tornavam agora mais ativos, e eu ansiava por descobrir os motivos e os sentimentos dessas adoráveis criaturas; queria saber por que Felix parecia tão infeliz, e Agatha, tão triste. Cheguei a pensar (tolo desgraçado!) que poderia restaurar a felicidade para essas pessoas tão merecedoras. Quando eu dormia ou estava ausente, as figuras do venerável pai cego, da gentil Agatha e do admirável Felix esvoaçavam diante de mim. Eu os via como seres superiores, os árbitros de meu destino futuro. Pintei em minha imaginação milhares de quadros, imaginando como seria me apresentar a eles e a sua recepção para comigo. Imaginei que ficariam enojados, a menos que eu pudesse, por meu comportamento gentil e palavras conciliadoras, primeiro conquistar sua benevolência, e depois o seu amor.

“Esses pensamentos me alegravam e levavam a me dedicar com novo ardor a adquirir a arte da linguagem. Meus órgãos vocais eram de fato rudes, mas maleáveis e, embora minha voz fosse muito diferente da suave musicalidade de seus tons, pronunciava certas palavras como eu as ouvia com tolerável facilidade. Era como o burro e o cãozinho; seguramente o gentil burro, cujas intenções eram afetuosas, apesar dos modos rudes, merecia tratamento melhor do que pancadas e execração.

“As chuvas agradáveis e o ameno calor da primavera alteraram grandemente o aspecto da terra. Homens, que antes dessa mudança pareciam estar escondidos em cavernas, espalhavam-se agora pelos campos, ocupados nas várias artes do cultivo. Os pássaros cantavam em notas mais alegres, e as folhas começaram a brotar das árvores. Feliz, feliz terra! Morada digna dos deuses, que tão pouco tempo antes era desolada, úmida e

insalubre. Meu espírito se animava com o aspecto encantador da natureza. O passado fora apagado de minha memória, o presente era tranquilo, e o futuro iluminado por brilhantes raios de esperança e expectativas de alegria.”

CAPÍTULO V

“Chego agora à parte mais comovente da minha história. Relatarei eventos que me marcaram com sentimentos que, do que eu era, me fizeram o que eu sou.

“A primavera avançava rapidamente, o tempo tornou-se belo e o céu sem nuvens. Surpreendia-me que aquilo que antes fora desolado e sombrio agora transbordava com as mais lindas flores e vegetação. Meus sentidos eram gratificados e revigorados por mil cheiros deliciosos e mil visões de grande beleza.

“Foi num daqueles dias, quando os meus aldeões periodicamente descansavam de suas labutas – o velho tocava o seu violão, e os filhos o escutavam – que observei que o semblante de Felix expressava intensa melancolia. Ele suspirava com frequência e, logo que seu pai fez uma pausa na música, eu imaginei, pelos seus modos, que ele perguntava a causa da tristeza do filho. Felix respondeu num tom alegre, e o velho estava recomeçando a tocar, quando alguém bateu na porta.

“Era uma dama a cavalo, acompanhada dum camponês que servia de guia. A dama vestia um traje escuro e estava coberta por um espesso véu negro. Agatha fez uma pergunta, a qual a estranha respondeu apenas pronunciando, com um doce acento, o nome de Felix. Sua voz também era musical, mas diferente da voz de qualquer dos meus amigos. Ao ouvir essa palavra, Felix aproximou-se depressa da dama que, ao vê-lo, levantou o véu, mostrando um rosto de beleza e expressão angelicais. Seu cabelo era de um negro retinto, brilhante e curiosamente trançado; os olhos eram escuros, mas suaves, apesar de animados; as feições proporcionais, regulares, e sua pele era maravilhosamente bela, cada face exibindo um adorável tom de rosa.

“Felix pareceu tomado de prazer quando a viu; todos os traços de tristeza desapareceram de seu rosto, e ele imediatamente expressou uma alegria e êxtase intensos, dos quais eu dificilmente o teria julgado capaz. Seus olhos brilhavam, e suas faces coravam de prazer, e naquele momento eu o achei tão belo quanto a estranha. Ela parecia afetada por diferentes sentimentos. Enxugando algumas lágrimas de seus adoráveis olhos,

ofereceu a mão a Felix, que beijou-a com entusiasmo e a chamou de, segundo eu pude entender, minha doce árabe. Ela pareceu não entendê-lo, mas sorriu. Ele a ajudou a desmontar e, dispensando o guia, conduziu-a para dentro de casa. Houve uma conversa entre ele e o pai, e a jovem estrangeira, ajoelhando-se aos pés do ancião, fez menção de beijar-lhe a mão; ele, porém, ergueu-a e a abraçou afetuosamente.

“Eu logo percebi que, embora a estrangeira articulasse sons e parecesse ter sua própria linguagem, não compreendia os aldeões, nem era compreendida por eles. Eles faziam muitos sinais que eu não entendia, mas vi que a presença dela espalhava alegria pela casa, dissipando sua tristeza como o sol dissipa a névoa da manhã. Felix parecia especialmente feliz, e deu as boas vindas à sua árabe com sorrisos de prazer. Agatha, a sempre gentil Agatha, beijou as mãos da encantadora estrangeira e, apontando para o irmão, fez sinais que me pareceram significar que ele tinha estado triste até ela chegar. Algumas horas se passaram assim, enquanto eles, pelos seus semblantes, expressavam uma alegria cuja causa eu não compreendia. Então percebi, pela frequente recorrência de alguns sons que a estrangeira repetia depois deles, que ela estava tentando aprender seu idioma e, de imediato, me ocorreu a ideia de que eu poderia utilizar os mesmos ensinamentos para chegar ao mesmo fim. A estrangeira aprendeu cerca de vinte palavras na primeira lição, e a maioria delas, na verdade, eram aquelas que eu já havia entendido antes, mas aproveitei as outras.

“Quando chegou a noite, Agatha e a moça árabe retiraram-se cedo. Ao se separarem, Felix beijou a mão da estrangeira e disse: ‘Boa-noite, doce Safie.’ Ele ficou acordado até bem mais tarde, conversando com o pai e, pela repetição frequente do nome dela, presumi que a encantadora hóspede era o assunto de sua conversa. Eu desejava ardentemente entendê-los, e empreguei todas as minhas faculdades nesse propósito, mas foi totalmente impossível.

“Na manhã seguinte, Felix saiu para trabalhar e, depois que as ocupações habituais de Agatha haviam terminado, a árabe sentou-se aos pés do ancião. Pegando seu violão, tocou algumas melodias tão arrebatadoramente belas que imediatamente me arrancaram lágrimas de tristeza e prazer. Ela cantava, e sua voz fluía numa rica cadência, subindo e descendo, como um rouxinol dos bosques.

“Quando terminou, ela entregou o violão a Agatha que, a princípio, declinou. Depois tocou uma canção simples, acompanhando-a com uma voz doce, mas era bem diferente da maravilhosa melodia da estrangeira. O velho parecia arrebatado, e disse algumas palavras que Agatha esforçou-se para explicar a Safie, com as quais ele parecia querer expressar que ela lhe dera um enorme prazer com sua música.

“Os dias agora se passavam tão tranquilamente quanto antes, com a única diferença de que a alegria tomara o lugar da tristeza no semblante de meus amigos. Safie estava sempre alegre e feliz. Ela e eu progredimos rapidamente no aprendizado da língua, de modo que, em dois meses, eu comecei a compreender a maioria das palavras ditas por meus protetores.

“Enquanto isso, até a terra preta se cobria de pasto, e os relvados eram pontilhados por inúmeras flores, doces ao olfato e ao olhar, estrelas de brilho pálido entre os bosques enluarados; o sol tornou-se mais quente, as noites, claras e perfumadas. Minhas perambulações noturnas davam-me enorme prazer, embora fossem consideravelmente encurtadas pelo anoitecer tardio e o prematuro nascer do sol, pois eu nunca me aventurava à luz do dia, temeroso de receber o mesmo tratamento que sofrera antes na primeira aldeia em que entrei.

“Eu passava os meus dias atento, para que pudesse dominar mais depressa a linguagem. Posso orgulhar-me de ter aprendido com mais rapidez do que a árabe, que entendia muito pouco e falava com acentos entrecortados, enquanto eu compreendia e podia repetir quase toda palavra que era dita.

“Enquanto progredia na fala, aprendi também a ciência das letras, que era ensinada à estrangeira. Isso abriu diante de mim um vasto campo de deslumbramento e prazer.

“O livro com que Felix ensinava Safie era *Impérios em Ruínas*, de Volney. Eu não teria entendido o significado desse livro se, ao lê-lo, Felix não tivesse dado explicações muito minuciosas. Havia escolhido essa obra, disse ele, porque seu estilo declamatório imitava os autores orientais. Por meio dessa obra, obtive um conhecimento superficial de história e uma visão dos vários impérios que existem atualmente no mundo. Permitiu-me compreender os costumes, os governos e as religiões das diferentes nações da terra. Ouvi falar dos indolentes asiáticos; do gênio estupendo e da

atividade mental dos gregos; das guerras e das maravilhosas virtudes dos antigos romanos, de sua subsequente decadência e do declínio daquele poderoso império; da cavalaria, do cristianismo e dos reis. Soube da descoberta do hemisfério americano, e lamentei junto com Safie o infeliz destino de seus primitivos habitantes.

“Essas narrativas maravilhosas inspiraram-me estranhos sentimentos. Seria o homem, de fato, tão poderoso, tão virtuoso e magnífico, e ao mesmo tempo tão vil e cruel? Ora ele parecia ser um mero descendente do princípio do mal, ora tudo que se poderia conceber de nobre e divino. Ser um grande homem, um homem virtuoso, parecia a mais alta honra que poderia acontecer a um ser sensível; ser vil e cruel, como se registrou que muitos têm sido, a mais baixa degradação, uma condição mais abjeta do que a da toupeira cega ou do verme inofensivo. Por um longo tempo, eu não pude conceber como o homem podia matar seu semelhante, ou mesmo por que havia leis e governos; mas quando soube detalhes de crueldades e matanças, meu espanto cessou e afastei-me com asco e desgosto.

“Agora, toda conversa dos moradores do chalé me abria um mundo de maravilhas. Enquanto ouvia as lições que Felix dava à moça árabe, compreendi o estranho sistema da sociedade humana. Soube da divisão de propriedade, da imensa riqueza e sórdida pobreza, de posição, descendência e sangue nobre.

“As palavras me induziram a olhar para mim mesmo. Aprendi que os bens mais estimados pelos seus semelhantes eram uma alta e imaculada linhagem, unida à riqueza. Um homem poderia ser respeitado com apenas uma dessas condições, mas sem nenhuma seria considerado, exceto em casos raríssimos, um vagabundo ou um escravo, destinado a desperdiçar suas forças em proveito dos poucos privilegiados. E o que era eu? Ignorava absolutamente tudo sobre minha criação e meu criador, mas sabia que não possuía dinheiro, nem amigos, nem qualquer tipo de propriedade. Além disso, era dotado de uma figura terrivelmente deformada e repugnante; nem sequer era da mesma natureza que o homem. Eu era mais ágil que ele, e podia subsistir com uma dieta mais restrita; suportava os extremos de frio e calor com menos danos ao meu corpo; minha estatura excedia em muito a dele. Ao olhar ao redor, não via e não ouvia falar de ninguém igual a mim. Seria então um monstro, uma nódoa sobre a terra, de quem todos fugiam e a quem todos renegavam?

“Não posso descrever-lhe a agonia que essas reflexões me provocaram; tentei afastá-las, mas a tristeza só aumentava com o conhecimento. Ó, por que não tinha ficado para sempre em minha floresta nativa, sem nada saber ou sentir além da fome, da sede e do calor!

“Que coisa estranha é o conhecimento! Uma vez que chegou até a mente, agarra-se a ela como o líquen numa rocha. Às vezes, queria livrar-me de todo pensamento ou sentimento; mas aprendi que só havia um meio de vencer a sensação de dor – a morte – um estado que eu temia embora ainda não compreendesse. Eu admirava a virtude e os bons sentimentos, e amava os modos gentis e as qualidades agradáveis dos meus aldeões, mas estava excluído de qualquer relacionamento com eles, exceto por meios que eu obtivera em segredo, quando não era visto e nem conhecido, e que mais aumentava do que satisfazia o meu desejo de tornar-me um entre meus semelhantes. As palavras gentis de Agatha e os animados sorrisos da encantadora árabe, não eram para mim. As suaves exortações do ancião e a viva conversa do querido Felix, não eram para mim. Miserável, pobre desgraçado!

“Outras lições me impressionaram ainda mais profundamente. Tomei conhecimento da diferença entre os sexos; do nascimento e crescimento das crianças; como o pai adorava os sorrisos do bebê e as vivas travessuras do filho mais velho; como toda a vida e os cuidados da mãe eram dedicados a esse precioso fardo; como a mente dos jovens se desenvolvia e adquiria conhecimentos; aprendi sobre irmão, irmã e todas as várias relações que unem um ser humano a outro em laços mútuos.

“Mas onde estavam meus amigos e parentes? Nenhum pai observara meus dias de criança, nenhuma mãe me abençoara com sorrisos e carícias; ou, se assim fora, toda a minha vida passada era agora um borrão, uma lacuna cega em que eu nada distinguia. Pelo que podia me lembrar, sempre tinha sido da mesma altura e proporção que era agora. Nunca tinha visto nenhum ser semelhante a mim ou que quisesse algum relacionamento comigo. O que era eu? A pergunta mais uma vez se repetiu, para ser respondida somente com gemidos.

“Logo explicarei para o que tendiam tais sentimentos, mas permita-me voltar aos moradores do chalé, cuja história despertava em mim os mais variados sentimentos de indignação, prazer e assombro, mas que acabavam

me fazendo amar e reverenciar ainda mais os meus protetores (pois assim gostava de chamá-los numa ilusão inocente e um tanto enganosa).”

CAPÍTULO VI

“Passou-se algum tempo antes que eu aprendesse a história de meus amigos. Era do tipo que não podia deixar de impressionar-me profundamente, ao revelar uma série de circunstâncias, cada uma mais interessante e assombrosa para uma criatura totalmente inexperiente como eu.

“O nome do velho era De Lacey. Era descendente de uma boa família, na França, onde vivera muitos anos na abundância, respeitado por seus superiores e amado por seus iguais. Seu filho fora educado para servir seu país, e Agatha rivalizara com damas da mais alta distinção. Alguns meses antes da minha chegada, eles viviam numa cidade grande e luxuosa chamada Paris, rodeados de amigos e desfrutando de todos os prazeres que a virtude, o intelecto refinado ou o gosto, acompanhados de moderada fortuna, pudessem proporcionar.

“O pai de Safie tinha sido a causa de sua ruína. Era um comerciante turco, e vivia em Paris há muitos anos, quando, por alguma razão que eu não pude entender, tornou-se indesejável ao governo. Foi capturado e jogado na prisão no mesmo dia em que Safie chegou de Constantinopla para juntar-se a ele. Foi julgado e condenado à morte. A injustiça de sua sentença era flagrante demais; toda Paris indignou-se; achava-se que fora sua religião e riqueza, em vez do crime de que era acusado, a causa de sua condenação.

“Felix estivera presente ao julgamento, e seu horror e indignação não tinham limites, quando ouviu a decisão do tribunal. Naquele momento, ele fez uma promessa solene de libertá-lo, e então passou a procurar os meios para tanto. Depois de muitas tentativas infrutíferas de conseguir acesso à prisão, encontrou uma janela fortemente gradeada numa parte desprotegida do edifício, e que iluminava a cela do infortunado maometano, que, acorrentado, esperava em desespero a execução da bárbara sentença. Felix, à noite, foi até a janela gradeada e deu conhecimento ao prisioneiro de suas intenções a seu favor. O turco, pasmo e encantado, procurou atizar o entusiasmo de seu libertador com promessas de recompensas e riqueza. Felix rejeitou suas ofertas com desprezo; no entanto, quando viu a adorável Safie, que recebera permissão para visitar o pai, e que, por gestos, expressou sua viva gratidão, o jovem não pôde deixar de pensar consigo

mesmo que o cativo possuía um tesouro que recompensaria amplamente seus trabalhos e o perigo que corria.

“O turco logo percebeu a impressão que sua filha causara no coração de Felix, e esforçou-se para prendê-lo ainda mais aos seus interesses prometendo-lhe a mão de Safie em casamento, tão logo fosse transportado a um lugar seguro. Felix era nobre demais para aceitar essa oferta, embora antecipasse ansiosamente a possibilidade desse evento como a consumação de sua felicidade.

“Nos dias que se seguiram, enquanto avançavam os preparativos para a fuga do comerciante, o entusiasmo de Felix foi estimulado por várias cartas recebidas dessa encantadora menina, que encontrou meios de expressar seus pensamentos no idioma de seu amado com a ajuda de um velho criado de seu pai que entendia francês. Ela lhe agradecia nos termos mais ardorosos pela ajuda que ele pretendia prestar ao seu pai e, ao mesmo tempo, lamentava gentilmente seu próprio destino.

“Tenho cópias dessas cartas, pois, durante minha permanência na choupana, encontrei meios de obter instrumentos para escrever, e as cartas muitas vezes estavam nas mãos de Felix ou de Agatha. Antes de partir, eu as darei a você; elas provarão a verdade do meu relato. Mas no momento, já que o sol há muito declinou, só terei tempo para repetir-lhe o seu conteúdo.

“Safie contou que sua mãe era uma árabe cristã, aprisionada e escravizada pelos turcos. Devido à sua beleza, ela conquistara o coração do pai de Safie, que se casou com ela. A moça falava em termos muito entusiásticos de sua mãe que, nascida livre, rejeitava a escravidão a que estava agora reduzida. Ela educou a filha nas doutrinas de sua religião, e ensinou-a a aspirar aos poderes superiores do intelecto e à independência de espírito, coisas proibidas às mulheres seguidoras de Maomé. Essa senhora morreu, mas as suas lições ficaram impressas de modo indelével na mente de Safie, que se indignava ante a perspectiva de novamente voltar à Ásia e ser confinada dentro das paredes de um harém, só tendo permissão para ocupar-se com diversões pueris, não adequadas à têmpera de seu espírito, agora acostumado às grandes ideias e à nobre emulação da virtude. A perspectiva de se casar com um cristão e permanecer num país onde as mulheres podiam ter um lugar na sociedade era-lhe encantadora.

“Foi marcado o dia da execução do turco; na noite anterior, porém, ele deixou a prisão, e antes do amanhecer já estava a muitas léguas de distância de Paris. Felix obtivera passaportes em nome de seu pai, de sua irmã e no seu próprio. Ele havia comunicado previamente seu plano ao pai, que ajudou no estratagema deixando sua casa, a pretexto de uma viagem, e se escondeu com a filha numa parte obscura de Paris.

“Felix conduziu os fugitivos através da França até Lyon, e daí atravessou pelo Mont Cenis para Livorno, onde o comerciante decidira esperar por uma oportunidade favorável de dirigir-se a algum dos territórios sob domínio turco.

“Safie decidiu permanecer com o seu pai até o momento de sua partida, antes da qual o turco renovou sua promessa de que ela deveria se unir ao seu libertador; e Felix ficou com eles, na expectativa daquele evento e, enquanto isso, ele desfrutava da companhia da moça árabe, que demonstrava por ele a mais singela e a mais terna afeição. Eles conversavam um com o outro por meio de um intérprete, e às vezes apenas através da interpretação de olhares; e Safie cantava para ele as divinas melodias de seu país natal.

“O turco permitia essa intimidade, e encorajava as esperanças dos jovens enamorados, enquanto em seu coração arquitetava outros planos muito diferentes. Ele detestava a ideia de que sua filha se unisse a um cristão, mas temia o ressentimento de Felix caso parecesse desinteressado, pois sabia que ainda estava em poder de seu libertador, se ele resolvesse entregá-lo ao estado italiano onde habitavam no momento. Revolveu na mente milhares de planos que lhe permitissem prolongar o estratagema até que não fosse mais necessário, e levar secretamente a filha consigo quando partisse. Seus planos foram muito facilitados pelas notícias que chegaram de Paris.

“O governo da França estava enfurecido com a fuga de sua vítima, e não poupava esforços para descobrir e castigar o libertador. O arдил de Felix logo foi descoberto, e De Lacey e Agatha foram jogados na prisão. As notícias chegaram até Felix, e o despertaram de seus sonhos de prazer. Seu velho e cego pai e sua doce irmã jaziam num calabouço fétido, enquanto ele desfrutava do ar livre e da companhia daquela a quem amava. Essa ideia o torturava. Rapidamente, combinou com o turco que, se este encontrasse

uma oportunidade favorável para fugir antes que Felix voltasse à Itália, Safie deveria permanecer como pensionista num convento em Livorno. Depois, deixando a adorável árabe, seguiu depressa para Paris e entregou-se aos rigores da lei, esperando com esse procedimento libertar De Lacey e Agatha.

“Não teve sucesso. Todos permaneceram presos por cinco meses, até que tivesse lugar o julgamento, cujo resultado privou-os de sua fortuna e os condenou ao exílio perpétuo.

“Eles encontraram um refúgio miserável naquele chalé na Alemanha, onde eu os descobri. Felix logo soube que o traiçoeiro turco, por quem ele e sua família haviam suportado essa opressão sem precedentes, ao descobrir que seu libertador fora assim reduzido à pobreza e à impotência, traía sua honra e bons sentimentos e deixara a Itália com a filha, enviando para Felix, de modo insultante, uma ninharia de dinheiro, dizendo que era para ajudá-lo em algum plano para o futuro.

“Esses eram os acontecimentos que afligiam o coração de Felix, e o tornavam, quando o vi pela primeira vez, o mais infeliz da família. Ele poderia ter suportado a pobreza, e se esse fosse o prêmio por sua virtude, ele a teria glorificado; a ingratidão do turco, porém, e a perda de sua amada Safie, eram infortúnios muito mais amargos e irreparáveis. A chegada da moça árabe, agora, infundia nova vida em sua alma.

“Quando chegaram a Livorno as notícias de que Felix fora despojado de sua fortuna e posição, o comerciante ordenou à filha que não pensasse mais em seu amado, e que se preparasse para voltar com ele à sua terra natal. A natureza generosa de Safie ficou ultrajada com esta ordem. Tentou discutir com o pai, mas ele a largou, furioso, reiterando sua tirânica determinação.

“Alguns dias depois, o turco entrou nos aposentos da filha e lhe disse apressadamente que tinha razões para acreditar que sua estada em Livorno fora descoberta, e que ele seria entregue sem demora ao governo francês. Por isso, tinha alugado um navio para levá-lo até Constantinopla, para onde deveria embarcar dentro de poucas horas. Pretendia deixar a filha aos cuidados de uma criada de confiança, para seguir em liberdade com a maior parte de seus bens, que ainda não tinham chegado a Livorno.

“Ao ficar sozinha, Safie decidiu por conta própria o plano de conduta que seria melhor adotar nessa emergência. Viver na Turquia era algo que a abominava; tanto sua religião quanto os seus sentimentos eram avessos a isso. Por alguns documentos do pai, que lhe caíram nas mãos, soube do exílio de seu amado e descobriu o nome do lugar onde ele então vivia. Hesitou durante algum tempo, mas afinal tomou sua decisão. Levando consigo algumas joias que lhe pertenciam e uma pequena quantia em dinheiro, deixou a Itália com uma criada, uma nativa de Livorno, mas que entendia o idioma comum da Turquia, e partiu para a Alemanha.

“Ela chegou em segurança a uma cidade distante cerca de vinte léguas do chalé de De Lacey, quando sua criada caiu gravemente doente. Safie cuidou-a com a mais devotada afeição, mas a pobre moça morreu. A jovem árabe ficou sozinha, sem conhecer a língua do país e totalmente ignorante dos costumes do mundo. Caiu, porém, em boas mãos. A italiana tinha mencionado o nome do lugar para onde elas se dirigiam, e, depois de sua morte, a dona da casa em que elas moravam providenciou para que Safie chegasse a salvo ao chalé de seu amado.”

CAPÍTULO VII

“Essa era a história de meus queridos aldeões. Impressionou-me profundamente. Eu aprendi, observando a vida social que eles levavam, a admirar suas virtudes e a desprezar os vícios da humanidade.

“Como ainda via o crime como um mal distante, a benevolência e a generosidade estavam sempre diante de mim, estimulando um desejo interior de tornar-me um ator na movimentada cena em que tantas qualidades admiráveis eram suscitadas e exibidas. Mas, para contar sobre o progresso do meu intelecto, não devo omitir um fato que aconteceu no princípio do mês de agosto daquele mesmo ano.

“Certa noite, durante minha costumeira visita ao bosque vizinho, onde colhia minha própria comida e trazia lenha para os meus protetores, achei no chão uma valise de couro, contendo várias peças de vestuário e alguns livros. Agarrei aquele prêmio avidamente, e voltei com ele à minha choupana. Felizmente, os livros eram escritos na língua cujos elementos eu havia aprendido no chalé. Consistiam de *O Paraíso Perdido*, um volume das *Vidas de Plutarco*, e *Os Sofrimentos de Werther*. A posse desses tesouros proporcionou-me extremo prazer. Eu agora lia e exercitava continuamente minha mente com essas histórias, enquanto meus amigos estavam envolvidos em suas ocupações rotineiras.

“Mal posso descrever-lhe o efeito desses livros. Provocaram-me uma infinidade de novas imagens e sentimentos que às vezes me levavam ao êxtase, mas frequentemente lançavam-me no mais profundo desânimo. Em *Os Sofrimentos de Werther*, além do interesse de sua história simples e comovente, são examinadas tantas opiniões e lançadas tantas luzes sobre o que até então tinham sido assuntos obscuros para mim que encontrei nele uma fonte inesgotável de especulação e espanto. As maneiras suaves e familiares que ele descreve, combinadas a emoções e sentimentos elevados que tinham como objetivo algo fora de si, concordavam muito bem com a minha experiência entre meus protetores e com os desejos que estavam sempre vivos em meu peito. Mas achei o próprio Werther o ser mais divino que já tinha visto ou imaginado; seu caráter não tinha qualquer pretensão, mas marcava profundamente. Suas dissertações sobre a morte e o suicídio eram calculadas para me encher de assombro. Não pretendia entrar no

mérito da questão, apesar de inclinar-me às opiniões do herói, cuja morte chorei, sem entendê-la com precisão.

“Ao ler, porém, concentrava-me de modo particular em minha própria condição e sentimentos. Achava-me semelhante, embora, ao mesmo tempo, estranhamente diferente dos seres sobre os quais lia e de cuja conversa era ouvinte. Identificava-me com eles e os entendia em parte, mas minha mente ainda era informe; não dependia de ninguém e não estava relacionado com ninguém. ‘O caminho de minha partida estava livre’, e não havia ninguém para lamentar a minha destruição. Minha aparência era horrível, minha estatura gigantesca. O que significava isso? Quem era eu? O que era eu? De onde eu vinha? Qual era o meu destino? Tais questões me ocorriam constantemente, mas eu era incapaz de respondê-las.

“O volume que possuía das Vidas de Plutarco continha as histórias dos primeiros fundadores de antigas repúblicas. Esse livro teve sobre mim um efeito muito diferente de Os Sofrimentos de Werther. Com as fantasias de Werther, aprendi o desalento e a tristeza, mas Plutarco ensinou-me pensamentos mais sublimes; elevou-me acima da esfera miserável de minhas próprias reflexões, para admirar e amar os heróis de épocas passadas. Muito do que li ultrapassava minha compreensão e experiência. Tinha um conhecimento confuso sobre reinos, países muito extensos, rios importantes e mares infindáveis. Mas desconhecia por completo as cidades e as grandes aglomerações humanas. O chalé de meus protetores fora a única escola em que estudara a natureza humana, mas este livro desenvolvia novas e mais poderosas cenas de ação. Li sobre homens ligados a negócios públicos, que governavam ou massacravam sua espécie. Sentia nascer dentro de mim o mais ardente amor pela virtude e aversão pelo vício, até onde podia entender o significado dos termos, relativos como eram e que usava apenas para as sensações de prazer e de dor. Induzido por esses sentimentos, é claro que fui levado a admirar os legisladores pacíficos, Numa, Sólon e Licurgo, de preferência a Rômulo e Teseu. As vidas patriarcais de meus protetores fizeram com que essas impressões se enraizassem em minha mente; talvez, se minha introdução à humanidade fosse feita por um jovem soldado, sedento de glória e sangue, eu fosse imbuído de sentimentos diferentes.

“Mas O Paraíso Perdido provocou-me diferente e mais profundamente. Eu o li, como aos outros volumes que caíram em minhas mãos, como uma

história verídica. Despertava todos os sentimentos de assombro e temor que o quadro de um Deus onipotente, em guerra com suas criaturas, era capaz de provocar. Muitas vezes, relacionava as situações a mim ao perceber a semelhança. Como Adão, eu fora criado aparentemente sem nenhum elo a qualquer outro ser vivo, mas a situação dele era bem diferente da minha em tudo o mais. Saíra das mãos de Deus como uma criatura perfeita, feliz e próspera, guardada com especial carinho por seu Criador; podia conversar com seres de uma natureza superior e adquirir seus conhecimentos, mas eu era infeliz, desamparado e só. Muitas vezes considerei Satanás como o emblema mais adequado à minha condição, pois com frequência, como ele, ao ver a felicidade de meus protetores, sentia crescer dentro de mim o fel amargo da inveja.

“Outra circunstância fortaleceu e confirmou tais sentimentos. Logo após chegar à choupana, descobri alguns papéis no bolso da roupa que eu tinha levado do seu laboratório. A princípio, não lhes dei importância, mas agora que era capaz de decifrar os caracteres em que foram escritos, comecei a estudá-los com diligência. Era o seu diário dos quatro meses que precederam a minha criação. Nesses papéis, você descreve minuciosamente todos os passos dados no progresso do seu trabalho; essa história foi misturada com relatos de ocorrências domésticas. Sem dúvida você se lembra desses papéis. Eles estão aqui. Neles está relatado tudo que se refere à minha origem maldita; os detalhes completos daquela série de eventos desagradáveis que a produziram estão aí à vista; foi feita a descrição minuciosa de minha odiosa e repulsiva figura, numa linguagem que pintava os seus próprios horrores e tornava os meus indelévels. Senti-me mal ao ler. ‘Maldito o dia em que recebi a vida!’ exclamei em agonia. ‘Maldito criador! Por que criou um monstro tão horroroso que até mesmo você foge de mim enojado? Deus, em sua piedade, fez o homem belo e atraente, segundo Sua própria imagem, mas minha forma é uma espécie desprezível da sua, mais horrenda por essa mesma semelhança. Satanás tinha seus companheiros, demônios como ele, a admirá-lo e encorajá-lo, mas eu sou solitário e abominado.’

“Essas eram as minhas reflexões nas horas de desânimo e solidão, mas, quando eu contemplava as virtudes dos moradores do chalé, sua disposição amável e bondosa, eu me persuadia de que, quando eles soubessem de minha admiração por suas virtudes, sentiriam compaixão por mim e não

dariam importância à minha deformidade pessoal. Seriam eles capazes de expulsar de sua porta alguém que, embora monstruoso, solicitava sua compaixão e amizade? Eu decidi, por fim, não desesperar, mas preparar-me em todos os sentidos para uma entrevista com eles, que decidiria o meu destino. Eu adiei essa tentativa por muitos meses, pois a importância de seu sucesso inspirava-me medo, caso eu viesse a falhar. Além disso, descobri que a minha compreensão melhorava tanto com a experiência diária, que eu não desejava começar essa tarefa até que mais alguns meses aumentassem o meu conhecimento.

“Nesse meio tempo, ocorreram várias mudanças no chalé. A presença de Safie espalhava felicidade entre os seus moradores, e achei também que agora reinava ali um maior grau de abundância. Felix e Agatha gastavam mais tempo em diversões e conversas, e eram ajudados em suas tarefas por criados. Não pareciam ricos, mas estavam contentes e felizes, e seus sentimentos eram serenos e pacíficos, enquanto os meus se tornavam mais tumultuosos a cada dia. O aumento de saber só me fez ver com mais clareza o pária infeliz que eu era. Eu nutria esperanças, é verdade, mas elas desapareciam quando eu via a minha figura refletida na água, ou minha sombra ao luar, mesmo uma imagem frágil e uma sombra inconstante.

“Esforcei-me a reprimir tais temores e fortalecer-me para a prova a que, em alguns meses, resolvera me submeter. Às vezes, permitia que meus pensamentos, sem o controle da razão, vagassem pelos campos do Paraíso e ousava imaginar criaturas amáveis e encantadoras compartilhando meus sentimentos e alegrando minha tristeza; seus rostos angelicais exibiam sorrisos de consolação. Mas era tudo um sonho: nenhuma Eva amenizaria minhas tristezas ou compartilharia meus pensamentos. Estava só. Lembrava-me da súplica de Adão ao seu Criador, mas onde estava o meu? Ele me abandonara e, na amargura do meu coração, eu o amaldiçoava.

“Assim se passou o outono. Vi com surpresa e aflição as folhas declinarem e caírem e a natureza assumir novamente o aspecto estéril e desolado que tinha ao contemplar pela primeira vez os bosques e a encantadora lua. No entanto, não me importava com a desolação do tempo; minha conformação era mais adaptada a suportar o frio ao calor. Mas meus maiores prazeres eram a contemplação das flores, dos pássaros e de toda a alegre roupagem do verão. Quando tudo isso me deixou, voltei-me com mais atenção aos moradores do chalé. Sua felicidade não diminuía com a

ausência do verão. Se amavam e partilhavam sentimentos entre si e, como a alegria de cada um dependia dos outros, não era interrompida pelos infortúnios que aconteciam ao seu redor. Quanto mais os via, maior se tornava o meu desejo de invocar sua proteção e bondade. Meu coração ansiava por ser conhecido e amado por essas adoráveis criaturas: o limite máximo de minha ambição era ver seus doces olhares voltados para mim com afeto. Não ousava pensar que eles recuariam diante de mim com desprezo e horror. Jamais escorraçariam o pobre que batesse à sua porta. É verdade que pedia um tesouro maior que um pouco de comida ou repouso; pedia bondade e compaixão, mas não me achava totalmente indigno disso.

“O inverno avançava e um ciclo completo das estações ocorrera desde que eu despertara para a vida. Naquela ocasião, toda minha atenção estava voltada para o meu plano de apresentar-me no chalé de meus protetores. Ruminava muitos projetos, mas aquele em que finalmente me fixei foi o de entrar na habitação quando o velho cego estivesse sozinho. Era sagaz o bastante para perceber que a hediondez antinatural da minha figura era o motivo principal do horror daqueles que tinham me visto anteriormente. Minha voz, embora áspera, nada tinha de terrível. Então, pensei que, se na ausência dos seus filhos pudesse conquistar a boa vontade e a mediação do velho De Lacey, poderia, através dele, ser tolerado por meus protetores mais jovens.

“Um dia, quando o sol brilhava sobre as folhas vermelhas que cobriam o chão e espalhava alegria, embora negasse calor, Safie, Agatha e Felix partiram para uma longa caminhada pelo campo. O ancião, por sua própria vontade, ficou sozinho no chalé. Depois que os filhos partiram, ele pegou seu violão e tocou várias melodias tristes, mas suaves, as mais suaves e tristes que eu jamais o ouvira tocar. A princípio, seu semblante irradiava prazer, mas, conforme prosseguia, passou a mostrar meditação e tristeza; por fim, colocando o instrumento de lado, mergulhou em profunda reflexão.

“Meu coração batia acelerado; essa era a hora e o momento da prova que decidiria minhas esperanças ou confirmaria meus temores. Os criados saíram para uma feira na vizinhança. Tudo estava em silêncio, dentro e em torno da casa: era uma oportunidade excelente; porém, ao começar a executar o meu plano, minhas pernas fraquejaram e desabei no chão. Levantei-me de novo e empregando toda a firmeza de que era capaz, removi as pranchas que colocara diante da minha choupana para ocultar o

meu refúgio. O ar fresco me reanimou e, com renovada determinação, aproximei-me da porta do chalé.

“Bati. ‘Quem é?’ disse o velho. ‘Entre.’

“Entrei. ‘Perdoe minha intromissão’, disse eu, ‘sou um viajante em busca de um pouco de repouso; far-me-ia um grande favor se me permitisse permanecer por alguns minutos diante da lareira.’

“‘Entre,’ disse De Lacey, ‘e verei de que maneira posso aliviar suas necessidades. Infelizmente, porém, meus filhos estão fora e, como sou cego, receio que me seja difícil conseguir-lhe comida.’

“‘Não se incomode, meu gentil anfitrião, eu tenho comida; só preciso de calor e repouso.’

“Sentei-me, e seguiu-se o silêncio. Eu sabia que cada minuto me era precioso e, no entanto, permanecia indeciso quanto à maneira de começar a entrevista, quando o ancião se dirigiu a mim.

“‘Pela sua língua, estrangeiro, suponho que seja meu compatriota. O senhor é francês?’

“‘Não, mas fui educado por uma família francesa, e só entendo essa língua. Pretendo agora pedir a proteção de alguns amigos, que amo sinceramente, e de quem tenho esperança de obter alguns favores.’

“‘Eles são alemães?’

“‘Não, são franceses. Mas mudemos de assunto. Sou uma criatura infeliz e abandonada. Olho ao meu redor e não vejo nenhum parente ou amigo na terra. Essa gente amável a quem me dirijo nunca me viu, e pouco sabe sobre mim. Estou muito temeroso, pois, se eu falhar nisso, serei para sempre um proscrito neste mundo.’

“‘Não desespere. Não ter amigos, de fato, é uma infelicidade, mas o coração dos homens, quando não prejudicado por um egoísmo qualquer, é cheio de amor fraterno e caridade. Confie, portanto, em suas esperanças, e se esses amigos são bons e amáveis, não desespere.’

“‘Eles são bondosos... eles são as melhores criaturas do mundo, mas, infelizmente, têm prevenção contra mim. Eu tenho boa índole, minha vida até aqui foi inofensiva, e, até certo ponto, útil. Mas um preconceito fatal

tolda seus olhos, e onde eles deveriam ver um amigo bondoso e sensível, veem apenas um monstro detestável.’

“‘Isso de fato é muito triste, mas, se o senhor é realmente inocente, não poderia esclarecê-los?’

“‘É o que eu estou a ponto de fazer, e é por isso que eu sinto tantos terrores opressivos. Eu amo ternamente esses amigos. Há muitos meses, sem que eles saibam, tenho me habituado a ser bom para eles todos os dias. Eles acham, porém, que desejo prejudicá-los, e é esse preconceito que desejo superar.’

“‘Onde moram esses amigos?’

“‘Perto deste lugar.’

“O velho parou por um momento, e depois continuou, ‘Se me confiar sem reservas os detalhes de sua história, talvez possa ser útil para esclarecê-los a respeito. Eu sou cego, e não posso julgar pelo seu semblante, mas há algo em suas palavras que me diz que é sincero. Eu sou pobre, sou um exilado, mas me proporcionará imenso prazer poder ser útil de algum modo a uma criatura humana.’

“‘Bom homem! Eu lhe agradeço e aceito sua generosa oferta. O senhor me eleva do pó pela sua bondade, e eu confio que, com a sua ajuda, não serei afastado da companhia e da solidariedade dos seus semelhantes.’

“‘Que os céus não permitam! Mesmo que o senhor fosse realmente um criminoso, pois só isso poderia levá-lo ao desespero e não instigá-lo à virtude. Eu também sou infeliz. Eu e minha família fomos condenadas, apesar de inocentes. Julgue, portanto, se não posso sentir por seus infortúnios.’

“‘Como posso agradecer-lhe, meu melhor e único benfeitor? Foi dos seus lábios que, pela primeira vez, ouvi a voz da bondade dirigida para mim. Eu lhe serei eternamente grato. E sua humanidade assegura-me o sucesso junto a esses amigos que estou prestes a encontrar.’

“‘Posso saber o nome e a residência desses amigos?’

“Parei um instante. É agora, pensei eu, o momento da decisão que deverá me roubar ou conceder a felicidade para sempre. Lutei em vão para ter a firmeza necessária para responder-lhe, mas o esforço destruiu toda a

força que me restava. Afundei na cadeira e soluzei alto. Naquele momento, ouvi os passos de meus protetores mais jovens. Eu não tinha um momento a perder. Então, agarrando a mão do velho, exclamei, ‘Chegou a hora! Salve-me e proteja-me! O senhor e sua família são os amigos que procuro. Não me abandone agora, na hora da provação!’

“‘Meu Deus!’ exclamou o velho, ‘quem é você?’

“Naquele momento, a porta da cabana se abriu, e Felix, Safie e Agatha entraram. Quem poderia descrever seu horror e consternação ao me verem? Agatha desmaiou; e Safie, incapaz de atender a amiga, correu para fora da casa. Felix lançou-se para frente e, com força sobre-humana, afastou-me do pai, a cujos joelhos eu me agarrava. Num ataque de fúria, atirou-me ao chão e golpeou-me violentamente com uma vara. Poderia despedaçá-lo, membro por membro, como o leão faz com o antílope. Mas meu coração afundava no peito, tomado de amargura, e me contive. Vi que ele estava prestes a repetir o golpe, quando, devastado pela dor e a angústia, abandonei a cabana, e em meio ao tumulto geral escapei sem ser percebido para a minha choupana.”

CAPÍTULO VIII

“Maldito, maldito criador! Por que segui vivendo? Por que não extingui, naquele instante, a centelha de vida que você tão temerariamente me concedeu? Não sei. O desespero ainda não tomara conta de mim; meus sentimentos eram de raiva e vingança. Eu poderia com prazer ter destruído o chalé e seus moradores, e me fartado com seus gritos e sua desgraça.

“Quando a noite caiu, deixei meu refúgio e vaguei pelo bosque; e, não mais contido pelo medo de ser descoberto, dei vazão à minha angústia com gritos medonhos. Eu era como uma besta selvagem que rompera seus grilhões, percorrendo o bosque com a rapidez de um cervo e destruindo tudo que entravasse o meu caminho. Ó! Que noite miserável passei! As estrelas frias brilhavam, como se zombassem de mim, e as árvores nuas balançavam seus galhos sobre minha cabeça. Aqui e ali, a voz doce de um pássaro irrompia em meio à quietude do universo. Tudo, menos eu, estava em repouso ou satisfeito. Eu, como o filho do demônio, suportava um inferno dentro de mim, e, tendo sido rechaçado, desejava despedaçar as árvores, espalhar caos e destruição ao meu redor e então sentar-me e apreciar a devastação.

“Mas era uma sensação prazerosa que não poderia durar; fiquei cansado pelo excesso de esforço físico e desabei sobre a grama úmida na doentia impotência do desespero. Não havia um só entre a miríade de homens que existiam no mundo, que se compadecesse ou me ajudasse; e deveria eu ser bondoso para com meus inimigos? Não: a partir de então, declarei uma guerra sem fim contra a espécie, e, mais do que tudo, contra aquele que me criara e lançara nesse insuportável tormento.

“O sol surgiu. Ouvi vozes humanas, e soube que seria impossível retornar ao meu refúgio durante aquele dia. Por conseguinte, escondi-me numa moita espessa, determinado a passar as horas seguintes refletindo sobre a minha situação.

“A agradável luz do sol e o ar puro do dia restituíram-me um pouco de tranquilidade. Quando considerei o que tinha se passado no chalé, não pude deixar de pensar que havia sido muito precipitado em minhas conclusões. Eu certamente agira com imprudência. Era evidente que a minha conversa

tinha interessado o pai a meu favor, e eu fora um tolo em ter exposto minha pessoa ao horror dos seus filhos. Eu deveria primeiro ter me tornado familiar ao velho De Lacey, e pouco a pouco revelar-me ao resto da família, quando eles estivessem preparados para a minha aproximação. Eu não acreditava, porém, que meus erros fossem irreparáveis. Depois de muita consideração, decidi voltar ao chalé, procurar o velho e, expondo a situação, convencê-lo a tomar o meu partido.

“Esses pensamentos me acalmaram e, durante a tarde, caí num sono profundo. Mas a febre que queimava em meu sangue não permitiu que eu tivesse sonhos tranquilos. A terrível cena do dia anterior estava sempre presente diante de meus olhos; as mulheres fugindo, e o enfurecido Felix arrancando-me dos pés de seu pai. Acordei exausto e, vendo que já era noite, esgueirei-me do meu esconderijo e saí em busca de comida.

“Depois de saciar minha fome, dirigi meus passos para o bem conhecido caminho que levava ao chalé. Tudo ali estava em paz. Entrei furtivamente na choupana e fiquei em silenciosa expectativa, aguardando a hora costumeira em que a família levantava. A hora passou, o sol subiu alto no céu, mas os moradores não apareceram. Eu tremia violentamente, receando algum terrível infortúnio. O interior do chalé estava escuro, e eu não ouvia qualquer movimento. Não há como descrever a agonia desse suspense.

“Naquele momento, passaram dois camponeses que, parando perto do chalé, começaram a conversar, gesticulando violentamente. No entanto, eu não entendia o que eles diziam, pois falavam a língua da região, que era diferente daquela de meus protetores. Em seguida, porém, Felix se aproximou com um outro homem. Eu fiquei surpreso, pois eu sabia que ele não saíra do chalé naquela manhã, e esperava ansiosamente descobrir, pelas suas palavras, o significado desses fatos incomuns.

“‘Já pensou,’ disse o seu companheiro, ‘que será obrigado a pagar o aluguel de três meses, além de perder o produto de sua horta? Eu não desejo, injustamente, aproveitar-me da situação e, portanto, peço-lhe que pense por mais alguns dias em considerar a sua decisão.’

“‘É totalmente inútil,’ respondeu Felix, ‘nunca mais poderemos morar em sua casa. A vida de meu pai corre grande perigo, devido à terrível circunstância que já lhe relatei. Minha esposa e minha irmã jamais se

recuperação de seu horror. Peço-lhe que não insista mais. Tome posse de sua propriedade, e deixe-me fugir para longe deste lugar.’

“Felix tremia violentamente ao dizer isso. Ele e seu companheiro entraram no chalé, onde permaneceram por alguns minutos, e depois partiram. Nunca mais vi ninguém da família de De Lacey.

“Passei o resto do dia em minha choupana, num estado de total e absurdo desespero. Meus protetores haviam partido, e tinham rompido o único elo que me ligava ao mundo. Pela primeira vez, meu peito encheu-se de sentimentos de vingança e ódio. Não me esforcei para controlá-los, ao contrário, deixei-me levar pela correnteza, e inclinei minha mente para a destruição e a morte. Quando pensava em meus amigos, na voz suave de De Lacey, nos ternos olhos de Agatha e na delicada beleza da moça árabe, esses pensamentos desapareciam, e uma torrente de lágrimas vinha acalmar-me um pouco. Mas, quando de novo refletia que eles haviam me rejeitado e me abandonado, a raiva voltava, uma explosão de raiva, e, incapaz de maltratar qualquer ser humano, eu dirigia minha fúria contra os objetos inanimados. Conforme a noite avançava, coloquei uma quantidade de materiais inflamáveis ao redor do chalé, e, depois de ter destruído por completo a plantação da horta, esperei com impaciência até que a lua se fosse, para começar a minha obra.

“A noite já ia alta quando dos bosques soprou um vento forte, que rapidamente dispersou as nuvens que vagavam pelo céu. As rajadas de vento irromperam como uma poderosa avalanche, e produziram uma espécie de loucura em meu espírito, que destruiu todos os limites da razão e da reflexão. Acendi o ramo seco de uma árvore, e dancei furiosamente em torno do afeiçoado chalé. Meus olhos ainda estavam fixos no horizonte oeste, cujo limite a lua quase tocava. Parte de seu disco escondeu-se, por fim, e atirei o pedaço de lenha em brasa; com um grito alto, ateei fogo à palha, às urzes e aos arbustos que havia juntado. O vento atizou o fogo, e o chalé foi rapidamente envolvido pelas chamas, que se agarraram a ele e o lamberam com suas línguas bifurcadas e destruidoras.

“Assim que me convenci que nenhum socorro poderia salvar qualquer parte da casa, deixei o local e busquei refúgio nos bosques.

“E agora, com o mundo diante de mim, para onde eu deveria dirigir meus passos? Decidi fugir para longe da cena dos meus infortúnios, mas

para mim, odiado e desprezado, todos os países deviam ser igualmente horríveis. Finalmente, pensei em você. Eu sabia pelos seus papéis que você era meu pai, meu criador. E a quem eu teria mais direito de recorrer senão àquele que me dera a vida? Entre as lições que Felix ministrara à Safie, a geografia não tinha sido omitida; eu havia aprendido com elas a posição relativa dos diferentes países da terra. Você havia mencionado Genebra como sua cidade natal, e foi para lá que resolvi me dirigir.

“Mas como saber para onde ir? Sabia que devia seguir na direção sudoeste para alcançar meu destino, mas o sol era o meu único guia. Eu não sabia o nome das cidades que devia atravessar, nem podia pedir informação a qualquer ser humano, mas não desesperei. Somente de você eu poderia esperar socorro, embora não lhe dedicasse outro sentimento que não o ódio. Criador insensível e sem coração! Você me dotou de percepção e de paixões, e então me largou para ser objeto de desprezo e horror por parte da humanidade. Mas só de você eu poderia exigir piedade e reparação, e de você eu me determinei a obter aquela justiça que em vão tentei conseguir de qualquer outro ser que tivesse a forma humana.

“Minhas jornadas foram longas, e intensos os sofrimentos que suportei. Foi no final do outono que deixei a região onde vivera por tão longo tempo. Viajava apenas à noite, temeroso de encontrar um rosto humano. A natureza decaía ao redor, e o sol se tornava mais frio; chuva e neve caíam à minha volta, e rios caudalosos estavam congelados. A superfície da terra era dura, fria e nua, e eu não encontrava nenhum abrigo. Ó, terra! Quantas vezes amaldiçoei o motivo da minha existência! A brandura de minha natureza se fora, e dentro de mim só havia amargura e rancor. Quanto mais me aproximava de sua casa, mais profundamente sentia o desejo de vingança inflamar-se em meu coração. A neve caía, as águas congelavam, mas eu não descansava. Alguns incidentes de vez em quando me orientavam, e eu possuía um mapa da região, mas com frequência desviava-me bastante do meu caminho. A agonia dos meus sentimentos não me permitia qualquer repouso. Nenhum incidente ocorreu do qual minha raiva e infelicidade não pudessem alimentar-se, mas um fato que aconteceu quando cheguei aos limites da Suíça, quando o sol recuperara seu calor e a terra começara de novo a cobrir-se de verde, confirmou de maneira especial a amargura e o horror dos meus sentimentos.

“Em geral, eu descansava durante o dia, e viajava só quando a segurança da noite me protegia da vista do homem. Certa manhã, porém, ao ver que meu caminho se estendia por um bosque espesso, aventurei-me a continuar minha viagem depois do sol nascer. O dia, um dos primeiros da primavera, alegrava-me pelo encanto de sua luminosidade e a doçura do ar. Sentia reviverem dentro de mim emoções de docilidade e prazer, que pareciam estar mortas há muito tempo. Um pouco surpreso pela novidade dessas sensações, deixei-me levar por elas e, esquecendo minha solidão e minha deformidade, ousei ser feliz. De novo senti as lágrimas suaves escorrerem por minhas faces, e cheguei mesmo a erguer meus olhos úmidos para o sol abençoado, agradecido por derramar essa alegria sobre mim.

“Continuei a perambular entre os caminhos do bosque, até que cheguei aos seus limites, que eram margeados por um rio profundo e rápido, sobre o qual muitas árvores inclinavam seus galhos, agora florescendo com a recente primavera. Estava parado ali, sem saber exatamente que caminho seguir, quando ouvi o som de vozes, o que me levou a ocultar-me sob a sombra de um cipreste. Mal tinha me escondido quando uma mocinha veio correndo para o lugar onde eu estava, rindo, como se estivesse fugindo de alguém de brincadeira. Ela continuou correndo ao longo das margens íngremes do rio quando, de repente, seu pé escorregou e ela caiu na rápida correnteza. Eu disparei do meu esconderijo e, com extremo esforço, lutando contra a força da corrente, salvei-a, arrastando-a para a margem. Ela estava sem sentidos, e eu tentava por todos os meios ao meu alcance reanimá-la, quando fui subitamente interrompido pela aproximação de um camponês, provavelmente a pessoa de quem ela fugira alegremente. Ao ver-me, ele atirou-se contra mim e, arrancando a menina de meus braços, fugiu para o interior do bosque. Eu o segui apressadamente, sem saber bem por que. Mas quando o homem viu que eu me aproximava, apontou-me uma arma, que carregava consigo, e atirou contra mim. Eu caí no chão, e meu ofensor, com velocidade ainda maior, escapou para o bosque.

“Foi essa, então, a recompensa pela minha bondade! Salvava um ser humano da morte e, como recompensa, padecia agora com a dor miserável de uma ferida que me rompera a carne e os ossos. Os sentimentos de bondade e gentileza que, há apenas alguns momentos, eu havia nutrido, deram lugar a uma raiva infernal e ao ranger de dentes. Irritado com a dor,

jurei vingança e ódio eternos a toda a humanidade. Mas a dor da minha ferida me dominou; meu pulso cedeu, e eu desmaiei.

“Durante algumas semanas, levei uma vida miserável nos bosques, tentando curar a ferida que tinha recebido. A bala entrara em meu ombro, e eu não sabia se tinha ficado ali ou se havia atravessado; de qualquer modo, eu não tinha como extrai-la. Meus sofrimentos também eram aumentados pelo opressivo sentido da injustiça e da ingratidão que os motivara. Passei a clamar todos os dias por vingança – uma vingança profunda e mortal, a única capaz de compensar as afrontas e a angústia que eu tinha suportado.

“Depois de algumas semanas, meu ferimento sarou, e continuei minha viagem. As fadigas que suportei não mais seriam aliviadas pelo sol luminoso ou a brisa suave da primavera. Toda alegria não era senão um escárnio, que insultava minha desolada condição e me fazia sentir mais dolorosamente que eu não fora feito para desfrutar do prazer.

“Minhas agruras, porém, agora se aproximavam do fim, e, dali a dois meses, cheguei aos arredores de Genebra.

“Anoitecia quando cheguei e me retirei para um esconderijo nos campos que a cercam para refletir sobre a maneira como deveria dirigir-me a você. Estava atormentado pelo cansaço e fome, e infeliz demais para desfrutar da brisa suave do anoitecer, ou do espetáculo do sol se pondo atrás das magníficas montanhas do Jura.

“Naquele momento, um leve sono, que me aliviou da dor da reflexão, foi perturbado pela aproximação de uma linda criança que veio correndo para o esconderijo que eu escolhera, com toda a vivacidade da infância. De repente, ao contemplá-la, ocorreu-me a ideia de que aquela pequena criatura não tinha preconceitos, e vivera muito pouco até então para ter absorvido o horror pela deformidade. Se, portanto, eu pudesse apanhá-la e educá-la como minha companheira e amiga, não ficaria tão sozinho nesta terra cheia de gente.

“Movido por esse impulso, agarrei o menino quando passou, e o puxei para mim. Assim que ele me viu, cobriu os olhos com as mãos e deu um grito estridente. Eu afastei as mãos de seu rosto com violência, e disse: ‘Menino, o que é isso? Não vou machucá-lo, escute-me.’

“Ele lutava violentamente. ‘Solte-me!’, gritou; ‘monstro! bicho feio! você quer me comer, quer me partir em pedaços... você é um ogro... Largue-me, ou vou contar ao meu papai.’

“‘Menino, você nunca mais vai ver seu pai; você tem que vir comigo.’

“‘Monstro horroroso! largue-me. Meu papai é um magistrado... ele é M. Frankenstein... ele vai te castigar. Você não ousará me levar.’

“‘Frankenstein! Então você pertence ao meu inimigo... àquele a quem jurei vingança eterna; você será minha primeira vítima.’

“A criança continuava a lutar, e a lançar-me nomes que levaram o desespero ao meu coração. Agarrei sua garganta para fazê-lo calar-se e, no momento seguinte, ele jazia morto aos meus pés.

“Contemplei minha vítima, e meu coração exultou, tomado por uma sensação demoníaca de triunfo. Batendo palmas, exclamei: ‘Eu também posso criar a desolação; meu inimigo não é invulnerável. Esta morte o levará ao desespero, e milhares de outras desgraças hão de atormentá-lo e destruí-lo.’

“Ao olhar para a criança, vi algo brilhando em seu peito. Peguei-o; era o retrato da mais adorável das mulheres. Apesar da minha perversidade, aquilo me enterneceu e me atraiu. Por alguns momentos, contemplei com deleite seus olhos escuros, emoldurados por longos cílios e seus lábios encantadores. Então, minha raiva retornou. Lembrei-me de que estava privado para sempre das delícias que essas lindas criaturas podiam proporcionar, e que aquela, cujo rosto contemplava, se me visse, transformaria aquele ar de divina bondade em expressão de aversão e terror.

“Você se espanta de que tais pensamentos me enchessem de ira? Eu só me espanto de que não tivesse, naquele momento, em vez de desabafar com gemidos de agonia, corrido para a humanidade e morrido na tentativa de destruí-la.

“Enquanto eu era dominado por esses sentimentos, deixei o lugar onde havia cometido o crime, e estava buscando um esconderijo mais retirado quando vi uma mulher passando perto de mim. Ela era jovem, não tão bonita, na verdade, quanto aquela cujo retrato eu pegara, mas de aspecto agradável, e em pleno viço da mocidade e da saúde. Aqui está uma, pensei,

cujos sorrisos são prodigalizados a todos menos a mim. Ela não escapará. Graças às lições de Felix, e às leis sanguinárias dos homens, eu aprendera a fazer o mal. Aproximei-me dela sem ser percebido, e coloquei o retrato entre as dobras do seu vestido.

“Por alguns dias, rondei o local onde haviam ocorrido esses fatos, às vezes desejando ver você, às vezes decidido a deixar para sempre o mundo e suas misérias. Por fim, vaguei na direção destas montanhas, percorrendo seus imensos recessos, consumido por uma ardente paixão que só você pode aplacar. Não podemos nos separar até que você prometa satisfazer o meu pedido. Eu sou sozinho e infeliz, os homens não querem ligar-se a mim, mas alguém tão deformado e horrível quanto eu, não se negaria a viver comigo. Minha companheira deve ser da mesma espécie e ter os mesmos defeitos que eu. Você tem que criar esse ser.”

CAPÍTULO IX

A criatura acabou de falar, e fixou seus olhos em mim à espera de uma resposta. Mas eu estava perplexo, confuso e incapaz de organizar minhas ideias o suficiente para entender toda a extensão de sua proposta. Ele continuou:

“Você tem que criar uma fêmea para mim, com quem eu possa viver numa harmonia compatível com as necessidades do meu ser. Isso, só você pode fazer. Eu o exijo como um direito que você não pode recusar.”

A última parte de seu relato reacendera novamente a minha ira, que havia se extinguido quando ele narrara sua vida pacífica entre os moradores do chalé, e, quando ele disse aquilo, já não pude conter a raiva que queimava dentro de mim.

“Eu recuso”, respondi; “e nenhuma tortura jamais arrancará de mim um consentimento. Você pode me tornar o mais infeliz dos homens, mas nunca conseguirá aviltar-me aos meus próprios olhos. Criar uma outra criatura como você, cuja maldade conjunta poderia devastar o mundo? Vá embora! Já lhe respondi. Mesmo que me torture, eu jamais concordarei.”

“Está cometendo um erro”, respondeu o diabo; “e, em vez de ameaçar, estou satisfeito de argumentar com você. Sou mau porque sou infeliz; não sou rejeitado e odiado por toda a humanidade? Você, meu criador, seria capaz de me partir em pedaços e triunfar; lembre-se disso, e me diga por que deveria ter mais compaixão pelos homens do que a que eles têm por mim? Se pudesse atirar-me num desses precipícios de gelo e destruir meu corpo, obra de suas próprias mãos, não chamaria de crime. Devo respeitar o homem, quando ele me despreza? Se convivesse comigo em mútua bondade, eu, em vez de prejudicá-lo, o beneficiaria, derramando lágrimas de gratidão por ter sido aceito. Mas é impossível; os sentidos humanos constituem barreiras intransponíveis à nossa união. Assim, não me submeterei a uma escravidão abjeta. Vingarei minhas injúrias: se não puder inspirar amor, provocarei medo; e especialmente a você, meu arqui-inimigo, pois é meu criador, juro um ódio inextinguível. Cuidado: trabalharei para sua destruição, e não terminarei até que seu coração esteja tão devastado que o faça amaldiçoar a hora em que nasceu.”

Ao dizer isso, uma raiva diabólica inflamava-o; seu rosto era crispado por contorções horríveis demais para serem contempladas por olhos humanos. Logo, porém, ele se acalmou, e prosseguiu:

“Eu pretendia argumentar. Essa raiva me é prejudicial, pois você não parece ver que é a causa desses excessos. Se alguma criatura tivesse sentimentos de bondade para comigo, eu os retribuiria centenas e centenas de vezes, e, pelo bem dessa única criatura, faria as pazes com toda a espécie! Mas eu agora estou me permitindo sonhos felizes, que não podem se realizar. O que eu lhe peço é razoável e moderado; exijo uma criatura de outro sexo, mas tão horrível quanto eu. A satisfação é pequena, mas é tudo que posso receber, e ficarei satisfeito. É verdade que seremos monstros, isolados do resto do mundo, mas por esse mesmo motivo seremos mais ligados um ao outro. Nossa vida não será feliz, mas será inofensiva, e livre da infelicidade que agora eu sinto. Ó! meu criador, faça-me feliz. Permita que eu possa sentir gratidão por você, por esse único benefício! Permita que eu desperte a simpatia de algum ser vivo. Não me negue este pedido!”

Fiquei comovido. Tremi ao pensar no que poderia acontecer se concordasse, mas sentia que havia certa justiça em seu argumento. Seu relato, e os sentimentos que ele agora expressava, provavam que era uma criatura de fina sensibilidade. E, como seu criador, não lhe devia eu toda a felicidade que estivesse em meu poder proporcionar-lhe? Ele percebeu a mudança em meus sentimentos, e continuou:

“Se concordar, nem você nem qualquer outro ser humano nos verão de novo: irei para as vastidões selvagens da América do Sul. Meu alimento não é o do homem; não mato o carneiro e o cabrito para saciar minha fome; nozes e frutos silvestres me proporcionam nutrição suficiente. Minha companheira será da mesma natureza e ficará satisfeita com a mesma comida. Faremos nossas camas de folhas secas. O sol brilhará sobre nós como sobre os homens, e amadurecerá nosso alimento. O quadro que eu lhe apresento é pacífico e humano, e você deve sentir que só poderá negá-lo por um excesso de poder e de crueldade. Por mais que tenha sido impiedoso para comigo, vejo agora compaixão em seus olhos. Deixe-me aproveitar esse momento favorável para convencê-lo a prometer o que desejo com tanto ardor.”

“Você propõe”, respondi, “fugir dos lugares habitados pelo homem, para morar nessas selvas onde apenas os animais selvagens serão seus companheiros. Como poderá você, que anseia pelo amor e bondade do homem, persistir nesse exílio? Você voltará, e novamente buscará a bondade dos homens, encontrando apenas seu desprezo e repulsa; seus maus sentimentos serão reavivados e terá então uma companheira para ajudá-lo em sua tarefa de destruir. Isso não pode ser. Não discuta mais o assunto, pois não posso concordar.”

“Como seus sentimentos são inconstantes! Há apenas um momento estava comovido com meus argumentos. Por que volta agora a endurecer diante de minhas queixas? Eu lhe juro, pela terra que habito, e por você que me criou, que, com a companheira que me der, eu deixarei a vizinhança do homem e passarei a viver, como acontecerá, nos lugares mais selvagens. Meus maus impulsos desaparecerão, pois terei compreensão e simpatia. Minha vida se passará calmamente, e, em meus momentos finais, não amaldiçoarei meu criador.”

Suas palavras tiveram um estranho efeito sobre mim. Senti pena dele, e até desejei consolá-lo, mas quando o olhei, quando vi aquela massa horrenda que se movia e falava, meu coração angustiou-se e meus sentimentos se transformaram em horror e ódio. Tentei sufocar essas sensações, pensando que, se eu não podia simpatizar com ele, não tinha o direito de sonegar-lhe aquela pequena porção de felicidade que ainda estava em meu poder conceder-lhe.

“Você jura”, disse eu, “que será inofensivo, mas já não mostrou um grau de maldade que poderia me levar a desconfiar com razão de você? Não pode até ser um ardil para aumentar seu triunfo, proporcionando-lhe um campo maior para a sua vingança?”

“Que é isso? Pensei que tinha despertado sua compaixão, contudo ainda recusa a me conceder o único benefício que pode suavizar meu coração e tornar-me inofensivo. Se eu não tiver nenhum laço ou afeição, meu destino será o ódio e a infâmia; o amor de uma outra criatura destruirá a razão de meus crimes e me tornarei algo de cuja existência ninguém saberá. Meus defeitos são os filhos de uma solidão forçada que abomino, e minhas virtudes necessariamente despertarão quando eu viver em comunhão com

um ser igual a mim. Sentirei a afeição de uma criatura sensível, e me unirei à cadeia da existência, da qual me acho agora excluído.”

Parei por algum tempo para refletir sobre tudo que ele tinha contado, e sobre os vários argumentos que havia usado. Pensei na promessa de virtudes que ele tinha exibido, no princípio de sua existência, e na subsequente frustração de todos os seus bons sentimentos, devido à aversão e ao desprezo que seus protetores haviam manifestado em relação a ele. Não deixei de considerar em meus cálculos sua força e suas ameaças; uma criatura capaz de viver nas cavernas das geleiras e se esconder da perseguição entre os cumes de precipícios inacessíveis era um ser que possuía faculdades contra as quais seria inútil confrontar-se. Depois de refletir por longo tempo, concluí que a justiça devida tanto a ele quanto aos meus semelhantes exigia que eu concordasse com seu pedido. Portanto, virando-me para ele, eu disse:

“Concordo com seu pedido mediante o solene juramento de que você deixará a Europa para sempre, e qualquer outro lugar na vizinhança do homem, assim que eu entregar em suas mãos uma fêmea que o acompanhará em seu exílio.”

“Eu juro”, exclamou ele, “juro pelo sol, e pelo azul do céu, que se você atender à minha súplica, enquanto eles existirem você nunca mais me verá. Vá para sua casa e comece o seu trabalho. Observarei seu progresso com indescritível ansiedade, e não tema, pois só aparecerei quando ele estiver terminado.”

Ao dizer isso, deixou-me de repente, temendo, talvez, alguma mudança em meus sentimentos. Eu o vi descer a montanha com uma velocidade maior que a do voo da águia e logo o perdi de vista entre as ondulações do mar de gelo.

Seu relato tinha levado o dia todo, e o sol já tocava o horizonte quando ele partiu. Eu sabia que devia apressar minha descida para o vale, pois logo estaria cercado pela escuridão. Meu coração, porém, estava pesado, e meus passos eram lentos. O trabalho de serpentear pelas estreitas trilhas das montanhas, firmando os pés ao avançar, perturbava-me, dominado como estava pelas emoções causadas pelos acontecimentos do dia. A noite já estava bem avançada, quando alcancei o refúgio que ficava a meio caminho, e sentei-me ao lado da fonte. As estrelas brilhavam a intervalos,

conforme passavam as nuvens; a silhueta escura dos pinheiros erguia-se à minha frente, e aqui e ali havia uma árvore caída no chão: era um cenário de maravilhosa solenidade que me despertava estranhas reflexões. Chorei amargamente, e apertando as mãos em agonia, exclamei, “Ó! Estrelas, nuvens e ventos, estais prestes a zombar de mim: se realmente tendes piedade de mim, esmagai meus sentimentos e minha memória; transformai-me em nada; mas se não for assim, parti, parti e deixai-me na escuridão.”

Esses pensamentos eram selvagens e deprimentes, mas não posso descrever-lhe como me oprimia o brilho eterno das estrelas, e como eu ouvia cada rajada de vento como se fosse um terrível siroco a caminho de me consumir.

A manhã surgiu antes que eu chegasse à aldeia de Chamonix, mas minha presença, com uma aparência tão desfigurada e estranha, mal acalmou os temores de minha família, que passara a noite inteira na ansiosa expectativa do meu retorno.

No dia seguinte, voltamos para Genebra. A intenção de meu pai ao vir fora desviar minha mente do sofrimento, e restabelecer minha tranquilidade perdida, mas o remédio havia sido fatal. E, incapaz de explicar a excessiva tristeza de que eu parecia sofrer, ele apressou-se a voltar para casa, esperando que a calma e a monotonia da vida doméstica, aos poucos, aliviassem os meus sofrimentos, qualquer que fosse a sua causa.

De minha parte, aceitava passivamente todos os seus arranjos; e a doce afeição da minha amada Elizabeth era insuficiente para me tirar de meu profundo desespero. A promessa que fizera ao demônio pesava em minha mente, como o capacete de ferro de Dante nas cabeças dos diabólicos hipócritas^[1]. Todos os prazeres da terra e do céu passavam diante de mim como num sonho, e toda a realidade da vida, para mim, concentrava-se naquele pensamento. Não é de espantar que às vezes um tipo de loucura me possuísse, ou que eu continuamente visse em torno de mim uma multidão de animais medonhos, que me infligiam incessantes torturas e que muitas vezes me extorquiam gritos e gemidos amargurados.

Aos poucos, porém, tais sentimentos se acalmaram. Ingressei novamente no cenário da vida diária, se não com interesse, pelo menos com certo grau de tranquilidade.

FIM DO VOLUME II

^[1] Segundo Dante, em sua obra “A Divina Comédia”, os hipócritas encontram-se no oitavo círculo do Inferno, dentro do sexto fosso ou bolgia, sendo descrito nos Cantos 23 e 24 da obra. Lá estão vestidos com roupas brilhantes, atraentes, porém pesadas como o chumbo, pois este é o peso que não sentiram na consciência ao fazerem maldades.

VOLUME III

CAPÍTULO I

Dia após dia, semana após semana foram passando, após o meu retorno para Genebra; e não conseguia reunir a coragem para recomeçar meu trabalho. Temia a vingança do demônio decepcionado, embora não conseguisse dominar minha repugnância pela tarefa que me fora imposta. Vi que não poderia compor uma fêmea sem dedicar de novo vários meses a profundos estudos e laboriosas pesquisas. Ouvira falar que um estudioso inglês fizera algumas descobertas, cujo conhecimento era essencial ao meu sucesso e pensava em pedir autorização a meu pai para visitar a Inglaterra com esse objetivo, mas agarrava-me a qualquer pretexto para adiar, e não me decidia a interromper a tranquilidade reconquistada. Minha saúde, que até então declinara, estava agora bastante recuperada, e meu espírito, quando não perturbado pela lembrança da minha infeliz promessa, recuperava-se na mesma proporção. Meu pai via essa mudança com prazer, e voltava seus pensamentos para a melhor maneira de erradicar os restos de minha melancolia, que retornava a intervalos, e com um negrume voraz obscurecia a luz do sol que se aproximava. Nesses momentos, eu buscava refúgio na mais completa solidão. Passava dias inteiros no lago, sozinho num pequeno bote, observando as nuvens e escutando o murmúrio das ondas, calado e apático. Mas o ar fresco e o brilho do sol raramente deixavam de me propiciar certo grau de serenidade, e, ao retornar, recebia os cumprimentos de meus amigos com um sorriso mais fácil e um coração mais alegre.

Foi depois de retornar de uma dessas perambulações que meu pai, chamando-me à parte, assim se dirigiu a mim:

“Fico feliz de constatar, meu querido filho, que você voltou aos seus antigos prazeres, e parece estar voltando a ser o mesmo. No entanto, você ainda está infeliz e ainda evita a nossa companhia. Durante algum tempo, fiquei imaginando qual seria a causa disso, mas ontem me ocorreu uma ideia e, se ela tiver fundamento, suplico que o diga. Guardar segredo sobre isso não é apenas inútil, mas lança uma tríplice desgraça sobre todos nós.”

Tremi violentamente diante dessa introdução, e meu pai continuou:

“Confesso, meu filho, que sempre considerei o seu casamento com sua prima como o vínculo do nosso conforto doméstico, e o esteio dos meus anos de velhice. Vocês são ligados um ao outro desde a mais tenra infância; estudaram juntos, e pareciam, em temperamentos e gostos, inteiramente feitos um para o outro. Mas tão cega é a experiência do homem, que o que eu concebi para ser o melhor auxílio para o meu plano pode tê-lo destruído inteiramente. Você talvez a considere como uma irmã, sem qualquer desejo de que se torne sua esposa. Ou talvez tenha encontrado outra a quem você ame e, considerando-se ligado à sua prima por laços de honra, essa luta pode estar causando a profunda infelicidade que parece sentir.”

“Meu querido pai, fique tranquilo. Amo minha prima terna e sinceramente. Nunca conheci qualquer mulher que despertasse, como Elizabeth, a minha mais calorosa admiração e afeto. Minhas esperanças e projetos futuros estão inteiramente ligados à expectativa da nossa união.”

“A expressão de seus sentimentos sobre isto, meu caro Victor, me dá mais prazer do que experimentei nos últimos tempos. Se você se sente assim, certamente seremos felizes, embora os presentes eventos tenham lançado uma sombra de tristeza sobre nós. Mas é essa tristeza, que parece ter se apegado à sua mente com tanta firmeza, que desejo dissipar. Diga-me, portanto, se você se opõe à imediata realização do casamento. Temos sido infelizes e os eventos recentes nos tiraram aquela tranquilidade diária que tanto convém aos meus anos e fraquezas. Você é jovem, embora eu não creia que, possuindo a fortuna que possui, um casamento prematuro vá interferir de algum modo com quaisquer planos futuros de honra e utilidade que possa ter. Não imagine, porém, que desejo impor-lhe felicidade, ou que uma demora de sua parte me cause qualquer preocupação séria. Interprete minhas palavras com honestidade, e responda-me, lhe suplico, com confiança e sinceridade.”

Escutei meu pai em silêncio, e por algum tempo fui incapaz de dar qualquer resposta. Uma multidão de pensamentos cruzou minha mente e esforcei-me para chegar a uma conclusão. Ai de mim! A ideia duma união imediata com minha prima era para mim motivo de horror e desespero. Estava obrigado por uma promessa solene, que ainda não cumprira e não ousava quebrar, pois, se o fizesse, que múltiplas desgraças não ameaçariam a mim e à minha devotada família! Poderia entrar numa festa, com esse peso morto agarrado ao meu pescoço e me dobrando até o chão? Eu tinha

que cumprir minha promessa e deixar o monstro partir com sua companheira, antes de me permitir desfrutar a alegria de uma união da qual eu esperava a paz.

Lembrei-me também da minha imperiosa necessidade de, ou viajar para a Inglaterra, ou manter uma longa correspondência com os estudiosos daquele país, cujo conhecimento e cujas descobertas me eram indispensáveis na minha atual tarefa. O último método de obter o conhecimento desejado era demorado e insatisfatório. Além disso, qualquer mudança me agradava, e eu estava encantado com a ideia de passar um ano ou dois num cenário e numa ocupação diferentes, longe da minha família. Durante esse período, poderia acontecer algum evento que me trouxesse de volta a eles em paz e felicidade: minha promessa poderia ser cumprida e o monstro partiria, ou poderia acontecer algum acidente que o destruísse e pusesse para sempre um fim à minha escravidão.

Esses sentimentos ditaram minha resposta a meu pai. Expressei meu desejo de visitar a Inglaterra, escondendo, no entanto, as verdadeiras razões desse pedido, disfarçando-as sob um desejo de viajar e ver o mundo antes de me estabelecer pelo resto da vida dentro dos muros de minha cidade natal.

Insisti nesse pedido com ansiedade, e meu pai foi facilmente induzido a concordar, pois não existia na face da terra um pai mais indulgente e menos despótico. Logo organizamos nosso plano. Eu deveria viajar para Estrasburgo, onde Clerval se uniria a mim. Passaríamos um curto tempo em algumas cidades da Holanda, mas nossa permanência principal seria na Inglaterra. Voltaríamos pela França, e foi combinado que a viagem deveria levar dois anos.

Meu pai se contentou com a ideia de que minha união com Elizabeth aconteceria logo após o meu retorno para Genebra. “Esses dois anos passarão depressa”, disse ele, “e será a última coisa a adiar sua felicidade. E eu, de fato, desejo ardentemente que chegue logo esse dia, quando todos estaremos reunidos, e não haverá nem esperanças nem medos que perturbem a calma de nossa vida doméstica.”

“Fico contente”, respondi, “com os seus arranjos. Antes desse tempo nós dois teremos nos tornado mais sábios e mais felizes, eu espero, do que somos no momento.” Suspirei; mas meu pai gentilmente absteve-se de fazer

mais perguntas sobre a causa do meu abatimento. Ele acreditava que os novos ambientes e a diversão da viagem restaurariam a minha tranquilidade.

Comecei então a fazer os preparativos para a viagem, mas vivia assombrado por um sentimento que me enchia de medo e de agitação. Durante minha ausência, eu deixaria meus amigos inconscientes da existência de seu inimigo, e desprotegidos contra seus ataques, já que ele poderia estar exasperado pela minha partida. Mas ele não tinha prometido me seguir aonde quer que eu fosse e, portanto, não me seguiria à Inglaterra? Esse pensamento era terrível em si mesmo, mas tranquilizador, pois pressupunha a segurança de meus amigos. Eu me angustiava com a ideia de que pudesse acontecer o contrário. Mas durante todo o tempo em que fui escravo de minha criatura, eu me permiti ser governado pelos impulsos do momento; e agora eu tinha a forte impressão de que o demônio me seguiria, eximindo minha família do perigo de suas maquinações.

Foi no final de agosto que parti, para passar dois anos de exílio. Elizabeth aprovou as razões de minha partida, e só lamentou que não tivesse as mesmas oportunidades de aumentar sua experiência e refinar seu entendimento. Ela chorou, porém, ao dizer-me adeus, e me pediu que voltasse feliz e tranquilo. “Todos nós dependemos de você”, disse ela, “e se você for infeliz, imagine quais seriam os nossos sentimentos.”

Atirei-me à carruagem que me levaria para longe, mal sabendo para onde ia, e pouco me importando com o que se passava ao meu redor. Lembro-me apenas, e era com amarga angústia que pensava nisso, de ter ordenado que meus instrumentos químicos fossem empacotados para seguir comigo, pois eu decidira cumprir minha promessa enquanto estivesse no estrangeiro, para retornar, se possível, como um homem livre. Tomado por pensamentos sombrios, atravessei muitos cenários belos e majestosos, mas meu olhar era fixo e vago. Eu só conseguia pensar no objetivo de minha viagem, e no trabalho que deveria ocupar-me enquanto ela durasse.

Após alguns dias passados em apática indiferença, durante os quais percorri muitas léguas, cheguei a Estrasburgo, onde esperei dois dias por Clerval. Ele chegou. Ai de mim! Como era grande o contraste entre nós! Ele era sensível a cada nova paisagem, alegrava-se com as belezas do pôr do sol e ficava ainda mais feliz com o nascer do sol e o recomeço de um

novo dia. Apontava-me as cores cambiantes da paisagem e o aspecto do céu. “Isso é que é viver!” exclamava ele. “Agora desfruto realmente a vida! Mas você, meu caro Frankenstein, por que está tão desanimado e triste?” De fato, estava tomado por pensamentos sombrios e nem reparava no brilho que o nascer da estrela vespertina ou do sol dourado refletiam no Reno. E você, meu amigo, se divertiria muito mais com o relato de Clerval, que observava a paisagem com um olhar comovido e encantado, que escutando minhas reflexões. Eu, um infeliz desgraçado, assombrado por uma maldição que me fechava qualquer possibilidade de prazer.

Havíamos concordado em descer o Reno de barco, de Estrasburgo a Roterdã, de onde poderíamos embarcar para Londres. Durante esta viagem passamos por muitas ilhas cobertas de salgueiros e vimos várias belas cidades. Ficamos um dia em Mannheim e, no quinto após nossa partida de Estrasburgo, chegamos a Mainz. Abaixo de Mainz, o curso do Reno torna-se bem mais pitoresco. O rio corre rapidamente, e serpenteia entre colinas, não muito altas, mas íngremes e de lindas formas. Vimos muitos castelos em ruínas, erguidos à beira de precipícios, cercados por bosques negros, altos e inacessíveis. Essa parte do Reno, de fato, apresenta uma paisagem singularmente variada. Num lugar, veem-se colinas escarpadas, castelos em ruínas dominando enormes precipícios, com as águas escuras do Reno correndo abaixo; e, de repente, na curva de um promontório, o cenário é ocupado por vinhedos fluorescentes, margens verdejantes e inclinadas, o rio sinuoso e cidades populosas.

Viajávamos na época da vindima e ao deslizarmos pelo rio ouvíamos a canção dos trabalhadores. Até eu, deprimido como estava, e com meu espírito continuamente agitado por sombrios pensamentos, até eu me sentia contente. Estendia-me no fundo do barco e, contemplando o céu sem nuvens, parecia beber duma tranquilidade que há muito me era estranha. E, se essas eram as minhas sensações, quem poderia descrever as de Henry? Ele se sentia como se tivesse sido transportado para um país de conto de fadas e desfrutava de uma felicidade raramente experimentada pelo homem. “Eu já vi”, dizia ele, “as paisagens mais belas de meu próprio país; visitei os lagos de Lucerna e Uri, onde as montanhas nevadas descem quase perpendicularmente até a água, lançando sombras negras e impenetráveis que dariam um aspecto escuro e triste à paisagem, não fossem as ilhas mais verdes a animar a vista com sua aparência alegre; vi esse mesmo lago

agitado por um temporal, quando o vento provocava redemoinhos na água, dando uma ideia de como deve ser uma tempestade no grande oceano, e as ondas baterem com fúria na base das montanhas onde o padre e sua amante foram apanhados por uma avalanche, e onde dizem que suas vozes agonizantes ainda podem ser ouvidas entre as pausas do vento noturno; vi as montanhas de La Valais e do Pays de Vaud: mas este país, Victor, agrada-me mais que todas essas maravilhas. As montanhas da Suíça são mais majestosas e estranhas, mas há um encanto nas margens deste rio divino que nunca vi igual. Olhe aquele castelo, pendurado num precipício; e também para aquela ilha, quase escondida entre folhagens daquelas encantadoras árvores; e para aquele grupo de trabalhadores voltando das vinhas; e para aquela aldeia meio oculta no recesso da montanha. Ó, certamente o espírito que habita e guarda este lugar tem uma alma mais em harmonia com o homem que aquele que domina as geleiras ou retira-se para os cumes inacessíveis das montanhas de nossa própria terra.”

Clerval! Adorado amigo! Mesmo agora me alegro em recordar suas palavras e em estender-me nos louvores que você tanto merece. Ele era um ser formado na “verdadeira poesia da natureza.” Sua imaginação vibrante e entusiástica era refinada pela sensibilidade de seu coração. Sua alma transbordava de afetos ardentes, e sua amizade era daquela espécie devotada e maravilhosa, que os mundanos nos ensinam a procurar apenas na imaginação. Mas nem mesmo as simpatias humanas eram suficientes para satisfazer sua mente ávida. Os cenários da natureza, que outros olhavam apenas com admiração, ele amava com ardor:

A catarata ressonante,
Assombrava-o como uma paixão: a rocha elevada,
A montanha, e o bosque profundo e sombrio,
Suas cores e suas formas, eram para ele
Um desejo; um sentimento e um amor,
Que não necessitava de encantos remotos,
Providos pelo pensamento, ou qualquer outro interesse,
Emprestado do olhar.”^[1]

E onde ele vive agora? Estará perdido para sempre, este ser gentil e adorável? Terá esta mente – tão repleta de ideias e pensamentos fantásticos e magníficos, que constituíam um mundo cuja existência dependia da vida de seu criador – terá esta mente perecido? Será que ele agora existe apenas em minha memória? Não, não é assim. Sua forma tão divinamente forjada e radiante de beleza desfez-se, mas seu espírito ainda visita e consola o seu infeliz amigo.

Perdoe esse acesso de tristeza; essas palavras inúteis não são mais que um pequeno tributo ao valor incomparável de Henry, mas aliviam meu coração, dando vazão à angústia que sua lembrança me provoca. Continuarei com o meu relato.

Depois de Colônia, descemos para as planícies da Holanda; e decidimos fazer o resto de nossa viagem pela diligência postal, pois o vento era contrário, deixando a correnteza do rio muito lenta para nos ser útil.

Ali, nossa viagem perdeu o interesse oferecido pela bela paisagem, mas em poucos dias chegamos a Roterdã, de onde seguimos por mar à Inglaterra. Foi numa límpida manhã, nos últimos dias de dezembro, que vi pela primeira vez os alvos penhascos britânicos. As margens do Tâmesa ofereciam uma visão nova; eram planas, mas férteis, e quase todas as cidades eram marcadas por alguma história. Vimos o Forte de Tilbury, e nos lembramos da armada espanhola, Gravesend, Woolwich e Greenwich – lugares de que eu tinha ouvido falar até mesmo em meu país.

Por fim, nós avistamos os numerosos campanários de Londres, o de St. Paul sobressaindo acima de todos, e a Torre de Londres, famosa na história inglesa.

[1] Versos do poema “Tintern Abbey”, do poeta inglês William Wordsworth (1770-1850), segundo notas da própria Mary Shelley.

CAPÍTULO II

Londres era o nosso ponto de parada atual, e resolvemos ficar vários meses nessa maravilhosa e célebre cidade. Clerval desejava relacionar-se com os homens de gênio e talento que faziam sucesso naquela época, mas esse era um objetivo secundário para mim. Eu me preocupava principalmente com os meios de obter as informações necessárias para o cumprimento de minha promessa, e logo me utilizei das cartas de apresentação que tinha trazido comigo, dirigidas aos mais notáveis estudiosos das ciências naturais.

Se esta viagem tivesse acontecido durante os meus dias de estudo e felicidade, teria me proporcionado um prazer indescritível. Mas uma influência maligna se abatera sobre minha existência e só visitava essas pessoas por causa das informações que poderiam me dar sobre o assunto em que meu interesse estava tão terrivelmente envolvido. Ter companhia me irritava; quando sozinho, podia encher minha mente com visões do céu e da terra. A voz de Henry me acalmava e podia assim enganar-me com uma paz transitória. Os rostos joviais, ativos e desinteressantes, traziam desespero ao meu coração. Via uma barreira intransponível erguida entre mim e meus semelhantes; essa barreira era selada com o sangue de William e de Justine, e refletir sobre os eventos ligados a esses nomes enchia minha alma de angústia.

Mas em Clerval eu via a imagem do meu antigo eu. Ele era curioso, e ávido por ganhar experiência e instrução. A diferença de costumes que observava era para ele uma fonte inesgotável de estudo e diversão. Estava sempre ocupado, e o único entrave aos seus prazeres era a minha aparência triste e abatida. Eu tentava esconder isso tanto quanto possível, para não privá-lo dos prazeres naturais para alguém que estava entrando num novo cenário de vida, sem ser perturbado por qualquer preocupação ou lembrança amarga. Eu com frequência recusava-me a acompanhá-lo, alegando outro compromisso, a fim de que pudesse ficar sozinho. Também começara a coletar os materiais necessários à minha nova criação, e isso para mim era como a tortura da gota d'água caindo continuamente sobre a cabeça. Cada pensamento dedicado a esse assunto era uma angústia extrema, e cada

palavra pronunciada em alusão a ele fazia meus lábios tremerem e meu coração palpitar.

Depois de passarmos alguns meses em Londres, recebemos uma carta de uma pessoa na Escócia, que havia nos visitado anteriormente em Genebra. Ele mencionou as belezas de sua terra natal, e nos perguntou se esse não era um atrativo suficiente para nos levar a prolongar nossa viagem até Perth, onde ele residia. Clerval estava impaciente por aceitar esse convite, e eu, embora detestasse companhia, desejava ver de novo montanhas, rios, e todas as obras maravilhosas com que a natureza adorna os lugares que escolhe habitar.

Havíamos chegado à Inglaterra no início de outubro^[1], e agora estávamos em fevereiro. Resolvemos, portanto, começar nossa viagem para o norte no fim do mês seguinte. Nessa viagem, não pretendíamos seguir a grande estrada para Edimburgo, mas visitar Windsor, Oxford, Matlock e os lagos de Cumberland, decididos a terminar essa excursão no final de julho. Empacotei meus instrumentos químicos e os materiais que havia coletado, resolvido a terminar meu trabalho em algum recanto obscuro dos altiplanos do norte da Escócia.

Deixamos Londres em 27 de março, e ficamos alguns dias em Windsor, vagando por sua bela floresta. Para nós, montanheseiros, aquele era um cenário novo; os majestosos carvalhos, a quantidade de caça, e os rebanhos de imponentes cervos, tudo era novidade para nós.

Dali seguimos para Oxford. Ao entrarmos nesta cidade, nossas mentes recordaram os eventos que haviam ocorrido ali mais de um século e meio antes. Fora ali que Carlos I reunira suas forças. Esta cidade permanecera fiel a ele, depois que a nação inteira havia abandonado sua causa para se juntar ao estandarte do parlamento e da liberdade. A lembrança daquele rei desafortunado, e seus companheiros, o amável Falkland, o insolente Gower, sua rainha e seu filho, concedia um peculiar interesse a cada parte da cidade que se supunha que eles tinham habitado. O espírito de tempos passados encontrara ali uma morada, e nós nos deliciávamos em traçar seus passos. Se esses sentimentos não produziam a satisfação imaginada, a aparência da cidade ainda tinha, por si mesma, beleza suficiente para conquistar nossa admiração. As faculdades são antigas e pitorescas; as ruas são quase magníficas; e o adorável Isis, que corre ao lado dela por entre prados de

delicado verdor, espalha-se em seguida numa plácida vastidão de águas, que reflete seu majestoso conjunto de torres, pináculos e cúpulas, protegido por árvores centenárias.

Eu desfrutava do cenário, ainda que meu prazer fosse amargurado, tanto pela memória do passado quanto pela antecipação do futuro. Eu era feito para desfrutar de uma felicidade tranquila. Durante minha juventude, jamais o desgosto visitara minha mente, e, se eu chegava a ser vencido pelo tédio, a visão das belezas da natureza ou o estudo do que o homem produz de excelente e sublime, podiam sempre interessar ao meu coração e trazer flexibilidade ao meu espírito. Mas sou uma árvore destruída; a flecha atravessou minha alma; e eu sentia então que deveria sobreviver para exhibir o que eu logo deixaria de ser – um miserável espetáculo de humanidade aniquilada, lastimável para os outros e odioso para mim mesmo.

Passamos um tempo considerável em Oxford, vagando pelos seus arredores e procurando identificar cada lugar que pudesse estar relacionado à época mais animada da história inglesa. Nossas pequenas viagens de descoberta eram muitas vezes prolongadas pelos sucessivos objetos que iam se apresentando. Visitamos o túmulo do ilustre Hampden, e o campo em que aquele patriota tombou. Por um momento, minha alma elevou-se de seus humilhantes e miseráveis temores para contemplar as ideias divinas de liberdade e abnegação, de que essas vistas eram os monumentos e as memórias. Por um momento, ousei libertar-me de meus grilhões, e olhar ao meu redor com um espírito livre e altaneiro, mas o ferro havia penetrado em minha carne, e recolhi-me de novo, trêmulo e desesperado, ao meu ego infeliz.

Deixamos Oxford com pesar e prosseguimos para Matlock, que era o nosso próximo ponto de parada. A região nas vizinhanças dessa aldeia assemelhava-se em maior grau à paisagem da Suíça, mas era tudo em menor escala, e as colinas verdes careciam da coroa branca e distante dos Alpes, que sempre estava presente nas montanhas cobertas de pinheiros de minha terra natal. Visitamos a maravilhosa gruta e os pequenos museus de história natural, onde as curiosidades estavam dispostas do mesmo modo que nas coleções de Servox e Chamonix. Este último nome me fez tremer quando Henry o pronunciou, e apressei-me a deixar Matlock, com o que aquela terrível cena estava assim associada.

De Derby, ainda viajando em direção ao norte, passamos dois meses em Cumberland e Westmoreland. Agora, eu quase podia me imaginar entre as montanhas da Suíça. As pequenas nesgas de neve que ainda se demoravam na face norte das montanhas, os lagos, o ruído das águas dos riachos que desciam das rochas, todas essas visões eram familiares e queridas para mim. Aqui também fizemos algumas amizades que quase conseguiram me fazer acreditar que era feliz. O prazer de Clerval era proporcionalmente maior do que o meu; sua mente se expandia na companhia de homens talentosos, e ele encontrava em sua própria natureza maiores capacidades e recursos do que teria imaginado possuir enquanto estava associado com seus inferiores. “Eu poderia passar minha vida aqui”, disse-me ele; “e entre essas montanhas mal sentiria falta da Suíça e do Reno.”

Mas ele descobriu que a vida de um viajante é do tipo que inclui muito sofrimento entre seus prazeres. Suas emoções estavam sempre tensionadas. Quando ele começava a repousar, achava-se obrigado a deixar aquilo que lhe dava prazer por algo novo, que voltasse a despertar sua atenção, e que ele depois também abandonaria por outras novidades.

Mal tínhamos visitado os vários lagos de Cumberland e de Westmoreland, e criado certa afeição a alguns de seus habitantes, quando se aproximou a data do compromisso com nosso amigo escocês, e então tivemos que seguir viagem. De minha parte, isso não me causava pesar. Vinha negligenciando o cumprimento de minha promessa há tempos, e temia os efeitos de uma decepção do demônio. Ele poderia ter permanecido na Suíça e descarregar sua vingança sobre meus parentes. Essa ideia me perseguia e me atormentava em todos os momentos que, de outro modo, poderiam proporcionar-me repouso e paz. Esperava as minhas cartas com febril impaciência; se por acaso atrasavam, sentia-me infeliz e era dominado por milhares de temores; e quando chegavam, e via a letra de Elizabeth ou de meu pai, mal ousava ler e descobrir se procediam os meus receios. Às vezes, achava que o demônio me seguia e que poderia apressar minha negligência assassinando meu companheiro. Quando era assaltado por esses pensamentos, não deixava Henry por um só momento, mas seguia-o como se fosse sua sombra, para protegê-lo da suposta ira de seu destruidor. Sentia-me como se tivesse cometido um grande crime, cuja consciência me assombrava. Era inocente, mas, na verdade, havia atraído sobre mim uma terrível maldição, tão mortal quanto a de um crime.

Visitei Edimburgo com os olhos e a mente desinteressados, ainda que aquela cidade fosse capaz de interessar a mais infeliz das criaturas. Clerval não gostou tanto dela quanto de Oxford, pois a antiguidade desta última agradava-lhe mais. Mas a beleza e a regularidade da nova cidade de Edimburgo, seu romântico castelo e seus arredores, os mais encantadores do mundo, o Trono de Arthur, o Poço de São Bernardo e as Colinas de Pentland recompensaram-no pela mudança e o encheram de alegria e admiração. Eu, porém, estava impaciente para chegar ao fim da viagem.

Sáímos de Edimburgo em uma semana, passando por Coupar, St. Andrews, e seguindo ao longo das margens do Tay até Perth, onde nosso amigo nos aguardava. Mas não estava com disposição a rir e conversar com estranhos ou partilhar seus sentimentos e planos com o bom humor esperado dum hóspede; assim, disse à Clerval que desejava fazer o tour pela Escócia sozinho. “Divirta-se”, disse, “e vamos nos encontrar aqui. Talvez me ausente por um mês ou dois, mas não interfira com meus movimentos, peço-lhe: deixe-me em paz e solidão por um tempo; ao voltar, eu espero que seja com o coração mais leve e mais de acordo com o seu temperamento.”

Henry tentou me dissuadir, mas, vendo que estava inclinado a manter esse plano, desistiu de protestar. Pediu-me que escrevesse com frequência. “Preferia estar com você”, disse ele, “em suas passeios solitários do que com esses escoceses a quem não conheço: volte depressa, então, meu caro amigo, para que eu possa, de certo modo, sentir-me de novo em casa, o que não posso fazer em sua ausência.”

Depois de deixar meu amigo, resolvi visitar algum lugar remoto da Escócia, e terminar meu trabalho em perfeita solidão. Eu não duvidava que o monstro me seguira, e que se revelaria a mim quando eu tivesse terminado, a fim de receber sua companheira.

Assim decidido, atravessei as terras altas do norte, e fixei meu local de trabalho numa das mais remotas ilhas Orkney. Era o lugar ideal para um trabalho como esse, pois era pouco mais que um rochedo, batido continuamente pelas ondas por todos os lados. O solo era estéril, mal fornecendo um pouco de pasto para algumas pobres vacas, e aveia para seus habitantes, que consistiam de cinco pessoas, cujos membros magros e enrugados davam sinais de sua miserável dieta. Pão e vegetais, quando eles

se permitiam tais luxos, e até mesmo água doce, tinham que ser buscados na ilha principal, que ficava a cerca de cinco milhas de distância.

Em toda a ilha não havia senão três miseráveis cabanas, uma das quais estava desocupada quando cheguei. Aluguei-a. Tinha apenas dois cômodos, que exibiam toda a sordidez da mais miserável penúria. O telhado de sapé havia desabado, as paredes não tinham reboco e a porta estava fora das dobradiças. Mandeí que a consertassem, comprei alguns móveis e tomei posse, um incidente que teria, sem dúvida, provocado alguma surpresa, não tivessem os sentidos dos moradores sido embotados pela necessidade e a sórdida pobreza. Assim, vivi sem ser observado nem molestado, mal recebendo algum agradecimento pela comida e roupas que lhes dava; pois o sofrimento de fato anula os sentimentos mais comuns do homem^[2].

Nesse retiro, eu dedicava a manhã ao trabalho, mas, ao entardecer, quando o tempo permitia, caminhava pela praia pedregosa, ouvindo o murmúrio das ondas que se lançavam aos meus pés. Era uma cena monótona, mas em constante mudança. Eu pensava na Suíça, que era muito diferente dessa paisagem desolada e apavorante. Suas montanhas são cobertas de videiras, e suas cabanas, densamente espalhadas pelas planícies. Seus lagos límpidos refletem um céu azul e suave, e, quando turvados pelo vento, o tumulto que fazem não é mais que uma brincadeira de criança, comparado ao rugido do gigantesco oceano.

Assim eu distribuí minhas ocupações quando cheguei, mas, conforme avançava em meu trabalho, este se tornava cada dia mais horrível e irritante para mim. Às vezes, não conseguia convencer-me a entrar em meu laboratório por vários dias, em outras trabalhava dia e noite para completar minha tarefa. Era realmente um processo abjeto, aquele em que eu estava engajado. Durante a minha primeira experiência, uma espécie de frenesi entusiástico encobrirá o horror da minha tarefa. Minha mente achava-se atentamente fixada no resultado do meu trabalho, e meus olhos fechados ao horror de meus procedimentos. Agora, porém, eu o fazia a sangue frio, e meu coração muitas vezes indignava-se diante do trabalho de minhas mãos.

Assim estabelecido, ocupado na mais detestável das tarefas, imerso numa solidão onde nada podia, nem por um instante, desviar minha atenção da cena real em que eu estava engajado, meu espírito tornou-se instável. Passei a ficar inquieto e nervoso. A cada momento, temia encontrar meu

perseguidor. Às vezes, sentava-me com os olhos fixos no chão, evitando erguê-los, para que não encontrassem o objeto que eu tanto temia ver. Receava afastar-me da vista de meus semelhantes, para que ele não viesse reivindicar sua companheira quando eu estivesse sozinho.

Enquanto isso eu trabalhava, e minha tarefa já estava consideravelmente avançada. Eu encarava sua conclusão com trêmula e ansiosa esperança, a qual eu não ousava questionar, mas que se mesclava com obscuros pressentimentos de maldade, que faziam meu coração revoltar-se dentro do peito.

[1] Há uma falha da autora nesse trecho: no capítulo anterior, Mary Shelley havia nos informado que eles tinham chegado à Inglaterra em dezembro: “Foi numa límpida manhã, nos últimos dias de dezembro, que vi pela primeira vez os alvos penhascos britânicos”.

[2] Um lembrete do impacto da pobreza e do trabalho brutalizador sobre a mente dos homens; contudo o mesmo não chega a modificar o pensamento que Victor Frankenstein possui sobre a condição da criatura.

CAPÍTULO III

Certa tarde, estava sentado em meu laboratório; o sol já tinha se posto e a lua começava a se levantar no mar. Não havia mais luz suficiente para trabalhar, por isso parei, ocioso, pensando se devia deixar o laboratório durante a noite ou acelerar a conclusão de minha obra dedicando-lhe toda atenção. Ali sentado, ocorreu-me uma série de pensamentos que me levou a refletir sobre os efeitos do que estava agora fazendo. Três anos antes, eu estivera ocupado da mesma maneira, e havia criado um demônio, cuja brutalidade sem igual devastara meu coração, enchendo-o para sempre com o mais amargo remorso. Agora, eu estava prestes a criar um outro ser, cujo caráter me era igualmente desconhecido. Ela poderia se tornar dez mil vezes mais maligna que seu companheiro, e, por si mesma, deleitar-se com o assassinato e a desgraça. Ele havia jurado deixar a vizinhança dos homens e esconder-se nos desertos; mas ela não; e ela, que com toda a probabilidade seria um animal pensante e racional, poderia recusar-se a obedecer a um pacto feito antes de sua criação. Eles poderiam até odiar um ao outro; a criatura que já vivia detestava sua própria deformidade, e não poderia detestá-la ainda mais quando surgisse diante de seus olhos na forma de uma mulher? Ela, também, poderia fugir dele enojada, diante da beleza superior do homem; poderia abandoná-lo, e ele voltaria a ficar só, exasperado por essa nova provocação, a de ser abandonado por alguém de sua própria espécie.

Contudo, mesmo se deixassem a Europa para habitar as regiões desérticas do novo mundo, um dos primeiros resultados dessa afinidade, pelas quais o demônio tanto ansiava, seria filhos; e uma raça de demônios se propagaria pela terra, o que tornaria a própria existência da espécie humana precária e cheia de terror. Teria eu o direito de, a meu próprio benefício, infligir tal maldição às gerações futuras? Eu antes já me comovera com os sofismas do ser que criara e suas ameaças diabólicas me deixaram incapaz de raciocinar. Mas agora, pela primeira vez, ocorria-me de repente a perversidade de minha promessa. Tremia ao pensar que as épocas futuras poderiam amaldiçoar-me como uma peste, alguém cujo egoísmo não hesitara em comprar a própria paz ao preço, talvez, da existência de toda a raça humana.

Estremeci, e meu coração desfaleceu quando, à luz da lua, vi o demônio no batente da janela. Uma careta medonha enrugava seus lábios quando ele me olhou, onde eu me dedicava a cumprir a tarefa que ele me impusera. Sim, ele tinha me seguido em minhas viagens; vagara pelas florestas, se escondera em cavernas, ou se refugiara nas charnecas amplas e desertas. Agora, vinha observar meu progresso e reivindicar o cumprimento de minha promessa.

Quando olhei para ele, seu semblante expressava a mais extrema maldade e traição. Com uma sensação de loucura, eu pensei em minha promessa de criar outro ser como ele, e, tremendo de ódio, parti em pedaços a coisa em que estava trabalhando. O infeliz me viu destruir a criatura de cuja existência futura dependia a sua felicidade, e, com um uivo de diabólico desespero e vingança, retirou-se.

Deixei a sala e, trancando a porta, jurei solenemente, em meu coração, nunca mais retomar meu trabalho. Depois, com passos vacilantes, fui para meu próprio quarto. Eu estava só. Não havia ninguém perto de mim para dissipar as trevas, ou aliviar-me da nauseante tirania dos mais terríveis devaneios.

Várias horas se passaram, e eu continuava junto à janela contemplando o mar. Ele estava quase imóvel, pois os ventos haviam silenciado, e toda a natureza repousava sob o olhar da plácida lua. Apenas uns poucos barcos de pesca manchavam a água e, de vez em quando, a brisa suave trazia o som das vozes dos pescadores, chamando uns aos outros. Eu sentia o silêncio, embora mal tivesse consciência de sua extrema profundidade, até que meu ouvido de repente captou o som de remadas perto da praia, e uma pessoa desembarcou próximo de minha casa.

Alguns minutos depois, ouvi minha porta ranger, como se alguém estivesse tentando abri-la sem fazer barulho. Tremi da cabeça aos pés. Eu tinha um pressentimento sobre quem devia ser, e tive vontade de acordar um dos camponeses que moravam numa cabana não longe da minha. Fui, porém, vencido pela sensação de impotência, tantas vezes experimentada em sonhos assustadores quando se tenta em vão fugir de um perigo iminente, e fiquei preso ao meu lugar.

Então ouvi o som de passos no corredor. A porta abriu-se, e o desgraçado a quem eu temia apareceu. Fechando a porta, ele aproximou-se

de mim e disse, numa voz abafada:

“Tu destruíste o trabalho que começaste. O que tu pretendes com isso? Ousas quebrar tua promessa? Eu suportei fadigas e misérias; deixei a Suíça contigo, rastejei ao longo das margens do Reno, por entre as suas ilhas de salgueiros, e pelos cumes de suas colinas. Passei muitos meses nas charnecas da Inglaterra e por entre os desertos da Escócia. Suportei fadigas incalculáveis, e frio, e fome; e, deste modo, ousas destruir as minhas esperanças?”

“Vai-te embora! Eu quebro a minha promessa. Nunca criarei outro ser igual a ti, assim disforme e malvado.”

“Escravo, antes argumentei contigo, mas te mostraste indigno de minha complacência. Lembra-te de que eu tenho poder; tu te consideras infeliz, mas eu posso tornar-te tão desgraçado que odiarás a própria luz do dia. És o meu criador, mas eu sou o teu senhor: obedece!”

“A hora de minha fraqueza passou e chegou o momento do teu poder. Tuas ameaças não poderão me levar a cometer um ato de maldade, mas servem para confirmar minha resolução de não criar-te uma companhia de vilezas. Por que deveria eu, a sangue frio, soltar na terra um demônio, cujo prazer é a morte e a desgraça? Vai-te! Estou firme e tuas palavras só servirão para exasperar minha cólera.”

O monstro viu determinação em meu rosto e trincou os dentes com raiva impotente. “Cada homem deve”, exclamou, “encontrar uma esposa para seu coração, cada animal sua companheira e somente eu sou sozinho? Tinha sentimentos de afeto e foram retribuídos com abominação e desprezo. Homem, podes odiar, mas acautela-te! Tuas horas passarão no medo e na desgraça, e logo cairá o raio que afastará tua felicidade para sempre. Por que serás feliz, enquanto rastejo na intensidade de minha miséria? Podes acabar com minhas outras paixões, mas a vingança permanece, esta que, daqui por diante, ser-me-á mais cara que a luz ou o alimento! Posso morrer, mas primeiro tu, tirano e torturador, hás de amaldiçoar o sol que contemplará tua ruína. Acautela-te, pois sou destemido e, assim, poderoso. Vigiar-te-ei com a astúcia duma cobra para que possa picar-te com veneno. Homem, tu te arrependerás dos males que causas.”

“Chega, demônio! Não envenenes mais o ar com tuas palavras carregadas de maldade. Já te declarei minha decisão, e não sou nenhum covarde para dobrar-me diante de palavras. Deixa-me. Sou inflexível.”

“Está bem. Vou; mas, lembra-te, estarei contigo na tua noite de núpcias.”

Dei um salto para frente e exclamei: “Miserável! Antes de assinares minha sentença de morte, procura ver se tu mesmo estás seguro.”

Eu o teria agarrado, mas ele se esquivou e saiu precipitadamente da casa. Depois de alguns instantes eu o vi em seu barco, que cortava as águas com a rapidez de uma flecha, e logo se perdeu entre as ondas.

Tudo ficou em silêncio outra vez, mas suas palavras ecoavam em meus ouvidos. Eu ardia de raiva, desejando procurar o assassino de minha paz e precipitá-lo no oceano. Comecei a caminhar para cima e para baixo em meu quarto, agitado e perturbado, enquanto minha imaginação conjurava mil imagens para me aguilhoar e me afligir. Por que eu não o seguira, para travar com ele um combate mortal? Eu permitira que ele partisse, e ele se dirigira para a terra. Tremi ao pensar em quem poderia ser a próxima vítima de sua vingança insaciável. Então, pensei de novo em suas palavras: “Estarei contigo na tua noite de núpcias.” Aquele, então, era o momento fixado para que se cumprisse o meu destino. Naquela hora eu deveria morrer, e ao mesmo tempo satisfazer e extinguir sua maldade. A perspectiva não me amedrontava. No entanto, quando pensei em minha amada Elizabeth – nas suas lágrimas e infinita tristeza quando visse seu amado arrebatado de si tão barbaramente – chorei, as primeiras lágrimas que eu derramava em muitos meses, e decidi que não cairia diante de meu inimigo sem lutar intensamente.

A noite passou, e o sol surgiu no oceano. Meus sentimentos ficaram mais calmos, se é que se pode chamar de calma quando a violência da raiva mergulha nas profundezas do desespero. Deixei a casa, o horrível cenário da rixa da noite anterior, e caminhei pela praia, que eu quase considerava como uma barreira insuperável entre eu e meus semelhantes. Mais, fui assaltado por um desejo de que isso se provasse verdadeiro. Desejei poder passar minha vida naquele rochedo árido, exausto, é verdade, mas sem ser assaltado por algum súbito choque de infelicidade. Se eu retornasse, era

para ser sacrificado, ou para ver aqueles que eu amava morrerem sob as garras de um demônio que eu mesmo havia criado.

Caminhei pela ilha como um espectro inquieto, separado de tudo que amava e infeliz com essa separação. Quando chegou o meio-dia, e o sol subiu bem alto, deitei-me na grama e fui dominado por um sono profundo. Eu passara toda a noite anterior acordado, meus nervos estavam em frangalhos, e meus olhos inflamados pela vigília e a desgraça. O sono em que mergulhei restaurou-me e, quando acordei, senti-me como se de novo pertencesse a uma raça de seres humanos iguais a mim, e comecei a refletir sobre o que se passara com mais tranquilidade. Contudo, as palavras do demônio ainda ecoavam em meus ouvidos como um dobre de finados, pareciam um pesadelo, embora distintas e opressivas como uma realidade.

O sol já baixara muito no horizonte, e eu ainda estava sentado na praia, satisfazendo meu apetite, que se tornara voraz, com um bolo de aveia, quando vi um barco pesqueiro atracar próximo a mim, e um dos homens veio trazer-me um pacote; continha cartas de Genebra, e uma de Clerval, pedindo-me que me reunisse a ele. Dizia que se passara quase um ano desde que deixáramos a Suíça, e ainda não tínhamos visitado a França. Pedia-me, portanto, que deixasse a minha ilha solitária e o encontrasse em Perth, dentro de uma semana, quando poderíamos planejar nossos passos futuros. Esta carta, de certo modo, me fez voltar à realidade, e decidi deixar a ilha ao final de dois dias.

No entanto, antes da minha partida, eu tinha uma tarefa a executar, e só de pensar nela eu tremia: devia empacotar meus instrumentos químicos. Para isso, tinha que entrar no quarto que fora o palco do meu odioso trabalho, e manipular aqueles utensílios cuja simples visão me deixava doente. No dia seguinte, assim que amanheceu, reuni coragem suficiente e destranquei a porta do meu laboratório. Os restos da criatura meio-acabada, que eu havia destruído, jaziam espalhados pelo chão, e eu me senti quase como se tivesse mutilado a carne viva de um ser humano. Parei um instante para recobrar-me, e então entrei no cômodo. Com as mãos trêmulas, tirei os instrumentos do quarto, mas refleti que não devia deixar ali os restos do meu trabalho para excitar o horror e a suspeita dos camponeses. Coloquei-os, portanto, numa cesta, junto com uma grande quantidade de pedras, e decidi lançá-los ao mar naquela mesma noite. Enquanto isso, sentei-me na praia, ocupado em limpar e organizar o meu equipamento.

Nada podia ser mais cabal do que a mudança ocorrida em meus sentimentos desde a noite em que aparecera o demônio. Antes, eu havia encarado a minha promessa com um sombrio desespero, como algo que, quaisquer que fossem as consequências, devia ser cumprido. Agora, porém, eu me sentia como se houvesse tirado uma venda dos olhos, e estivesse enxergando com clareza pela primeira vez. A ideia de reiniciar meu trabalho nem por um instante me ocorreu. A ameaça que eu recebera pesava em meu espírito, mas eu não acreditava que um ato voluntário de minha parte pudesse evitar isso. Tinha resolvido que criar outro ser como o demônio que já criara seria um ato do mais vil e cruel egoísmo, e bani de minha mente qualquer pensamento que pudesse me levar a uma conclusão diferente.

A lua surgiu entre duas e três horas da madrugada; então, colocando minha cesta a bordo de um pequeno barco, velejei até cerca de quatro milhas da praia. O cenário era perfeitamente solitário; alguns barcos voltavam para a terra, mas velejei para longe deles. Sentia-me como se estivesse para cometer um crime terrível, e evitava com trêmula ansiedade qualquer contato com meus semelhantes. Em dado momento, a lua, que antes brilhava plenamente, foi encoberta por uma espessa nuvem, e aproveitei aquele momento de escuridão para lançar minha cesta ao mar. Escutei o murmúrio que ela fez quando afundou, e então me afastei daquele lugar. O céu ficou nublado, mas o ar era puro, embora muito frio, por causa da brisa nordeste que começava a soprar. Isso, porém, me reanimou, e me encheu de sensações tão agradáveis que resolvi prolongar minha permanência na água. Fixando o leme numa posição reta, estendi-me no fundo do barco. As nuvens esconderam a lua, tudo ficou escuro, e eu ouvia apenas o ruído do barco, enquanto sua quilha cortava as ondas. O murmúrio embalou-me, e em pouco tempo eu dormia profundamente.

Não sei por quanto tempo permaneci nessa situação, mas quando acordei, descobri que o sol já estava bem alto. O vento era forte, e as ondas ameaçavam continuamente a segurança de meu pequeno barco. Percebi que o vento era nordeste, e devia ter me empurrado para muito longe da costa onde eu havia embarcado. Tentei mudar o meu curso, mas logo descobri que, se tentasse isso de novo, o barco se encheria imediatamente de água. Nessa situação, meu único recurso era velejar a favor do vento. Confesso que senti um certo terror. Não tinha nenhuma bússola, e estava tão pouco

familiarizado com a geografia daquela parte do mundo que o sol de pouco me adiantava. Eu podia ser lançado no vasto Atlântico, onde sentiria todas as torturas da fome, ou ser tragado pelas águas imensuráveis que rugiam e se chocavam ao meu redor. Eu já estava ao largo há muitas horas, e sentia o tormento de uma sede ardente, prelúdio de meus outros sofrimentos. Olhava para o céu coberto de nuvens, que só eram sopradas pelo vento para serem substituídas por outras. Olhava para o mar, que seria o meu túmulo. “Demônio”, exclamei, “tua tarefa já está cumprida!” Pensei em Elizabeth, em meu pai e em Clerval. Mergulhei então num devaneio tão desesperado e assustador, que mesmo agora, quando a vida está prestes a me deixar para sempre, tremo só de lembrá-lo.

Assim se passaram algumas horas, aos poucos, porém, conforme o sol declinava no horizonte, o vento se transformou numa brisa suave e o mar se acalmou. Mas deu lugar a uma forte ondulação; sentia-me enjoado e mal era capaz de segurar o leme, quando de repente vi no horizonte uma linha de terra na direção do sul.

Quase esgotado como eu estava pela fadiga e pela terrível expectativa que havia suportado durante várias horas, aquela súbita certeza de vida inundou meu coração de cálida alegria, e as lágrimas me vieram aos olhos.

Como são mutáveis os nossos sentimentos, e como é estranho esse amor com que nos apegamos à vida, mesmo em meio ao mais extremo sofrimento! Construí outra vela com parte da minha roupa, e, impaciente, dirigi meu curso para a terra. Ela tinha uma aparência selvagem e rochosa, mas, quando cheguei mais perto, pude perceber facilmente sinais de cultivo. Vi navios perto da costa, e me achei, de repente, transportado de volta para junto da civilização. Segui avidamente os contornos da terra, e saudei um campanário que afinal vi saindo de trás de um pequeno promontório. Como eu estava num estado de extrema fraqueza, decidi seguir diretamente para a cidade, pois era um lugar onde eu poderia obter com mais facilidade algum alimento. Felizmente, trazia dinheiro comigo. Quando contornei o promontório, percebi uma pequena cidade, muito limpa e com um bom porto, onde entrei, com meu coração saltando de alegria diante de minha inesperada salvação.

Enquanto me ocupava em amarrar o barco e arrumar as velas, várias pessoas se juntaram no local. Pareciam surpresos com o meu aparecimento,

mas, em vez de oferecerem ajuda, sussurravam com gestos que em qualquer outro momento ter-me-iam causado leve sensação de alarme. Na presente situação, observei apenas que falavam inglês e, portanto, dirigi-me nesse idioma: “Meus bons amigos”, disse, “teriam a bondade de me dizer o nome desta cidade e me informar onde estou?”

“Você logo vai saber”, respondeu um homem com uma voz rude. “Pode ser que tenha chegado num lugar que não seja muito de seu agrado, mas prometo que não será consultado sobre o seu alojamento.”

Fiquei extremamente surpreso de receber uma resposta tão rude de um estranho e desconcertado também ao ver semblantes carrancudos e zangados de seus companheiros. “Por que me responde com tanta aspereza?” repliquei. “Certamente não é costume dos ingleses receber estranhos de modo tão pouco hospitaleiro.”

“Não sei qual possa ser o costume dos ingleses”, disse o homem, “mas é costume dos irlandeses odiar os bandidos.”

Enquanto esse estranho diálogo continuava, vi que a multidão aumentava rapidamente. Seus rostos expressavam uma mistura de curiosidade e raiva, que me aborrecia e, até certo ponto, também me alarmava. Perguntei o caminho para a hospedaria, mas ninguém me respondeu. Avancei, então, e um murmúrio subia da multidão enquanto eles me seguiam e me cercavam, até que um homem de má aparência aproximou-se, tocou-me no ombro e disse: “Venha, meu senhor, precisa acompanhar-me até Mr. Kirwin, para prestar esclarecimentos.”

“Quem é Mr. Kirwin? Por que tenho que prestar esclarecimentos? Não é este, por acaso, um país livre?”

“Sim, meu senhor, livre o bastante para gente honesta. Mr. Kirwin é um magistrado; e o senhor tem que prestar esclarecimentos sobre um cavaleiro que foi encontrado assassinado aqui ontem à noite.”

Essa resposta me assustou, mas recobrei-me. Eu era inocente; isso poderia ser facilmente provado. Segui o meu guia em silêncio, portanto, e fui conduzido a uma das melhores casas da cidade. Estava a ponto de sucumbir de fadiga e fome, mas, estando cercado por uma multidão, achei prudente reunir todas as minhas forças, para que nenhuma debilidade física pudesse ser interpretada como apreensão ou consciência culpada. Mal

suspeitava da calamidade que em poucos momentos iria me subjugar e acabar em horror e desespero com todo o temor da infâmia ou da morte.

Preciso fazer uma pausa, pois necessito de toda minha coragem para recordar os terríveis eventos que estou a ponto de relatar em todos os detalhes, conforme me vem à lembrança.

CAPÍTULO IV

Fui logo levado à presença do magistrado, um velho e bom homem, de modos calmos e afáveis. Apesar disso, olhou-me com certa severidade, e depois, virando-se para os que me haviam conduzido até ali, perguntou quem se apresentava como testemunha naquela ocasião.

Cerca de meia dúzia de homens se adiantou. Um deles, escolhido pelo magistrado, declarou que tinha saído para pescar, na noite anterior, com seu filho e seu cunhado, Daniel Nugent, quando, em torno das dez horas, viram aproximar-se um vento norte muito forte, e por isso rumaram para o porto. Era uma noite muito escura, pois a lua ainda não havia surgido. Eles não atracaram no porto, mas, conforme costumavam fazer, numa pequena baía cerca de duas milhas mais abaixo. Ele desembarcou primeiro, carregando uma parte dos apetrechos de pesca, e seus companheiros seguiram-no a alguma distância. Enquanto andava ao longo da areia, tropeçou em alguma coisa, e caiu no chão. Seus companheiros aproximaram-se para ajudá-lo e, à luz de suas lanternas, descobriram que ele tinha tropeçado no corpo de um homem que, segundo parecia, estava morto. Sua primeira suposição foi de que se tratava do cadáver de alguém que tivesse se afogado, e que fora lançado na praia pelas ondas. Ao examiná-lo, porém, viram que suas roupas não estavam molhadas, e que o próprio corpo ainda estava quente. Eles imediatamente o levaram para a cabana de uma velha ali perto, e tentaram, em vão, reanimá-lo. Parecia ser um belo jovem de aproximadamente vinte e cinco anos de idade. Ele aparentemente fora estrangulado, pois não havia qualquer sinal de violência, exceto a marca escura de dedos em seu pescoço.

A primeira parte do depoimento não me provocou o menor interesse, mas ao mencionar a marca dos dedos lembrei-me do assassinato de meu irmão e me senti muito agitado. Minhas pernas tremeram e uma névoa desceu sobre meus olhos, obrigando-me a buscar apoio numa cadeira. O magistrado observou-me com um olhar atento e, naturalmente, tirou uma conclusão desfavorável de minha atitude.

O filho confirmou o relato do pai, mas, quando Daniel Nugent foi chamado, jurou positivamente que, logo antes de seu companheiro cair, viu um barco com um único homem a pouca distância da praia e, tanto quanto

podia julgar à luz das estrelas, era o mesmo barco do qual eu acabara de desembarcar.

Uma mulher testemunhou que morava perto da praia, e que estava parada na porta de sua cabana esperando o retorno dos pescadores, cerca de uma hora antes de saber da descoberta do corpo, quando viu um barco com apenas um homem desatracar daquela parte da costa onde depois fora encontrado o cadáver.

Outra mulher confirmou o relato dos pescadores sobre terem trazido o corpo para sua casa: e não estava frio. Afirmou que o puseram numa cama e o esfregaram, e que Daniel fora para a cidade em busca de um farmacêutico, mas a vida já se fora.

Vários outros homens foram interrogados sobre o meu desembarque, e concordaram que, com o forte vento norte que soprara durante a noite, era muito provável que eu tivesse sido castigado durante muitas horas, e fosse afinal obrigado a voltar quase para o mesmo lugar de onde tinha partido. Além disso, observaram que parecia que eu trouxera o corpo de outro lugar, e que era provável que, como eu demonstrava não conhecer a costa, poderia ter desembarcado no porto sem saber a que distância ficava a cidade do lugar onde havia largado o cadáver.

Após ouvir essa evidência, Mr. Kirwin quis que eu fosse levado ao cômodo onde o corpo jazia para o sepultamento, para que pudesse observar o efeito que a visão produziria em mim. Tal ideia provavelmente lhe fora sugerida pela extrema agitação que eu demonstrara ao ouvir a descrição do modo como o assassinato fora cometido. Assim, fui conduzido pelo magistrado e várias outras pessoas à hospedaria. Não podia deixar de me espantar com as estranhas coincidências que ocorreram durante aquela noite movimentada; mas, sabendo que estivera conversando com várias pessoas na ilha onde eu morara, mais ou menos na hora em que o corpo fora encontrado, estava perfeitamente tranquilo quanto às consequências do caso.

Entrei no quarto onde o cadáver jazia e fui conduzido até o caixão. Como posso descrever o que senti ao vê-lo? Ainda me sinto paralisado pelo horror, e nem posso pensar naquele momento terrível sem estremecer de agonia, ao me lembrar da angústia do reconhecimento. O interrogatório, a presença do magistrado e das testemunhas, passaram pela minha lembrança

como um sonho, quando vi o corpo sem vida de Henry Clerval estendido diante de mim. Perdi o fôlego e, lançando-me sobre o corpo, exclamei: “Até você, meu querido Henry, foi privado da vida por minhas criminosas maquinações? Já destruí dois, e outras vítimas aguardam o seu destino, mas você, Clerval, meu amigo, meu benfeitor...”

O corpo humano não pode resistir ao cruel sofrimento que suportei, e fui retirado do quarto com fortes convulsões.

Em seguida, fui acometido por uma febre. Passei dois meses à beira da morte: meus delírios, soube depois, foram assustadores; acusava-me de ser o assassino de William, Justine e Clerval. Às vezes, pedia às pessoas que me assistiam para que me ajudassem a destruir o demônio que me atormentava; outras, sentia os dedos do monstro já agarrando o meu pescoço e gritava alto, em agonia e terror. Felizmente, como falava em minha língua materna, apenas Mr. Kirwin me entendia, mas meus gestos e gritos amargos eram suficientes para amedrontar as outras testemunhas.

Por que não morri? Mais infeliz que qualquer homem antes, por que não mergulhei no esquecimento e no repouso eternos? A morte arrebatava muitas crianças viçosas, únicas esperanças de pais amorosos; quantas noivas e jovens amantes foram um dia transbordantes de saúde e de esperança para no outro serem presas dos vermes e da ruína dum túmulo? De que material era feito para resistir assim a tantos choques que, como o girar da roda, renovavam continuamente a tortura?

Mas estava condenado a viver e, dali a dois meses, como se despertasse dum sonho, achei-me numa prisão, estendido num catre ordinário, rodeado de guardas, carcereiros, ferrolhos e todo o deprimente aparato dum calabouço. Era de manhã, lembro-me, ao acordar e entendi o que se passava. Havia esquecido os detalhes do que acontecera, sentia apenas como se uma grande desgraça tivesse se abatido sobre mim, mas, quando olhei ao redor e vi as janelas gradeadas e a sordidez do lugar em que estava, tudo voltou num lampejo à minha memória e gemi amargamente.

O som despertou uma velha que cochilava numa cadeira ao lado da minha cama. Era uma enfermeira contratada, esposa de um dos carcereiros, e seu semblante expressava todas aquelas más qualidades que com frequência caracterizam essa classe. Suas feições eram duras e rudes, como as dessas pessoas acostumadas a ver a miséria sem demonstrar compaixão.

Seu tom de voz revelava sua total indiferença. Ela se dirigiu a mim em inglês, e sua voz chocou-me como uma das que eu ouvira durante os meus sofrimentos:

“Está melhor agora, meu senhor?” disse ela.

Respondi no mesmo idioma, com uma voz fraca: “Creio que eu estou, mas se tudo isso é verdade, se eu realmente não sonhei, lamento que ainda esteja vivo para sentir toda essa desgraça e horror.”

“Quanto a isso”, respondeu a velha, “se está se referindo ao cavalheiro que assassinou, creio que teria sido melhor se estivesse morto, pois imagino que tudo será bem difícil. Mas certamente será enforcado nas próximas sessões do tribunal. Contudo, não é da minha conta, me mandaram para cuidar e restabelecê-lo. Cumpro meu dever com a consciência limpa, seria bom se todo mundo fizesse o mesmo.”

Virei-me com nojo da mulher que era capaz de dizer palavras tão insensíveis a uma pessoa que acabara de escapar da morte. Mas me sentia fraco, e incapaz de refletir sobre tudo o que se passara. A sequência inteira da minha vida me parecia um sonho. Eu às vezes duvidava de que tudo isso fosse, de fato, real, pois nunca surgia em minha mente com a força da realidade.

À medida que as imagens que flutuavam diante de mim se tornavam mais distintas, minha febre aumentava. A escuridão se comprimia ao meu redor. Não havia ninguém perto de mim a me acalmar com a voz suave do amor, nenhuma mão amiga que me desse apoio. O médico veio e receitou remédios e a velha os preparava para mim; via-se, porém, um descaso absoluto no rosto do primeiro e uma expressão de brutalidade fortemente marcada no rosto da segunda. Quem estaria interessado no destino de um assassino, senão o carrasco que receberia o pagamento?

Essas foram minhas primeiras reflexões, mas logo soube que Mr. Kirwin se mostrara de uma extrema bondade para comigo. Fora ele que mandara que preparassem a melhor cela da prisão para mim (uma cela miserável, mas a melhor), e fora ele que providenciara o médico e a enfermeira. É verdade que ele raramente vinha me ver, pois, embora desejasse ardentemente aliviar os sofrimentos de toda criatura humana, não desejava estar presente para assistir às agonias e aos infelizes delírios de um

assassino. Às vezes vinha, no entanto, para ver se não estava sendo negligenciado, mas suas visitas eram curtas e espaçadas.

Um dia, quando eu aos poucos me recuperava, sentara-me numa cadeira, com os olhos semicerrados e as faces lívidas como as de um morto. Estava dominado pela tristeza e a infelicidade, e com frequência pensava que seria melhor buscar a morte do que permanecer num mundo repleto de desgraças. Uma vez cheguei a pensar se não deveria declarar-me culpado e sofrer as penas da lei, menos inocente do que havia sido a pobre Justine. Tais eram os meus pensamentos, quando a porta de minha cela se abriu, e Mr. Kirwin entrou. Seu rosto exprimia simpatia e compaixão. Puxou uma cadeira para perto da minha, e dirigiu-se a mim em francês:

“Temo que este lugar seja muito horrível para o senhor; posso fazer algo para que fique mais confortável?”

“Eu lhe agradeço, mas tudo a que o senhor se refere não significa nada para mim: na terra inteira, não existe conforto que eu possa receber”

“Sei que a compaixão de um estranho só pode representar um pequeno alívio para alguém que, como o senhor, sofreu tão estranha infelicidade. Mas o senhor, eu espero, logo deixará este lugar melancólico. Sem dúvida, pode-se facilmente conseguir provas que o livrem da acusação.”

“Essa é a menor das minhas preocupações. Eu me tornei, por uma sequência de estranhos eventos, o mais desgraçado dos mortais. Perseguido e torturado como tenho sido e ainda sou, que mal pode a morte representar para mim?”

“De fato, nada poderia ser mais cruel e infeliz que os estranhos acasos que ocorreram ultimamente. Por alguma casualidade surpreendente, o senhor foi atirado nesta costa, renomada por sua hospitalidade, e imediatamente preso e acusado de assassinato. A primeira coisa que seus olhos viram foi o corpo de seu amigo, assassinado de modo tão inexplicável, e como que jogado em seu caminho por algum demônio.”

Quando Mr. Kirwin disse isso, apesar da agitação que experimentei com esse retrospecto de meus sofrimentos, também fiquei muito surpreso com o conhecimento que ele parecia ter a meu respeito. Suponho que deixei transparecer certa surpresa, pois Mr. Kirwin se apressou a dizer:

“Só um dia ou dois depois de sua doença foi que pensei em examinar suas roupas, de modo a descobrir algum indício que me permitisse enviar a seus parentes um relato de seu infortúnio e de sua doença. Achei várias cartas e, entre outras, uma que, desde o início, percebi que era de seu pai. Escrevi imediatamente para Genebra. Passaram-se quase dois meses desde que enviei a carta... Mas o senhor está doente, ainda está tremendo, não pode agitar-se de modo algum.”

“Essa expectativa é mil vezes pior que qualquer evento, mesmo o mais terrível. Diga-me logo que novo cenário de morte aconteceu, e o assassinato de quem eu tenho agora que lamentar.”

“Sua família está perfeitamente bem”, disse Mr. Kirwin, com bondade. “E alguém, um amigo, veio visitá-lo.”

Não sei por que encadeamento de ideias aquilo me ocorreu, mas imediatamente me veio à mente que o assassino tinha vindo zombar da minha desgraça, e escarnecer da morte de Clerval, como um novo incentivo para que eu obedecesse aos seus desejos diabólicos. Cobri os olhos com as mãos e gritei em agonia:

“Ó! Mande-o embora! Não posso vê-lo! Por Deus, não o deixe entrar!”

Mr. Kirwin olhou-me com uma expressão perturbada. Era evidente que não podia deixar de considerar minha exclamação como uma admissão de minha culpa, e respondeu, num tom bastante severo:

“Eu teria pensado, meu jovem, que a presença de seu pai seria bem-vinda, em vez de inspirar uma repugnância tão violenta.”

“Meu pai!” exclamei, enquanto cada traço e cada músculo do meu rosto relaxavam, e eu passava da angústia ao prazer. “Meu pai veio, realmente? Quanta bondade, quanta bondade! Mas onde está ele? Por que não correu para me ver?”

A mudança de meus modos surpreendeu e agradou ao magistrado. Talvez ele pensasse que minha exclamação anterior fosse um retorno momentâneo do meu delírio. Imediatamente, reassumiu sua atitude bondosa. Levantou-se e deixou a cela junto com a enfermeira, e um instante depois meu pai entrou.

Naquele momento, nada poderia ter me dado um prazer maior do que a chegada de meu pai. Estendi-lhe a mão e exclamei:

“Então o senhor está bem... e Elizabeth... e Ernest?”

Meu pai me acalmou assegurando-me do bem-estar deles, e, insistindo nesse assunto tão caro ao meu coração, tentou elevar meu espírito abatido. Logo, porém, percebeu que uma prisão não pode ser a morada da alegria. “Que lugar é esse onde você vive, meu filho!” disse ele, olhando pesaroso para as janelas gradeadas e para o aspecto miserável da cela. “Você viajou em busca da felicidade, mas parece que uma fatalidade o persegue. E o pobre Clerval...”

O nome de meu infeliz amigo assassinado foi um golpe grande demais para ser suportado em meu estado de fraqueza. Abandonei-me às lágrimas.

“Ai de mim! Sim, meu pai”, respondi, “algum destino horrível pesa sobre mim, e eu devo viver para cumpri-lo, ou certamente eu deveria ter morrido sobre o caixão de Henry.”

Não nos permitiram conversar por mais tempo, pois meu precário estado de saúde exigia todas as precauções que pudessem assegurar minha tranquilidade. Mr. Kirwin entrou, e insistiu que as minhas forças não deveriam ser exauridas por um excesso de esforço. Mas a vinda de meu pai era para mim como a chegada do meu anjo da guarda, e aos poucos recuperei minha saúde.

Quando a doença me abandonou, fui tomado por uma melancolia triste e sombria que nada podia dissipar. A terrível imagem de Clerval assassinado estava sempre diante de mim. Mais de uma vez, a agitação em que essas reflexões me lançavam fez meus amigos temerem uma perigosa recaída. Ai! Por que insistiam em preservar uma vida tão infeliz e detestada? Com certeza para que eu cumprisse meu destino que agora chega ao fim. Breve, ó, muito breve, a morte extinguirá tais palpitações e me aliviará do enorme peso da angústia que me levará ao pó; e, cumprindo a decisão da justiça, também mergulharei no repouso. Mas, a vinda da morte estava distante, embora o desejo estivesse sempre presente em meus pensamentos; e, muitas vezes, passava horas imóvel e calado, rogando por alguma poderosa convulsão que pudesse enterrar a mim e ao meu destruidor em suas ruínas.

Aproximava-se a época das sessões do tribunal. Eu já estava há três meses na prisão e, embora ainda estivesse fraco e correndo perigo constante de uma recaída, fui obrigado a viajar quase cem milhas até a cidade onde se reuniria a corte. Mr. Kirwin encarregara-se de todo o cuidado de reunir as testemunhas e organizar a minha defesa. Fui poupado da desonra de ser apresentado publicamente como um criminoso, pois o caso não foi levado diante do tribunal que decide sobre vida e morte. O grande júri rejeitou a acusação, ante a prova de que eu estava nas Ilhas Orkney na hora em que o corpo de meu amigo foi encontrado. Quinze dias depois de ser removido da prisão, eu fui libertado.

Meu pai ficou encantado ao me ver livre da vergonha de uma acusação criminal, por eu poder respirar de novo o ar puro e ter permissão para voltar ao meu país natal. Não participava desses sentimentos, pois, para mim, as paredes de um calabouço ou de um palácio eram igualmente odiosas. O cálice da vida fora envenenado para sempre; e embora o sol brilhasse sobre mim, como sobre aqueles que são felizes e alegres de coração, nada via ao meu redor senão uma densa e assustadora escuridão, que nenhuma luz penetrava a não ser o brilho de dois olhos fixados sobre mim. Às vezes, eram os olhos expressivos de Henry, definhando na morte, as orbitas escuras quase cobertas pelas pálpebras e os longos cílios negros; em outras, os olhos serenos e vazios do monstro, como os vira pela primeira vez em meu quarto em Ingolstadt.

Meu pai tentava despertar-me sentimentos afetuosos. Falava-me de Genebra, que eu deveria visitar em breve... de Elizabeth e de Ernest, mas essas palavras só me arrancavam profundos suspiros. Às vezes, de fato, eu sentia vontade de ser feliz, e pensava com deliciosa saudade em minha amada prima; ou ansiava, com uma devoradora *maladie du pays*, por ver uma vez mais o lago azul e a correnteza do Reno, de que eu tanto gostava na minha infância. Mas o meu estado normal era o torpor, em que uma prisão era uma moradia tão bem-vinda quanto o mais divino cenário da natureza. Esses acessos raramente eram interrompidos, a não ser por paroxismos de angústia e desespero. Nesses momentos, eu com frequência tentava acabar com essa existência que eu odiava, e era necessária uma contínua atenção e vigilância para me impedir de cometer algum ato terrível de violência.

Ao deixar a prisão, lembro de ouvir um dos homens dizer, “Pode ser inocente do assassinato, mas certamente tem a consciência pesada.” Tais palavras me abateram. Consciência pesada! Sim, certamente a tinha. William, Justine e Clerval morreram por causa de minhas diabólicas maquinações. “E de quem será a morte a por fim a tragédia?”, exclamei. “Ah! meu pai, não fique mais neste país desventurado; leve-me para onde eu possa esquecer de mim, de minha existência e de todo o mundo.”

Meu pai prontamente concordou com meu desejo e, após nos despedirmos de Mr. Kirwin, partimos sem demora para Dublin. Senti-me como se tivesse sido aliviado de um peso imenso, quando o paquete velejou com vento favorável da Irlanda e deixei para sempre o país que para mim fora o cenário de tanta infelicidade.

Era meia-noite. Meu pai dormia na cabina e eu estava deitado no convés, olhando as estrelas e ouvindo o murmúrio das ondas. Saudava a escuridão que escondia a Irlanda de meus olhos, e meu coração batia com uma alegria febril, ao pensar que logo veria Genebra. O passado surgia diante de mim à luz de um sonho assustador. Contudo, o navio em que eu estava, o vento que me afastava da detestada costa da Irlanda e o mar que me cercava me diziam com toda força que eu não era vítima de nenhuma ilusão, e que Clerval, meu mais querido amigo e companheiro, morrera, vítima minha e do monstro que eu criara. Repassei na memória a minha vida inteira: minha calma felicidade enquanto morava com minha família em Genebra, a morte de minha mãe e minha partida para Ingolstadt. Lembrava-me, estremecendo, do louco entusiasmo que me levava a apressar a criação do meu odioso inimigo e recordava a noite em que ele começou a viver. Fui incapaz de prosseguir nessa cadeia de pensamentos; mil sentimentos me oprimiam, e eu chorei amargamente.

Desde que me recuperara da febre, tinha o costume de tomar todas as noites uma pequena dose de láudano^[1], pois só por meio dessa droga conseguia o repouso necessário à preservação da vida. Oprimido pela lembrança de meus vários infortúnios, tomei naquela noite uma dose dupla e logo adormeci profundamente. Mas o sono não me proporcionou uma pausa dos pensamentos nem da infelicidade; meus sonhos mostravam mil coisas que me assustavam. De manhã, fui possuído por uma espécie de pesadelo; sentia as garras do demônio apertando meu pescoço, e não conseguia livrar-me dele; gemidos e gritos ecoavam em meus ouvidos. Meu

pai, que me observava, percebendo minha agitação, acordou-me. Apontou então para o porto de Holyhead, no qual estávamos entrando.

^[1] Extrato de ópio com propriedades sedativas, amplamente utilizado nos séculos XVII e XVIII. Láudano é citado na literatura médica como um forte anestésico usado em cirurgias, mas, por possuir como efeito colateral uma severa perda de memória, foi proibido a partir de 1934.

CAPÍTULO V

Tínhamos decidido não ir a Londres, mas cruzar o país até Portsmouth e dali embarcar para Havre. Preferia esse plano principalmente por temer ver novamente aqueles lugares onde tinha desfrutado de alguns momentos de tranquilidade com meu querido Clerval. Pensava com horror na possibilidade de ver de novo aquelas pessoas que havíamos nos acostumado a visitar juntos, e que poderiam fazer indagações sobre um acontecimento, cuja simples recordação me fazia sentir outra vez o terrível sofrimento que suportei ao ver seu corpo sem vida na hospedaria em...

Quanto a meu pai, seus desejos e esforços eram voltados para ver-me de novo restabelecido em saúde e paz de espírito. Sua ternura e atenções eram constantes, e minha aflição e tristeza eram obstinadas, mas ele não desesperava. Às vezes, ele pensava que eu sentia de modo profundo a degradação de ter sido obrigado a responder a uma acusação de assassinato, e tentava provar-me a futilidade do orgulho.

“Ah! meu pai”, dizia eu, “como me conhece pouco. Os seres humanos, seus sentimentos e suas paixões, seriam degradados, de fato, se um infeliz como eu sentisse orgulho. Justine, a pobre e infeliz Justine era tão inocente quanto eu, e sofreu a mesma acusação. Por isso ela morreu. Eu sou a causa disso... eu a matei. William, Justine e Henry... todos eles morreram por minhas mãos.”

Durante o meu confinamento, meu pai com frequência me ouvira fazer a mesma afirmação. Quando eu me acusava desse modo, ele às vezes parecia querer uma explicação; outras vezes, parecia considerar o fato como o resultado de um delírio, e que, durante a minha doença, alguma ideia desse tipo surgira em minha mente, cuja lembrança eu conservara em minha convalescença. Eu evitava qualquer explicação, e mantinha um contínuo silêncio a respeito do infeliz que eu havia criado. Tinha o pressentimento de que me julgariam louco, e isso travou minha língua para sempre, quando eu teria dado o mundo inteiro para contar o segredo fatal.

Naquela ocasião, disse meu pai, com uma expressão de enorme espanto: “O que quer dizer com isso, Victor? Está louco? Meu querido filho, peço-lhe que nunca mais volte a dizer uma coisa assim.”

“Não estou louco”, exclamei de modo enérgico. “O sol e os céus, que viram os meus atos, podem testemunhar essa verdade. Eu sou o assassino dessas vítimas inocentes. Elas morreram por causa de minhas maquinações. Mil vezes eu teria derramado meu próprio sangue, gota a gota, para salvar suas vidas. Mas eu não podia, meu pai, realmente não podia sacrificar toda a humanidade.”

A conclusão dessa fala convenceu meu pai de que minhas ideias estavam perturbadas, e ele mudou imediatamente de assunto, tentando alterar o curso de meus pensamentos. Ele desejava, tanto quanto possível, apagar a lembrança das cenas que tinham acontecido na Irlanda, e nunca aludia a elas, nem permitia que eu falasse de meus infortúnios.

À medida que o tempo passava, fiquei mais calmo. A infelicidade ainda morava em meu coração, mas eu já não falava de meus próprios crimes daquela maneira incoerente. Bastava-me que eu tivesse consciência deles. Por meio de uma violência autoimposta, dominei a voz imperiosa do sofrimento, que às vezes desejava declarar-se ao mundo inteiro, e meus modos se tornaram mais tranquilos e mais contidos do que jamais haviam sido desde a minha viagem para o mar de gelo.

Chegamos ao Havre em 8 de maio, e seguimos imediatamente para Paris, onde meu pai tinha alguns negócios a resolver, o que nos deteve ali por algumas semanas. Nesta cidade, recebi a seguinte carta de Elizabeth:

PARA VICTOR FRANKENSTEIN.

Meu Amigo mais querido,

Foi com o maior prazer que recebi uma carta de meu tio datada de Paris. Agora você não está mais a uma distância tão imensa, e posso esperar revê-lo em menos de quinze dias. Meu pobre primo, quanto você deve ter sofrido! Espero vê-lo até mesmo pior do que quando deixou Genebra. Esse inverno se passou de modo muito triste, torturada, como eu estava, por ansiosa expectativa. Contudo, espero agora ver paz em seu semblante, e descobrir que seu coração não está totalmente carente de conforto e tranquilidade.

Contudo, temo que os mesmos sentimentos que o fizeram tão infeliz um ano atrás ainda existam, talvez até aumentados pelo tempo. Não queria perturbá-lo agora, quando tantos infortúnios pesam sobre você, mas uma

conversa que tive com meu tio, antes da partida dele, torna necessária uma explicação antes de nos encontrarmos.

Explicação! Talvez você diga; o que pode ter Elizabeth a explicar? Se realmente disser isso, minhas perguntas já estão respondidas, e não terei mais nada a fazer senão assinar-me 'sua afeiçãoada prima'. Mas você está longe de mim, e é possível que tema, ou talvez fique contente com esta explicação e, se for esse o caso, não ouse adiar por mais tempo escrever-lhe aquilo que, durante sua ausência, muitas vezes desejei dizer-lhe, mas nunca tive a coragem de começar.

Muito bem sabe, Victor, que nossa união sempre foi o plano predileto de seus pais desde a nossa infância. Ouvimos falar disso quando éramos jovens, e fomos ensinados a aguardar esse evento como um fato consumado. Durante a infância, fomos companheiros de brinquedos afetuosos, e, após crescermos, creio que nos tornamos amigos caros e estimados um para o outro. Mas, como irmão e irmã muitas vezes mantém uma vívida afeição um pelo outro, sem desejar uma união mais íntima, não seria este também o nosso caso? Diga-me, querido Victor. Responda-me, peço-lhe, por nossa mútua felicidade, com uma simples verdade: você ama outra pessoa?

Você tem viajado, passou vários anos de sua vida em Ingolstadt, e eu lhe confesso, meu amigo, que ao vê-lo tão infeliz no outono passado, procurando isolar-se, fugindo da companhia de qualquer pessoa, não pude deixar de supor que lamentava a nossa ligação, e que acreditava estar obrigado por um laço de honra a cumprir o desejo de seus pais, embora esse desejo se opusesse à sua vontade. Mas este raciocínio é falso. Eu confesso a você, meu primo, que o amo, e que em meus alegres sonhos de futuro você tem sido o meu amigo e companheiro constante. Mas é a sua felicidade que eu desejo, assim como a minha, quando lhe digo que nosso casamento me faria eternamente infeliz se não for ditado por sua própria e livre escolha. Mesmo agora, eu choro ao pensar que, derrotado como você está pelos mais cruéis infortúnios, é capaz de reprimir, por causa da palavra honra, toda esperança daquele amor e felicidade que poderiam recuperá-lo. Eu, que tanto nutri uma afeição por você, posso aumentar sua infelicidade dez vezes, sendo um obstáculo aos seus desejos. Ah, Victor, esteja certo de que sua prima e companheira tem um amor sincero demais por você para não ficar infeliz por essa suposição. Seja feliz, meu amigo. E se obedecer a esse

único pedido, esteja certo de que nada no mundo será capaz de interromper minha tranquilidade.

Não deixe que esta carta o perturbe; não a responda amanhã, ou no dia seguinte, ou mesmo até que chegue, se lhe causar dor. Meu tio me enviará notícias de sua saúde; e se eu vir um único sorriso em seus lábios ao nos encontrarmos, causado por este ou qualquer outro esforço meu, não precisarei de outra felicidade.

ELIZABETH LAVENZA

Genebra, 18 de Maio de 17...

Esta carta reavivou em minha mente o que já tinha esquecido, a ameaça do demônio: “estarei contigo em tua noite de núpcias!” Essa era a minha sentença, e, naquela noite, o demônio empregaria qualquer artimanha para me destruir e me afastar do vislumbre de felicidade que prometia consolar, ao menos em parte, os meus sofrimentos. Naquela noite, ele havia decidido consumir seus crimes com a minha morte. Bem, que assim fosse. Então, com certeza aconteceria uma luta de morte, na qual, se ele fosse vitorioso, eu ficaria em paz e seu poder sobre mim terminaria. Se ele fosse derrotado, eu seria um homem livre. Ai de mim! Que liberdade seria essa? Aquela que o camponês desfruta após ver sua família massacrada diante de seus olhos, sua cabana queimada, sua terra arrasada, deixando-o à deriva, sem lar, sem um centavo e sozinho, mas livre. Esta seria a minha liberdade, exceto que eu possuiria um tesouro em minha Elizabeth. Ai de mim! Alguém que equilibraria os horrores do remorso e da culpa que me perseguiriam até a morte.

Doce e amada Elizabeth! Li e reli sua carta e alguns sentimentos suaves entraram furtivamente em meu coração, ousando sussurrar sonhos paradisíacos de amor e alegria; mas a maçã já fora comida e o braço do anjo erguera-se para me barrar toda esperança. Contudo, morreria para fazê-la feliz. Se o monstro cumprisse sua ameaça, a morte era inevitável; todavia, voltei a pensar se meu casamento apressaria meu destino. Na verdade, minha destruição poderia chegar alguns meses mais cedo, mas, se o meu torturador suspeitasse de que a estava adiando, influenciado por suas ameaças, seguramente encontraria outro meio, talvez ainda mais terrível, de se vingar. Tinha jurado estar comigo em minha noite de núpcias, embora não considerasse essa ameaça como uma obrigação de manter a paz nesse

meio tempo; pois, para me mostrar que ainda não estava saciado de sangue, assassinara Clerval imediatamente após fazer suas ameaças. Decidi, portanto, que se minha imediata união com minha prima trouxesse felicidade a ela ou a meu pai, os desígnios de meu inimigo contra a minha vida não deveriam retardá-la nem por uma única hora.

Neste estado de espírito, escrevi a Elizabeth. Minha carta era calma e afetuosa. “Receio, minha amada menina”, disse, “que nos reste pouca felicidade na terra, embora tudo o que possa um dia desfrutar está concentrado em você. Afugente seus medos sem sentido. Somente a você consagro a minha vida e os meus esforços para ser feliz. Tenho um segredo, Elizabeth, terrível. Ao revelá-lo a você, se arrepiará de pavor, e então, longe de ficar surpresa com minha infelicidade, ficará apenas admirada de que eu tenha sobrevivido a tudo o que tenho suportado. Contar-lhe-ei essa história de desgraça e terror no dia seguinte ao nosso casamento, pois, minha doce prima, deve haver total confiança entre nós. Mas até lá, suplico-lhe que não mencione e nem faça qualquer alusão a ela. Isto rogo seriamente e sei que irá cumprir.”

Cerca de uma semana após a chegada da carta de Elizabeth, voltamos a Genebra. Minha prima acolheu-me com calorosa afeição, embora lhe viessem lágrimas aos olhos, ao ver meu corpo descarnado e minhas faces febris. Também a achei mudada. Estava mais magra e havia perdido muito daquela divina vivacidade que antes me encantava, mas sua bondade e seus gentis olhares de compaixão faziam dela uma companheira mais adequada a um ser desgraçado e lastimável como eu.

A tranquilidade de que eu agora desfrutava não durou muito. As lembranças traziam consigo a loucura, e ao pensar no que acontecera, era possuído por uma verdadeira insanidade. Às vezes, ficava furioso e ardia de raiva; em outras, deprimido e abatido. Eu não falava e nem olhava para ninguém, permanecia apenas sentado, imóvel, desnortado pela profusão de desgraças que se abateram sobre mim.

Somente Elizabeth tinha o poder de me arrancar desses acessos; sua voz suave me acalmava, quando transportado pela paixão, e me inspirava sentimentos humanos, quando mergulhado em torpor. Ela chorava comigo e por mim. Quando a razão me voltava, ela protestava e envidava todos os esforços para me inspirar com resignação. Ah! É muito fácil para o infeliz

resignar-se, mas para o culpado não existe paz. As agonias do remorso envenenam o luxo que de outro modo nos propiciaria a entrega ao excesso de dor.

Logo após minha chegada, meu pai falou do meu imediato casamento com minha prima. Eu permaneci em silêncio.

“Você tem, então, alguma outra ligação?”

“Nenhuma no mundo. Eu amo Elizabeth, e aguardo com prazer a nossa união. Que seja marcado o dia, então, e hei de me consagrar, na vida ou na morte, à felicidade de minha prima.”

“Meu querido Victor, não fale assim. Terríveis infortúnios nos aconteceram, mas nos apeguemos com mais firmeza ao que nos restou, e transfiramos nosso amor por aqueles que perdemos para os que ainda vivem. Nosso círculo será pequeno, mas unido pelos laços do afeto e do infortúnio mútuos. E, quando o tempo tiver suavizado o seu desespero, nascerão novos e queridos objetos de afeição para substituir aqueles de quem fomos tão cruelmente privados.”

Foram essas as lições de meu pai. Para mim, porém, a lembrança da ameaça voltava; nem pode você admirar-se de que, onipotente como o demônio fora até então em seus atos sanguinários, eu devesse considerá-lo quase invencível, e que, quando ele pronunciara as palavras “estarei contigo em tua noite de núpcias”, eu devesse considerar esse destino ameaçador como algo inevitável. Mas a morte não representava nenhum mal para mim, se, como compensação, evitasse a perda de Elizabeth. Foi, portanto, com um semblante contente e até mesmo alegre que concordei com meu pai que, se minha prima consentisse, a cerimônia se realizaria dali a dez dias e, assim, imaginei selar o meu destino.

Bom Deus! Se, por um instante sequer, tivesse podido imaginar qual seria a diabólica intenção de meu adversário, teria preferido abandonar para sempre meu país natal e vagar como um pária pela terra, a consentir naquele infeliz casamento. Mas, como se possuísse poderes mágicos, o monstro havia me cegado quanto às suas verdadeiras intenções; e, quando eu pensava que estava preparando apenas a minha própria morte, estava apressando a de uma vítima ainda mais querida.

Ao se aproximar a data do nosso casamento, fosse por covardia ou alguma profética intuição, sentia o coração apertar-se dentro de mim. Mas escondia meus sentimentos sob uma aparência de alegria que provocava sorrisos e uma expressão de prazer no rosto de meu pai, mas que dificilmente enganava os olhos belos e sempre alertas de Elizabeth. Ela aguardava nossa união com tranquila satisfação, não totalmente isenta de certo temor, deixado pelos infortúnios passados, de que aquilo que agora parecia uma felicidade certa e tangível, logo poderia dissipar-se como um sonho sublime, não deixando outro traço senão um profundo e eterno pesar.

Foram feitos os preparativos para o evento, foram recebidas as visitas de congratulações, e tudo eram sorrisos. Calei em meu coração, tanto quanto pude, a ansiedade que o consumia, e participei com aparente diligência dos planos de meu pai, embora eles só servissem para enfeitar a minha tragédia. Meu pai comprou-nos uma casa perto de Cologny, na qual poderíamos desfrutar dos prazeres do campo e ainda estar tão perto de Genebra que o veríamos todos os dias. Ele continuaria a residir dentro das muralhas da cidade, para o bem de Ernest, que poderia seguir seus estudos nas escolas de lá.

Nesse meio tempo, tomei todas as precauções para defender-me, caso o demônio resolvesse me atacar abertamente. Carregava sempre comigo pistolas e um punhal, e vigiava continuamente para prevenir alguma cilada, e com isso ganhei um pouco mais de tranquilidade. De fato, à medida que se aproximava o dia, a ameaça mais parecia uma ilusão, indigna de ser considerada como algo capaz de perturbar minha paz. Enquanto isso, a felicidade que eu esperava do meu casamento adquiria um grau maior de certeza, conforme se aproximava o dia da cerimônia e eu ouvia sempre falarem dela como um fato que nenhum acidente poderia impedir.

Elizabeth parecia feliz. Meu comportamento tranquilo contribuíra grandemente para acalmar seu espírito. Mas no dia em que se realizariam meus desejos e meu destino, ela estava melancólica, e foi invadida por um mau pressentimento; ou talvez pensasse no terrível segredo que eu tinha prometido revelar-lhe no dia seguinte. Meu pai, enquanto isso, estava radiante e, no alvoroço dos preparativos, só viu na melancolia da sobrinha a timidez de uma noiva.

Terminada a cerimônia, um grande grupo reuniu-se na casa de meu pai, mas fora combinado que Elizabeth e eu passaríamos a tarde e a noite em Evian, e voltaríamos para Coligny na manhã seguinte. Como o dia estava bonito, e o vento favorável, resolvemos ir pelo lago.

Aqueles foram os últimos momentos de minha vida em que desfrutei da sensação de felicidade. Avançávamos rapidamente. O sol estava quente, mas estávamos protegidos de seus raios por uma espécie de pátio, enquanto apreciávamos a beleza da paisagem. Às vezes, num dos lados do lago, de onde víamos o Mont Salève, as agradáveis margens de Montalègre e, à distância, dominando tudo ao redor, o belo Mont Blanc e o conjunto de montanhas nevadas que em vão tentavam imitá-lo; outras vezes, costeando a margem oposta, víamos o imponente Jura, opondo sua face escura como uma barreira quase intransponível ao invasor que ambicionasse escravizar seu país natal.

Tomei a mão de Elizabeth: “Você está triste, meu amor. Ah! Se você soubesse o que eu sofri, e o que talvez ainda precise suportar, se esforçaria para me deixar experimentar a calma e a liberdade que este dia, pelo menos, me permite desfrutar.”

“Seja feliz, meu querido Victor”, respondeu Elizabeth. “Espero que não haja nada para afligi-lo. Esteja certo de que, se o meu rosto não expressa uma viva alegria, meu coração está contente. Algo me diz para não contar muito com a perspectiva que se abre diante de nós, mas não darei ouvidos a uma voz tão sinistra. Veja como navegamos depressa, e como as nuvens, que às vezes se escondem e às vezes se abrem sobre o cume do Mont Blanc, tornam a beleza desta paisagem ainda mais interessante. Veja também os inúmeros peixes que nadam nas águas límpidas, onde se pode ver cada seixo que está lá no fundo. Que dia divino! Como toda a natureza parece serena e feliz!”

Assim Elizabeth tentava desviar seus pensamentos, e os meus, de qualquer reflexão sobre assuntos tristes. Mas sua disposição variava; às vezes, a alegria brilhava em seus olhos por um momento, mas continuamente dava lugar à abstração e ao devaneio.

O sol descambava no céu; nós passamos o rio Drance, e observamos seu curso por entre os penhascos dos montes mais altos e pelos vales das colinas mais baixas. Aqui, os Alpes se acercavam do lago, e nós nos

aproximamos do anfiteatro de montanhas que formam o seu limite oriental. O pináculo de Evian brilhava entre os bosques que o cercavam e a gama de montanha acima da montanha da qual se elevava.

O vento, que até então nos conduzira com tanta rapidez, ao pôr do sol transformou-se numa leve brisa, que apenas ondulava a água e causava uma suave agitação nas árvores, quando chegamos à costa, de onde vinha o mais delicioso cheiro de flores e feno. Quando desembarcamos, o sol mergulhava no horizonte, e ao pisar em terra, senti renascerem as preocupações e os temores que logo iriam se fechar sobre mim, capturando-me para sempre.

CAPÍTULO VI

Eram oito horas quando desembarcamos. Caminhamos um pouco pela praia, apreciando a luz passageira, e então nos retiramos para a hospedaria, de onde contemplamos o encantador cenário formado pelas águas, os bosques e as montanhas, envoltos na penumbra, embora ainda exibindo suas silhuetas negras.

O vento, que amainara no sul, soprava agora com grande força no oeste. A lua alcançara o seu apogeu no céu, e estava começando a descer; as nuvens passavam por ela mais rápidas que o voo do abutre, e ofuscavam seus raios, enquanto o lago refletia o cenário daquele céu movimentado, e que se movimentava ainda mais com as ondas agitadas que começavam a crescer. De repente, desabou uma violenta tempestade.

Eu me mantivera calmo durante o dia, mas assim que a noite obscureceu as formas dos objetos, mil temores me invadiram. Eu estava ansioso e alerta, e agarrava com a mão direita uma pistola que trazia escondida no peito. Qualquer som me aterrorizava, mas eu decidira vender caro a minha vida, e não desistir do conflito iminente até que minha própria vida, ou a de meu inimigo, se extinguisse.

Elizabeth observou por algum tempo a minha agitação, mantendo um silêncio tímido e receoso. Por fim, ela disse: “Por que você está tão agitando, meu querido Victor? Do que tem medo?”

“Ó! paz, só preciso de paz esta noite, meu amor”, respondi, “e depois tudo estará bem; mas esta noite é terrível, muito terrível.”

Passei uma hora nesse estado de espírito, quando, de repente, pensei em como seria terrível para minha esposa esse combate que eu esperava travar a qualquer momento. Pedi-lhe, pois, com veemência, que se retirasse, decidido a não me juntar a ela até que soubesse alguma coisa sobre a situação de meu inimigo.

Ela me deixou, e continuei algum tempo pelos corredores da casa, andando de um lado para outro e inspecionando todo canto que pudesse servir de esconderijo ao meu inimigo. Mas não vi qualquer sinal dele e já estava começando a imaginar que algum feliz acaso interviera para impedi-

lo de cumprir suas ameaças quando, de repente, ouvi um grito horrível, estridente. Vinha do quarto para onde Elizabeth se retirara. Ao ouvi-lo, toda a verdade surgiu em minha mente: meus braços caíram, todos os meus músculos e nervos ficaram paralisados. Podia sentir o sangue correndo em minhas veias e pulsando na extremidade de meus membros. Esse estado não durou mais que um instante. O grito repetiu-se, e corri para o quarto.

Meu Deus! Por que então não morri? Por que estou aqui para relatar a destruição de minha maior esperança e da mais pura criatura do mundo? Ali estava ela, morta, inanimada, atravessada na cama, com a cabeça caída e as feições pálidas e contraídas meio encobertas pelos cabelos. Para onde me virasse, via sempre a mesma imagem – seus braços exangues e seu corpo inerte atirado pelo assassino em seu esquife nupcial. Poderia eu ver isso e seguir vivendo? Ai de mim! A vida é obstinada, e se apegas mais onde é mais odiada. Por um momento, perdi os sentidos e desmaiei.

Ao voltar a mim, encontrei-me cercado pelas pessoas da hospedaria. Seus rostos expressavam um terror mudo, mas o terror dos outros me parecia uma zombaria, apenas uma pálida sombra dos sentimentos que me oprimiam. Escapei deles para o quarto onde jazia o corpo de Elizabeth, meu amor, minha esposa, há pouco cheia de vida, tão querida, tão valiosa. Eles a tinham mudado da posição em que eu a vira primeiro. Como se encontrava agora, a cabeça sobre o braço e um lenço cobrindo seu rosto e o pescoço, se poderia dizer que estava dormindo. Corri para ela e abracei-a com ardor, mas o langor mortal e a frieza de seus membros disseram-me que o que agora tinha nos braços havia deixado de ser a Elizabeth que eu tanto amara e apreciara. Em seu pescoço estava a marca assassina das garras do demônio, e a respiração deixara de sair de seus lábios.

Enquanto eu ainda me achava inclinado sobre ela, na agonia do desespero, ocorreu-me levantar o olhar. As janelas do quarto haviam sido escurecidas anteriormente, e senti uma espécie de pânico ao ver a pálida e amarelada luz da lua iluminar o quarto. As cortinas haviam sido afastadas, e, com uma indescritível sensação de horror, vi na janela aberta a mais horrenda e odiada figura. Havia um sorriso sarcástico na face do monstro, e ele parecia zombar, como se apontasse com seu dedo diabólico para o cadáver de minha esposa. Corri para a janela e, puxando da pistola, atirei. Mas ele esquivou-se, pulou do seu lugar e, correndo com a velocidade de um raio, mergulhou no lago.

O disparo da pistola atraiu uma multidão para o quarto. Apontei para o lugar onde ele desaparecera, e seguimos sua pista em barcos; lançamos redes, mas foi em vão. Depois de várias horas, voltamos desanimados, muitos dos meus companheiros acreditando que fora uma figura conjurada pela minha imaginação. Depois de desembarcarmos, eles prosseguiram com as buscas pela região, os grupos partindo em direções diferentes, através dos bosques e dos vinhedos.

Eu não os acompanhei. Estava exausto. Uma névoa cobria-me os olhos, e minha pele ardia com o calor da febre. Nesse estado, caí de cama, mal tendo consciência do que acontecera; meus olhos vagavam pelo quarto, como se procurassem algo que eu houvesse perdido.

Por fim, lembrei-me de que meu pai estaria esperando ansiosamente o retorno meu e de Elizabeth, e que deveria voltar sozinho. Essa reflexão trouxe-me lágrimas aos olhos e chorei por longo tempo. Meus pensamentos divagavam por vários assuntos, refletindo sobre os meus infortúnios e sua causa. Estava confuso, envolto numa nuvem de espanto e horror. A morte de William, a execução de Justine, o assassinato de Clerval, e por último o de minha esposa. Naquele momento, nem mesmo sabia se os únicos amigos que me restavam estavam a salvo da maldade do demônio. Meu pai poderia estar naquela hora se contorcendo sob suas garras e Ernest poderia estar morto a seus pés. Tal ideia me fez estremecer e chamou-me de volta à ação. Levantei-me bruscamente e decidi voltar a Genebra o mais rápido possível.

Não havia como conseguir cavalos e teria que voltar pelo lago; mas o vento não era favorável, e a chuva caía torrencialmente. Contudo, mal amanhecera, e poderia razoavelmente esperar chegar lá à noite. Contratei remadores e eu mesmo peguei num remo, pois o exercício físico sempre me aliviava da tortura mental. Mas a infelicidade devastadora que agora sentia e o excesso de agitação que suportara me tornavam incapaz de qualquer esforço. Joguei o remo no chão e, apoiando a cabeça nas mãos, dei vazão a todos os pensamentos sombrios que me surgiam. Se erguesse os olhos, veria as paisagens que me eram familiares em tempos mais felizes, e que havia contemplado apenas um dia antes em companhia daquela que agora não era mais que uma sombra e uma lembrança. As lágrimas me escorriam pelo rosto. A chuva cessara um momento e via os peixes brincando na água, como fizeram algumas horas antes. Elizabeth também os observara. Nada é tão doloroso para a mente humana quanto uma grande e súbita mudança. O

sol podia brilhar, ou as nuvens cobrirem o céu, mas nada, para mim, seria como no dia anterior. Um demônio me arrebatara toda esperança de felicidade futura; nenhuma criatura jamais fora tão infeliz quanto eu; um acontecimento tão assustador é único na história do homem.

Mas por que deveria me debruçar sobre os incidentes que se seguiram a este último evento esmagador? Meu relato tem sido uma história de horror; cheguei ao seu ápice e o que devo agora contar pode lhe ser tedioso. Saiba apenas que, um por um, meus amigos me foram arrebatados. Fiquei sozinho. Minhas próprias forças se exauriram e devo contar em poucas palavras o que resta da minha terrível narrativa.

Cheguei a Genebra. Meu pai e Ernest ainda estavam vivos, mas o primeiro sucumbiu ante as notícias que eu trazia. Ainda o vejo agora, aquele bom e venerável ancião! Seus olhos tornaram-se vagos, pois haviam perdido seu encanto e seu prazer – sua sobrinha, mais que uma filha, a quem ele havia dedicado todo aquele afeto que um homem dedica quando, no declínio da vida, tendo poucos afetos, apega-se mais aos que lhe restam. Maldito, maldito seja o demônio que trouxe infelicidade à sua cabeça encanecida, e o condenou a morrer em desgraça! Ele não pôde mais viver diante dos horrores que se acumularam ao seu redor; teve um ataque apoplético, e em poucos dias, morreu em meus braços.

O que foi feito então de mim? Não sei. Perdi toda consciência, e só sentia correntes e trevas a me afligir. Às vezes, de fato, eu sonhava que vagava por prados floridos e vales agradáveis, com os amigos de minha juventude, mas acordava e me encontrava numa cela. Seguiu-se a melancolia, mas aos poucos fui tendo uma percepção mais clara dos meus infortúnios e da minha situação, e fui, então, libertado de minha prisão. Pois haviam me considerado louco, e, durante muitos meses, segundo entendi, uma cela solitária fora a minha habitação.

Mas a liberdade teria sido uma dádiva inútil para mim se, ao despertar para a razão, eu não tivesse despertado também para a vingança. Conforme a lembrança dos infortúnios passados me afligia, comecei a refletir sobre suas causas – o monstro que eu havia criado, o miserável demônio que eu largara no mundo para a minha destruição. Quando pensava nele, uma raiva enlouquecedora me possuía, e eu desejava ardentemente poder tê-lo em

minhas mãos, e assim descarregar uma grande e terrível vingança sobre sua maldita cabeça.

Meu ódio, também, não se limitou por muito tempo a desejos inúteis, e comecei a refletir sobre os melhores meios para pegá-lo. Com esse propósito, cerca de um mês após ser solto, dirigi-me a um juiz criminal na cidade, e disse-lhe que tinha uma acusação a fazer, que eu conhecia o exterminador de minha família, e exigia que ele empregasse toda a sua autoridade para a prisão do assassino.

O magistrado ouviu-me com atenção e bondade e disse, “Fique certo, senhor que da minha parte nenhum esforço será poupado para descobrir o criminoso.”

“Eu lhe agradeço”, respondi. “Ouça, portanto, o depoimento que tenho a fazer. Na verdade, é uma história tão estranha que receio que não acredite, não fosse alguns fatos verídicos que, embora fantásticos, obrigam a convicção. A história é bem coerente para que seja tomada por um sonho, e não tenho motivo algum para falsidade.” Meus modos, ao me dirigir a ele assim, eram solenes, mas calmos. Havia decidido, em meu próprio coração, perseguir o meu destruidor até a morte; e esse propósito acalmava minha agonia, e, por enquanto, me reconciliava com a vida. Narrei então a minha história, brevemente, mas com firmeza e de modo minucioso, marcando as datas com precisão, sem jamais desviar-me para a injúria ou a paixão.

A princípio, o magistrado parecia totalmente incrédulo, mas conforme eu prosseguia tornou-se mais atento e interessado. Às vezes, eu o via tremer de horror; outras vezes, uma viva surpresa misturada com descrença surgia em seu semblante.

Ao terminar minha narrativa, eu disse: “Esse é o ser que eu acuso, e para cuja prisão e castigo peço que empregue todo o seu poder. É seu dever como magistrado, e acredito e espero que seus sentimentos como homem não o isentem de executar tais funções nesta ocasião.”

Esse discurso causou uma mudança considerável na fisionomia do meu ouvinte. Escutara minha história com aquele tipo de meia credibilidade que se concede a um conto de fantasmas ou de coisas sobrenaturais, mas quando foi chamado a agir oficialmente em consequência disso, toda sua incredulidade retornou. No entanto, respondeu gentilmente: “Eu de boa

vontade lhe daria toda ajuda possível em seu intento, mas a criatura de quem o senhor fala parece ter poderes que desafiariam todos os meus esforços. Quem pode perseguir um animal capaz de atravessar o mar de gelo, e habitar cavernas e grutas onde nenhum homem se aventuraria a penetrar? Além disso, já se passaram alguns meses desde que ele cometeu os crimes, e ninguém pode imaginar por quais lugares ele andou ou em que região vive agora.”

“Não duvido que ele ande vagando por perto do lugar onde eu moro, e se ele de fato se refugiou nos Alpes, pode ser caçado como a camurça e destruído como um animal predador. Mas percebo o que está pensando; o senhor não acredita na minha história, nem pretende perseguir o meu inimigo e castigá-lo como ele merece.”

Enquanto eu falava, a raiva brilhava em meus olhos; o magistrado intimidou-se. “O senhor está enganado”, disse ele, “eu me esforçarei nesse sentido, e se estiver em meu poder prender o monstro, fique certo de que ele sofrerá uma punição proporcional aos seus crimes. Receio, porém, pelas características dele que o senhor descreveu, que isso se mostrará impraticável. Por isso, enquanto tomamos todas as medidas necessárias, o senhor deve ir se preparando para uma decepção.”

“Isso não vai acontecer, mas tudo que posso dizer será de pouca utilidade. Minha vingança não tem nenhuma importância para o senhor. No entanto, embora eu admita que é um pecado, confesso que é a única paixão que devora a minha alma. Minha raiva é indescritível quando penso que o assassino, a quem soltei no meio da humanidade, ainda vive. O senhor recusa o meu justo pedido; só me resta um recurso, e eu me dedicarei, na vida ou na morte, à destruição desse monstro.”

Eu tremia de agitação ao dizer isso. Havia em minhas maneiras um frenesi, e, tenho a certeza, algo daquela audácia arrogante que, segundo se diz, os antigos mártires possuíam. Mas para um magistrado genebrês, cuja mente sem dúvida estava ocupada por ideias que nada tinham a ver com devoção e heroísmo, essa grandeza de espírito parecia-se muito com a loucura. Ele tentou me acalmar como uma babá faz com uma criança, e voltou a falar do meu relato como o efeito de um delírio.

“Homem”, eu exclamei, “como mostras ignorância no orgulho da tua sabedoria! Basta; tu não sabes o que dizes.”

Deixei aquela casa enraivecida e perturbada, e retirei-me para pensar em algum outro modo de ação.

CAPÍTULO VII

Minha situação atual era tal que todo pensamento voluntário foi engolido e perdido. Afastara-me de lá correndo, tomado de fúria. Apenas a vingança me dava forças e autocontrole; moldava meus sentimentos e me permitia planejar e manter a calma naquele período; do contrário, meu destino teria sido o delírio ou a morte.

Minha primeira resolução foi deixar Genebra para sempre. Meu país, que me fora tão caro quando feliz e amado, agora, em minha adversidade, era-me odioso. Muni-me de certa quantia de dinheiro, junto com algumas joias que haviam pertencido à minha mãe, e parti.

E assim começou a minha perambulação, que só deverá cessar com a minha morte. Atravessei uma grande parte da terra, e suportei todas as privações que os viajantes estão acostumados a encontrar nos desertos e nos países bárbaros. Nem sei como sobrevivi. Muitas vezes estendi meus membros exaustos numa planície arenosa e implorei pela morte. Mas a vingança me manteve vivo. Eu não ousava morrer e deixar meu inimigo vivo.

Ao deixar Genebra, minha primeira providência foi conseguir alguma pista que me permitisse traçar os passos do meu diabólico inimigo. Meu plano, porém, era incerto, e vaguei muitas horas pelos confins da cidade sem saber bem que caminho tomar. Ao se aproximar a noite, encontrei-me na entrada do cemitério onde repousavam William, Elizabeth e meu pai. Entrei e me aproximei da tumba onde estavam suas sepulturas. Tudo era silêncio, exceto pelo murmúrio das folhas das árvores que se agitavam suavemente com o vento. A noite estava quase escura e o cenário parecia solene e comovente, mesmo para um observador desinteressado. As almas dos que partiram pareciam esvoaçar ao redor, e lançar uma sombra que não era vista, mas podia ser sentida, em torno da cabeça daquele que os pranteava.

O profundo pesar que essa cena a princípio provocara, logo deu lugar à raiva e ao desespero. Estavam mortos e eu vivo; seu assassino vivia também e para destruí-lo deveria prolongar minha miserável existência. Ajoelhei-me na grama, beijei a terra e com os lábios trêmulos exclamei, “Pela terra sagrada sobre a qual me ajoelho, pelas sombras que vagam ao meu redor,

pela profunda e eterna dor que sinto, juro, por ti, ó Noite, e pelos espíritos que sobre ti presidem, perseguir o demônio que causou tal desgraça, até que ele ou eu venhamos a morrer numa luta mortal. Para esse propósito preservarei minha vida. Para executar essa doce vingança, de novo contemplarei o sol e pisarei sobre a verde relva da terra, que, de outro modo, baniria de minha vista para sempre. E conclamo a vós, espíritos dos mortos e a vós, mensageiros itinerantes da vingança, que me ajudem e guiem minha obra. Que o maldito e diabólico monstro beba da taça da agonia e sinta o desespero que agora me atormenta.”

Iniciara minha súplica com uma solenidade e reverência que quase me asseguravam que os espíritos de meus amigos assassinados ouviram e aprovaram meu sacrifício, mas ao terminar fui tomado de fúria e a raiva sufocou minhas palavras.

Através da quietude da noite, respondeu-me um riso alto e diabólico. Ecoou pesadamente em meus ouvidos, por longo tempo, e as montanhas devolveram o eco. Era como se todo o inferno me cercasse, zombando e rindo. Certamente, naquele momento, eu teria sido tomado pela loucura e teria destruído a minha miserável existência, se meu juramento não tivesse sido feito, e se minha vida não estivesse reservada para a vingança. O riso se extinguiu, quando uma voz bem conhecida e odiada, perto do meu ouvido, dirigiu-se a mim num sussurro audível: “Estou satisfeito, pobre infeliz! Você está determinado a viver, e fico satisfeito com isso.”

Disparei para o lugar de onde vinha o som, mas o diabo escapou-me. De repente, o largo disco da lua surgiu, e brilhou em cheio sobre aquela figura horrível e disforme, enquanto ele fugia com uma rapidez sobre-humana.

Parti em sua perseguição, e por muitos meses essa tem sido a minha tarefa. Guiado por uma frágil pista, segui-o pelas curvas do Reno, mas em vão. Surgiu então o azul do Mediterrâneo e, por um estranho acaso, vi o demônio, uma noite, entrar e se esconder num navio que partia para o Mar Negro. Comprei uma passagem para o mesmo navio, mas ele me escapou, não sei como.

Embora ainda me escapasse, segui sempre em seu rastro através das regiões selvagens da Tartária e Rússia. Às vezes, os camponeses, assustados por aquela horrenda aparição, informavam-me o caminho que ele tomara; outras vezes, ele mesmo, temendo que, se eu perdesse de todo a sua pista

pudesse me desesperar e morrer, com frequência deixava algo a me guiar. A neve caía sobre minha cabeça e via suas pegadas enormes impressas na planície branca. Como pode você, que mal começa a vida e para quem a preocupação é algo novo e a agonia é desconhecida, entender o que tenho sentido e ainda sinto? Frio, necessidade, fadiga eram os menores pesares que eu estava destinado a suportar. Fora amaldiçoado por um demônio, e carregava comigo um inferno eterno. No entanto, um espírito do bem ainda me seguia e guiava meus passos, e, quanto mais resmungava me livrava de repente de dificuldades aparentemente intransponíveis. Às vezes, quando, dominado pela fome, sucumbia ao esgotamento, uma refeição era preparada para mim no deserto, que me restaurava as forças e me animava. A comida realmente era frugal, como a que os camponeses do país comem, mas não posso duvidar que tivesse sido posta lá pelos espíritos cuja ajuda tinha invocado. Muitas vezes, quando tudo estava seco, o céu sem nuvens, e eu era devorado pela sede, uma leve nuvem obscurecia o céu, derramava algumas gotas que me faziam reviver, e desaparecia.

Quando podia, seguia o curso dos rios, mas o demônio em geral os evitava, pois era ali que, normalmente, se reuniam os habitantes da região. Em outros lugares, raramente se viam seres humanos e, em geral, eu tirava minha subsistência dos animais selvagens que cruzavam meu caminho. Eu tinha dinheiro comigo, e ganhava a amizade dos aldeões distribuindo-o; ou então trazendo comigo algum alimento que havia caçado, com o qual, depois de pegar uma pequena parte, eu sempre presenteava aqueles que me haviam fornecido fogo e utensílios para cozinhá-lo.

A vida que eu assim levava me era realmente odiosa e só durante o sono experimentava alguma alegria. Ó, bendito sono! Muitas vezes, quando minha infelicidade era maior, deitava-me para repousar e meus sonhos me embalavam até o êxtase. Os espíritos que me guardavam providenciavam esses momentos, ou mesmo horas, de felicidade, a fim de que eu pudesse manter as forças para cumprir minha peregrinação. Privado de repouso, teria sucumbido às minhas privações. Durante o dia, era sustentado e animado pela esperança da noite, pois no sono via meus amigos, minha esposa e meu amado país; via de novo o bondoso semblante de meu pai, ouvia os tons argentinos da voz de minha Elizabeth, e via Clerval cheio de saúde e juventude. Muitas vezes, esgotado por uma marcha fatigante, persuadia-me de que estava sonhando, até que a noite chegasse e eu

pudesse, então, gozar a realidade nos braços dos meus queridos amigos. Que amor torturante eu sentia por eles! Como me agarrava às suas queridas imagens, quando, mesmo nas horas em que estava acordado, eles me assombravam e me convenciam de que ainda estavam vivos! Nesses momentos, a vingança, que queimava dentro de mim, morria em meu coração, e prosseguia em meu caminho para a destruição do demônio, mais como uma obrigação imposta pelo céu, como que mecanicamente impulsionado por uma força da qual não tinha consciência, do que como o ardente desejo de minha alma.

Não sei quais eram os sentimentos de quem eu perseguia. De fato, ele às vezes deixava marcas escritas na casca das árvores ou gravadas em pedra que me guiavam e instigavam minha fúria. “Meu reinado ainda não acabou”, eram as palavras de uma das inscrições. “Você está vivo e meu poder é total. Siga-me. Busco os gelos eternos do norte, onde sentirá o tormento do frio e do gelo, aos quais sou invulnerável. Se não tardar a me seguir, perto daqui encontrará uma lebre morta; coma e recobre suas forças. Venha, meu inimigo, ainda temos que lutar por nossas vidas, mas até que chegue esse momento você passará muitas horas difíceis e infelizes.”

Diabo zombeteiro! Juro vingança; de novo, demônio miserável, juro que te levarei à tortura e morte. Não abandonarei minha perseguição, até que um de nós morra; e então, com que êxtase juntar-me-ei à Elizabeth, e aos que agora mesmo preparam para mim a recompensa de minha fatigante labuta e horrível peregrinação.

Conforme eu prosseguia minha jornada em direção ao norte, as neves se tornaram mais espessas, e o frio aumentou até atingir um grau quase insuportável. Os camponeses se fechavam em suas choupanas, e só alguns dos mais fortes, forçados pela fome, se aventuravam a sair dos seus abrigos para caçar os animais que serviam de presa. Os rios estavam cobertos de gelo, e não se conseguia peixe algum; assim, fui privado de minha principal fonte de manutenção.

O triunfo de meu inimigo aumentava com a dificuldade das minhas labutas. Uma inscrição deixada por ele continha estas palavras: “Prepare-se! Seus trabalhos mal começaram. Envolve-se em peles e providencie comida, pois logo iniciaremos uma viagem na qual seus sofrimentos irão satisfazer o meu ódio eterno.”

Minha coragem e perseverança revigoraram-se com essas palavras de escárnio. Decidi que não falharia em meu propósito, e, chamando o céu em meu auxílio, continuei com incansável fervor a atravessar imensos desertos, até que o oceano surgiu à distância, formando o limite extremo do horizonte. Ó! Como era diferente dos mares azuis do sul! Coberto de gelo, só se distinguia da terra por sua enorme vastidão e a superfície mais rugosa. Os gregos choraram de alegria quando viram o Mediterrâneo do alto das colinas da Ásia, e saudaram com júbilo o fim de suas labutas. Eu não chorei, mas me ajoelhei, e, do fundo do coração, agradei ao meu guia espiritual por ter me levado em segurança ao lugar onde, apesar da zombaria de meu inimigo, eu esperava encontrá-lo e lutar com ele.

Algumas semanas antes, conseguira um trenó e cães, e assim atravessava a neve com inconcebível rapidez. Não sabia se o demônio possuía a mesma vantagem, mas descobri que, enquanto antes diariamente perdia terreno ao persegui-lo, agora levava vantagem sobre ele, tanto que ao avistar o oceano pela primeira vez ele se achava a apenas um dia de distância na minha frente, e esperava interceptá-lo antes que chegasse à costa. Com renovada coragem, portanto, apressei-me, e dentro de dois dias cheguei a uma miserável aldeia à beira-mar. Perguntei aos habitantes sobre o demônio e recebi informações precisas. Disseram que um monstro gigantesco havia chegado na noite anterior, armado com um rifle e muitas pistolas, pondo a correr os habitantes numa cabana solitária, apavorados com sua aparência terrível. Havia levado seu estoque de provisões para o inverno e, colocando-o num trenó, pegara uma matilha de cães treinados para puxá-lo; ele os arreara e, naquela mesma noite, para alegria dos horrorizados aldeões, prosseguiu sua viagem pelo mar, numa direção que não levava a terra alguma e imaginavam que seria rapidamente destruído pelo rompimento do gelo ou acabaria congelado pelos gelos eternos.

Ao ouvir essa informação, sofri um acesso temporário de desespero. Ele me escapara. Teria que iniciar uma viagem destrutiva e quase interminável pelas montanhas de gelo do oceano, no meio de um frio que poucos habitantes poderiam suportar por muito tempo, e ao qual eu, nascido sob um clima ameno e ensolarado, não poderia esperar sobreviver. No entanto, ante a ideia de que o demônio devia viver e triunfar, minha raiva e meu desejo de vingança voltaram e, como uma maré avassaladora, dominaram todos os outros sentimentos. Depois de um breve repouso, durante o qual os espíritos

dos mortos pairavam à minha volta e me instigavam ao trabalho e à vingança, preparei-me para prosseguir a jornada.

Troquei meu trenó de terra por outro mais adequado às irregularidades do oceano congelado e, após comprar um bom estoque de provisões, deixei a terra.

Não sei dizer quantos dias se passaram desde então, mas suportei intenso sofrimento, que nada senão o eterno sentimento de justa retribuição que queimava em meu peito me permitiria suportar. Enormes e escarpadas montanhas de gelo às vezes barravam minha passagem e outras vezes ouvia o rugido do mar que ameaçava me destruir. Mas o gelo voltava, tornando os caminhos do mar mais seguros.

Pela quantidade de provisões que consumi, imagino que tenha passado três semanas nesta viagem e o contínuo adiamento da esperança, que retornara ao meu coração, com frequência me arrancava lágrimas amargas de desânimo e tristeza. O desespero, de fato, já tinha quase assegurado sua presa e logo deveria sucumbir a essa desgraça. Então, uma vez, depois que os pobres animais que me carregavam conseguiram galgar com muito esforço o cume de uma íngreme montanha de gelo, tendo um deles morrido de fadiga, contemplava angustiado a vastidão gelada diante de mim, quando de repente meu olhar captou um ponto escuro na planície pardacenta. Forcei a vista para descobrir o que poderia ser, e soltei um grito selvagem de júbilo ao distinguir um trenó e dentro dele uma figura disforme bem conhecida. Ó! Com que ardor senti a esperança visitar de novo meu coração! Meus olhos se encheram de lágrimas mornas, que eu limpei apressadamente, para que não interceptassem a visão que eu tinha do demônio. Mas minha vista continuava ofuscada pelas lágrimas, até que, dando vazão às emoções que me oprimiam, chorei abertamente.

Mas não era hora para atrasos. Livrei os cães de seu companheiro morto, dei-lhes uma boa porção de comida e, depois de uma hora de descanso, absolutamente necessária, embora extremamente irritante para mim, continuei meu caminho. O trenó ainda era visível, e eu não o perdia mais de vista, exceto nos momentos em que algum rochedo gelado, com seus penhascos, o escondia de mim por breves instantes. Na verdade, até estava levando uma perceptível vantagem sobre ele, e quando, após quase

dois dias de viagem, vi meu inimigo a não mais que uma milha de distância, senti meu coração saltar dentro de mim.

Mas agora, quando meu inimigo parecia quase ao meu alcance, minhas esperanças se extinguíram de repente, e perdi qualquer rastro dele, mais do que jamais acontecera antes. Ouvia-se o rugido do mar e o ruído das águas, conforme rolavam e cresciam por baixo de mim, tornava-se a cada momento mais terrível e ameaçador. Apressava-me, mas em vão. O vento soprava, o mar rugia e, como se fosse abalado por um poderoso terremoto, fendeu-se e quebrou-se com um estrondo formidável, impressionante. Logo tudo estava terminado. Em poucos minutos, um mar tumultuoso rolava entre mim e meu inimigo e boiei sobre um pedaço solto de gelo que diminuía continuamente, preparando-me assim uma morte horrenda.

Assim se passaram horas de pavor; vários de meus cães morreram, e eu próprio estava a ponto de sucumbir ao acúmulo de infortúnios, quando vi seu navio procurando ancorar, trazendo-me esperanças de socorro e vida. Não tinha ideia de que navios se deslocassem tanto ao norte e fiquei espantado ao vê-lo. Destruí rapidamente parte do meu trenó para construir remos; e, assim, com infinita fadiga, consegui movimentar minha balsa de gelo na direção do seu barco. Havia decidido que, se estivessem indo para o sul, ainda preferiria entregar-me à mercê dos mares a abandonar o meu propósito. Esperava convencê-lo a me ceder um bote no qual ainda pudesse perseguir meu inimigo. Mas viajavam em direção ao norte. Tomou-me a bordo quando minhas forças se exauriam e logo sucumbiria à morte sob minhas múltiplas privações, o que ainda temo, pois minha tarefa não foi completada.

Ó! Quando meu espírito guia me conduzirá ao demônio, permitindo-me o descanso que tanto desejo, ou deverei morrer, enquanto ele vive? Se assim for, jure-me, Walton, que ele não escapará, que o perseguirá e completará minha vingança com sua morte. Mas ousarei pedir-lhe que se encarregue da minha peregrinação, a sofrer as privações que suportei? Não; não sou tão egoísta. Porém, quando morrer, se ele aparecer, se os mensageiros da vingança o conduzirem até você, jure que ele não viverá – jure que não triunfará sobre minhas desgraças acumuladas e que não viverá para fazer algum outro tão infeliz quanto eu. Ele é eloquente e persuasivo e suas palavras uma vez já tiveram poder sobre meu coração, mas não confie nele. Sua alma é tão diabólica quanto seu corpo, cheia de traição e malícia

demoníaca. Não lhe dê ouvidos; chame em seu socorro os nomes de William, Justine, Clerval, Elizabeth, meu pai e do infeliz Victor, e enfie sua espada em seu coração. Estarei pairando bem perto e dirigirei a espada de modo certo.

Walton, continuando.

26 de Agosto de 17...

Margaret, você leu essa história estranha e terrível. Não sente o seu sangue gelar de horror, como o meu até agora está gelado? Às vezes, preso de súbita agonia, ele não conseguia continuar sua história; outras vezes, sua voz embargada, embora profunda, proferia com dificuldade essas palavras tão repletas de agonia. Seus belos e encantadores olhos ora brilhavam de indignação, ora eram dominados pelo desânimo, e se toldavam com infinita tristeza. Às vezes, ele dominava seu semblante e seu tom de voz, e relatava os incidentes mais horríveis com uma voz tranquila, reprimindo qualquer sinal de agitação; então, como um vulcão em erupção, seu rosto assumia de repente uma expressão de cólera selvagem, quando gritava maldições contra o seu perseguidor.

Sua história tem coerência, e foi contada como a mais simples verdade, embora eu admita que as cartas de Felix e Safie, que ele me mostrou, e o aparecimento do monstro, visto do nosso navio, me convencessem muito mais da veracidade de seu relato do que suas próprias afirmações, apesar de sérias e coerentes. Um monstro assim, então, existe realmente. Não posso duvidar disso, embora ainda esteja pasmo de admiração e surpresa. Tentei algumas vezes conseguir de Frankenstein os detalhes sobre o modo como fez sua criatura, mas nesse ponto ele era impenetrável.

“Está louco, meu amigo?” dizia ele. “Para onde sua curiosidade insensata o levará? Você também criaria, para si mesmo e para o mundo, um inimigo diabólico? Ou então para que servem suas perguntas? Calma, calma! Aprenda com os meus sofrimentos e não procure aumentar os seus.”

Frankenstein percebeu que eu fizera anotações sobre o seu relato. Pediu-me para vê-las, e então ele mesmo as corrigiu e aumentou em muitos lugares, mas principalmente dando vida e espírito às conversas que manteve com seu inimigo. “Já que você quer preservar minha narrativa”, disse ele, “eu não gostaria que ela chegasse mutilada à posteridade.”

Assim passou-se uma semana, durante a qual ouvi a história mais estranha que a imaginação já criou. Meus pensamentos e todos os meus sentimentos estavam absorvidos pelo interesse por meu hóspede, despertado por esta narrativa e por seus modos gentis e educados. Desejava tranquilizá-lo, mas poderia aconselhar a viver alguém tão infinitamente desgraçado, tão destituído de toda esperança de consolo? Ó, não! A única alegria que ele poderá encontrar agora será ao apaziguar seus sentimentos despedaçados com a paz e a morte. Contudo, ele ainda desfruta de conforto, fruto da solidão e do delírio; acredita que, ao conversar em sonhos com seus amigos – e tira dessa comunhão um consolo para seus pesares ou incitação para sua vingança – eles não são uma criação de sua fantasia, mas que são criaturas reais que o visitam, vindas de regiões dum mundo remoto. Essa fé concede solenidade aos seus devaneios que parecem a mim tão interessantes e impositivos quanto verdadeiros.

Nossas conversas nem sempre se limitavam à sua própria história e a seus infortúnios. Em qualquer tópico da literatura em geral, exhibe um conhecimento ilimitado e um discernimento rápido e penetrante. Sua eloquência é impetuosa e comovente. Quando relata algum incidente patético, ou esforça-se a evocar as paixões da piedade ou amor, não consigo ouvi-lo sem derramar lágrimas. Que criatura gloriosa não deve ter sido em seus dias de prosperidade para ser assim tão nobre e superior na ruína. Ele parece sentir seu próprio valor, e a grandeza de sua queda.

“Quando jovem”, disse ele, “sentia que estivesse destinado a alguma grande realização. Meus sentimentos são profundos, mas possuía uma frieza de julgamento que me habilitava a realizações ilustres. Essa sensação do valor de meu caráter me sustentava, quando outros se sentissem oprimidos; pois considerava um crime jogar fora, em inúteis aflições, aqueles talentos que poderiam ser úteis aos meus semelhantes. Ao refletir sobre a obra que completara, nada menos que a criação de um animal sensível e racional, não podia comparar-me ao rebanho dos planejadores comuns. Mas tal sentimento, que me suportava no início de minha carreira, serve agora só para mergulhar-me ainda mais no pó. Todas minhas especulações e esperanças deram em nada; e, como o arcanjo que aspirava à onipotência^[1], estou acorrentado a um inferno eterno. Minha imaginação era vívida, meus poderes de análise e aplicação intensos; pela reunião dessas qualidades, eu concebi a ideia e executei a criação de um homem. Mesmo agora, não posso

lembrar sem emoção dos meus devaneios enquanto a minha obra ainda estava incompleta. Espezinhava o céu em meus pensamentos, ora exultando com meus poderes, ora vibrando de entusiasmo com a ideia de seus efeitos. Desde a infância eu me imbuíra de altas esperanças e de uma grande ambição; mas como decaí! Ó! meu amigo, se você tivesse me conhecido como eu era, não me reconheceria nesse estado atual de degradação. O desânimo raramente visitava meu coração; um grande destino parecia aguardar-me, até que senti que nunca mais, nunca mais me levantaria.”

Devo então perder esta criatura admirável? Há muito desejava um amigo; procurava um que compadecesse de meus sentimentos e afeto. Veja, nesses mares desolados achei esse alguém, mas receio que o encontrei só para conhecer o seu valor e perdê-lo. Gostaria de reconciliá-lo com a vida, mas ele repele a ideia.

“Eu lhe agradeço, Walton”, disse ele, “por suas amáveis intenções para com uma criatura tão desgraçada quanto eu, mas quando fala de novos laços e novos afetos, crê que alguém poderia substituir aqueles que se foram? Pode algum homem ser para mim o que foi Clerval, ou alguma mulher outra Elizabeth? Mesmo quando os afetos não são fortemente motivados por alguma qualidade superior, os companheiros de nossa infância sempre possuem certo poder sobre nossas mentes que dificilmente algum novo amigo pode obter. Conhecem nossas inclinações infantis que, mesmo que se modifiquem depois, jamais são erradicadas; podem julgar nossas ações com conclusões mais acertadas sobre a integridade de nossos motivos. Uma irmã ou um irmão jamais podem, a menos que os sintomas realmente se mostrem cedo, suspeitar de fraude ou falso procedimento por parte do outro, enquanto qualquer outro amigo, por mais forte que seja a afeição, poderia, a despeito de si mesmo, ser invadido pela suspeita. Mas tive amigos, queridos não apenas pelo hábito ou convivência, mas por seus próprios méritos; e onde quer que esteja, a voz tranquila de minha Elizabeth, e a conversa de Clerval, serão sempre sussurradas em meus ouvidos. Estão mortos, e nesta solidão apenas um sentimento pode me convencer a preservar minha vida. Se estivesse engajado em algum alto empreendimento ou projeto, carregado de grande utilidade aos meus semelhantes, então poderia viver para cumpri-lo. Mas tal não é o meu destino. Devo perseguir e destruir a criatura a que dei vida; então minha missão na terra estará cumprida, e posso morrer.”

2 DE SETEMBRO

Minha Amada Irmã,

Escrevo-lhe, cercado por perigos e sem saber se condenado a nunca mais rever a querida Inglaterra e os queridos amigos que aí vivem. Estou rodeado por montanhas de gelo, das quais não há fuga, e que ameaçam esmagar, a todo o momento, meu navio. Os bravos camaradas que convenci a me acompanharem, buscam mim ajuda, mas não tenho nenhuma a dar. Há algo terrivelmente intimidante em nossa situação, mas minha coragem e esperanças não me abandonam. Podemos sobreviver; e se não o fizermos, repetirei as lições de meu Sêneca, e morrerei em paz.

Mas e você, Margaret, como irá se sentir? Não ouvirá falar de minha destruição, e aguardará ansiosamente o meu retorno. Os anos se passarão, você terá momentos de desespero, embora ainda seja torturada pela esperança. Ó! Minha amada irmã, a perspectiva do fracasso das sinceras esperanças de seu coração é para mim ainda mais terrível do que a minha própria morte. Mas você tem um marido e filhos adoráveis; você pode ser feliz. Que o céu a abençoe e permita que assim seja!

Meu desventurado hóspede estima-me com a mais terna compaixão. Esforça-se a me dar esperanças e fala como se a vida fosse um bem que desse valor. Lembra-me com que frequência os mesmos acidentes aconteceram a outros que se aventuraram neste mar e, a despeito de mim, enche-me de animadores augúrios. Até os marinheiros sentem o poder de sua eloquência: quando fala, eles já não desesperam. Levanta o moral dos homens, e, quando eles escutam sua voz, acreditam que estas vastas montanhas de gelo são montículos e que desaparecerão mediante a vontade do homem. Esses sentimentos são passageiros; a esperança adiada a cada dia enche-os de medo, e quase temo um motim causado por tal desespero.

5 de Setembro

Acabou de acontecer algo de tão extraordinário interesse que, embora seja bem provável que estes papéis jamais a alcancem, não posso deixar de registrá-lo.

Ainda estamos rodeados pelas montanhas de gelo, ainda em perigo iminente de sermos esmagados em sua colisão. O frio é extremo, e muitos de meus infelizes companheiros já encontraram seu túmulo no meio deste cenário desolador. A saúde de Frankenstein declina a cada dia. Um lampejo

febril ainda brilha em seus olhos, mas ele está exaurido e, quando de repente se entrega a qualquer esforço, logo cai de novo em aparente inanição.

Em minha última carta mencionei o medo que eu sentia de um motim. Esta manhã, enquanto eu observava o semblante pálido de meu amigo – os olhos semicerrados, os membros pendendo indiferentes – fui despertado por meia dúzia de marinheiros, que desejavam ser admitidos em minha cabine. Eles entraram, e seu líder dirigiu-se a mim. Disse-me que ele e seus companheiros haviam sido escolhidos pelos outros marinheiros para virem, em comitê, até mim, a fim de me fazerem uma solicitação que, em justiça, eu não poderia recusar. Estávamos emparedados no gelo, e provavelmente jamais escaparíamos; mas eles temiam que, se o gelo se dissipasse e abrisse uma passagem, como poderia acontecer, eu me apressaria a continuar a viagem, conduzindo-os a novos perigos, depois de terem felizmente superado aquele. Desejavam, portanto, que eu lhes promettesse solenemente que, caso o navio se libertasse, eu dirigiria imediatamente meu curso para o sul.

Esse discurso me perturbou. Eu ainda não havia perdido as esperanças, nem havia tido a ideia de voltar, caso me visse livre. No entanto, podia eu, com justiça, ou mesmo como possibilidade, recusar esse pedido? Hesitei antes de responder, quando Frankenstein, que a princípio estivera calado e que, na verdade, mal parecia ter forças para ouvir, ergueu-se; seus olhos brilhavam, e suas faces se tingiram com um momentâneo vigor. Virando-se para os homens, ele disse:

“O que significa isso? O que exigem de seu capitão? Então desistem tão facilmente de seus planos? Não acham que esta é uma expedição gloriosa? E por que é gloriosa? Não porque o caminho seja suave e tranquilo como nos mares do sul, mas por estar cheio de perigos e terrores; por, a cada novo incidente, incitar sua bravura e exigir que mostrem sua coragem; e porque, cercados pelo perigo e a morte, vocês foram valentes o bastante para superar. Por isso é gloriosa, por isso é um honroso empreendimento. Serão saudados daqui por diante como benfeitores de sua espécie; seus nomes serão reverenciados como pertencendo a homens valentes que encontraram a morte para honrar e beneficiar a humanidade. E agora, vejam, à primeira ideia de perigo, ou, se quiserem, diante da primeira prova, imensa e terrível, que se exige de sua coragem, se encolhem e se contentam em passarem para

as próximas gerações como homens que não tiveram força o bastante para suportar o frio e o perigo; e assim, pobres almas, estavam com frio e voltaram ao calor de seus lares. Ora, isso não requer preparação; não precisavam ter vindo tão longe assim para arrastar seu capitão à vergonha de uma derrota, apenas para provarem a sua covardia. Ó! Sejam homens ou mais do que homens. Sejam firmes em seus propósitos e sólidos como uma rocha. Este gelo não é feito da mesma substância que seus corações; é mutável e não poderá resistir a vocês, se disserem que não deve ser assim. Não voltem para suas famílias com o estigma da desonra marcado em suas fronteiras. Voltem como heróis que lutaram e venceram e que não sabem o que é dar as costas ao inimigo.”

Disse isso com uma voz tão modulada conforme expressava os diferentes sentimentos e com um olhar tão cheio de altos desígnios e de heroísmo, que não é de admirar que estes homens se comovessem. Olharam uns para os outros e não foram capazes de responder. Falei; disse-lhes que se retirassem e considerassem o que havia sido dito; que não os conduziria mais para o norte, se eles insistiam em desejar o contrário, mas que esperava que, com a reflexão, sua coragem retornasse.

Eles se retiraram, e eu voltei-me para meu amigo; mas ele estava mergulhado em torpor, e quase privado de vida.

Não sei como terminará tudo isso, mas sei que prefiro morrer a voltar vergonhosamente, e sem alcançar o meu objetivo. No entanto, receio que este será o meu destino; os homens, sem o apoio dos ideais de honra e glória, jamais poderão suportar voluntariamente seus atuais sofrimentos.

7 de Setembro

A sorte está lançada; concordei em retornar, se não formos destruídos. Assim se destroem as minhas esperanças, pela covardia e a indecisão. Volto sem o conhecimento que buscava, e desapontado. É preciso mais serenidade do que aquela que eu possuo para suportar com paciência essa injustiça.

12 de Setembro

Acabou. Estou regressando à Inglaterra. Perdi minhas esperanças de ser útil e de alcançar a glória. Perdi meu amigo. Mas tentarei detalhar essas amargas circunstâncias para você, minha querida irmã, e, enquanto sou levado pelo vento para a Inglaterra, e para junto de você, não desanimarei.

No dia 9 de setembro, o gelo começou a se mover, e se ouvia à distância um rumor como o de um trovão, enquanto as ilhas rachavam e se rompiam em todas as direções. O perigo que corríamos era iminente, mas como só podíamos ficar passivos, minha atenção era quase toda dirigida ao meu infeliz hóspede, cuja doença aumentara a tal ponto que o deixou inteiramente confinado ao leito. O gelo se rompia atrás de nós, e era impelido com força para o norte; começou a soprar uma brisa do oeste e, no dia 11, a passagem para o sul ficou totalmente livre. Assim que os marinheiros viram isso, e perceberam que seu retorno ao seu país natal estava aparentemente garantido, ouviu-se um longo grito de alegria ruidosa. Frankenstein, que estava cochilando, acordou e perguntou a causa do tumulto. “Eles estão gritando”, disse eu, “porque logo retornarão à Inglaterra.”

“Então, você vai mesmo voltar?”

“Ai de mim! Sim. Não posso mais opor-me aos seus pedidos. Não posso levá-los a correr perigo contra a vontade, e devo regressar.”

“Faça isso, se quiser, mas eu não voltarei. Você pode desistir do seu objetivo, mas o meu me foi atribuído pelo céu, e não ousa fazê-lo. Estou fraco, mas tenho certeza de que os espíritos que me assistem em minha vingança me dotarão de força suficiente.” Dizendo isso, ele tentou levantar-se da cama, mas o esforço foi demasiado para ele; caiu para trás e desmaiou.

Demorou muito para que ele voltasse a si, e eu várias vezes pensei que sua vida se extinguiu completamente. Por fim, ele abriu os olhos, mas respirava com dificuldade e não podia falar. O médico deu-lhe um composto para tomar, e ordenou que não o perturbássemos. Enquanto isso, disse-me que meu amigo com certeza não tinha muitas horas de vida.

Declarado esse prognóstico, só me restava lamentar e ter paciência. Sentei-me junto ao leito para assisti-lo; seus olhos estavam fechados e pensei que estivesse dormindo. Ele, porém, me chamou com uma voz fraca e, pedindo-me que chegasse mais perto, disse: “Ai de mim! Acabou-se a força com que eu contava; sinto que morrerei logo, e ele, o meu inimigo e perseguidor, ainda pode estar vivo. Não pense, Walton, que nos últimos momentos de minha vida eu sinta esse ódio abrasador e o desejo ardente de vingança que uma vez expressei, mas sinto-me justificado por desejar a

morte de meu adversário. Durante esses últimos dias, ocupei-me em examinar minha conduta passada. Não acho que tenha sido condenável. Num acesso de entusiástica loucura, criei um ser racional e era obrigado a assegurar, até onde me fosse possível, sua felicidade e bem-estar. Esse era o meu dever; mas havia outro, ainda superior. Meus deveres para com os meus semelhantes tinham mais direito à minha atenção, porque incluíam uma proporção maior de felicidade ou de desgraça. Foi baseado nisso que eu recusei, e fiz bem em recusar, criar uma companheira para a primeira criatura. No mal, ele mostrou um egoísmo e maldade inigualáveis; destruiu meus amigos; dedicou-se à destruição de seres que possuíam sentimentos delicados, felicidade e sabedoria; e nem eu sei onde essa sede de vingança poderá terminar. Infeliz ele mesmo, para que não possa tornar nenhum outro infeliz, ele deve morrer. A obrigação de destruí-lo era minha, mas eu falhei. Estimulado por motivos egoístas e cruéis, eu lhe pedi que assumisse a minha tarefa inacabada; e eu renovo esse pedido agora, quando sou induzido apenas pela razão e pela virtude.

“No entanto, não posso lhe pedir que renuncie ao seu país e a seus amigos para cumprir essa tarefa. Agora que está voltando à Inglaterra, terá pouca chance de encontrar-se com ele. Mas deixo a seu critério a consideração sobre esses pontos, e o equilíbrio na avaliação do que sejam os seus deveres. Minha razão e meus pensamentos já estão perturbados pela aproximação da morte. Não ousou pedir-lhe que faça o que eu acho que é direito, pois posso ainda ser enganado pela emoção.

“Incomoda-me pensar que ele deva viver para ser um instrumento do mal. Em todos os outros aspectos, esta hora, ao esperar minha libertação a qualquer momento, é a única hora feliz que desfrutei durante anos. As formas dos meus amados mortos flutuam diante de mim e corro para os seus braços. Adeus, Walton! Busque a felicidade na tranquilidade, e evite a ambição, mesmo que seja a ambição aparentemente inocente de se distinguir na ciência ou nas descobertas. Mas por que digo isso? Eu tive as minhas esperanças destruídas, mas outro pode ser bem sucedido.”

À medida que ele falava, sua voz foi ficando mais fraca e, por fim, exausto pelo esforço, mergulhou no silêncio. Cerca de meia hora depois, ele tentou de novo falar, mas não conseguiu. Apertou debilmente a minha mão, e seus olhos se fecharam para sempre, enquanto a irradiação de um suave sorriso morria em seus lábios.

Margaret, que comentários posso fazer sobre a morte prematura desse espírito glorioso? O que posso lhe dizer para que compreenda a profundidade de minha tristeza? Tudo o que eu poderia expressar seria inadequado e tênue. Meus olhos choram; minha mente está coberta por uma nuvem de decepção. Mas estou viajando para a Inglaterra, e lá talvez eu possa encontrar consolo.

Algo me interrompe. O que significam esses sons? É meia-noite. A brisa sopra com brandura e o vigia no convés mal se move. De novo; parece o som de uma voz humana, porém mais rouca; vem da cabine onde ainda jazem os restos de Frankenstein. Devo levantar-me e ver o que se passa. Boa noite, minha irmã.

Meu Deus! Que cena aconteceu agora há pouco! Ainda fico atordoado ao me lembrar dela. Nem sei se terei forças para descrevê-la. No entanto, a narrativa que registrei ficaria incompleta sem essa catástrofe final e extraordinária.

Entrei na cabine onde jazia o corpo do meu desventurado e admirável amigo. Sobre ele inclinava-se uma figura que não encontro palavras para descrever; gigantesco em estatura, porém grosseiro e disforme em suas proporções. Enquanto se inclinava sobre o caixão, seu rosto estava oculto por longas mechas de cabelo em desalinho; mas havia uma enorme mão estendida, com a cor e a textura aparentes da de uma múmia. Quando ele ouviu que eu me aproximava, parou de proferir exclamações de pesar e horror, e saltou na direção da janela. Eu jamais vira algo tão horrível quanto o seu rosto, de tal modo repulsivo, tão apavorante e hediondo. Fechei os olhos involuntariamente, e tentei lembrar-me de quais eram os meus deveres em relação àquele assassino. Disse-lhe que ficasse.

Ele parou, olhando-me espantado; e, virando-se de novo para a forma sem vida de seu criador, pareceu esquecer de minha presença, e cada feição e gesto mostravam a raiva mais selvagem, provocada por alguma emoção incontrolável.

“Este também é minha vítima!” exclamou ele. “Com sua morte, meus crimes estão terminados; minha miserável existência está perto do fim! Ó, Frankenstein! Ser generoso e dedicado! O que adianta te pedir agora que me perdoes? Eu, que te destruí de modo irremediável, destruindo todos a quem amavas. Ai de mim! Ele está frio; não pode responder-me.”

Sua voz parecia sufocada. Meu primeiro impulso, que me era sugerido pelo dever de obedecer ao pedido de meu amigo em sua agonia, destruindo seu inimigo, foi então suspenso por um misto de curiosidade e compaixão. Aproximei-me daquela criatura enorme. Não ousei levantar de novo os olhos para o seu rosto, tão assustadora e sobrenatural era a sua feiura. Tentei falar, mas as palavras morreram em meus lábios. O monstro continuava a proferir exclamações de autocensura, loucas e incoerentes. Por fim, juntei coragem para dirigir-me a ele, numa pausa de sua tempestuosa emoção: “Seu arrependimento, agora, é supérfluo”, disse eu. “Se você tivesse escutado a voz da consciência, e atendido às ferroadas do remorso antes de levar a sua diabólica vingança a esse extremo, Frankenstein ainda estaria vivo.”

“Você está sonhando?” disse o demônio. “Acha então que eu era insensível à agonia e ao remorso? Ele”, continuou, apontando para o cadáver, “ele não sofreu ao consumir seus feitos. Ó, não! Nem a milésima parte da angústia que eu senti ao executar em detalhes as minhas ações. Um egoísmo assustador me impelia, enquanto meu coração era envenenado pelo remorso. Você acha que os gemidos de Clerval soaram como música aos meus ouvidos? Meu coração foi feito para ser sensível ao amor e à compaixão, e, quando levado, pela desgraça, para o crime e para o ódio, não pôde suportar a violência dessa mudança sem uma tortura que você não pode nem mesmo imaginar.

“Depois do assassinato de Clerval, voltei à Suíça com o coração partido e prostrado. Tinha pena de Frankenstein; minha piedade chegava ao horror. Tinha ódio de mim mesmo. Mas ao descobrir que ele, o autor de minha existência e de meus indescritíveis tormentos, ousava esperar a felicidade; que, enquanto me cumulava de desgraças e desespero, buscava seu próprio prazer com sentimentos e emoções dos quais eu fora banido para sempre, então a inveja impotente e uma amarga indignação me encheram de uma sede insaciável de vingança. Lembrei-me de minha ameaça, e resolvi que deveria ser cumprida. Sabia que estava preparando uma tortura mortal para mim, mas eu era o escravo, não o senhor, de um impulso que detestava, embora não pudesse desobedecer. Contudo, quando ela morreu!... não, não fiquei infeliz. Havia afastado todo o sentimento, dominado toda a angústia, ao tumulto do meu excessivo desespero. Dali por diante, o mal se tornou o meu bem. Levado a esse extremo, não tive outra escolha senão adaptar

minha natureza a um elemento que havia escolhido voluntariamente. Completar meu desígnio demoníaco tornou-se uma paixão insaciável. E agora acabou: eis minha última vítima!”

A princípio, fiquei comovido pelas expressões de sua infelicidade; contudo, quando me lembrei do que Frankenstein tinha dito sobre seus poderes de eloquência e persuasão, e quando de novo lancei os olhos ao corpo sem vida de meu amigo, senti a indignação reacender-se dentro de mim. “Desgraçado!” disse eu. “Foi bom que você tenha vindo aqui para lamentar-se sobre a desolação que você mesmo causou. Você atira uma tocha num grupo de casas, e quando elas são consumidas pelo fogo, senta-se entre suas ruínas e lamenta a sua queda. Demônio hipócrita! Se aquele por quem você chora ainda vivesse, ainda seria ele o objeto, a presa de sua maldita vingança. Não é piedade o que sente; você só lamenta porque a vítima de sua maldade foi arrancada de seu poder.”

“Ó, não é assim, não é assim”, interrompeu a criatura, “embora deva ser a impressão que lhe causou o que parece ser o propósito de minhas ações. Não busco um sentimento amigo em meu sofrimento. Jamais encontrarei qualquer simpatia. No início, busquei isso pelo amor à virtude, por sentimentos de felicidade e afeição que inundavam todo o meu ser, e que desejava compartilhar. Mas agora que a virtude se tornou uma sombra para mim, e que a felicidade e afeição se transformaram num amargo e abominável desespero, onde devo procurar compaixão? Estou contente de sofrer sozinho, enquanto durarem meus sofrimentos; e ao morrer, fico bem satisfeito que a abominação e o opróbrio pesem sobre a minha memória. Uma vez, minha fantasia foi embalada por sonhos de virtude, fama e prazer. Uma vez, falsamente esperei encontrar seres que, perdoando minha forma exterior, me amassem pelas excelentes qualidades que eu era capaz de revelar. Fui nutrido por elevados pensamentos de honra e devoção. Mas agora o vice degradou-me ao mais cruel dos animais. Nenhuma vilania, nenhuma desgraça, nenhuma maldade ou miséria podem ser comparadas às minhas. Ao ver a lista assustadora de minhas ações, não posso crer que eu seja aquele cujos pensamentos uma vez foram imbuídos de sublimes e transcendentais visões de beleza e de majestosa bondade. Mas é sempre assim; o anjo caído torna-se o demônio maligno. Mas mesmo esse inimigo de Deus e do homem tem amigos e companheiros na desolação; eu estou completamente só.

“Você, que chama Frankenstein de amigo, parece ter conhecimento de meus crimes e dos infortúnios dele. Mas nos detalhes que ele lhe deu não pôde computar as horas e meses de infelicidade que suportei, desperdiçadas em impotentes paixões. Pois embora tenha destruído as esperanças dele, eu não satisfiz meus próprios desejos. Eles sempre foram ardentes e pungentes; eu continuava a desejar amor e amizade e continuava a ser rejeitado. Não havia nisso uma injustiça? Devo ser considerado o único criminoso, quando toda a humanidade pecou contra mim? Por que você não odeia Felix, que escorraçou de sua porta com desprezo alguém que era seu amigo? Por que você não odeia o camponês que tentou matar o salvador de seu filho? Não, esses são seres virtuosos e imaculados! Eu, o miserável e o abandonado, eu, o aborto que deve ser desprezado, expulso e maltratado. Mesmo agora me ferve o sangue, ao lembrar-me dessas injustiças.

“Mas é verdade que sou um desgraçado. Assassinei o adorável e o indefeso; estrangulei inocentes enquanto dormiam e apertei suas gargantas para que nunca mais me injuriassem, ou a qualquer outra coisa viva. Devotei-me à infelicidade do meu criador, um ser que era o modelo perfeito de tudo o que é digno de amor e admiração entre os homens; persegui-o até sua irremediável ruína. Ali ele jaz, branco e frio como a morte. Você me odeia, mas seu ódio não pode igualar-se àquele que eu mesmo sinto por mim. Olho para as mãos que executaram tais ações; penso no coração onde foram concebidas, e anseio pelo momento em que meus olhos nunca mais as vejam, nem meus pensamentos voltem a ser assombrados por esse coração.

“Não tema que eu seja o instrumento de males futuros. Minha obra está quase completa. Não preciso da sua morte, nem da de qualquer outro homem, para consumir minha vida e realizar o que deve ser feito; basta a minha. Não pense que eu demorarei a executar esse sacrifício. Deixarei o meu navio no bloco de gelo que me trouxe até aqui, e buscarei o extremo norte do globo; construirei minha pira funerária e reduzirei a cinzas este miserável corpo, para que seus restos não deem qualquer ideia a algum infeliz curioso e ímpio, que poderia criar outro ser igual a mim. Eu devo morrer. Não mais sentirei as agonias que agora me consomem, nem serei presa de desejos insatisfeitos, embora insaciáveis. Aquele que me deu a vida está morto, e quando eu não mais existir, a própria lembrança de nós dois rapidamente desaparecerá. Já não verei o sol ou as estrelas, nem

sentirei os ventos acariciarem meu rosto. Desaparecerão a luz, o sentimento e a sensação, e, nesse estado, deverei encontrar minha felicidade. Há alguns anos, quando as imagens oferecidas por este mundo primeiro se descortinaram diante de mim, quando senti o consolador calor do verão, e ouvi o murmúrio das folhas e o gorjeio dos pássaros, e isso era tudo para mim, eu teria lamentado morrer. Agora, a morte é o meu único consolo. Manchado por crimes, e devastado pelo mais amargo dos remorsos, onde posso achar descanso senão na morte?

“Adeus! Deixo-o e será o último ser humano que meus olhos contemplarão. Adeus, Frankenstein! Se ainda estivesse vivo, se ainda nutrisses um desejo de vingança contra mim, seria melhor saciado em minha vida do que em minha destruição. Mas não foi assim; buscaste me exterminar para que eu não pudesse causar maiores desgraças; e se, de algum modo que desconheço, não tivesses ainda deixado de pensar e sentir, não desejarias que minha vida fosse mais infeliz do que é. Devastado como estavas, minha agonia ainda era superior à tua, pois o ferrão amargo do remorso não deixará de supurar minhas feridas até que a morte as feche para sempre.

“Mas em breve”, exclamou ele, com triste e solene entusiasmo, “eu morrerei, e não mais sentirei o que sinto agora. Em breve, essas desgraças candentes estarão acabadas. Subirei triunfante à minha pira funerária, e exultarei com a agonia das chamas torturantes. A luz daquela fogueira desaparecerá, e minhas cinzas serão lançadas ao mar pelos ventos. Meu espírito dormirá em paz, ou, se pensar, seguramente não pensará assim. Adeus.”

Dizendo isso, ele pulou pela janela da cabine para o bloco de gelo que se estendia ao lado do navio. Logo foi levado pelas ondas, e perdeu-se nas trevas e na distância.

FIM

^[1] Referência ao arcanjo caído, da ordem dos querubins, conforme citado em Ezequiel 28:14: “Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus e no brilho das pedras andavas”, frequentemente associado a Lúcifer”. Na obra “O Paraíso Perdido”, de John Milton, em seu tomo I, constantemente referido na obra de Mary Shelley, é Lúcifer que profere a famosa frase, “Mais vale reinar no Inferno a servir no Paraíso”.

FRANKENSTEIN

THE MODERN PROMETHEUS

Did I request thee, Maker, from my clay
To mould me man? Did I solicit thee
From darkness to promote me?

PARADISE LOST (x. 743-5)

To

WILLIAM GODWIN

AUTHOR OF "POLITICAL JUSTICE", "CALEB WILLIAMS, &C.

PREFACE

The event on which this fiction is founded has been supposed, by Dr. Darwin, and some of the physiological writers of Germany, as not of impossible occurrence. I shall not be supposed as according the remotest degree of serious faith to such an imagination; yet, in assuming it as the basis of a work of fancy, I have not considered myself as merely weaving a series of supernatural terrors. The event on which the interest of the story depends is exempt from the disadvantages of a mere tale of spectres or enchantment. It was recommended by the novelty of the situations which it develops; and, however impossible as a physical fact, affords a point of view to the imagination for the delineating of human passions more comprehensive and commanding than any which the ordinary relations of existing events can yield.

I have thus endeavoured to preserve the truth of the elementary principles of human nature, while I have not scrupled to innovate upon their combinations. The Iliad, the tragic poetry of Greece – Shakespeare, in the Tempest and Midsummer Night's Dream – and most especially Milton, in Paradise Lost, conform to this rule; and the most humble novelist, who seeks to confer or receive amusement from his labours, may, without presumption, apply to prose fiction a licence, or rather a rule, from the adoption of which so many exquisite combinations of human feeling have resulted in the highest specimens of poetry.

The circumstance on which my story rests was suggested in casual conversation. It was commenced, partly as a source of amusement, and partly as an expedient for exercising any untried resources of mind. Other motives were mingled with these, as the work proceeded. I am by no means indifferent to the manner in which whatever moral tendencies exist in the sentiments or characters it contains shall affect the reader; yet my chief concern in this respect has been limited to the avoiding of the enervating effects of the novels of the present day, and to the exhibitions of the amiableness of domestic affection, and the excellence of universal virtue. The opinions which naturally spring from the character and situation of the hero are by no means to be conceived as existing always in my own

conviction; nor is any inference justly to be drawn from the following pages as prejudicing any philosophical doctrine of whatever kind.

It is a subject also of additional interest to the author that this story was begun in the majestic region where the scene is principally laid, and in society which cannot cease to be regretted. I passed the summer of 1816 in the environs of Geneva. The season was cold and rainy, and in the evenings we crowded around a blazing wood fire, and occasionally amused ourselves with some German stories of ghosts, which happened to fall into our hands. These tales excited in us a playful desire of imitation. Two other friends (a tale from the pen of one of whom would be far more acceptable to the public than anything I can ever hope to produce) and myself agreed to write each a story, founded on some supernatural occurrence.

The weather, however, suddenly became serene; and my two friends left me on a journey among the Alps, and lost, in the magnificent scenes which they present, all memory of their ghostly visions. The following tale is the only one which has been completed.

MARLOW, SEPTEMBER, 1817.

(PERCY BYSSHE SHELLEY)

INTRODUCTION

The Publishers of the Standard Novels, in selecting “Frankenstein” for one of their series, expressed a wish that I should furnish them with some account of the origin of the story. I am the more willing to comply, because I shall thus give a general answer to the question, so very frequently asked me: “How I, when a young girl, came to think of, and to dilate upon, so very hideous an idea?” It is true that I am very averse to bringing myself forward in print; but as my account will only appear as an appendage to a former production, and as it will be confined to such topics as have connection with my authorship alone, I can scarcely accuse myself of a personal intrusion.

It is not singular that, as the daughter of two persons of distinguished literary celebrity, I should very early in life have thought of writing. As a child I scribbled; and my favourite pastime, during the hours given me for recreation, was to “write stories”. Still I had a dearer pleasure than this, which was the formation of castles in the air – the indulging in waking dreams – the following up trains of thought, which had for their subject the formation of a succession of imaginary incidents. My dreams were at once more fantastic and agreeable than my writings. In the latter I was a close imitator – rather doing as others had done, than putting down the suggestions of my own mind. What I wrote was intended at least for one other eye – my childhood’s companion and friend; but my dreams were all my own; I accounted for them to nobody; they were my refuge when annoyed – my dearest pleasure when free.

I lived principally in the country as a girl, and passed a considerable time in Scotland. I made occasional visits to the more picturesque parts; but my habitual residence was on the blank and dreary northern shores of the Tay, near Dundee. Blank and dreary on retrospection I call them; they were not so to me then. They were the eyry of freedom, and the pleasant region where unheeded I could commune with the creatures of my fancy. I wrote then – but in a most common-place style. It was beneath the trees of the grounds belonging to our house, or on the bleak sides of the woodless mountains near, that my true compositions, the airy flights of my imagination, were born and fostered. I did not make myself the heroine of

my tales. Life appeared to me too common-place an affair as regarded myself. I could not figure to myself that romantic woes or wonderful events would ever be my lot; but I was not confined to my own identity, and I could people the hours with creations far more interesting to me at that age, than my own sensations.

After this my life became busier, and reality stood in place of fiction. My husband, however, was from the first, very anxious that I should prove myself worthy of my parentage, and enrol myself on the page of fame. He was forever inciting me to obtain literary reputation, which even on my own part I cared for then, though since I have become infinitely indifferent to it. At this time he desired that I should write, not so much with the idea that I could produce anything worthy of notice, but that he might himself judge how far I possessed the promise of better things hereafter. Still I did nothing. Travelling, and the cares of a family, occupied my time; and study, in the way of reading, or improving my ideas in communication with his far more cultivated mind, was all of literary employment that engaged my attention.

In the summer of 1816, we visited Switzerland, and became the neighbours of Lord Byron. At first we spent our pleasant hours on the lake, or wandering on its shores; and Lord Byron, who was writing the third canto of Childe Harold, was the only one among us who put his thoughts upon paper. These, as he brought them successively to us, clothed in all the light and harmony of poetry, seemed to stamp as divine the glories of heaven and earth, whose influences we partook with him.

But it proved a wet, ungenial summer, and incessant rain often confined us for days to the house. Some volumes of ghost stories, translated from the German into French, fell into our hands. There was the History of the Inconstant Lover, who, when he thought to clasp the bride to whom he had pledged his vows, found himself in the arms of the pale ghost of her whom he had deserted. There was the tale of the sinful founder of his race, whose miserable doom it was to bestow the kiss of death on all the younger sons of his fated house, just when they reached the age of promise. His gigantic, shadowy form, clothed like the ghost in Hamlet, in complete armour, but with the beaver up, was seen at midnight, by the moon's fitful beams, to advance slowly along the gloomy avenue. The shape was lost beneath the shadow of the castle walls; but soon a gate swung back, a step was heard,

the door of the chamber opened, and he advanced to the couch of the blooming youths, cradled in healthy sleep. Eternal sorrow sat upon his face as he bent down and kissed the forehead of the boys, who from that hour withered like flowers snapt upon the stalk. I have not seen these stories since then; but their incidents are as fresh in my mind as if I had read them yesterday.

“We will each write a ghost story”, said Lord Byron; and his proposition was acceded to. There were four of us. The noble author began a tale, a fragment of which he printed at the end of his poem of Mazeppa. Shelley, more apt to embody ideas and sentiments in the radiance of brilliant imagery, and in the music of the most melodious verse that adorns our language, than to invent the machinery of a story, commenced one founded on the experiences of his early life. Poor Polidori had some terrible idea about a skull-headed lady, who was so punished for peeping through a key-hole – what to see I forget – something very shocking and wrong of course; but when she was reduced to a worse condition than the renowned Tom of Coventry, he did not know what to do with her, and was obliged to despatch her to the tomb of the Capulets, the only place for which she was fitted. The illustrious poets also, annoyed by the platitude of prose, speedily relinquished their uncongenial task.

I busied myself to think of a story – a story to rival those which had excited us to this task. One which would speak to the mysterious fears of our nature, and awaken thrilling horror – one to make the reader dread to look round, to curdle the blood, and quicken the beatings of the heart. If I did not accomplish these things, my ghost story would be unworthy of its name. I thought and pondered – vainly. I felt that blank incapability of invention which is the greatest misery of authorship, when dull Nothing replies to our anxious invocations. “Have you thought of a story?” I was asked each morning, and each morning I was forced to reply with a mortifying negative.

Everything must have a beginning, to speak in Sanchean phrase; and that beginning must be linked to something that went before. The Hindoos give the world an elephant to support it, but they make the elephant stand upon a tortoise. Invention, it must be humbly admitted, does not consist in creating out of void, but out of chaos; the materials must, in the first place, be afforded: it can give form to dark, shapeless substances, but cannot bring

into being the substance itself. In all matters of discovery and invention, even of those that appertain to the imagination, we are continually reminded of the story of Columbus and his egg. Invention consists in the capacity of seizing on the capabilities of a subject, and in the power of moulding and fashioning ideas suggested to it.

Many and long were the conversations between Lord Byron and Shelley, to which I was a devout but nearly silent listener. During one of these, various philosophical doctrines were discussed, and among others the nature of the principle of life, and whether there was any probability of its ever being discovered and communicated. They talked of the experiments of Dr. Darwin, (I speak not of what the Doctor really did, or said that he did, but, as more to my purpose, of what was then spoken of as having been done by him,) who preserved a piece of vermicelli in a glass case, till by some extraordinary means it began to move with voluntary motion. Not thus, after all, would life be given. Perhaps a corpse would be reanimated; galvanism had given token of such things: perhaps the component parts of a creature might be manufactured, brought together, and endued with vital warmth.

Night waned upon this talk, and even the witching hour had gone by, before we retired to rest. When I placed my head on my pillow, I did not sleep, nor could I be said to think. My imagination, unbidden, possessed and guided me, gifting the successive images that arose in my mind with a vividness far beyond the usual bounds of reverie. I saw – with shut eyes, but acute mental vision – I saw the pale student of unhallowed arts kneeling beside the thing he had put together. I saw the hideous phantasm of a man stretched out, and then, on the working of some powerful engine, show signs of life, and stir with an uneasy, half vital motion. Frightful must it be; for supremely frightful would be the effect of any human endeavour to mock the stupendous mechanism of the Creator of the world. His success would terrify the artist; he would rush away from his odious handywork, horror-stricken. He would hope that, left to itself, the slight spark of life which he had communicated would fade; that this thing, which had received such imperfect animation, would subside into dead matter; and he might sleep in the belief that the silence of the grave would quench forever the transient existence of the hideous corpse which he had looked upon as the cradle of life. He sleeps; but he is awakened; he opens his eyes; behold the

horrid thing stands at his bedside, opening his curtains, and looking on him with yellow, watery, but speculative eyes.

I opened mine in terror. The idea so possessed my mind, that a thrill of fear ran through me, and I wished to exchange the ghastly image of my fancy for the realities around. I see them still: the very room, the dark parquet, the closed shutters, with the moonlight struggling through, and the sense I had that the glassy lake and white high Alps were beyond. I could not so easily get rid of my hideous phantom: still it haunted me. I must try to think of something else. I recurred to my ghost story – my tiresome unlucky ghost story! Oh! if I could only contrive one which would frighten my reader as I myself had been frightened that night!

Swift as light and as cheering was the idea that broke in upon me. “I have found it! What terrified me will terrify others; and I need only describe the spectre which had haunted my midnight pillow”. On the morrow I announced that I had thought of a story. I began that day with the words, “It was on a dreary night of November”, making only a transcript of the grim terrors of my waking dream.

At first I thought but of a few pages – of a short tale; but Shelley urged me to develop the idea at greater length. I certainly did not owe the suggestion of one incident, nor scarcely of one train of feeling, to my husband, and yet but for his incitement, it would never have taken the form in which it was presented to the world. From this declaration I must except the preface. As far as I can recollect, it was entirely written by him.

And now, once again, I bid my hideous progeny go forth and prosper. I have an affection for it, for it was the offspring of happy days, when death and grief were but words, which found no true echo in my heart. Its several pages speak of many a walk, many a drive, and many a conversation, when I was not alone; and my companion was one who, in this world, I shall never see more. But this is for myself: my readers have nothing to do with these associations.

I will add but one word as to the alterations I have made. They are principally those of style. I have changed no portion of the story, nor introduced any new ideas or circumstances. I have mended the language where it was so bald as to interfere with the interest of the narrative; and these changes occur almost exclusively in the beginning of the first volume.

Throughout they are entirely confined to such parts as are mere adjuncts to the story, leaving the core and substance of it untouched.

M. W. S.

LONDON, OCTOBER 15TH 1831.

VOLUME i

LETTER I

TO MRS. SAVILLE, ENGLAND

ST. PETERSBURGH, DEC. 11TH, 17...

You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which you have regarded with such evil forebodings. I arrived here yesterday; and my first task is to assure my dear sister of my welfare, and increasing confidence in the success of my undertaking.

I am already far north of London; and as I walk in the streets of Petersburg, I feel a cold northern breeze play upon my cheeks, which braces my nerves, and fills me with delight. Do you understand this feeling? This breeze, which has travelled from the regions towards which I am advancing, gives me a foretaste of those icy climes. Inspirited by this wind of promise, my day dreams become more fervent and vivid. I try in vain to be persuaded that the pole is the seat of frost and desolation; it ever presents itself to my imagination as the region of beauty and delight. There, Margaret, the sun is forever visible; its broad disk just skirting the horizon, and diffusing a perpetual splendour. There – for with your leave, my sister, I will put some trust in preceding navigators – there snow and frost are banished; and, sailing over a calm sea, we may be wafted to a land surpassing in wonders and in beauty every region hitherto discovered on the habitable globe. Its productions and features may be without example, as the phænomena of the heavenly bodies undoubtedly are in those undiscovered solitudes. What may not be expected in a country of eternal light? I may there discover the wondrous power which attracts the needle; and may regulate a thousand celestial observations, that require only this voyage to render their seeming eccentricities consistent for ever. I shall satiate my ardent curiosity with the sight of a part of the world never before visited, and may tread a land never before imprinted by the foot of man. These are my enticements, and they are sufficient to conquer all fear of danger or death, and to induce me to commence this laborious voyage with the joy a child feels when he embarks in a little boat, with his holiday mates, on an expedition of discovery up his native river. But, supposing all these conjectures to be false, you cannot contest the inestimable benefit

which I shall confer on mankind to the last generation, by discovering a passage near the pole to those countries, to reach which at present so many months are requisite; or by ascertaining the secret of the magnet, which, if at all possible, can only be effected by an undertaking such as mine.

These reflections have dispelled the agitation with which I began my letter, and I feel my heart glow with an enthusiasm which elevates me to heaven; for nothing contributes so much to tranquillize the mind as a steady purpose – a point on which the soul may fix its intellectual eye. This expedition has been the favourite dream of my early years. I have read with ardour the accounts of the various voyages which have been made in the prospect of arriving at the North Pacific Ocean through the seas which surround the pole. You may remember, that a history of all the voyages made for purposes of discovery composed the whole of our good uncle Thomas's library. My education was neglected, yet I was passionately fond of reading. These volumes were my study day and night, and my familiarity with them increased that regret which I had felt, as a child, on learning that my father's dying injunction had forbidden my uncle to allow me to embark in a sea-faring life.

These visions faded when I perused, for the first time, those poets whose effusions entranced my soul, and lifted it to heaven. I also became a poet, and for one year lived in a Paradise of my own creation; I imagined that I also might obtain a niche in the temple where the names of Homer and Shakespeare are consecrated. You are well acquainted with my failure, and how heavily I bore the disappointment. But just at that time I inherited the fortune of my cousin, and my thoughts were turned into the channel of their earlier bent.

Six years have passed since I resolved on my present undertaking. I can, even now, remember the hour from which I dedicated myself to this great enterprise. I commenced by inuring my body to hardship. I accompanied the whale-fishers on several expeditions to the North Sea; I voluntarily endured cold, famine, thirst, and want of sleep; I often worked harder than the common sailors during the day, and devoted my nights to the study of mathematics, the theory of medicine, and those branches of physical science from which a naval adventurer might derive the greatest practical advantage. Twice I actually hired myself as an under-mate in a Greenland whaler, and acquitted myself to admiration. I must own I felt a little proud,

when my captain offered me the second dignity in the vessel, and entreated me to remain with the greatest earnestness; so valuable did he consider my services.

And now, dear Margaret, do I not deserve to accomplish some great purpose? My life might have been passed in ease and luxury; but I preferred glory to every enticement that wealth placed in my path. Oh, that some encouraging voice would answer in the affirmative! My courage and my resolution is firm; but my hopes fluctuate, and my spirits are often depressed. I am about to proceed on a long and difficult voyage; the emergencies of which will demand all my fortitude: I am required not only to raise the spirits of others, but sometimes to sustain my own, when their's are failing.

This is the most favourable period for travelling in Russia. They fly quickly over the snow in their sledges; the motion is pleasant, and, in my opinion, far more agreeable than that of an English stage-coach. The cold is not excessive, if you are wrapt in furs, a dress which I have already adopted; for there is a great difference between walking the deck and remaining seated motionless for hours, when no exercise prevents the blood from actually freezing in your veins. I have no ambition to lose my life on the post-road between Saint Petersburg and Archangel.

I shall depart for the latter town in a fortnight or three weeks; and my intention is to hire a ship there, which can easily be done by paying the insurance for the owner, and to engage as many sailors as I think necessary among those who are accustomed to the whale-fishing. I do not intend to sail until the month of June: and when shall I return? Ah, dear sister, how can I answer this question? If I succeed, many, many months, perhaps years, will pass before you and I may meet. If I fail, you will see me again soon, or never.

Farewell, my dear, excellent, Margaret. Heaven shower down blessings on you, and save me, that I may again and again testify my gratitude for all your love and kindness.

Your affectionate brother,

R. WALTON.

LETTER II

TO MRS. SAVILLE, ENGLAND

ARCHANGEL, 28TH MARCH, 17...

How slowly the time passes here, encompassed as I am by frost and snow; yet a second step is taken towards my enterprise. I have hired a vessel, and am occupied in collecting my sailors; those whom I have already engaged appear to be men on whom I can depend, and are certainly possessed of dauntless courage.

But I have one want which I have never yet been able to satisfy; and the absence of the object of which I now feel as a most severe evil. I have no friend, Margaret: when I am glowing with the enthusiasm of success, there will be none to participate my joy; if I am assailed by disappointment, no one will endeavour to sustain me in dejection. I shall commit my thoughts to paper, it is true; but that is a poor medium for the communication of feeling. I desire the company of a man who could sympathize with me; whose eyes would reply to mine. You may deem me romantic, my dear sister, but I bitterly feel the want of a friend. I have no one near me, gentle yet courageous, possessed of a cultivated as well as of a capacious mind, whose tastes are like my own, to approve or amend my plans. How would such a friend repair the faults of your poor brother! I am too ardent in execution, and too impatient of difficulties. But it is a still greater evil to me that I am self-educated: for the first fourteen years of my life I ran wild on a common, and read nothing but our uncle Thomas's books of voyages. At that age I became acquainted with the celebrated poets of our own country; but it was only when it had ceased to be in my power to derive its most important benefits from such a conviction, that I perceived the necessity of becoming acquainted with more languages than that of my native country. Now I am twenty-eight, and am in reality more illiterate than many school-boys of fifteen. It is true that I have thought more, and that my day dreams are more extended and magnificent; but they want (as the painters call it) keeping; and I greatly need a friend who would have sense enough not to despise me as romantic, and affection enough for me to endeavour to regulate my mind.

Well, these are useless complaints; I shall certainly find no friend on the wide ocean, nor even here in Archangel, among merchants and seamen. Yet some feelings, unallied to the dross of human nature, beat even in these rugged bosoms. My lieutenant, for instance, is a man of wonderful courage and enterprise; he is madly desirous of glory. He is an Englishman, and in the midst of national and professional prejudices, unsoftened by cultivation, retains some of the noblest endowments of humanity. I first became acquainted with him on board a whale vessel: finding that he was unemployed in this city, I easily engaged him to assist in my enterprise.

The master is a person of an excellent disposition, and is remarkable in the ship for his gentleness, and the mildness of his discipline. He is, indeed, of so amiable a nature, that he will not hunt (a favourite, and almost the only amusement here), because he cannot endure to spill blood. He is, moreover, heroically generous. Some years ago he loved a young Russian lady, of moderate fortune; and having amassed a considerable sum in prize-money, the father of the girl consented to the match. He saw his mistress once before the destined ceremony; but she was bathed in tears, and, throwing herself at his feet, entreated him to spare her, confessing at the same time that she loved another, but that he was poor, and that her father would never consent to the union. My generous friend reassured the suppliant, and on being informed of the name of her lover instantly abandoned his pursuit. He had already bought a farm with his money, on which he had designed to pass the remainder of his life; but he bestowed the whole on his rival, together with the remains of his prize-money to purchase stock, and then himself solicited the young woman's father to consent to her marriage with her lover. But the old man decidedly refused, thinking himself bound in honour to my friend; who, when he found the father inexorable, quitted his country, nor returned until he heard that his former mistress was married according to her inclinations. "What a noble fellow!" you will exclaim. He is so; but then he has passed all his life on board a vessel, and has scarcely an idea beyond the rope and the shroud.

But do not suppose that, because I complain a little, or because I can conceive a consolation for my toils which I may never know, that I am wavering in my resolutions. Those are as fixed as fate; and my voyage is only now delayed until the weather shall permit my embarkation. The winter has been dreadfully severe; but the spring promises well, and it is

considered as a remarkably early season; so that, perhaps, I may sail sooner than I expected. I shall do nothing rashly; you know me sufficiently to confide in my prudence and considerateness whenever the safety of others is committed to my care.

I cannot describe to you my sensations on the near prospect of my undertaking. It is impossible to communicate to you a conception of the trembling sensation, half pleasurable and half fearful, with which I am preparing to depart. I am going to unexplored regions, to “the land of mist and snow;” but I shall kill no albatross, therefore do not be alarmed for my safety.

Shall I meet you again, after having traversed immense seas, and returned by the most southern cape of Africa or America? I dare not expect such success, yet I cannot bear to look on the reverse of the picture. Continue to write to me by every opportunity: I may receive your letters (though the chance is very doubtful) on some occasions when I need them most to support my spirits. I love you very tenderly. Remember me with affection, should you never hear from me again.

Your affectionate brother,

ROBERT WALTON.

LETTER III

TO MRS. SAVILLE, ENGLAND.

JULY 7TH, 17...

My Dear Sister,

I write a few lines in haste, to say that I am safe, and well advanced on my voyage. This letter will reach England by a merchant-man now on its homeward voyage from Archangel; more fortunate than I, who may not see my native land, perhaps, for many years. I am, however, in good spirits: my men are bold, and apparently firm of purpose; nor do the floating sheets of ice that continually pass us, indicating the dangers of the region towards which we are advancing, appear to dismay them. We have already reached a very high latitude; but it is the height of summer, and although not so warm as in England, the southern gales, which blow us speedily towards those shores which I so ardently desire to attain, breathe a degree of renovating warmth which I had not expected.

No incidents have hitherto befallen us, that would make a figure in a letter. One or two stiff gales, and the breaking of a mast, are accidents which experienced navigators scarcely remember to record; and I shall be well content, if nothing worse happen to us during our voyage.

Adieu, my dear Margaret. Be assured, that for my own sake, as well as your's, I will not rashly encounter danger. I will be cool, persevering, and prudent.

Remember me to all my English friends.

Most affectionately yours,

R. W.

LETTER IV

TO MRS. SAVILLE, ENGLAND

AUGUST 5TH, 17....

So strange an accident has happened to us, that I cannot forbear recording it, although it is very probable that you will see me before these papers can come into your possession.

Last Monday (July 31st), we were nearly surrounded by ice, which closed in the ship on all sides, scarcely leaving her the sea room in which she floated. Our situation was somewhat dangerous, especially as we were compassed round by a very thick fog. We accordingly lay to, hoping that some change would take place in the atmosphere and weather.

About two o'clock the mist cleared away, and we beheld, stretched out in every direction, vast and irregular plains of ice, which seemed to have no end. Some of my comrades groaned, and my own mind began to grow watchful with anxious thoughts, when a strange sight suddenly attracted our attention, and diverted our solicitude from our own situation. We perceived a low carriage, fixed on a sledge and drawn by dogs, pass on towards the north, at the distance of half a mile: a being which had the shape of a man, but apparently of gigantic stature, sat in the sledge, and guided the dogs. We watched the rapid progress of the traveller with our telescopes, until he was lost among the distant inequalities of the ice.

This appearance excited our unqualified wonder. We were, as we believed, many hundred miles from any land; but this apparition seemed to denote that it was not, in reality, so distant as we had supposed. Shut in, however, by ice, it was impossible to follow his track, which we had observed with the greatest attention.

About two hours after this occurrence, we heard the ground sea; and before night the ice broke, and freed our ship. We, however, lay to until the morning, fearing to encounter in the dark those large loose masses which float about after the breaking up of the ice. I profited of this time to rest for a few hours.

In the morning, however, as soon as it was light, I went upon deck, and found all the sailors busy on one side of the vessel, apparently talking to some one in the sea. It was, in fact, a sledge, like that we had seen before, which had drifted towards us in the night, on a large fragment of ice. Only one dog remained alive; but there was a human being within it, whom the sailors were persuading to enter the vessel. He was not, as the other traveller seemed to be, a savage inhabitant of some undiscovered island, but an European. When I appeared on deck, the master said, "Here is our captain, and he will not allow you to perish on the open sea."

On perceiving me, the stranger addressed me in English, although with a foreign accent. "Before I come on board your vessel," said he, "will you have the kindness to inform me whither you are bound?"

You may conceive my astonishment on hearing such a question addressed to me from a man on the brink of destruction, and to whom I should have supposed that my vessel would have been a resource which he would not have exchanged for the most precious wealth the earth can afford. I replied, however, that we were on a voyage of discovery towards the northern pole.

Upon hearing this he appeared satisfied, and consented to come on board. Good God! Margaret, if you had seen the man who thus capitulated for his safety, your surprise would have been boundless. His limbs were nearly frozen, and his body dreadfully emaciated by fatigue and suffering. I never saw a man in so wretched a condition. We attempted to carry him into the cabin; but as soon as he had quitted the fresh air, he fainted. We accordingly brought him back to the deck, and restored him to animation by rubbing him with brandy, and forcing him to swallow a small quantity. As soon as he shewed signs of life, we wrapped him up in blankets, and placed him near the chimney of the kitchen-stove. By slow degrees he recovered, and ate a little soup, which restored him wonderfully.

Two days passed in this manner before he was able to speak; and I often feared that his sufferings had deprived him of understanding. When he had in some measure recovered, I removed him to my own cabin, and attended on him as much as my duty would permit. I never saw a more interesting creature: his eyes have generally an expression of wildness, and even madness; but there are moments when, if any one performs an act of

kindness towards him, or does him any the most trifling service, his whole countenance is lighted up, as it were, with a beam of benevolence and sweetness that I never saw equalled. But he is generally melancholy and despairing; and sometimes he gnashes his teeth, as if impatient of the weight of woes that oppresses him.

When my guest was a little recovered, I had great trouble to keep off the men, who wished to ask him a thousand questions; but I would not allow him to be tormented by their idle curiosity, in a state of body and mind whose restoration evidently depended upon entire repose. Once, however, the lieutenant asked, why he had come so far upon the ice in so strange a vehicle.

His countenance instantly assumed an aspect of the deepest gloom; and he replied, "To seek one who fled from me."

"And did the man whom you pursued travel in the same fashion?"

"Yes."

"Then I fancy we have seen him; for, the day before we picked you up, we saw some dogs drawing a sledge, with a man in it, across the ice."

This aroused the stranger's attention; and he asked a multitude of questions concerning the route which the dæmon, as he called him, had pursued. Soon after, when he was alone with me, he said, "I have, doubtless, excited your curiosity, as well as that of these good people; but you are too considerate to make inquiries."

"Certainly; it would indeed be very impertinent and inhuman in me to trouble you with any inquisitiveness of mine."

"And yet you rescued me from a strange and perilous situation; you have benevolently restored me to life."

Soon after this he inquired, if I thought that the breaking up of the ice had destroyed the other sledge? I replied, that I could not answer with any degree of certainty; for the ice had not broken until near midnight, and the traveller might have arrived at a place of safety before that time; but of this I could not judge.

From this time the stranger seemed very eager to be upon deck, to watch for the sledge which had before appeared; but I have persuaded him to

remain in the cabin, for he is far too weak to sustain the rawness of the atmosphere. But I have promised that some one should watch for him, and give him instant notice if any new object should appear in sight.

Such is my journal of what relates to this strange occurrence up to the present day. The stranger has gradually improved in health, but is very silent, and appears uneasy when any one except myself enters his cabin. Yet his manners are so conciliating and gentle, that the sailors are all interested in him, although they have had very little communication with him. For my own part, I begin to love him as a brother; and his constant and deep grief fills me with sympathy and compassion. He must have been a noble creature in his better days, being even now in wreck so attractive and amiable.

I said in one of my letters, my dear Margaret, that I should find no friend on the wide ocean; yet I have found a man who, before his spirit had been broken by misery, I should have been happy to have possessed as the brother of my heart.

I shall continue my journal concerning the stranger at intervals, should I have any fresh incidents to record.

AUGUST 13TH, 17...

My affection for my guest increases every day. He excites at once my admiration and my pity to an astonishing degree. How can I see so noble a creature destroyed by misery without feeling the most poignant grief? He is so gentle, yet so wise; his mind is so cultivated; and when he speaks, although his words are culled with the choicest art, yet they flow with rapidity and unparalleled eloquence.

He is now much recovered from his illness, and is continually on the deck, apparently watching for the sledge that preceded his own. Yet, although unhappy, he is not so utterly occupied by his own misery, but that he interests himself deeply in the employments of others. He has asked me many questions concerning my design; and I have related my little history frankly to him. He appeared pleased with the confidence, and suggested several alterations in my plan, which I shall find exceedingly useful. There is no pedantry in his manner; but all he does appears to spring solely from the interest he instinctively takes in the welfare of those who surround him.

He is often overcome by gloom, and then he sits by himself, and tries to overcome all that is sullen or unsocial in his humour. These paroxysms pass from him like a cloud from before the sun, though his dejection never leaves him. I have endeavoured to win his confidence; and I trust that I have succeeded. One day I mentioned to him the desire I had always felt of finding a friend who might sympathize with me, and direct me by his counsel. I said, I did not belong to that class of men who are offended by advice. "I am self-educated, and perhaps I hardly rely sufficiently upon my own powers. I wish therefore that my companion should be wiser and more experienced than myself, to confirm and support me; nor have I believed it impossible to find a true friend."

"I agree with you," replied the stranger, "in believing that friendship is not only a desirable, but a possible acquisition. I once had a friend, the most noble of human creatures, and am entitled, therefore, to judge respecting friendship. You have hope, and the world before you, and have no cause for despair. But I... I have lost everything, and cannot begin life anew."

As he said this, his countenance became expressive of a calm settled grief, that touched me to the heart. But he was silent, and presently retired to his cabin.

Even broken in spirit as he is, no one can feel more deeply than he does the beauties of nature. The starry sky, the sea, and every sight afforded by these wonderful regions, seems still to have the power of elevating his soul from earth. Such a man has a double existence: he may suffer misery, and be overwhelmed by disappointments; yet when he has retired into himself, he will be like a celestial spirit, that has a halo around him, within whose circle no grief or folly ventures.

Will you laugh at the enthusiasm I express concerning this divine wanderer? If you do, you must have certainly lost that simplicity which was once your characteristic charm. Yet, if you will, smile at the warmth of my expressions, while I find every day new causes for repeating them.

AUGUST 19TH , 17...

Yesterday the stranger said to me, "You may easily perceive, Captain Walton, that I have suffered great and unparalleled misfortunes. I had determined, once, that the memory of these evils should die with me; but

you have won me to alter my determination. You seek for knowledge and wisdom, as I once did; and I ardently hope that the gratification of your wishes may not be a serpent to sting you, as mine has been. I do not know that the relation of my misfortunes will be useful to you, yet, if you are inclined, listen to my tale. I believe that the strange incidents connected with it will afford a view of nature, which may enlarge your faculties and understanding. You will hear of powers and occurrences, such as you have been accustomed to believe impossible: but I do not doubt that my tale conveys in its series internal evidence of the truth of the events of which it is composed.”

You may easily conceive that I was much gratified by the offered communication; yet I could not endure that he should renew his grief by a recital of his misfortunes. I felt the greatest eagerness to hear the promised narrative, partly from curiosity, and partly from a strong desire to ameliorate his fate, if it were in my power. I expressed these feelings in my answer.

“I thank you,” he replied, “for your sympathy, but it is useless; my fate is nearly fulfilled. I wait but for one event, and then I shall repose in peace. I understand your feeling,” continued he, perceiving that I wished to interrupt him; “but you are mistaken, my friend, if thus you will allow me to name you; nothing can alter my destiny: listen to my history, and you will perceive how irrevocably it is determined.”

He then told me, that he would commence his narrative the next day when I should be at leisure. This promise drew from me the warmest thanks. I have resolved every night, when I am not engaged, to record, as nearly as possible in his own words, what he has related during the day. If I should be engaged, I will at least make notes. This manuscript will doubtless afford you the greatest pleasure: but to me, who know him, and who hear it from his own lips, with what interest and sympathy shall I read it in some future day!

CHAPTER I

I am by birth a Genevese; and my family is one of the most distinguished of that republic. My ancestors had been for many years counsellors and syndics; and my father had filled several public situations with honour and reputation. He was respected by all who knew him for his integrity and indefatigable attention to public business. He passed his younger days perpetually occupied by the affairs of his country; and it was not until the decline of life that he thought of marrying, and bestowing on the state sons who might carry his virtues and his name down to posterity.

As the circumstances of his marriage illustrate his character, I cannot refrain from relating them. One of his most intimate friends was a merchant, who, from a flourishing state, fell, through numerous mischances, into poverty. This man, whose name was Beaufort, was of a proud and unbending disposition, and could not bear to live in poverty and oblivion in the same country where he had formerly been distinguished for his rank and magnificence. Having paid his debts, therefore, in the most honourable manner, he retreated with his daughter to the town of Lucerne, where he lived unknown and in wretchedness. My father loved Beaufort with the truest friendship, and was deeply grieved by his retreat in these unfortunate circumstances. He grieved also for the loss of his society, and resolved to seek him out and endeavour to persuade him to begin the world again through his credit and assistance.

Beaufort had taken effectual measures to conceal himself; and it was ten months before my father discovered his abode. Overjoyed at this discovery, he hastened to the house, which was situated in a mean street, near the Reuss. But when he entered, misery and despair alone welcomed him. Beaufort had saved but a very small sum of money from the wreck of his fortunes; but it was sufficient to provide him with sustenance for some months, and in the mean time he hoped to procure some respectable employment in a merchant's house. The interval was consequently spent in inaction; his grief only became more deep and rankling, when he had leisure for reflection; and at length it took so fast hold of his mind, that at the end of three months he lay on a bed of sickness, incapable of any exertion.

His daughter attended him with the greatest tenderness; but she saw with despair that their little fund was rapidly decreasing, and that there was no other prospect of support. But Caroline Beaufort possessed a mind of an uncommon mould; and her courage rose to support her in her adversity. She procured plain work; she plaited straw; and by various means contrived to earn a pittance scarcely sufficient to support life.

Several months passed in this manner. Her father grew worse; her time was more entirely occupied in attending him; her means of subsistence decreased; and in the tenth month her father died in her arms, leaving her an orphan and a beggar. This last blow overcame her; and she knelt by Beaufort's coffin, weeping bitterly, when my father entered the chamber. He came like a protecting spirit to the poor girl, who committed herself to his care, and after the interment of his friend he conducted her to Geneva, and placed her under the protection of a relation. Two years after this event Caroline became his wife.

When my father became a husband and a parent, he found his time so occupied by the duties of his new situation, that he relinquished many of his public employments, and devoted himself to the education of his children. Of these I was the eldest, and the destined successor to all his labours and utility. No creature could have more tender parents than mine. My improvement and health were their constant care, especially as I remained for several years their only child. But before I continue my narrative, I must record an incident which took place when I was four years of age.

My father had a sister, whom he tenderly loved, and who had married early in life an Italian gentleman. Soon after her marriage, she had accompanied her husband into her native country, and for some years my father had very little communication with her. About the time I mentioned she died; and a few months afterwards he received a letter from her husband, acquainting him with his intention of marrying an Italian lady, and requesting my father to take charge of the infant Elizabeth, the only child of his deceased sister. "It is my wish," he said, "that you should consider her as your own daughter, and educate her thus. Her mother's fortune is secured to her, the documents of which I will commit to your keeping. Reflect upon this proposition; and decide whether you would prefer educating your niece yourself to her being brought up by a stepmother."

My father did not hesitate, and immediately went to Italy, that he might accompany the little Elizabeth to her future home. I have often heard my mother say, that she was at that time the most beautiful child she had ever seen, and shewed signs even then of a gentle and affectionate disposition. These indications, and a desire to bind as closely as possible the ties of domestic love, determined my mother to consider Elizabeth as my future wife; a design which she never found reason to repent.

From this time Elizabeth Lavenza became my playfellow, and, as we grew older, my friend. She was docile and good tempered, yet gay and playful as a summer insect. Although she was lively and animated, her feelings were strong and deep, and her disposition uncommonly affectionate. No one could better enjoy liberty, yet no one could submit with more grace than she did to constraint and caprice. Her imagination was luxuriant, yet her capability of application was great. Her person was the image of her mind: her hazel eyes, although as lively as a bird's, possessed an attractive softness. Her figure was light and airy; and, though capable of enduring great fatigue, she appeared the most fragile creature in the world. While I admired her understanding and fancy, I loved to tend on her, as I should on a favourite animal; and I never saw so much grace both of person and mind united to so little pretension.

Every one adored Elizabeth. If the servants had any request to make, it was always through her intercession. We were strangers to any species of disunion and dispute; for although there was a great dissimilitude in our characters, there was an harmony in that very dissimilitude. I was more calm and philosophical than my companion; yet my temper was not so yielding. My application was of longer endurance; but it was not so severe whilst it endured. I delighted in investigating the facts relative to the actual world; she busied herself in following the aërial creations of the poets. The world was to me a secret, which I desired to discover; to her it was a vacancy, which she sought to people with imaginations of her own.

My brothers were considerably younger than myself; but I had a friend in one of my schoolfellows, who compensated for this deficiency. Henry Clerval was the son of a merchant of Geneva, an intimate friend of my father. He was a boy of singular talent and fancy. I remember, when he was nine years old, he wrote a fairy tale, which was the delight and amazement of all his companions. His favourite study consisted in books of chivalry

and romance; and when very young, I can remember, that we used to act plays composed by him out of these favourite books, the principal characters of which were Orlando, Robin Hood, Amadis, and St. George.

No youth could have passed more happily than mine. My parents were indulgent, and my companions amiable. Our studies were never forced; and by some means we always had an end placed in view, which excited us to ardour in the prosecution of them. It was by this method, and not by emulation, that we were urged to application. Elizabeth was not incited to apply herself to drawing, that her companions might not outstrip her; but through the desire of pleasing her aunt, by the representation of some favourite scene done by her own hand. We learned Latin and English, that we might read the writings in those languages; and so far from study being made odious to us through punishment, we loved application, and our amusements would have been the labours of other children. Perhaps we did not read so many books, or learn languages so quickly, as those who are disciplined according to the ordinary methods; but what we learned was impressed the more deeply on our memories.

In this description of our domestic circle I include Henry Clerval; for he was constantly with us. He went to school with me, and generally passed the afternoon at our house; for being an only child, and destitute of companions at home, his father was well pleased that he should find associates at our house; and we were never completely happy when Clerval was absent.

I feel pleasure in dwelling on the recollections of childhood, before misfortune had tainted my mind, and changed its bright visions of extensive usefulness into gloomy and narrow reflections upon self. But, in drawing the picture of my early days, I must not omit to record those events which led, by insensible steps to my after tale of misery: for when I would account to myself for the birth of that passion, which afterwards ruled my destiny, I find it arise, like a mountain river, from ignoble and almost forgotten sources; but, swelling as it proceeded, it became the torrent which, in its course, has swept away all my hopes and joys.

Natural philosophy is the genius that has regulated my fate; I desire therefore, in this narration, to state those facts which led to my predilection for that science. When I was thirteen years of age, we all went on a party of

pleasure to the baths near Thonon: the inclemency of the weather obliged us to remain a day confined to the inn. In this house I chanced to find a volume of the works of Cornelius Agrippa. I opened it with apathy; the theory which he attempts to demonstrate, and the wonderful facts which he relates, soon changed this feeling into enthusiasm. A new light seemed to dawn upon my mind; and, bounding with joy, I communicated my discovery to my father. I cannot help remarking here the many opportunities instructors possess of directing the attention of their pupils to useful knowledge, which they utterly neglect. My father looked carelessly at the title-page of my book, and said, "Ah! Cornelius Agrippa! My dear Victor, do not waste your time upon this; it is sad trash."

If, instead of this remark, my father had taken the pains, to explain to me, that the principles of Agrippa had been entirely exploded, and that a modern system of science had been introduced, which possessed much greater powers than the ancient, because the powers of the latter were chimerical, while those of the former were real and practical; under such circumstances, I should certainly have thrown Agrippa aside, and, with my imagination warmed as it was, should probably have applied myself to the more rational theory of chemistry which has resulted from modern discoveries. It is even possible, that the train of my ideas would never have received the fatal impulse that led to my ruin. But the cursory glance my father had taken of my volume by no means assured me that he was acquainted with its contents; and I continued to read with the greatest avidity.

When I returned home, my first care was to procure the whole works of this author, and afterwards of Paracelsus and Albertus Magnus. I read and studied the wild fancies of these writers with delight; they appeared to me treasures known to few beside myself; and although I often wished to communicate these secret stores of knowledge to my father, yet his indefinite censure of my favourite Agrippa always withheld me. I disclosed my discoveries to Elizabeth, therefore, under a promise of strict secrecy; but she did not interest herself in the subject, and I was left by her to pursue my studies alone.

It may appear very strange, that a disciple of Albertus Magnus should arise in the eighteenth century; but our family was not scientific, and I had not attended any of the lectures given at the schools of Geneva. My dreams

were therefore undisturbed by reality; and I entered with the greatest diligence into the search of the philosopher's stone and the elixir of life. But the latter obtained my most undivided attention: wealth was an inferior object; but what glory would attend the discovery, if I could banish disease from the human frame, and render man invulnerable to any but a violent death!

Nor were these my only visions. The raising of ghosts or devils was a promise liberally accorded by my favourite authors, the fulfilment of which I most eagerly sought; and if my incantations were always unsuccessful, I attributed the failure rather to my own inexperience and mistake, than to a want of skill or fidelity in my instructors.

The natural phænomena that take place every day before our eyes did not escape my examinations. Distillation, and the wonderful effects of steam, processes of which my favourite authors were utterly ignorant, excited my astonishment; but my utmost wonder was engaged by some experiments on an air-pump, which I saw employed by a gentleman whom we were in the habit of visiting.

The ignorance of the early philosophers on these and several other points served to decrease their credit with me: but I could not entirely throw them aside, before some other system should occupy their place in my mind.

When I was about fifteen years old, we had retired to our house near Belrive, when we witnessed a most violent and terrible thunder-storm. It advanced from behind the mountains of Jura; and the thunder burst at once with frightful loudness from various quarters of the heavens. I remained, while the storm lasted, watching its progress with curiosity and delight. As I stood at the door, on a sudden I beheld a stream of fire issue from an old and beautiful oak, which stood about twenty yards from our house; and so soon as the dazzling light vanished, the oak had disappeared, and nothing remained but a blasted stump. When we visited it the next morning, we found the tree shattered in a singular manner. It was not splintered by the shock, but entirely reduced to thin ribbands of wood. I never beheld anything so utterly destroyed.

The catastrophe of this tree excited my extreme astonishment; and I eagerly inquired of my father the nature and origin of thunder and lightning.

He replied, "Electricity;" describing at the same time the various effects of that power. He constructed a small electrical machine, and exhibited a few experiments; he made also a kite, with a wire and string, which drew down that fluid from the clouds.

This last stroke completed the overthrow of Cornelius Agrippa, Albertus Magnus, and Paracelsus, who had so long reigned the lords of my imagination. But by some fatality I did not feel inclined to commence the study of any modern system; and this disinclination was influenced by the following circumstance.

My father expressed a wish that I should attend a course of lectures upon natural philosophy, to which I cheerfully consented. Some accident prevented my attending these lectures until the course was nearly finished. The lecture, being therefore one of the last, was entirely incomprehensible to me. The professor discoursed with the greatest fluency of potassium and boron, of sulphates and oxyds, terms to which I could affix no idea; and I became disgusted with the science of natural philosophy, although I still read Pliny and Buffon with delight, authors, in my estimation, of nearly equal interest and utility.

My occupations at this age were principally the mathematics, and most of the branches of study appertaining to that science. I was busily employed in learning languages; Latin was already familiar to me, and I began to read some of the easiest Greek authors without the help of a lexicon. I also perfectly understood English and German. This is the list of my accomplishments at the age of seventeen; and you may conceive that my hours were fully employed in acquiring and maintaining a knowledge of this various literature.

Another task also devolved upon me, when I became the instructor of my brothers. Ernest was six years younger than myself, and was my principal pupil. He had been afflicted with ill health from his infancy, through which Elizabeth and I had been his constant nurses: his disposition was gentle, but he was incapable of any severe application. William, the youngest of our family, was yet an infant, and the most beautiful little fellow in the world; his lively blue eyes, dimpled cheeks, and endearing manners, inspired the tenderest affection.

Such was our domestic circle, from which care and pain seemed forever banished. My father directed our studies, and my mother partook of our enjoyments. Neither of us possessed the slightest pre-eminence over the other; the voice of command was never heard amongst us; but mutual affection engaged us all to comply with and obey the slightest desire of each other.

CHAPTER II

When I had attained the age of seventeen, my parents resolved that I should become a student at the university of Ingolstadt. I had hitherto attended the schools of Geneva; but my father thought it necessary, for the completion of my education, that I should be made acquainted with other customs than those of my native country. My departure was therefore fixed at an early date; but, before the day resolved upon could arrive, the first misfortune of my life occurred – an omen, as it were, of my future misery.

Elizabeth had caught the scarlet fever; but her illness was not severe, and she quickly recovered. During her confinement, many arguments had been urged to persuade my mother to refrain from attending upon her. She had, at first, yielded to our entreaties; but when she heard that her favourite was recovering, she could no longer debar herself from her society, and entered her chamber long before the danger of infection was past. The consequences of this imprudence were fatal. On the third day my mother sickened; her fever was very malignant, and the looks of her attendants prognosticated the worst event. On her death-bed the fortitude and benignity of this admirable woman did not desert her. She joined the hands of Elizabeth and myself: “My children,” she said, “my firmest hopes of future happiness were placed on the prospect of your union. This expectation will now be the consolation of your father. Elizabeth, my love, you must supply my place to your younger cousins. Alas! I regret that I am taken from you; and, happy and beloved as I have been, is it not hard to quit you all? But these are not thoughts befitting me; I will endeavour to resign myself cheerfully to death, and will indulge a hope of meeting you in another world.”

She died calmly; and her countenance expressed affection even in death. I need not describe the feelings of those whose dearest ties are rent by that most irreparable evil, the void that presents itself to the soul, and the despair that is exhibited on the countenance. It is so long before the mind can persuade itself that she, whom we saw every day, and whose very existence appeared a part of our own, can have departed for ever – that the brightness of a beloved eye can have been extinguished, and the sound of a voice so familiar, and dear to the ear, can be hushed, never more to be heard. These

are the reflections of the first days; but when the lapse of time proves the reality of the evil, then the actual bitterness of grief commences. Yet from whom has not that rude hand rent away some dear connexion; and why should I describe a sorrow which all have felt, and must feel? The time at length arrives, when grief is rather an indulgence than a necessity; and the smile that plays upon the lips, although it may be deemed a sacrilege, is not banished. My mother was dead, but we had still duties which we ought to perform; we must continue our course with the rest, and learn to think ourselves fortunate, whilst one remains whom the spoiler has not seized.

My journey to Ingolstadt, which had been deferred by these events, was now again determined upon. I obtained from my father a respite of some weeks. This period was spent sadly; my mother's death, and my speedy departure, depressed our spirits; but Elizabeth endeavoured to renew the spirit of cheerfulness in our little society. Since the death of her aunt, her mind had acquired new firmness and vigour. She determined to fulfil her duties with the greatest exactness; and she felt that that most imperious duty, of rendering her uncle and cousins happy, had devolved upon her. She consoled me, amused her uncle, instructed my brothers; and I never beheld her so enchanting as at this time, when she was continually endeavouring to contribute to the happiness of others, entirely forgetful of herself.

The day of my departure at length arrived. I had taken leave of all my friends, excepting Clerval, who spent the last evening with us. He bitterly lamented that he was unable to accompany me: but his father could not be persuaded to part with him, intending that he should become a partner with him in business, in compliance with his favourite theory, that learning was superfluous in the commerce of ordinary life. Henry had a refined mind; he had no desire to be idle, and was well pleased to become his father's partner, but he believed that a man might be a very good trader, and yet possess a cultivated understanding.

We sat late, listening to his complaints, and making many little arrangements for the future. The next morning early I departed. Tears gushed from the eyes of Elizabeth; they proceeded partly from sorrow at my departure, and partly because she reflected that the same journey was to have taken place three months before, when a mother's blessing would have accompanied me.

I threw myself into the chaise that was to convey me away, and indulged in the most melancholy reflections. I, who had ever been surrounded by amiable companions, continually engaged in endeavouring to bestow mutual pleasure, I was now alone. In the university, whither I was going, I must form my own friends, and be my own protector. My life had hitherto been remarkably secluded and domestic; and this had given me invincible repugnance to new countenances. I loved my brothers, Elizabeth, and Clerval: these were “old familiar faces;” but I believed myself totally unfitted for the company of strangers. Such were my reflections as I commenced my journey; but as I proceeded, my spirits and hopes rose. I ardently desired the acquisition of knowledge. I had often, when at home, thought it hard to remain during my youth cooped up in one place, and had longed to enter the world, and take my station among other human beings. Now my desires were complied with, and it would, indeed, have been folly to repent.

I had sufficient leisure for these and many other reflections during my journey to Ingolstadt, which was long and fatiguing. At length the high white steeple of the town met my eyes. I alighted, and was conducted to my solitary apartment, to spend the evening as I pleased.

The next morning I delivered my letters of introduction, and paid a visit to some of the principal professors, and among others to M. Krempe, professor of natural philosophy. He received me with politeness, and asked me several questions concerning my progress in the different branches of science appertaining to natural philosophy. I mentioned, it is true, with fear and trembling, the only authors I had ever read upon those subjects. The professor stared: “Have you,” he said, “really spent your time in studying such nonsense?”

I replied in the affirmative. “Every minute,” continued M. Krempe with warmth, “every instant that you have wasted on those books is utterly and entirely lost. You have burdened your memory with exploded systems, and useless names. Good God! in what desert land have you lived, where no one was kind enough to inform you that these fancies, which you have so greedily imbibed, are a thousand years old, and as musty as they are ancient? I little expected in this enlightened and scientific age to find a disciple of Albertus Magnus and Paracelsus. My dear Sir, you must begin your studies entirely anew.”

So saying, he stepped aside, and wrote down a list of several books treating of natural philosophy, which he desired me to procure, and dismissed me, after mentioning that in the beginning of the following week he intended to commence a course of lectures upon natural philosophy in its general relations, and that M. Waldman, a fellow-professor, would lecture upon chemistry the alternate days that he missed.

I returned home, not disappointed, for I had long considered those authors useless whom the professor had so strongly reprobated; but I did not feel much inclined to study the books which I procured at his recommendation. M. Krempe was a little squat man, with a gruff voice and repulsive countenance; the teacher, therefore, did not prepossess me in favour of his doctrine. Besides, I had a contempt for the uses of modern natural philosophy. It was very different, when the masters of the science sought immortality and power; such views, although futile, were grand: but now the scene was changed. The ambition of the inquirer seemed to limit itself to the annihilation of those visions on which my interest in science was chiefly founded. I was required to exchange chimeras of boundless grandeur for realities of little worth.

Such were my reflections during the first two or three days spent almost in solitude. But as the ensuing week commenced, I thought of the information which M. Krempe had given me concerning the lectures. And although I could not consent to go and hear that little conceited fellow deliver sentences out of a pulpit, I recollected what he had said of M. Waldman, whom I had never seen, as he had hitherto been out of town.

Partly from curiosity, and partly from idleness, I went into the lecturing room, which Mr. Waldman entered shortly after. This professor was very unlike his colleague. He appeared about fifty years of age, but with an aspect expressive of the greatest benevolence; a few gray hairs covered his temples, but those at the back of his head were nearly black. His person was short, but remarkably erect; and his voice the sweetest I had ever heard. He began his lecture by a recapitulation of the history of chemistry and the various improvements made by different men of learning, pronouncing with fervour the names of the most distinguished discoverers. He then took a cursory view of the present state of the science, and explained many of its elementary terms. After having made a few preparatory experiments, he

concluded with a panegyric upon modern chemistry, the terms of which I shall never forget:

“The ancient teachers of this science,” said he, “promised impossibilities, and performed nothing. The modern masters promise very little; they know that metals cannot be transmuted, and that the elixir of life is a chimera. But these philosophers, whose hands seem only made to dabble in dirt, and their eyes to pour over the microscope or crucible, have indeed performed miracles. They penetrate into the recesses of nature, and shew how she works in her hiding places. They ascend into the heavens; they have discovered how the blood circulates, and the nature of the air we breathe. They have acquired new and almost unlimited powers; they can command the thunders of heaven, mimic the earthquake, and even mock the invisible world with its own shadows.”

I departed highly pleased with the professor and his lecture, and paid him a visit the same evening. His manners in private were even more mild and attractive than in public; for there was a certain dignity in his mien during his lecture, which in his own house was replaced by the greatest affability and kindness. He heard with attention my little narration concerning my studies, and smiled at the names of Cornelius Agrippa, and Paracelsus, but without the contempt that M. Krempe had exhibited. He said, that “these were men to whose indefatigable zeal modern philosophers were indebted for most of the foundations of their knowledge. They had left to us, as an easier task, to give new names, and arrange in connected classifications, the facts which they in a great degree had been the instruments of bringing to light. The labours of men of genius, however erroneously directed, scarcely ever fail in ultimately turning to the solid advantage of mankind.” I listened to his statement, which was delivered without any presumption or affectation; and then added, that his lecture had removed my prejudices against modern chemists; and I, at the same time, requested his advice concerning the books I ought to procure.

“I am happy,” said M. Waldman, “to have gained a disciple; and if your application equals your ability, I have no doubt of your success. Chemistry is that branch of natural philosophy in which the greatest improvements have been and may be made; it is on that account that I have made it my peculiar study; but at the same time I have not neglected the other branches of science. A man would make but a very sorry chemist, if he attended to

that department of human knowledge alone. If your wish is to become really a man of science, and not merely a petty experimentalist, I should advise you to apply to every branch of natural philosophy, including mathematics.”

He then took me into his laboratory, and explained to me the uses of his various machines; instructing me as to what I ought to procure, and promising me the use of his own, when I should have advanced far enough in the science not to derange their mechanism. He also gave me the list of books which I had requested; and I took my leave.

Thus ended a day memorable to me; it decided my future destiny.

CHAPTER III

From this day natural philosophy, and particularly chemistry, in the most comprehensive sense of the term, became nearly my sole occupation. I read with ardour those works, so full of genius and discrimination, which modern inquirers have written on these subjects. I attended the lectures, and cultivated the acquaintance, of the men of science of the university; and I found even in Mr. Krempe a great deal of sound sense and real information, combined, it is true, with a repulsive physiognomy and manners, but not on that account the less valuable. In Mr. Waldman I found a true friend. His gentleness was never tinged by dogmatism; and his instructions were given with an air of frankness and good nature, that banished every idea of pedantry. It was, perhaps, the amiable character of this man that inclined me more to that branch of natural philosophy which he professed, than an intrinsic love for the science itself. But this state of mind had place only in the first steps towards knowledge: the more fully I entered into the science, the more exclusively I pursued it for its own sake. That application, which at first had been a matter of duty and resolution, now became so ardent and eager, that the stars often disappeared in the light of morning whilst I was yet engaged in my laboratory.

As I applied so closely, it may be easily conceived that I improved rapidly. My ardour was indeed the astonishment of the students; and my proficiency, that of the masters. Professor Krempe often asked me, with a sly smile, how Cornelius Agrippa went on? whilst Mr. Waldman expressed the most heart-felt exultation in my progress. Two years passed in this manner, during which I paid no visit to Geneva, but was engaged, heart and soul, in the pursuit of some discoveries, which I hoped to make. None but those who have experienced them can conceive of the enticements of science. In other studies you go as far as others have gone before you, and there is nothing more to know; but in a scientific pursuit there is continual food for discovery and wonder. A mind of moderate capacity, which closely pursues one study, must infallibly arrive at great proficiency in that study; and I, who continually sought the attainment of one object of pursuit, and was solely wrapt up in this, improved so rapidly, that, at the end of two years, I made some discoveries in the improvement of some chemical

instruments, which procured me great esteem and admiration at the university. When I had arrived at this point, and had become as well acquainted with the theory and practice of natural philosophy as depended on the lessons of any of the professors at Ingolstadt, my residence there being no longer conducive to my improvements, I thought of returning to my friends and my native town, when an incident happened that protracted my stay.

One of the phænomena which had peculiarly attracted my attention was the structure of the human frame, and, indeed, any animal endued with life. Whence, I often asked myself, did the principle of life proceed? It was a bold question, and one which has ever been considered as a mystery; yet with how many things are we upon the brink of becoming acquainted, if cowardice or carelessness did not restrain our inquiries. I revolved these circumstances in my mind, and determined thenceforth to apply myself more particularly to those branches of natural philosophy which relate to physiology. Unless I had been animated by an almost supernatural enthusiasm, my application to this study would have been irksome, and almost intolerable. To examine the causes of life, we must first have recourse to death. I became acquainted with the science of anatomy: but this was not sufficient; I must also observe the natural decay and corruption of the human body. In my education my father had taken the greatest precautions that my mind should be impressed with no supernatural horrors. I do not ever remember to have trembled at a tale of superstition, or to have feared the apparition of a spirit. Darkness had no effect upon my fancy; and a church-yard was to me merely the receptacle of bodies deprived of life, which, from being the seat of beauty and strength, had become food for the worm. Now I was led to examine the cause and progress of this decay, and forced to spend days and nights in vaults and charnel houses. My attention was fixed upon every object the most insupportable to the delicacy of the human feelings. I saw how the fine form of man was degraded and wasted; I beheld the corruption of death succeed to the blooming cheek of life; I saw how the worm inherited the wonders of the eye and brain. I paused, examining and analysing all the minutiae of causation, as exemplified in the change from life to death, and death to life, until from the midst of this darkness a sudden light broke in upon me – a light so brilliant and wondrous, yet so simple, that while I became dizzy with the immensity of the prospect which it illustrated, I was surprised that among so many men of

genius, who had directed their inquiries towards the same science, that I alone should be reserved to discover so astonishing a secret.

Remember, I am not recording the vision of a madman. The sun does not more certainly shine in the heavens, than that which I now affirm is true. Some miracle might have produced it, yet the stages of the discovery were distinct and probable. After days and nights of incredible labour and fatigue, I succeeded in discovering the cause of generation and life; nay, more, I became myself capable of bestowing animation upon lifeless matter.

The astonishment which I had at first experienced on this discovery soon gave place to delight and rapture. After so much time spent in painful labour, to arrive at once at the summit of my desires, was the most gratifying consummation of my toils. But this discovery was so great and overwhelming, that all the steps by which I had been progressively led to it were obliterated, and I beheld only the result. What had been the study and desire of the wisest men since the creation of the world, was now within my grasp. Not that, like a magic scene, it all opened upon me at once: the information I had obtained was of a nature rather to direct my endeavours so soon as I should point them towards the object of my search, than to exhibit that object already accomplished. I was like the Arabian who had been buried with the dead, and found a passage to life aided only by one glimmering, and seemingly ineffectual light.

I see by your eagerness, and the wonder and hope which your eyes express, my friend, that you expect to be informed of the secret with which I am acquainted; that cannot be: listen patiently until the end of my story, and you will easily perceive why I am reserved upon that subject. I will not lead you on, unguarded and ardent as I then was, to your destruction and infallible misery. Learn from me, if not by my precepts, at least by my example, how dangerous is the acquirement of knowledge, and how much happier that man is who believes his native town to be the world, than he who aspires to become greater than his nature will allow.

When I found so astonishing a power placed within my hands, I hesitated a long time concerning the manner in which I should employ it. Although I possessed the capacity of bestowing animation, yet to prepare a frame for the reception of it, with all its intricacies of fibres, muscles, and veins, still remained a work of inconceivable difficulty and labour. I

doubted at first whether I should attempt the creation of a being like myself or one of simpler organization; but my imagination was too much exalted by my first success to permit me to doubt of my ability to give life to an animal as complex and wonderful as man. The materials at present within my command hardly appeared adequate to so arduous an undertaking; but I doubted not that I should ultimately succeed. I prepared myself for a multitude of reverses; my operations might be incessantly baffled, and at last my work be imperfect: yet, when I considered the improvement which every day takes place in science and mechanics, I was encouraged to hope my present attempts would at least lay the foundations of future success. Nor could I consider the magnitude and complexity of my plan as any argument of its impracticability. It was with these feelings that I began the creation of a human being. As the minuteness of the parts formed a great hindrance to my speed, I resolved, contrary to my first intention, to make the being of a gigantic stature; that is to say, about eight feet in height, and proportionably large. After having formed this determination, and having spent some months in successfully collecting and arranging my materials, I began.

No one can conceive the variety of feelings which bore me onwards, like a hurricane, in the first enthusiasm of success. Life and death appeared to me ideal bounds, which I should first break through, and pour a torrent of light into our dark world. A new species would bless me as its creator and source; many happy and excellent natures would owe their being to me. No father could claim the gratitude of his child so completely as I should deserve theirs. Pursuing these reflections, I thought, that if I could bestow animation upon lifeless matter, I might in process of time (although I now found it impossible) renew life where death had apparently devoted the body to corruption.

These thoughts supported my spirits, while I pursued my undertaking with unremitting ardour. My cheek had grown pale with study, and my person had become emaciated with confinement. Sometimes, on the very brink of certainty, I failed; yet still I clung to the hope which the next day or the next hour might realize. One secret which I alone possessed was the hope to which I had dedicated myself; and the moon gazed on my midnight labours, while, with unrelaxed and breathless eagerness, I pursued nature to her hiding places. Who shall conceive the horrors of my secret toil, as I

dabbled among the unhallowed damp of the grave, or tortured the living animal to animate the lifeless clay? My limbs now tremble, and my eyes swim with the remembrance; but then a resistless, and almost frantic impulse, urged me forward; I seemed to have lost all soul or sensation but for this one pursuit. It was indeed but a passing trance, that only made me feel with renewed acuteness so soon as, the unnatural stimulus ceasing to operate, I had returned to my old habits. I collected bones from charnel houses; and disturbed, with profane fingers, the tremendous secrets of the human frame. In a solitary chamber, or rather cell, at the top of the house, and separated from all the other apartments by a gallery and staircase, I kept my workshop of filthy creation; my eyeballs were starting from their sockets in attending to the details of my employment. The dissecting room and the slaughter-house furnished many of my materials; and often did my human nature turn with loathing from my occupation, whilst, still urged on by an eagerness which perpetually increased, I brought my work near to a conclusion.

The summer months passed while I was thus engaged, heart and soul, in one pursuit. It was a most beautiful season; never did the fields bestow a more plentiful harvest, or the vines yield a more luxuriant vintage: but my eyes were insensible to the charms of nature. And the same feelings which made me neglect the scenes around me caused me also to forget those friends who were so many miles absent, and whom I had not seen for so long a time. I knew my silence disquieted them; and I well remembered the words of my father: "I know that while you are pleased with yourself, you will think of us with affection, and we shall hear regularly from you. You must pardon me, if I regard any interruption in your correspondence as a proof that your other duties are equally neglected."

I knew well therefore what would be my father's feelings; but I could not tear my thoughts from my employment, loathsome in itself, but which had taken an irresistible hold of my imagination. I wished, as it were, to procrastinate all that related to my feelings of affection until the great object, which swallowed up every habit of my nature, should be completed.

I then thought that my father would be unjust if he ascribed my neglect to vice, or faultiness on my part; but I am now convinced that he was justified in conceiving that I should not be altogether free from blame. A human being in perfection ought always to preserve a calm and peaceful

mind, and never to allow passion or a transitory desire to disturb his tranquillity. I do not think that the pursuit of knowledge is an exception to this rule. If the study to which you apply yourself has a tendency to weaken your affections, and to destroy your taste for those simple pleasures in which no alloy can possibly mix, then that study is certainly unlawful, that is to say, not befitting the human mind. If this rule were always observed; if no man allowed any pursuit whatsoever to interfere with the tranquillity of his domestic affections, Greece had not been enslaved; Cæsar would have spared his country; America would have been discovered more gradually; and the empires of Mexico and Peru had not been destroyed.

But I forget that I am moralizing in the most interesting part of my tale; and your looks remind me to proceed.

My father made no reproach in his letters; and only took notice of my silence by inquiring into my occupations more particularly than before. Winter, spring, and summer, passed away during my labours; but I did not watch the blossom or the expanding leaves – sights which before always yielded me supreme delight, so deeply was I engrossed in my occupation. The leaves of that year had withered before my work drew near to a close; and now every day shewed me more plainly how well I had succeeded. But my enthusiasm was checked by my anxiety, and I appeared rather like one doomed by slavery to toil in the mines, or any other unwholesome trade, than an artist occupied by his favourite employment. Every night I was oppressed by a slow fever, and I became nervous to a most painful degree; a disease that I regretted the more because I had hitherto enjoyed most excellent health, and had always boasted of the firmness of my nerves. But I believed that exercise and amusement would soon drive away such symptoms; and I promised myself both of these, when my creation should be complete.

CHAPTER IV

It was on a dreary night of November, that I beheld the accomplishment of my toils. With an anxiety that almost amounted to agony, I collected the instruments of life around me, that I might infuse a spark of being into the lifeless thing that lay at my feet. It was already one in the morning; the rain pattered dismally against the panes, and my candle was nearly burnt out, when, by the glimmer of the half-extinguished light, I saw the dull yellow eye of the creature open; it breathed hard, and a convulsive motion agitated its limbs.

How can I describe my emotions at this catastrophe, or how delineate the wretch whom with such infinite pains and care I had endeavoured to form? His limbs were in proportion, and I had selected his features as beautiful. Beautiful! Great God! His yellow skin scarcely covered the work of muscles and arteries beneath; his hair was of a lustrous black, and flowing; his teeth of a pearly whiteness; but these luxuriances only formed a more horrid contrast with his watery eyes, that seemed almost of the same colour as the dun white sockets in which they were set, his shrivelled complexion, and straight black lips.

The different accidents of life are not so changeable as the feelings of human nature. I had worked hard for nearly two years, for the sole purpose of infusing life into an inanimate body. For this I had deprived myself of rest and health. I had desired it with an ardour that far exceeded moderation; but now that I had finished, the beauty of the dream vanished, and breathless horror and disgust filled my heart. Unable to endure the aspect of the being I had created, I rushed out of the room, and continued a long time traversing my bed-chamber, unable to compose my mind to sleep. At length lassitude succeeded to the tumult I had before endured; and I threw myself on the bed in my clothes, endeavouring to seek a few moments of forgetfulness. But it was in vain: I slept indeed, but I was disturbed by the wildest dreams. I thought I saw Elizabeth, in the bloom of health, walking in the streets of Ingolstadt. Delighted and surprised, I embraced her; but as I imprinted the first kiss on her lips, they became livid with the hue of death; her features appeared to change, and I thought that I held the corpse of my dead mother in my arms; a shroud enveloped her form, and I saw the grave-

worms crawling in the folds of the flannel. I started from my sleep with horror; a cold dew covered my forehead, my teeth chattered, and every limb became convulsed; when, by the dim and yellow light of the moon, as it forced its way through the window-shutters, I beheld the wretch – the miserable monster whom I had created. He held up the curtain of the bed; and his eyes, if eyes they may be called, were fixed on me. His jaws opened, and he muttered some inarticulate sounds, while a grin wrinkled his cheeks. He might have spoken, but I did not hear; one hand was stretched out, seemingly to detain me, but I escaped, and rushed down stairs. I took refuge in the court-yard belonging to the house which I inhabited; where I remained during the rest of the night, walking up and down in the greatest agitation, listening attentively, catching and fearing each sound as if it were to announce the approach of the demoniacal corpse to which I had so miserably given life.

Oh! no mortal could support the horror of that countenance. A mummy again endued with animation could not be so hideous as that wretch. I had gazed on him while unfinished; he was ugly then; but when those muscles and joints were rendered capable of motion, it became a thing such as even Dante could not have conceived.

I passed the night wretchedly. Sometimes my pulse beat so quickly and hardly, that I felt the palpitation of every artery; at others, I nearly sank to the ground through languor and extreme weakness. Mingled with this horror, I felt the bitterness of disappointment: dreams that had been my food and pleasant rest for so long a space, were now become a hell to me; and the change was so rapid, the overthrow so complete!

Morning, dismal and wet, at length dawned, and discovered to my sleepless and aching eyes the church of Ingolstadt, its white steeple and clock, which indicated the sixth hour. The porter opened the gates of the court, which had that night been my asylum, and I issued into the streets, pacing them with quick steps, as if I sought to avoid the wretch whom I feared every turning of the street would present to my view. I did not dare return to the apartment which I inhabited, but felt impelled to hurry on, although wetted by the rain, which poured from a black and comfortless sky.

I continued walking in this manner for some time, endeavouring, by bodily exercise, to ease the load that weighed upon my mind. I traversed the streets, without any clear conception of where I was, or what I was doing. My heart palpitated in the sickness of fear; and I hurried on with irregular steps, not daring to look about me:

Like one who, on a lonely road,
Doth walk in fear and dread,
And, having once turn'd round, walks on,
And turns no more his head;
Because he knows a frightful fiend
Doth close behind him tread.

Continuing thus, I came at length opposite to the inn at which the various diligences and carriages usually stopped. Here I paused, I knew not why; but I remained some minutes with my eyes fixed on a coach that was coming towards me from the other end of the street. As it drew nearer, I observed that it was the Swiss diligence: it stopped just where I was standing; and, on the door being opened, I perceived Henry Clerval, who, on seeing me, instantly sprung out. "My dear Frankenstein," exclaimed he, "how glad I am to see you! how fortunate that you should be here at the very moment of my alighting!"

Nothing could equal my delight on seeing Clerval; his presence brought back to my thoughts my father, Elizabeth, and all those scenes of home so dear to my recollection. I grasped his hand, and in a moment forgot my horror and misfortune; I felt suddenly, and for the first time during many months, calm and serene joy. I welcomed my friend, therefore, in the most cordial manner, and we walked towards my college. Clerval continued talking for some time about our mutual friends, and his own good fortune in being permitted to come to Ingolstadt. "You may easily believe," said he, "how great was the difficulty to persuade my father that it was not absolutely necessary for a merchant not to understand anything except book-keeping; and, indeed, I believe I left him incredulous to the last, for his constant answer to my unwearied entreaties was the same as that of the Dutch schoolmaster in the Vicar of Wakefield: 'I have ten thousand florins a year without Greek, I eat heartily without Greek.' But his affection for me

at length overcame his dislike of learning, and he has permitted me to undertake a voyage of discovery to the land of knowledge.”

“It gives me the greatest delight to see you; but tell me how you left my father, brothers, and Elizabeth.”

“Very well, and very happy, only a little uneasy that they hear from you so seldom. By the bye, I mean to lecture you a little upon their account myself. But, my dear Frankenstein,” continued he, stopping short, and gazing full in my face, “I did not before remark how very ill you appear; so thin and pale; you look as if you had been watching for several nights.”

“You have guessed right: I have lately been so deeply engaged in one occupation, that I have not allowed myself sufficient rest, as you see: but I hope, I sincerely hope, that all these employments are now at an end, and that I am at length free.”

I trembled excessively; I could not endure to think of, and far less to allude to the occurrences of the preceding night. I walked with a quick pace, and we soon arrived at my college. I then reflected, and the thought made me shiver, that the creature whom I had left in my apartment might still be there, alive, and walking about. I dreaded to behold this monster; but I feared still more that Henry should see him. Entreating him therefore to remain a few minutes at the bottom of the stairs, I darted up towards my own room. My hand was already on the lock of the door before I recollected myself. I then paused; and a cold shivering came over me. I threw the door forcibly open, as children are accustomed to do when they expect a spectre to stand in waiting for them on the other side; but nothing appeared. I stepped fearfully in: the apartment was empty; and my bedroom was also freed from its hideous guest. I could hardly believe that so great a good-fortune could have befallen me; but when I became assured that my enemy had indeed fled, I clapped my hands for joy, and ran down to Clerval.

We ascended into my room, and the servant presently brought breakfast; but I was unable to contain myself. It was not joy only that possessed me; I felt my flesh tingle with excess of sensitiveness, and my pulse beat rapidly. I was unable to remain for a single instant in the same place; I jumped over the chairs, clapped my hands, and laughed aloud. Clerval at first attributed my unusual spirits to joy on his arrival; but when he observed me more attentively, he saw a wildness in my eyes for which he could not account;

and my loud, unrestrained, heartless laughter, frightened and astonished him.

“My dear Victor,” cried he, “what, for God’s sake, is the matter? Do not laugh in that manner. How ill you are! What is the cause of all this?”

“Do not ask me,” cried I, putting my hands before my eyes, for I thought I saw the dreaded spectre glide into the room. “He can tell. Oh, save me! save me!” I imagined that the monster seized me; I struggled furiously, and fell down in a fit.

Poor Clerval! what must have been his feelings? A meeting, which he anticipated with such joy, so strangely turned to bitterness. But I was not the witness of his grief; for I was lifeless, and did not recover my senses for a long, long time.

This was the commencement of a nervous fever, which confined me for several months. During all that time Henry was my only nurse. I afterwards learned that, knowing my father’s advanced age, and unfitness for so long a journey, and how wretched my sickness would make Elizabeth, he spared them this grief by concealing the extent of my disorder. He knew that I could not have a more kind and attentive nurse than himself; and, firm in the hope he felt of my recovery, he did not doubt that, instead of doing harm, he performed the kindest action that he could towards them.

But I was in reality very ill; and surely nothing but the unbounded and unremitting attentions of my friend could have restored me to life. The form of the monster on whom I had bestowed existence was for ever before my eyes, and I raved incessantly concerning him. Doubtless my words surprised Henry: he at first believed them to be the wanderings of my disturbed imagination; but the pertinacity with which I continually recurred to the same subject persuaded him that my disorder indeed owed its origin to some uncommon and terrible event.

By very slow degrees, and with frequent relapses, that alarmed and grieved my friend, I recovered. I remember the first time I became capable of observing outward objects with any kind of pleasure, I perceived that the fallen leaves had disappeared, and that the young buds were shooting forth from the trees that shaded my window. It was a divine spring; and the season contributed greatly to my convalescence. I felt also sentiments of joy

and affection revive in my bosom; my gloom disappeared, and in a short time I became as cheerful as before I was attacked by the fatal passion.

“Dearest Clerval,” exclaimed I, “how kind, how very good you are to me. This whole winter, instead of being spent in study, as you promised yourself, has been consumed in my sick room. How shall I ever repay you? I feel the greatest remorse for the disappointment of which I have been the occasion; but you will forgive me.”

“You will repay me entirely, if you do not discompose yourself, but get well as fast as you can; and since you appear in such good spirits, I may speak to you on one subject, may I not?”

I trembled. One subject! what could it be? Could he allude to an object on whom I dared not even think?

“Compose yourself,” said Clerval, who observed my change of colour, “I will not mention it, if it agitates you; but your father and cousin would be very happy if they received a letter from you in your own hand-writing. They hardly know how ill you have been, and are uneasy at your long silence.”

“Is that all? my dear Henry. How could you suppose that my first thought would not fly towards those dear, dear friends whom I love, and who are so deserving of my love.”

“If this is your present temper, my friend, you will perhaps be glad to see a letter that has been lying here some days for you: it is from your cousin, I believe.”

CHAPTER V

Clerval then put the following letter into my hands.

TO V. FRANKENSTEIN.

My Dear Cousin,

I cannot describe to you the uneasiness we have all felt concerning your health. We cannot help imagining that your friend Clerval conceals the extent of your disorder: for it is now several months since we have seen your hand-writing; and all this time you have been obliged to dictate your letters to Henry. Surely, Victor, you must have been exceedingly ill; and this makes us all very wretched, as much so nearly as after the death of your dear mother. My uncle was almost persuaded that you were indeed dangerously ill, and could hardly be restrained from undertaking a journey to Ingolstadt. Clerval always writes that you are getting better; I eagerly hope that you will confirm this intelligence soon in your own hand-writing; for indeed, indeed, Victor, we are all very miserable on this account. Relieve us from this fear, and we shall be the happiest creatures in the world. Your father's health is now so vigorous, that he appears ten years younger since last winter. Ernest also is so much improved, that you would hardly know him: he is now nearly sixteen, and has lost that sickly appearance which he had some years ago; he is grown quite robust and active.

My uncle and I conversed a long time last night about what profession Ernest should follow. His constant illness when young has deprived him of the habits of application; and now that he enjoys good health, he is continually in the open air, climbing the hills, or rowing on the lake. I therefore proposed that he should be a farmer; which you know, Cousin, is a favourite scheme of mine. A farmer's is a very healthy happy life; and the least hurtful, or rather the most beneficial profession of any. My uncle had an idea of his being educated as an advocate, that through his interest he might become a judge. But, besides that he is not at all fitted for such an occupation, it is certainly more creditable to cultivate the earth for the sustenance of man, than to be the confidant, and sometimes the accomplice, of his vices; which is the profession of a lawyer. I said, that the

employments of a prosperous farmer, if they were not a more honourable, they were at least a happier species of occupation than that of a judge, whose misfortune it was always to meddle with the dark side of human nature. My uncle smiled, and said, that I ought to be an advocate myself, which put an end to the conversation on that subject.

And now I must tell you a little story that will please, and perhaps amuse you. Do you not remember Justine Moritz? Probably you do not; I will relate her history, therefore, in a few words. Madame Moritz, her mother, was a widow with four children, of whom Justine was the third. This girl had always been the favourite of her father; but, through a strange perversity, her mother could not endure her, and, after the death of M. Moritz, treated her very ill. My aunt observed this; and, when Justine was twelve years of age, prevailed on her mother to allow her to live at her house. The republican institutions of our country have produced simpler and happier manners than those which prevail in the great monarchies that surround it. Hence there is less distinction between the several classes of its inhabitants; and the lower orders being neither so poor nor so despised, their manners are more refined and moral. A servant in Geneva does not mean the same thing as a servant in France and England. Justine, thus received in our family, learned the duties of a servant; a condition which, in our fortunate country, does not include the idea of ignorance, and a sacrifice of the dignity of a human being.

After what I have said, I dare say you well remember the heroine of my little tale: for Justine was a great favourite of your's; and I recollect you once remarked, that if you were in an ill humour, one glance from Justine could dissipate it, for the same reason that Ariosto gives concerning the beauty of Angelica – she looked so frank-hearted and happy. My aunt conceived a great attachment for her, by which she was induced to give her an education superior to that which she had at first intended. This benefit was fully repaid; Justine was the most grateful little creature in the world: I do not mean that she made any professions, I never heard one pass her lips; but you could see by her eyes that she almost adored her protectress. Although her disposition was gay, and in many respects inconsiderate, yet she paid the greatest attention to every gesture of my aunt. She thought her the model of all excellence, and endeavoured to imitate her phraseology and manners, so that even now she often reminds me of her.

When my dearest aunt died, everyone was too much occupied in their own grief to notice poor Justine, who had attended her during her illness with the most anxious affection. Poor Justine was very ill; but other trials were reserved for her.

One by one, her brothers and sister died; and her mother, with the exception of her neglected daughter, was left childless. The conscience of the woman was troubled; she began to think that the deaths of her favourites was a judgment from heaven to chastise her partiality. She was a Roman Catholic; and I believe her confessor confirmed the idea which she had conceived. Accordingly, a few months after your departure for Ingolstadt, Justine was called home by her repentant mother. Poor girl! she wept when she quitted our house: she was much altered since the death of my aunt; grief had given softness and a winning mildness to her manners, which had before been remarkable for vivacity. Nor was her residence at her mother's house of a nature to restore her gaiety. The poor woman was very vacillating in her repentance. She sometimes begged Justine to forgive her unkindness, but much oftener accused her of having caused the deaths of her brothers and sister. Perpetual fretting at length threw Madame Moritz into a decline, which at first increased her irritability, but she is now at peace for ever. She died on the first approach of cold weather, at the beginning of this last winter. Justine has returned to us; and I assure you I love her tenderly. She is very clever and gentle, and extremely pretty; as I mentioned before, her mien and her expressions continually remind me of my dear aunt.

I must say also a few words to you, my dear cousin, of little darling William. I wish you could see him; he is very tall of his age, with sweet laughing blue eyes, dark eye-lashes, and curling hair. When he smiles, two little dimples appear on each cheek, which are rosy with health. He has already had one or two little wives, but Louisa Biron is his favourite, a pretty little girl of five years of age.

Now, dear Victor, I dare say you wish to be indulged in a little gossip concerning the good people of Geneva. The pretty Miss Mansfield has already received the congratulatory visits on her approaching marriage with a young Englishman, John Melbourne, Esq. Her ugly sister, Manon, married M. Duvillard, the rich banker, last autumn. Your favourite schoolfellow, Louis Manoir, has suffered several misfortunes since the departure of

Clerval from Geneva. But he has already recovered his spirits, and is reported to be on the point of marrying a very lively pretty Frenchwoman, Madame Tavernier. She is a widow, and much older than Manoir; but she is very much admired, and a favourite with everybody.

I have written myself into good spirits, dear cousin; yet I cannot conclude without again anxiously inquiring concerning your health. Dear Victor, if you are not very ill, write yourself, and make your father and all of us happy; or... I cannot bear to think of the other side of the question; my tears already flow. Adieu, my dearest cousin.

ELIZABETH LAVENZA.

GENEVA, MARCH 18TH, 17...

Dear, dear Elizabeth! I exclaimed when I had read her letter, "I will write instantly, and relieve them from the anxiety they must feel." I wrote, and this exertion greatly fatigued me; but my convalescence had commenced, and proceeded regularly. In another fortnight I was able to leave my chamber.

One of my first duties on my recovery was to introduce Clerval to the several professors of the university. In doing this, I underwent a kind of rough usage, ill befitting the wounds that my mind had sustained. Ever since the fatal night, the end of my labours, and the beginning of my misfortunes, I had conceived a violent antipathy even to the name of natural philosophy. When I was otherwise quite restored to health, the sight of a chemical instrument would renew all the agony of my nervous symptoms. Henry saw this, and had removed all my apparatus from my view. He had also changed my apartment; for he perceived that I had acquired a dislike for the room which had previously been my laboratory. But these cares of Clerval were made of no avail when I visited the professors. M. Waldman inflicted torture when he praised, with kindness and warmth, the astonishing progress I had made in the sciences. He soon perceived that I disliked the subject; but, not guessing the real cause, he attributed my feelings to modesty, and changed the subject from my improvement to the science itself, with a desire, as I evidently saw, of drawing me out. What could I do? He meant to please, and he tormented me. I felt as if he had placed carefully, one by one, in my view those instruments which were to be afterwards used in putting me to a slow and cruel death. I writhed under his

words, yet dared not exhibit the pain I felt. Clerval, whose eyes and feelings were always quick in discerning the sensations of others, declined the subject, alleging, in excuse, his total ignorance; and the conversation took a more general turn. I thanked my friend from my heart, but I did not speak. I saw plainly that he was surprised, but he never attempted to draw my secret from me; and although I loved him with a mixture of affection and reverence that knew no bounds, yet I could never persuade myself to confide to him that event which was so often present to my recollection, but which I feared the detail to another would only impress more deeply.

M. Krempe was not equally docile; and in my condition at that time, of almost insupportable sensitiveness, his harsh blunt encomiums gave me even more pain than the benevolent approbation of M. Waldman. “D...n the fellow!” cried he; “why, M. Clerval, I assure you he has outstript us all. Aye, stare if you please; but it is nevertheless true. A youngster who, but a few years ago, believed Cornelius Agrippa as firmly as the gospel, has now set himself at the head of the university; and if he is not soon pulled down, we shall all be out of countenance. Aye, aye,” continued he, observing my face expressive of suffering, “M. Frankenstein is modest; an excellent quality in a young man. Young men should be diffident of themselves, you know, M. Clerval; I was myself when young: but that wears out in a very short time.”

M. Krempe had now commenced an eulogy on himself, which happily turned the conversation from a subject that was so annoying to me.

Clerval was no natural philosopher. His imagination was too vivid for the minutiae of science. Languages were his principal study; and he sought, by acquiring their elements, to open a field for self-instruction on his return to Geneva. Persian, Arabic, and Hebrew, gained his attention, after he had made himself perfectly master of Greek and Latin. For my own part, idleness had ever been irksome to me; and now that I wished to fly from reflection, and hated my former studies, I felt great relief in being the fellow-pupil with my friend, and found not only instruction but consolation in the works of the orientalisists. Their melancholy is soothing, and their joy elevating to a degree I never experienced in studying the authors of any other country. When you read their writings, life appears to consist in a warm sun and garden of roses – in the smiles and frowns of a fair enemy,

and the fire that consumes your own heart. How different from the manly and heroic poetry of Greece and Rome.

Summer passed away in these occupations, and my return to Geneva was fixed for the latter end of autumn; but being delayed by several accidents, winter and snow arrived, the roads were deemed impassable, and my journey was retarded until the ensuing spring. I felt this delay very bitterly; for I longed to see my native town, and my beloved friends. My return had only been delayed so long from an unwillingness to leave Clerval in a strange place, before he had become acquainted with any of its inhabitants. The winter, however, was spent cheerfully; and although the spring was uncommonly late, when it came, its beauty compensated for its dilatoriness.

The month of May had already commenced, and I expected the letter daily which was to fix the date of my departure, when Henry proposed a pedestrian tour in the environs of Ingolstadt that I might bid a personal farewell to the country I had so long inhabited. I acceded with pleasure to this proposition: I was fond of exercise, and Clerval had always been my favourite companion in the rambles of this nature that I had taken among the scenes of my native country.

We passed a fortnight in these perambulations: my health and spirits had long been restored, and they gained additional strength from the salubrious air I breathed, the natural incidents of our progress, and the conversation of my friend. Study had before secluded me from the intercourse of my fellow-creatures, and rendered me unsocial; but Clerval called forth the better feelings of my heart; he again taught me to love the aspect of nature, and the cheerful faces of children. Excellent friend! how sincerely did you love me, and endeavour to elevate my mind, until it was on a level with your own. A selfish pursuit had cramped and narrowed me, until your gentleness and affection warmed and opened my senses; I became the same happy creature who, a few years ago, loving and beloved by all, had no sorrow or care. When happy, inanimate nature had the power of bestowing on me the most delightful sensations. A serene sky and verdant fields filled me with ecstasy. The present season was indeed divine; the flowers of spring bloomed in the hedges, while those of summer were already in bud: I was undisturbed by thoughts which during the preceding year had pressed

upon me, notwithstanding my endeavours to throw them off, with an invincible burden.

Henry rejoiced in my gaiety, and sincerely sympathized in my feelings: he exerted himself to amuse me, while he expressed the sensations that filled his soul. The resources of his mind on this occasion were truly astonishing: his conversation was full of imagination; and very often, in imitation of the Persian and Arabic writers, he invented tales of wonderful fancy and passion. At other times he repeated my favourite poems, or drew me out into arguments, which he supported with great ingenuity.

We returned to our college on a Sunday afternoon: the peasants were dancing, and every one we met appeared gay and happy. My own spirits were high, and I bounded along with feelings of unbridled joy and hilarity.

CHAPTER VI

On my return, I found the following letter from my father:

TO V. FRANKENSTEIN

My Dear Victor,

You have probably waited impatiently for a letter to fix the date of your return to us; and I was at first tempted to write only a few lines, merely mentioning the day on which I should expect you. But that would be a cruel kindness, and I dare not do it. What would be your surprise, my son, when you expected a happy and gay welcome, to behold, on the contrary, tears and wretchedness? And how, Victor, can I relate our misfortune? Absence cannot have rendered you callous to our joys and griefs; and how shall I inflict pain on an absent child? I wish to prepare you for the woeful news, but I know it is impossible; even now your eye skims over the page, to seek the words which are to convey to you the horrible tidings.

William is dead! that sweet child, whose smiles delighted and warmed my heart, who was so gentle, yet so gay! Victor, he is murdered!

I will not attempt to console you; but will simply relate the circumstances of the transaction.

Last Thursday (May 7th) I, my niece, and your two brothers, went to walk in Plainpalais. The evening was warm and serene, and we prolonged our walk farther than usual. It was already dusk before we thought of returning; and then we discovered that William and Ernest, who had gone on before, were not to be found. We accordingly rested on a seat until they should return. Presently Ernest came, and inquired if we had seen his brother: he said, that they had been playing together, that William had run away to hide himself, and that he vainly sought for him, and afterwards waited for him a long time, but that he did not return.

This account rather alarmed us, and we continued to search for him until night fell, when Elizabeth conjectured that he might have returned to the house. He was not there. We returned again, with torches; for I could not rest, when I thought that my sweet boy had lost himself, and was exposed to all the damps and dews of night: Elizabeth also suffered extreme anguish.

About five in the morning I discovered my lovely boy, whom the night before I had seen blooming and active in health, stretched on the grass livid and motionless: the print of the murderer's finger was on his neck.

He was conveyed home, and the anguish that was visible in my countenance betrayed the secret to Elizabeth. She was very earnest to see the corpse. At first I attempted to prevent her; but she persisted, and entering the room where it lay, hastily examined the neck of the victim, and clasping her hands exclaimed, 'O God! I have murdered my darling infant!'

She fainted, and was restored with extreme difficulty. When she again lived, it was only to weep and sigh. She told me, that that same evening William had teased her to let him wear a very valuable miniature that she possessed of your mother. This picture is gone, and was doubtless the temptation which urged the murderer to the deed. We have no trace of him at present, although our exertions to discover him are unremitted; but they will not restore my beloved William.

Come, dearest Victor; you alone can console Elizabeth. She weeps continually, and accuses herself unjustly as the cause of his death; her words pierce my heart. We are all unhappy; but will not that be an additional motive for you, my son, to return and be our comforter? Your dear mother! Alas, Victor! I now say, Thank God she did not live to witness the cruel, miserable death of her youngest darling!

Come, Victor; not brooding thoughts of vengeance against the assassin, but with feelings of peace and gentleness, that will heal, instead of festering the wounds of our minds. Enter the house of mourning, my friend, but with kindness and affection for those who love you, and not with hatred for your enemies.

Your affectionate and afflicted father,

ALPHONSE FRANKENSTEIN.

GENEVA, MAY 12TH, 17...

Clerval, who had watched my countenance as I read this letter, was surprised to observe the despair that succeeded to the joy I at first expressed on receiving news from my friends. I threw the letter on the table, and covered my face with my hands.

“My dear Frankenstein,” exclaimed Henry, when he perceived me weep with bitterness, “are you always to be unhappy? My dear friend, what has happened?”

I motioned to him to take up the letter, while I walked up and down the room in the extremest agitation. Tears also gushed from the eyes of Clerval, as he read the account of my misfortune.

“I can offer you no consolation, my friend,” said he; “your disaster is irreparable. What do you intend to do?”

“To go instantly to Geneva: come with me, Henry, to order the horses.”

During our walk, Clerval endeavoured to raise my spirits. He did not do this by common topics of consolation, but by exhibiting the truest sympathy. “Poor William!” said he, “that dear child; he now sleeps with his angel mother. His friends mourn and weep, but he is at rest: he does not now feel the murderer’s grasp; a sod covers his gentle form, and he knows no pain. He can no longer be a fit subject for pity; the survivors are the greatest sufferers, and for them time is the only consolation. Those maxims of the Stoics, that death was no evil, and that the mind of man ought to be superior to despair on the eternal absence of a beloved object, ought not to be urged. Even Cato wept over the dead body of his brother.”

Clerval spoke thus as we hurried through the streets; the words impressed themselves on my mind, and I remembered them afterwards in solitude. But now, as soon as the horses arrived, I hurried into a cabriolet, and bade farewell to my friend.

My journey was very melancholy. At first I wished to hurry on, for I longed to console and sympathize with my loved and sorrowing friends; but when I drew near my native town, I slackened my progress. I could hardly sustain the multitude of feelings that crowded into my mind. I passed through scenes familiar to my youth, but which I had not seen for nearly six years. How altered everything might be during that time? One sudden and desolating change had taken place; but a thousand little circumstances might have by degrees worked other alterations which, although they were done more tranquilly, might not be the less decisive. Fear overcame me; I dared not advance, dreading a thousand nameless evils that made me tremble, although I was unable to define them.

I remained two days at Lausanne, in this painful state of mind. I contemplated the lake: the waters were placid; all around was calm, and the snowy mountains, "the palaces of nature," were not changed. By degrees the calm and heavenly scene restored me, and I continued my journey towards Geneva.

The road ran by the side of the lake, which became narrower as I approached my native town. I discovered more distinctly the black sides of Jura, and the bright summit of Mont Blanc; I wept like a child: "Dear mountains! my own beautiful lake! how do you welcome your wanderer? Your summits are clear; the sky and lake are blue and placid. Is this to prognosticate peace, or to mock at my unhappiness?"

I fear, my friend, that I shall render myself tedious by dwelling on these preliminary circumstances; but they were days of comparative happiness, and I think of them with pleasure. My country, my beloved country! who but a native can tell the delight I took in again beholding thy streams, thy mountains, and, more than all, thy lovely lake.

Yet, as I drew nearer home, grief and fear again overcame me. Night also closed around; and when I could hardly see the dark mountains, I felt still more gloomily. The picture appeared a vast and dim scene of evil, and I foresaw obscurely that I was destined to become the most wretched of human beings. Alas! I prophesied truly, and failed only in one single circumstance, that in all the misery I imagined and dreaded, I did not conceive the hundredth part of the anguish I was destined to endure.

It was completely dark when I arrived in the environs of Geneva; the gates of the town were already shut; and I was obliged to pass the night at Sécheron, a village half a league to the east of the city. The sky was serene; and, as I was unable to rest, I resolved to visit the spot where my poor William had been murdered. As I could not pass through the town, I was obliged to cross the lake in a boat to arrive at Plainpalais. During this short voyage I saw the lightnings playing on the summit of Mont Blanc in the most beautiful figures. The storm appeared to approach rapidly; and, on landing, I ascended a low hill, that I might observe its progress. It advanced; the heavens were clouded, and I soon felt the rain coming slowly in large drops, but its violence quickly increased.

I quitted my seat, and walked on, although the darkness and storm increased every minute, and the thunder burst with a terrific crash over my head. It was echoed from Salève, the Juras, and the Alps of Savoy; vivid flashes of lightning dazzled my eyes, illuminating the lake, making it appear like a vast sheet of fire; then for an instant every thing seemed of a pitchy darkness, until the eye recovered itself from the preceding flash. The storm, as is often the case in Switzerland, appeared at once in various parts of the heavens. The most violent storm hung exactly north of the town, over that part of the lake which lies between the promontory of Belrive and the village of Copêt. Another storm enlightened Jura with faint flashes; and another darkened and sometimes disclosed the Môle, a peaked mountain to the east of the lake.

While I watched the storm, so beautiful yet terrific, I wandered on with a hasty step. This noble war in the sky elevated my spirits; I clasped my hands, and exclaimed aloud, "William, dear angel! this is thy funeral, this thy dirge!" As I said these words, I perceived in the gloom a figure which stole from behind a clump of trees near me; I stood fixed, gazing intently: I could not be mistaken. A flash of lightning illuminated the object, and discovered its shape plainly to me; its gigantic stature, and the deformity of its aspect, more hideous than belongs to humanity, instantly informed me that it was the wretch, the filthy dæmon to whom I had given life. What did he there? Could he be (I shuddered at the conception) the murderer of my brother? No sooner did that idea cross my imagination, than I became convinced of its truth; my teeth chattered, and I was forced to lean against a tree for support. The figure passed me quickly, and I lost it in the gloom. Nothing in human shape could have destroyed that fair child. He was the murderer! I could not doubt it. The mere presence of the idea was an irresistible proof of the fact. I thought of pursuing the devil; but it would have been in vain, for another flash discovered him to me hanging among the rocks of the nearly perpendicular ascent of Mont Salève, a hill that bounds Plainpalais on the south. He soon reached the summit, and disappeared.

I remained motionless. The thunder ceased; but the rain still continued, and the scene was enveloped in an impenetrable darkness. I revolved in my mind the events which I had until now sought to forget: the whole train of my progress towards the creation; the appearance of the work of my own

hands alive at my bed side; its departure. Two years had now nearly elapsed since the night on which he first received life; and was this his first crime? Alas! I had turned loose into the world a depraved wretch, whose delight was in carnage and misery; had he not murdered my brother?

No one can conceive the anguish I suffered during the remainder of the night, which I spent, cold and wet, in the open air. But I did not feel the inconvenience of the weather; my imagination was busy in scenes of evil and despair. I considered the being whom I had cast among mankind, and endowed with the will and power to effect purposes of horror, such as the deed which he had now done, nearly in the light of my own vampire, my own spirit let loose from the grave, and forced to destroy all that was dear to me.

Day dawned; and I directed my steps towards the town. The gates were open; and I hastened to my father's house. My first thought was to discover what I knew of the murderer, and cause instant pursuit to be made. But I paused when I reflected on the story that I had to tell. A being whom I myself had formed, and endued with life, had met me at midnight among the precipices of an inaccessible mountain. I remembered also the nervous fever with which I had been seized just at the time that I dated my creation, and which would give an air of delirium to a tale otherwise so utterly improbable. I well knew that if any other had communicated such a relation to me, I should have looked upon it as the ravings of insanity. Besides, the strange nature of the animal would elude all pursuit, even if I were so far credited as to persuade my relatives to commence it. Besides, of what use would be pursuit? Who could arrest a creature capable of scaling the overhanging sides of Mont Salève? These reflections determined me, and I resolved to remain silent.

It was about five in the morning when I entered my father's house. I told the servants not to disturb the family, and went into the library to attend their usual hour of rising.

Six years had elapsed, passed as a dream but for one indelible trace, and I stood in the same place where I had last embraced my father before my departure for Ingolstadt. Beloved and respectable parent! He still remained to me. I gazed on the picture of my mother, which stood over the mantle-piece. It was an historical subject, painted at my father's desire, and

represented Caroline Beaufort in an agony of despair, kneeling by the coffin of her dead father. Her garb was rustic, and her cheek pale; but there was an air of dignity and beauty, that hardly permitted the sentiment of pity. Below this picture was a miniature of William; and my tears flowed when I looked upon it. While I was thus engaged, Ernest entered: he had heard me arrive, and hastened to welcome me. He expressed a sorrowful delight to see me: "Welcome, my dearest Victor," said he. "Ah! I wish you had come three months ago, and then you would have found us all joyous and delighted. But we are now unhappy; and, I am afraid, tears instead of smiles will be your welcome. Our father looks so sorrowful: this dreadful event seems to have revived in his mind his grief on the death of Mamma. Poor Elizabeth also is quite inconsolable." Ernest began to weep as he said these words.

"Do not," said I, "welcome me thus; try to be more calm, that I may not be absolutely miserable the moment I enter my father's house after so long an absence. But, tell me, how does my father support his misfortunes? and how is my poor Elizabeth?"

"She indeed requires consolation: she accused herself of having caused the death of my brother, and that made her very wretched. But since the murderer has been discovered..."

"The murderer discovered! Good God! how can that be? who could attempt to pursue him? It is impossible; one might as well try to overtake the winds, or confine a mountain-stream with a straw."

"I do not know what you mean; but we were all very unhappy when she was discovered. No one would believe it at first; and even now Elizabeth will not be convinced, notwithstanding all the evidence. Indeed, who would credit that Justine Moritz, who was so amiable, and fond of all the family, could all at once become so extremely wicked?"

"Justine Moritz! Poor, poor girl, is she the accused? But it is wrongfully; everyone knows that; no one believes it, surely, Ernest?"

"No one did at first; but several circumstances came out, that have almost forced conviction upon us: and her own behaviour has been so confused, as to add to the evidence of facts a weight that, I fear, leaves no hope for doubt. But she will be tried today, and you will then hear all."

He related that, the morning on which the murder of poor William had been discovered, Justine had been taken ill, and confined to her bed; and, after several days, one of the servants, happening to examine the apparel she had worn on the night of the murder, had discovered in her pocket the picture of my mother, which had been judged to be the temptation of the murderer. The servant instantly shewed it to one of the others, who, without saying a word to any of the family, went to a magistrate; and, upon their deposition, Justine was apprehended. On being charged with the fact, the poor girl confirmed the suspicion in a great measure by her extreme confusion of manner.

This was a strange tale, but it did not shake my faith; and I replied earnestly, "You are all mistaken; I know the murderer. Justine, poor, good Justine, is innocent."

At that instant my father entered. I saw unhappiness deeply impressed on his countenance, but he endeavoured to welcome me cheerfully; and, after we had exchanged our mournful greeting, would have introduced some other topic than that of our disaster, had not Ernest exclaimed, "Good God, Papa! Victor says that he knows who was the murderer of poor William."

"We do also, unfortunately," replied my father; "for indeed I had rather have been for ever ignorant than have discovered so much depravity and ingratitude in one I valued so highly."

"My dear father, you are mistaken; Justine is innocent."

"If she is, God forbid that she should suffer as guilty. She is to be tried today, and I hope, I sincerely hope, that she will be acquitted."

This speech calmed me. I was firmly convinced in my own mind that Justine, and indeed every human being, was guiltless of this murder. I had no fear, therefore, that any circumstantial evidence could be brought forward strong enough to convict her; and, in this assurance, I calmed myself, expecting the trial with eagerness, but without prognosticating an evil result.

We were soon joined by Elizabeth. Time had made great alterations in her form since I had last beheld her. Six years before she had been a pretty, good-humoured girl, whom every one loved and caressed. She was now a

woman in stature and expression of countenance, which was uncommonly lovely. An open and capacious forehead gave indications of a good understanding, joined to great frankness of disposition. Her eyes were hazel, and expressive of mildness, now through recent affliction allied to sadness. Her hair was of a rich, dark auburn, her complexion fair, and her figure slight and graceful. She welcomed me with the greatest affection. "Your arrival, my dear cousin," said she, "fills me with hope. You perhaps will find some means to justify my poor guiltless Justine. Alas! who is safe, if she be convicted of crime? I rely on her innocence as certainly as I do upon my own. Our misfortune is doubly hard to us; we have not only lost that lovely darling boy, but this poor girl, whom I sincerely love, is to be torn away by even a worse fate. If she is condemned, I never shall know joy more. But she will not, I am sure she will not; and then I shall be happy again, even after the sad death of my little William."

"She is innocent, my Elizabeth," said I, "and that shall be proved; fear nothing, but let your spirits be cheered by the assurance of her acquittal."

"How kind you are! everyone else believes in her guilt, and that made me wretched; for I knew that it was impossible: and to see everyone else prejudiced in so deadly a manner, rendered me hopeless and despairing." She wept.

"Sweet niece," said my father, "dry your tears. If she is, as you believe, innocent, rely on the justice of our judges, and the activity with which I shall prevent the slightest shadow of partiality."

CHAPTER VII

We passed a few sad hours, until eleven o'clock, when the trial was to commence. My father and the rest of the family being obliged to attend as witnesses, I accompanied them to the court. During the whole of this wretched mockery of justice, I suffered living torture. It was to be decided, whether the result of my curiosity and lawless devices would cause the death of two of my fellow-beings: one a smiling babe, full of innocence and joy; the other far more dreadfully murdered, with every aggravation of infamy that could make the murder memorable in horror. Justine also was a girl of merit, and possessed qualities which promised to render her life happy: now all was to be obliterated in an ignominious grave; and I the cause! A thousand times rather would I have confessed myself guilty of the crime ascribed to Justine; but I was absent when it was committed, and such a declaration would have been considered as the ravings of a madman, and would not have exculpated her who suffered through me.

The appearance of Justine was calm. She was dressed in mourning; and her countenance, always engaging, was rendered, by the solemnity of her feelings, exquisitely beautiful. Yet she appeared confident in innocence, and did not tremble, although gazed on and execrated by thousands; for all the kindness which her beauty might otherwise have excited, was obliterated in the minds of the spectators by the imagination of the enormity she was supposed to have committed. She was tranquil, yet her tranquillity was evidently constrained; and as her confusion had before been adduced as a proof of her guilt, she worked up her mind to an appearance of courage. When she entered the court, she threw her eyes round it, and quickly discovered where we were seated. A tear seemed to dim her eye when she saw us; but she quickly recovered herself, and a look of sorrowful affection seemed to attest her utter guiltlessness.

The trial began; and after the advocate against her had stated the charge, several witnesses were called. Several strange facts combined against her, which might have staggered any one who had not such proof of her innocence as I had. She had been out the whole of the night on which the murder had been committed, and towards morning had been perceived by a market-woman not far from the spot where the body of the murdered child

had been afterwards found. The woman asked her what she did there; but she looked very strangely, and only returned a confused and unintelligible answer. She returned to the house about eight o'clock; and when one inquired where she had passed the night, she replied, that she had been looking for the child, and demanded earnestly, if anything had been heard concerning him. When shewn the body, she fell into violent hysterics, and kept her bed for several days. The picture was then produced, which the servant had found in her pocket; and when Elizabeth, in a faltering voice, proved that it was the same which, an hour before the child had been missed, she had placed round his neck, a murmur of horror and indignation filled the court.

Justine was called on for her defence. As the trial had proceeded, her countenance had altered. Surprise, horror, and misery, were strongly expressed. Sometimes she struggled with her tears; but when she was desired to plead, she collected her powers, and spoke in an audible although variable voice:

“God knows,” she said, “how entirely I am innocent. But I do not pretend that my protestations should acquit me: I rest my innocence on a plain and simple explanation of the facts which have been adduced against me; and I hope the character I have always borne will incline my judges to a favourable interpretation, where any circumstance appears doubtful or suspicious.”

She then related that, by the permission of Elizabeth, she had passed the evening of the night on which the murder had been committed, at the house of an aunt at Chêne, a village situated at about a league from Geneva. On her return, at about nine o'clock, she met a man, who asked her if she had seen any thing of the child who was lost. She was alarmed by this account, and passed several hours in looking for him, when the gates of Geneva were shut, and she was forced to remain several hours of the night in a barn belonging to a cottage, being unwilling to call up the inhabitants, to whom she was well known. Unable to rest or sleep, she quitted her asylum early, that she might again endeavour to find my brother. If she had gone near the spot where his body lay, it was without her knowledge. That she had been bewildered when questioned by the market-woman, was not surprising, since she had passed a sleepless night, and the fate of poor William was yet uncertain. Concerning the picture she could give no account.

“I know,” continued the unhappy victim, “how heavily and fatally this one circumstance weighs against me, but I have no power of explaining it; and when I have expressed my utter ignorance, I am only left to conjecture concerning the probabilities by which it might have been placed in my pocket. But here also I am checked. I believe that I have no enemy on earth, and none surely would have been so wicked as to destroy me wantonly. Did the murderer place it there? I know of no opportunity afforded him for so doing; or if I had, why should he have stolen the jewel, to part with it again so soon?”

“I commit my cause to the justice of my judges, yet I see no room for hope. I beg permission to have a few witnesses examined concerning my character; and if their testimony shall not overweigh my supposed guilt, I must be condemned, although I would pledge my salvation on my innocence.”

Several witnesses were called, who had known her for many years, and they spoke well of her; but fear, and hatred of the crime of which they supposed her guilty, rendered them timorous, and unwilling to come forward. Elizabeth saw even this last resource, her excellent dispositions and irreproachable conduct, about to fail the accused, when, although violently agitated, she desired permission to address the court.

“I am,” said she, “the cousin of the unhappy child who was murdered, or rather his sister, for I was educated by and have lived with his parents ever since and even long before his birth. It may therefore be judged indecent in me to come forward on this occasion; but when I see a fellow-creature about to perish through the cowardice of her pretended friends, I wish to be allowed to speak, that I may say what I know of her character. I am well acquainted with the accused. I have lived in the same house with her, at one time for five, and at another for nearly two years. During all that period she appeared to me the most amiable and benevolent of human creatures. She nursed Madame Frankenstein, my aunt, in her last illness with the greatest affection and care; and afterwards attended her own mother during a tedious illness, in a manner that excited the admiration of all who knew her. After which she again lived in my uncle’s house, where she was beloved by all the family. She was warmly attached to the child who is now dead, and acted towards him like a most affectionate mother. For my own part, I do not hesitate to say, that, notwithstanding all the

evidence produced against her, I believe and rely on her perfect innocence. She had no temptation for such an action: as to the bauble on which the chief proof rests, if she had earnestly desired it, I should have willingly given it to her; so much do I esteem and value her.”

Excellent Elizabeth! A murmur of approbation was heard; but it was excited by her generous interference, and not in favour of poor Justine, on whom the public indignation was turned with renewed violence, charging her with the blackest ingratitude. She herself wept as Elizabeth spoke, but she did not answer. My own agitation and anguish was extreme during the whole trial. I believed in her innocence; I knew it. Could the dæmon, who had (I did not for a minute doubt) murdered my brother, also in his hellish sport have betrayed the innocent to death and ignominy. I could not sustain the horror of my situation; and when I perceived that the popular voice, and the countenances of the judges, had already condemned my unhappy victim, I rushed out of the court in agony. The tortures of the accused did not equal mine; she was sustained by innocence, but the fangs of remorse tore my bosom, and would not forego their hold.

I passed a night of unmingled wretchedness. In the morning I went to the court; my lips and throat were parched. I dared not ask the fatal question; but I was known, and the officer guessed the cause of my visit. The ballots had been thrown; they were all black, and Justine was condemned.

I cannot pretend to describe what I then felt. I had before experienced sensations of horror; and I have endeavoured to bestow upon them adequate expressions, but words cannot convey an idea of the heart-sickening despair that I then endured. The person to whom I addressed myself added, that Justine had already confessed her guilt. “That evidence,” he observed, “was hardly required in so glaring a case, but I am glad of it; and, indeed, none of our judges like to condemn a criminal upon circumstantial evidence, be it ever so decisive.”

When I returned home, Elizabeth eagerly demanded the result.

“My cousin,” replied I, “it is decided as you may have expected: all judges had rather that ten innocent should suffer, than that one guilty should escape. But she has confessed.”

This was a dire blow to poor Elizabeth, who had relied with firmness upon Justine's innocence. "Alas!" said she, "how shall I ever again believe in human benevolence? Justine, whom I loved and esteemed as my sister, how could she put on those smiles of innocence only to betray? Her mild eyes seemed incapable of any severity or ill-humour, and yet she has committed a murder."

Soon after we heard that the poor victim had expressed a wish to see my cousin. My father wished her not to go; but said, that he left it to her own judgment and feelings to decide. "Yes," said Elizabeth, "I will go, although she is guilty; and you, Victor, shall accompany me: I cannot go alone." The idea of this visit was torture to me, yet I could not refuse.

We entered the gloomy prison-chamber, and beheld Justine sitting on some straw at the further end; her hands were manacled, and her head rested on her knees. She rose on seeing us enter; and when we were left alone with her, she threw herself at the feet of Elizabeth, weeping bitterly. My cousin wept also.

"Oh, Justine!" said she, "why did you rob me of my last consolation. I relied on your innocence; and although I was then very wretched, I was not so miserable as I am now."

"And do you also believe that I am so very, very wicked? Do you also join with my enemies to crush me?" Her voice was suffocated with sobs.

"Rise, my poor girl," said Elizabeth, "why do you kneel, if you are innocent? I am not one of your enemies; I believed you guiltless, notwithstanding every evidence, until I heard that you had yourself declared your guilt. That report, you say, is false; and be assured, dear Justine, that nothing can shake my confidence in you for a moment, but your own confession."

"I did confess; but I confessed a lie. I confessed that I might obtain absolution; but now that falsehood lies heavier at my heart than all my other sins. The God of heaven forgive me! Ever since I was condemned, my confessor has besieged me; he threatened and menaced, until I almost began to think that I was the monster that he said I was. He threatened excommunication and hell fire in my last moments, if I continued obdurate. Dear lady, I had none to support me; all looked on me as a wretch doomed

to ignominy and perdition. What could I do? In an evil hour I subscribed to a lie; and now only am I truly miserable.”

She paused, weeping, and then continued: “I thought with horror, my sweet lady, that you should believe your Justine, whom your blessed aunt had so highly honoured, and whom you loved, was a creature capable of a crime which none but the devil himself could have perpetrated. Dear William! dearest blessed child! I soon shall see you again in heaven, where we shall all be happy; and that consoles me, going as I am to suffer ignominy and death.”

“Oh, Justine! forgive me for having for one moment distrusted you. Why did you confess? But do not mourn, my dear girl; I will everywhere proclaim your innocence, and force belief. Yet you must die; you, my playfellow, my companion, my more than sister. I never can survive so horrible a misfortune.”

“Dear, sweet Elizabeth, do not weep. You ought to raise me with thoughts of a better life, and elevate me from the petty cares of this world of injustice and strife. Do not you, excellent friend, drive me to despair.”

“I will try to comfort you; but this, I fear, is an evil too deep and poignant to admit of consolation, for there is no hope. Yet heaven bless thee, my dearest Justine, with resignation, and a confidence elevated beyond this world. Oh! how I hate its shews and mockeries! When one creature is murdered, another is immediately deprived of life in a slow torturing manner; then the executioners, their hands yet reeking with the blood of innocence, believe that they have done a great deed. They call this retribution. Hateful name! When that word is pronounced, I know greater and more horrid punishments are going to be inflicted than the gloomiest tyrant has ever invented to satiate his utmost revenge. Yet this is not consolation for you, my Justine, unless indeed that you may glory in escaping from so miserable a den. Alas! I would I were in peace with my aunt and my lovely William, escaped from a world which is hateful to me, and the visages of men which I abhor.”

Justine smiled languidly. “This, dear lady, is despair, and not resignation. I must not learn the lesson that you would teach me. Talk of something else, something that will bring peace, and not increase of misery.”

During this conversation I had retired to a corner of the prison-room, where I could conceal the horrid anguish that possessed me. Despair! Who dared talk of that? The poor victim, who on the morrow was to pass the dreary boundary between life and death, felt not as I did, such deep and bitter agony. I gnashed my teeth, and ground them together, uttering a groan that came from my inmost soul. Justine started. When she saw who it was, she approached me, and said, "Dear Sir, you are very kind to visit me; you, I hope, do not believe that I am guilty."

I could not answer. "No, Justine," said Elizabeth; "he is more convinced of your innocence than I was; for even when he heard that you had confessed, he did not credit it."

"I truly thank him. In these last moments I feel the sincerest gratitude towards those who think of me with kindness. How sweet is the affection of others to such a wretch as I am! It removes more than half my misfortune; and I feel as if I could die in peace, now that my innocence is acknowledged by you, dear lady, and your cousin."

Thus the poor sufferer tried to comfort others and herself. She indeed gained the resignation she desired. But I, the true murderer, felt the never-dying worm alive in my bosom, which allowed of no hope or consolation. Elizabeth also wept, and was unhappy; but her's also was the misery of innocence, which, like a cloud that passes over the fair moon, for a while hides, but cannot tarnish its brightness. Anguish and despair had penetrated into the core of my heart; I bore a hell within me, which nothing could extinguish. We staid several hours with Justine; and it was with great difficulty that Elizabeth could tear herself away. "I wish," cried she, "that I were to die with you; I cannot live in this world of misery."

Justine assumed an air of cheerfulness, while she with difficulty repressed her bitter tears. She embraced Elizabeth, and said, in a voice of half-suppressed emotion, "Farewell, sweet lady, dearest Elizabeth, my beloved and only friend; may heaven in its bounty bless and preserve you; may this be the last misfortune that you will ever suffer. Live, and be happy, and make others so."

As we returned, Elizabeth said, "You know not, my dear Victor, how much I am relieved, now that I trust in the innocence of this unfortunate girl. I never could again have known peace, if I had been deceived in my

reliance on her. For the moment that I did believe her guilty, I felt an anguish that I could not have long sustained. Now my heart is lightened. The innocent suffers; but she whom I thought amiable and good has not betrayed the trust I reposed in her, and I am consoled.”

Amiable cousin! such were your thoughts, mild and gentle as your own dear eyes and voice. But I... I was a wretch, and none ever conceived of the misery that I then endured.

END OF VOLUME I

VOLUME II

CHAPTER I

Nothing is more painful to the human mind, than, after the feelings have been worked up by a quick succession of events, the dead calmness of inaction and certainty which follows, and deprives the soul both of hope and fear. Justine died; she rested; and I was alive. The blood flowed freely in my veins, but a weight of despair and remorse pressed on my heart, which nothing could remove. Sleep fled from my eyes; I wandered like an evil spirit, for I had committed deeds of mischief beyond description horrible, and more, much more, (I persuaded myself) was yet behind. Yet my heart overflowed with kindness, and the love of virtue. I had begun life with benevolent intentions, and thirsted for the moment when I should put them in practice, and make myself useful to my fellow-beings. Now all was blasted: instead of that serenity of conscience, which allowed me to look back upon the past with self-satisfaction, and from thence to gather promise of new hopes, I was seized by remorse and the sense of guilt, which hurried me away to a hell of intense tortures, such as no language can describe.

This state of mind preyed upon my health, which had entirely recovered from the first shock it had sustained. I shunned the face of man; all sound of joy or complacency was torture to me; solitude was my only consolation – deep, dark, death-like solitude.

My father observed with pain the alteration perceptible in my disposition and habits, and endeavoured to reason with me on the folly of giving way to immoderate grief. “Do you think, Victor,” said he, “that I do not suffer also? No one could love a child more than I loved your brother;” (tears came into his eyes as he spoke); “but is it not a duty to the survivors, that we should refrain from augmenting their unhappiness by an appearance of immoderate grief? It is also a duty owed to yourself; for excessive sorrow prevents improvement or enjoyment, or even the discharge of daily usefulness, without which no man is fit for society.”

This advice, although good, was totally inapplicable to my case; I should have been the first to hide my grief, and console my friends, if remorse had not mingled its bitterness with my other sensations. Now I could only answer my father with a look of despair, and endeavour to hide myself from his view.

About this time we retired to our house at Belrive. This change was particularly agreeable to me. The shutting of the gates regularly at ten o'clock, and the impossibility of remaining on the lake after that hour, had rendered our residence within the walls of Geneva very irksome to me. I was now free. Often, after the rest of the family had retired for the night, I took the boat, and passed many hours upon the water. Sometimes, with my sails set, I was carried by the wind; and sometimes, after rowing into the middle of the lake, I left the boat to pursue its own course, and gave way to my own miserable reflections. I was often tempted, when all was at peace around me, and I the only unquiet thing that wandered restless in a scene so beautiful and heavenly, if I except some bat, or the frogs, whose harsh and interrupted croaking was heard only when I approached the shore – often, I say, I was tempted to plunge into the silent lake, that the waters might close over me and my calamities forever. But I was restrained, when I thought of the heroic and suffering Elizabeth, whom I tenderly loved, and whose existence was bound up in mine. I thought also of my father, and surviving brother: should I by my base desertion leave them exposed and unprotected to the malice of the fiend whom I had let loose among them?

At these moments I wept bitterly, and wished that peace would revisit my mind only that I might afford them consolation and happiness. But that could not be. Remorse extinguished every hope. I had been the author of unalterable evils; and I lived in daily fear, lest the monster whom I had created should perpetrate some new wickedness. I had an obscure feeling that all was not over, and that he would still commit some signal crime, which by its enormity should almost efface the recollection of the past. There was always scope for fear, so long as any thing I loved remained behind. My abhorrence of this fiend cannot be conceived. When I thought of him, I gnashed my teeth, my eyes became inflamed, and I ardently wished to extinguish that life which I had so thoughtlessly bestowed. When I reflected on his crimes and malice, my hatred and revenge burst all bounds of moderation. I would have made a pilgrimage to the highest peak of the Andes, could I, when there, have precipitated him to their base. I wished to see him again, that I might wreak the utmost extent of anger on his head, and avenge the deaths of William and Justine.

Our house was the house of mourning. My father's health was deeply shaken by the horror of the recent events. Elizabeth was sad and

desponding; she no longer took delight in her ordinary occupations; all pleasure seemed to her sacrilege toward the dead; eternal woe and tears she then thought was the just tribute she should pay to innocence so blasted and destroyed. She was no longer that happy creature, who in earlier youth wandered with me on the banks of the lake, and talked with ecstasy of our future prospects. She had become grave, and often conversed of the inconstancy of fortune, and the instability of human life.

“When I reflect, my dear cousin,” said she, “on the miserable death of Justine Moritz, I no longer see the world and its works as they before appeared to me. Before, I looked upon the accounts of vice and injustice, that I read in books or heard from others, as tales of ancient days, or imaginary evils; at least they were remote, and more familiar to reason than to the imagination; but now misery has come home, and men appear to me as monsters thirsting for each other’s blood. Yet I am certainly unjust. Everybody believed that poor girl to be guilty; and if she could have committed the crime for which she suffered, assuredly she would have been the most depraved of human creatures. For the sake of a few jewels, to have murdered the son of her benefactor and friend, a child whom she had nursed from its birth, and appeared to love as if it had been her own! I could not consent to the death of any human being; but certainly I should have thought such a creature unfit to remain in the society of men. Yet she was innocent. I know, I feel she was innocent; you are of the same opinion, and that confirms me. Alas! Victor, when falsehood can look so like the truth, who can assure themselves of certain happiness? I feel as if I were walking on the edge of a precipice, towards which thousands are crowding, and endeavouring to plunge me into the abyss. William and Justine were assassinated, and the murderer escapes; he walks about the world free, and perhaps respected. But even if I were condemned to suffer on the scaffold for the same crimes, I would not change places with such a wretch.”

I listened to this discourse with the extremest agony. I, not in deed, but in effect, was the true murderer. Elizabeth read my anguish in my countenance, and kindly taking my hand said, “My dearest cousin, you must calm yourself. These events have affected me, God knows how deeply; but I am not so wretched as you are. There is an expression of despair, and sometimes of revenge, in your countenance, that makes me tremble. Be calm, my dear Victor; I would sacrifice my life to your peace. We surely

shall be happy: quiet in our native country, and not mingling in the world, what can disturb our tranquillity?"

She shed tears as she said this, distrusting the very solace that she gave; but at the same time she smiled, that she might chase away the fiend that lurked in my heart. My father, who saw in the unhappiness that was painted in my face only an exaggeration of that sorrow which I might naturally feel, thought that an amusement suited to my taste would be the best means of restoring to me my wonted serenity. It was from this cause that he had removed to the country; and, induced by the same motive, he now proposed that we should all make an excursion to the valley of Chamounix. I had been there before, but Elizabeth and Ernest never had; and both had often expressed an earnest desire to see the scenery of this place, which had been described to them as so wonderful and sublime. Accordingly we departed from Geneva on this tour about the middle of the month of August, nearly two months after the death of Justine.

The weather was uncommonly fine; and if mine had been a sorrow to be chased away by any fleeting circumstance, this excursion would certainly have had the effect intended by my father. As it was, I was somewhat interested in the scene; it sometimes lulled, although it could not extinguish my grief. During the first day we travelled in a carriage. In the morning we had seen the mountains at a distance, towards which we gradually advanced. We perceived that the valley through which we wound, and which was formed by the river Arve, whose course we followed, closed in upon us by degrees; and when the sun had set, we beheld immense mountains and precipices overhanging us on every side, and heard the sound of the river raging among rocks, and the dashing of water-falls around.

The next day we pursued our journey upon mules; and as we ascended still higher, the valley assumed a more magnificent and astonishing character. Ruined castles hanging on the precipices of piny mountains; the impetuous Arve, and cottages every here and there peeping forth from among the trees, formed a scene of singular beauty. But it was augmented and rendered sublime by the mighty Alps, whose white and shining pyramids and domes towered above all, as belonging to another earth, the habitations of another race of beings.

We passed the bridge of Pelissier, where the ravine, which the river forms, opened before us, and we began to ascend the mountain that overhangs it. Soon after we entered the valley of Chamounix. This valley is more wonderful and sublime, but not so beautiful and picturesque as that of Servox, through which we had just passed. The high and snowy mountains were its immediate boundaries; but we saw no more ruined castles and fertile fields. Immense glaciers approached the road; we heard the rumbling thunder of the falling avalanche, and marked the smoke of its passage. Mont Blanc, the supreme and magnificent Mont Blanc, raised itself from the surrounding aiguilles, and its tremendous dome overlooked the valley.

During this journey, I sometimes joined Elizabeth, and exerted myself to point out to her the various beauties of the scene. I often suffered my mule to lag behind, and indulged in the misery of reflection. At other times I spurred on the animal before my companions, that I might forget them, the world, and, more than all, myself. When at a distance, I alighted, and threw myself on the grass, weighed down by horror and despair. At eight in the evening I arrived at Chamounix. My father and Elizabeth were very much fatigued; Ernest, who accompanied us, was delighted, and in high spirits: the only circumstance that detracted from his pleasure was the south wind, and the rain it seemed to promise for the next day.

We retired early to our apartments, but not to sleep: at least I did not. I remained many hours at the window, watching the pallid lightning that played above Mont Blanc, and listening to the rushing of the Arve, which ran below my window.

CHAPTER II

The next day, contrary to the prognostications of our guides, was fine, although clouded. We visited the source of the Arveiron, and rode about the valley until evening. These sublime and magnificent scenes afforded me the greatest consolation that I was capable of receiving. They elevated me from all littleness of feeling; and although they did not remove my grief, they subdued and tranquillized it. In some degree, also, they diverted my mind from the thoughts over which it had brooded for the last month. I returned in the evening, fatigued, but less unhappy, and conversed with my family with more cheerfulness than had been my custom for some time. My father was pleased, and Elizabeth overjoyed. "My dear cousin," said she, "you see what happiness you diffuse when you are happy; do not relapse again!"

The following morning the rain poured down in torrents, and thick mists hid the summits of the mountains. I rose early, but felt unusually melancholy. The rain depressed me; my old feelings recurred, and I was miserable. I knew how disappointed my father would be at this sudden change, and I wished to avoid him until I had recovered myself so far as to be enabled to conceal those feelings that overpowered me. I knew that they would remain that day at the inn; and as I had ever inured myself to rain, moisture, and cold, I resolved to go alone to the summit of Montanvert. I remembered the effect that the view of the tremendous and ever-moving glacier had produced upon my mind when I first saw it. It had then filled me with a sublime ecstasy that gave wings to the soul, and allowed it to soar from the obscure world to light and joy. The sight of the awful and majestic in nature had indeed always the effect of solemnizing my mind, and causing me to forget the passing cares of life. I determined to go alone, for I was well acquainted with the path, and the presence of another would destroy the solitary grandeur of the scene.

The ascent is precipitous, but the path is cut into continual and short windings, which enable you to surmount the perpendicularity of the mountain. It is a scene terrifically desolate. In a thousand spots the traces of the winter avalanche may be perceived, where trees lie broken and strewed on the ground; some entirely destroyed, others bent, leaning upon the jutting rocks of the mountain, or transversely upon other trees. The path, as

you ascend higher, is intersected by ravines of snow, down which stones continually roll from above; one of them is particularly dangerous, as the slightest sound, such as even speaking in a loud voice, produces a concussion of air sufficient to draw destruction upon the head of the speaker. The pines are not tall or luxuriant, but they are sombre, and add an air of severity to the scene. I looked on the valley beneath; vast mists were rising from the rivers which ran through it, and curling in thick wreaths around the opposite mountains, whose summits were hid in the uniform clouds, while rain poured from the dark sky, and added to the melancholy impression I received from the objects around me. Alas! why does man boast of sensibilities superior to those apparent in the brute; it only renders them more necessary beings. If our impulses were confined to hunger, thirst, and desire, we might be nearly free; but now we are moved by every wind that blows, and a chance word or scene that that word may convey to us.

We rest; a dream has power to poison sleep.
We rise; one wand'ring thought pollutes the day.
We feel, conceive, or reason; laugh, or weep,
Embrace fond woe, or cast our cares away;
It is the same: for, be it joy or sorrow,
The path of its departure still is free.
Man's yesterday may ne'er be like his morrow;
Nought may endure but mutability!

It was nearly noon when I arrived at the top of the ascent. For some time I sat upon the rock that overlooks the sea of ice. A mist covered both that and the surrounding mountains. Presently a breeze dissipated the cloud, and I descended upon the glacier. The surface is very uneven, rising like the waves of a troubled sea, descending low, and interspersed by rifts that sink deep. The field of ice is almost a league in width, but I spent nearly two hours in crossing it. The opposite mountain is a bare perpendicular rock. From the side where I now stood Montanvert was exactly opposite, at the distance of a league; and above it rose Mont Blanc, in awful majesty. I remained in a recess of the rock, gazing on this wonderful and stupendous

scene. The sea, or rather the vast river of ice, wound among its dependent mountains, whose ærial summits hung over its recesses. Their icy and glittering peaks shone in the sunlight over the clouds. My heart, which was before sorrowful, now swelled with something like joy; I exclaimed: "Wandering spirits, if indeed ye wander, and do not rest in your narrow beds, allow me this faint happiness, or take me, as your companion, away from the joys of life."

As I said this, I suddenly beheld the figure of a man, at some distance, advancing towards me with superhuman speed. He bounded over the crevices in the ice, among which I had walked with caution; his stature also, as he approached, seemed to exceed that of man. I was troubled: a mist came over my eyes, and I felt a faintness seize me; but I was quickly restored by the cold gale of the mountains. I perceived, as the shape came nearer, (sight tremendous and abhorred!) that it was the wretch whom I had created. I trembled with rage and horror, resolving to wait his approach, and then close with him in mortal combat. He approached; his countenance bespoke bitter anguish, combined with disdain and malignity, while its unearthly ugliness rendered it almost too horrible for human eyes. But I scarcely observed this; anger and hatred had at first deprived me of utterance, and I recovered only to overwhelm him with words expressive of furious detestation and contempt.

"Devil!" I exclaimed, "do you dare approach me? and do not you fear the fierce vengeance of my arm wreaked on your miserable head? Begone, vile insect! or rather stay, that I may trample you to dust! and, oh, that I could, with the extinction of your miserable existence, restore those victims whom you have so diabolically murdered!"

"I expected this reception," said the dæmon. "All men hate the wretched; how then must I be hated, who am miserable beyond all living things! Yet you, my creator, detest and spurn me, thy creature, to whom thou art bound by ties only dissoluble by the annihilation of one of us. You purpose to kill me. How dare you sport thus with life? Do your duty towards me, and I will do mine towards you and the rest of mankind. If you will comply with my conditions, I will leave them and you at peace; but if you refuse, I will glut the maw of death, until it be satiated with the blood of your remaining friends."

“Abhorred monster! fiend that thou art! the tortures of hell are too mild a vengeance for thy crimes. Wretched devil! you reproach me with your creation; come on then, that I may extinguish the spark which I so negligently bestowed.”

My rage was without bounds; I sprang on him, impelled by all the feelings which can arm one being against the existence of another.

He easily eluded me, and said,

“Be calm! I entreat you to hear me, before you give vent to your hatred on my devoted head. Have I not suffered enough, that you seek to increase my misery? Life, although it may only be an accumulation of anguish, is dear to me, and I will defend it. Remember, thou hast made me more powerful than thyself; my height is superior to thine; my joints more supple. But I will not be tempted to set myself in opposition to thee. I am thy creature, and I will be even mild and docile to my natural lord and king, if thou wilt also perform thy part, the which thou owest me. Oh, Frankenstein, be not equitable to every other, and trample upon me alone, to whom thy justice, and even thy clemency and affection, is most due. Remember, that I am thy creature: I ought to be thy Adam; but I am rather the fallen angel, whom thou drivest from joy for no misdeed. Everywhere I see bliss, from which I alone am irrevocably excluded. I was benevolent and good; misery made me a fiend. Make me happy, and I shall again be virtuous.”

“Begone! I will not hear you. There can be no community between you and me; we are enemies. Begone, or let us try our strength in a fight, in which one must fall.”

“How can I move thee? Will no entreaties cause thee to turn a favourable eye upon thy creature, who implores thy goodness and compassion? Believe me, Frankenstein: I was benevolent; my soul glowed with love and humanity: but am I not alone, miserably alone? You, my creator, abhor me; what hope can I gather from your fellow-creatures, who owe me nothing? they spurn and hate me. The desert mountains and dreary glaciers are my refuge. I have wandered here many days; the caves of ice, which I only do not fear, are a dwelling to me, and the only one which man does not grudge. These bleak skies I hail, for they are kinder to me than your fellow-beings. If the multitude of mankind knew of my existence, they would do as you do, and arm themselves for my destruction. Shall I not then

hate them who abhor me? I will keep no terms with my enemies. I am miserable, and they shall share my wretchedness. Yet it is in your power to recompense me, and deliver them from an evil which it only remains for you to make so great, that not only you and your family, but thousands of others, shall be swallowed up in the whirlwinds of its rage. Let your compassion be moved, and do not disdain me. Listen to my tale: when you have heard that, abandon or commiserate me, as you shall judge that I deserve. But hear me. The guilty are allowed, by human laws, bloody as they may be, to speak in their own defence before they are condemned. Listen to me, Frankenstein. You accuse me of murder; and yet you would, with a satisfied conscience, destroy your own creature. Oh, praise the eternal justice of man! Yet I ask you not to spare me: listen to me; and then, if you can, and if you will, destroy the work of your hands.”

“Why do you call to my remembrance circumstances of which I shudder to reflect, that I have been the miserable origin and author? Cursed be the day, abhorred devil, in which you first saw light! Cursed (although I curse myself) be the hands that formed you! You have made me wretched beyond expression. You have left me no power to consider whether I am just to you, or not. Begone! relieve me from the sight of your detested form.”

“Thus I relieve thee, my creator,” he said, and placed his hated hands before my eyes, which I flung from me with violence; “thus I take from thee a sight which you abhor. Still thou canst listen to me, and grant me thy compassion. By the virtues that I once possessed, I demand this from you. Hear my tale; it is long and strange, and the temperature of this place is not fitting to your fine sensations; come to the hut upon the mountain. The sun is yet high in the heavens; before it descends to hide itself behind yon snowy precipices, and illuminate another world, you will have heard my story, and can decide. On you it rests, whether I quit forever the neighbourhood of man, and lead a harmless life, or become the scourge of your fellow-creatures, and the author of your own speedy ruin.”

As he said this, he led the way across the ice: I followed. My heart was full, and I did not answer him; but, as I proceeded, I weighed the various arguments that he had used, and determined at least to listen to his tale. I was partly urged by curiosity, and compassion confirmed my resolution. I had hitherto supposed him to be the murderer of my brother, and I eagerly sought a confirmation or denial of this opinion. For the first time, also, I felt

what the duties of a creator towards his creature were, and that I ought to render him happy before I complained of his wickedness. These motives urged me to comply with his demand. We crossed the ice, therefore, and ascended the opposite rock. The air was cold, and the rain again began to descend: we entered the hut, the fiend with an air of exultation, I with a heavy heart, and depressed spirits. But I consented to listen; and, seating myself by the fire which my odious companion had lighted, he thus began his tale.

CHAPTER III

“It is with considerable difficulty that I remember the original æra of my being: all the events of that period appear confused and indistinct. A strange multiplicity of sensations seized me, and I saw, felt, heard, and smelt, at the same time; and it was, indeed, a long time before I learned to distinguish between the operations of my various senses. By degrees, I remember, a stronger light pressed upon my nerves, so that I was obliged to shut my eyes. Darkness then came over me, and troubled me; but hardly had I felt this, when, by opening my eyes, as I now suppose, the light poured in upon me again. I walked, and, I believe, descended; but I presently found a great alteration in my sensations. Before, dark and opaque bodies had surrounded me, impervious to my touch or sight; but I now found that I could wander on at liberty, with no obstacles which I could not either surmount or avoid. The light became more and more oppressive to me; and, the heat wearying me as I walked, I sought a place where I could receive shade. This was the forest near Ingolstadt; and here I lay by the side of a brook resting from my fatigue, until I felt tormented by hunger and thirst. This roused me from my nearly dormant state, and I ate some berries which I found hanging on the trees, or lying on the ground. I slaked my thirst at the brook; and then lying down, was overcome by sleep.

“It was dark when I awoke; I felt cold also, and half-frightened as it were instinctively, finding myself so desolate. Before I had quitted your apartment, on a sensation of cold, I had covered myself with some clothes; but these were insufficient to secure me from the dews of night. I was a poor, helpless, miserable wretch; I knew, and could distinguish, nothing; but, feeling pain invade me on all sides, I sat down and wept.

“Soon a gentle light stole over the heavens, and gave me a sensation of pleasure. I started up, and beheld a radiant form rise from among the trees. I gazed with a kind of wonder. It moved slowly, but it enlightened my path; and I again went out in search of berries. I was still cold, when under one of the trees I found a huge cloak, with which I covered myself, and sat down upon the ground. No distinct ideas occupied my mind; all was confused. I felt light, and hunger, and thirst, and darkness; innumerable sounds rung in my ears, and on all sides various scents saluted me: the only object that I

could distinguish was the bright moon, and I fixed my eyes on that with pleasure.

“Several changes of day and night passed, and the orb of night had greatly lessened when I began to distinguish my sensations from each other. I gradually saw plainly the clear stream that supplied me with drink, and the trees that shaded me with their foliage. I was delighted when I first discovered that a pleasant sound, which often saluted my ears, proceeded from the throats of the little winged animals who had often intercepted the light from my eyes. I began also to observe, with greater accuracy, the forms that surrounded me, and to perceive the boundaries of the radiant roof of light which canopied me. Sometimes I tried to imitate the pleasant songs of the birds, but was unable. Sometimes I wished to express my sensations in my own mode, but the uncouth and inarticulate sounds which broke from me frightened me into silence again.

“The moon had disappeared from the night, and again, with a lessened form, shewed itself, while I still remained in the forest. My sensations had, by this time, become distinct, and my mind received every day additional ideas. My eyes became accustomed to the light, and to perceive objects in their right forms; I distinguished the insect from the herb, and, by degrees, one herb from another. I found that the sparrow uttered none but harsh notes, whilst those of the blackbird and thrush were sweet and enticing.

“One day, when I was oppressed by cold, I found a fire which had been left by some wandering beggars, and was overcome with delight at the warmth I experienced from it. In my joy I thrust my hand into the live embers, but quickly drew it out again with a cry of pain. How strange, I thought, that the same cause should produce such opposite effects! I examined the materials of the fire, and to my joy found it to be composed of wood. I quickly collected some branches; but they were wet, and would not burn. I was pained at this, and sat still watching the operation of the fire. The wet wood which I had placed near the heat dried, and itself became inflamed. I reflected on this; and, by touching the various branches, I discovered the cause, and busied myself in collecting a great quantity of wood, that I might dry it, and have a plentiful supply of fire. When night came on, and brought sleep with it, I was in the greatest fear lest my fire should be extinguished. I covered it carefully with dry wood and leaves, and

placed wet branches upon it; and then, spreading my cloak, I lay on the ground, and sunk into sleep.

“It was morning when I awoke, and my first care was to visit the fire. I uncovered it, and a gentle breeze quickly fanned it into a flame. I observed this also, and contrived a fan of branches, which roused the embers when they were nearly extinguished. When night came again, I found, with pleasure, that the fire gave light as well as heat; and that the discovery of this element was useful to me in my food; for I found some of the offals that the travellers had left had been roasted, and tasted much more savoury than the berries I gathered from the trees. I tried, therefore, to dress my food in the same manner, placing it on the live embers. I found that the berries were spoiled by this operation, and the nuts and roots much improved.

“Food, however, became scarce; and I often spent the whole day searching in vain for a few acorns to assuage the pangs of hunger. When I found this, I resolved to quit the place that I had hitherto inhabited, to seek for one where the few wants I experienced would be more easily satisfied. In this emigration, I exceedingly lamented the loss of the fire which I had obtained through accident, and knew not how to re-produce it. I gave several hours to the serious consideration of this difficulty; but I was obliged to relinquish all attempt to supply it; and, wrapping myself up in my cloak, I struck across the wood towards the setting sun. I passed three days in these rambles, and at length discovered the open country. A great fall of snow had taken place the night before, and the fields were of one uniform white; the appearance was disconsolate, and I found my feet chilled by the cold damp substance that covered the ground.

“It was about seven in the morning, and I longed to obtain food and shelter; at length I perceived a small hut, on a rising ground, which had doubtless been built for the convenience of some shepherd. This was a new sight to me; and I examined the structure with great curiosity. Finding the door open, I entered. An old man sat in it, near a fire, over which he was preparing his breakfast. He turned on hearing a noise; and, perceiving me, shrieked loudly, and, quitting the hut, ran across the fields with a speed of which his debilitated form hardly appeared capable. His appearance, different from any I had ever before seen, and his flight, somewhat surprised me. But I was enchanted by the appearance of the hut: here the snow and rain could not penetrate; the ground was dry; and it presented to

me then as exquisite and divine a retreat as Pandæmonium appeared to the dæmons of hell after their sufferings in the lake of fire. I greedily devoured the remnants of the shepherd's breakfast, which consisted of bread, cheese, milk, and wine; the latter, however, I did not like. Then overcome by fatigue, I lay down among some straw, and fell asleep.

"It was noon when I awoke; and, allured by the warmth of the sun, which shone brightly on the white ground, I determined to recommence my travels; and, depositing the remains of the peasant's breakfast in a wallet I found, I proceeded across the fields for several hours, until at sunset I arrived at a village. How miraculous did this appear! the huts, the neater cottages, and stately houses, engaged my admiration by turns. The vegetables in the gardens, the milk and cheese that I saw placed at the windows of some of the cottages, allured my appetite. One of the best of these I entered; but I had hardly placed my foot within the door, before the children shrieked, and one of the women fainted. The whole village was roused; some fled, some attacked me, until, grievously bruised by stones and many other kinds of missile weapons, I escaped to the open country, and fearfully took refuge in a low hovel, quite bare, and making a wretched appearance after the palaces I had beheld in the village. This hovel, however, joined a cottage of a neat and pleasant appearance; but, after my late dearly-bought experience, I dared not enter it. My place of refuge was constructed of wood, but so low, that I could with difficulty sit upright in it. No wood, however, was placed on the earth, which formed the floor, but it was dry; and although the wind entered it by innumerable chinks, I found it an agreeable asylum from the snow and rain.

"Here then I retreated, and lay down, happy to have found a shelter, however miserable, from the inclemency of the season, and still more from the barbarity of man.

"As soon as morning dawned, I crept from my kennel, that I might view the adjacent cottage, and discover if I could remain in the habitation I had found. It was situated against, the back of the cottage, and surrounded on the sides which were exposed by a pig-stye and a clear pool of water. One part was open, and by that I had crept in; but now I covered every crevice by which I might be perceived with stones and wood, yet in such a manner that I might move them on occasion to pass out: all the light I enjoyed came through the stye, and that was sufficient for me.

“Having thus arranged my dwelling, and carpeted it with clean straw, I retired; for I saw the figure of a man at a distance, and I remembered too well my treatment the night before, to trust myself in his power. I had first, however, provided for my sustenance for that day, by a loaf of coarse bread, which I purloined, and a cup with which I could drink, more conveniently than from my hand, of the pure water which flowed by my retreat. The floor was a little raised, so that it was kept perfectly dry, and by its vicinity to the chimney of the cottage it was tolerably warm.

“Being thus provided, I resolved to reside in this hovel, until something should occur which might alter my determination. It was indeed a paradise, compared to the bleak forest, my former residence, the rain-dropping branches, and dank earth. I ate my breakfast with pleasure, and was about to remove a plank to procure myself a little water, when I heard a step, and, looking through a small chink, I beheld a young creature, with a pail on her head, passing before my hovel. The girl was young and of gentle demeanour, unlike what I have since found cottagers and farm-house servants to be. Yet she was meanly dressed, a coarse blue petticoat and a linen jacket being her only garb; her fair hair was plaited, but not adorned; she looked patient, yet sad. I lost sight of her; and in about a quarter of an hour she returned, bearing the pail, which was now partly filled with milk. As she walked along, seemingly incommoded by the burden, a young man met her, whose countenance expressed a deeper despondence. Uttering a few sounds with an air of melancholy, he took the pail from her head, and bore it to the cottage himself. She followed, and they disappeared. Presently I saw the young man again, with some tools in his hand, cross the field behind the cottage; and the girl was also busied, sometimes in the house, and sometimes in the yard.

“On examining my dwelling, I found that one of the windows of the cottage had formerly occupied a part of it, but the panes had been filled up with wood. In one of these was a small and almost imperceptible chink, through which the eye could just penetrate. Through this crevice, a small room was visible, white-washed and clean, but very bare of furniture. In one corner, near a small fire, sat an old man, leaning his head on his hands in a disconsolate attitude. The young girl was occupied in arranging the cottage; but presently she took something out of a drawer, which employed her hands, and she sat down beside the old man, who, taking up an

instrument, began to play, and to produce sounds, sweeter than the voice of the thrush or the nightingale. It was a lovely sight, even to me, poor wretch! who had never beheld aught beautiful before. The silver hair and benevolent countenance of the aged cottager, won my reverence; while the gentle manners of the girl enticed my love. He played a sweet mournful air, which I perceived drew tears from the eyes of his amiable companion, of which the old man took no notice, until she sobbed audibly; he then pronounced a few sounds, and the fair creature, leaving her work, knelt at his feet. He raised her, and smiled with such kindness and affection, that I felt sensations of a peculiar and over-powering nature: they were a mixture of pain and pleasure, such as I had never before experienced, either from hunger or cold, warmth or food; and I withdrew from the window, unable to bear these emotions.

“Soon after this the young man returned, bearing on his shoulders a load of wood. The girl met him at the door, helped to relieve him of his burden, and, taking some of the fuel into the cottage, placed it on the fire; then she and the youth went apart into a nook of the cottage, and he shewed her a large loaf and a piece of cheese. She seemed pleased; and went into the garden for some roots and plants, which she placed in water, and then upon the fire. She afterwards continued her work, whilst the young man went into the garden, and appeared busily employed in digging and pulling up roots. After he had been employed thus about an hour, the young woman joined him, and they entered the cottage together.

“The old man had, in the mean time, been pensive; but, on the appearance of his companions, he assumed a more cheerful air, and they sat down to eat. The meal was quickly dispatched. The young woman was again occupied in arranging the cottage; the old man walked before the cottage in the sun for a few minutes, leaning on the arm of the youth. Nothing could exceed in beauty the contrast between these two excellent creatures. One was old, with silver hairs and a countenance beaming with benevolence and love: the younger was slight and graceful in his figure, and his features were moulded with the finest symmetry; yet his eyes and attitude expressed the utmost sadness and despondency. The old man returned to the cottage; and the youth, with tools different from those he had used in the morning, directed his steps across the fields.

“Night quickly shut in; but, to my extreme wonder, I found that the cottagers had a means of prolonging light, by the use of tapers, and was delighted to find, that the setting of the sun did not put an end to the pleasure I experienced in watching my human neighbours. In the evening, the young girl and her companion were employed in various occupations which I did not understand; and the old man again took up the instrument, which produced the divine sounds that had enchanted me in the morning. So soon as he had finished, the youth began, not to play, but to utter sounds that were monotonous, and neither resembling the harmony of the old man’s instrument or the songs of the birds; I since found that he read aloud, but at that time I knew nothing of the science of words or letters.

“The family, after having been thus occupied for a short time, extinguished their lights, and retired, as I conjectured, to rest.”

CHAPTER IV

“I lay on my straw, but I could not sleep. I thought of the occurrences of the day. What chiefly struck me was the gentle manners of these people; and I longed to join them, but dared not. I remembered too well the treatment I had suffered the night before from the barbarous villagers, and resolved, whatever course of conduct I might hereafter think it right to pursue, that for the present I would remain quietly in my hovel, watching, and endeavouring to discover the motives which influenced their actions.

“The cottagers arose the next morning before the sun. The young woman arranged the cottage, and prepared the food; and the youth departed after the first meal.

“This day was passed in the same routine as that which preceded it. The young man was constantly employed out of doors, and the girl in various laborious occupations within. The old man, whom I soon perceived to be blind, employed his leisure hours on his instrument, or in contemplation. Nothing could exceed the love and respect which the younger cottagers exhibited towards their venerable companion. They performed towards him every little office of affection and duty with gentleness; and he rewarded them by his benevolent smiles.

“They were not entirely happy. The young man and his companion often went apart, and appeared to weep. I saw no cause for their unhappiness; but I was deeply affected by it. If such lovely creatures were miserable, it was less strange that I, an imperfect and solitary being, should be wretched. Yet why were these gentle beings unhappy? They possessed a delightful house (for such it was in my eyes), and every luxury; they had a fire to warm them when chill, and delicious viands when hungry; they were dressed in excellent clothes; and, still more, they enjoyed one another’s company and speech, interchanging each day looks of affection and kindness. What did their tears imply? Did they really express pain? I was at first unable to solve these questions; but perpetual attention, and time, explained to me many appearances which were at first enigmatic.

“A considerable period elapsed before I discovered one of the causes of the uneasiness of this amiable family; it was poverty: and they suffered that

evil in a very distressing degree. Their nourishment consisted entirely of the vegetables of their garden, and the milk of one cow, who gave very little during the winter, when its masters could scarcely procure food to support it. They often, I believe, suffered the pangs of hunger very poignantly, especially the two younger cottagers; for several times they placed food before the old man, when they reserved none for themselves.

“This trait of kindness moved me sensibly. I had been accustomed, during the night, to steal a part of their store for my own consumption; but when I found that in doing this I inflicted pain on the cottagers, I abstained, and satisfied myself with berries, nuts, and roots, which I gathered from a neighbouring wood.

“I discovered also another means through which I was enabled to assist their labours. I found that the youth spent a great part of each day in collecting wood for the family fire; and, during the night, I often took his tools, the use of which I quickly discovered, and brought home firing sufficient for the consumption of several days.

“I remember, the first time that I did this, the young woman, when she opened the door in the morning, appeared greatly astonished on seeing a great pile of wood on the outside. She uttered some words in a loud voice, and the youth joined her, who also expressed surprise. I observed, with pleasure, that he did not go to the forest that day, but spent it in repairing the cottage, and cultivating the garden.

“By degrees I made a discovery of still greater moment. I found that these people possessed a method of communicating their experience and feelings to one another by articulate sounds. I perceived that the words they spoke sometimes produced pleasure or pain, smiles or sadness, in the minds and countenances of the hearers. This was indeed a godlike science, and I ardently desired to become acquainted with it. But I was baffled in every attempt I made for this purpose. Their pronunciation was quick; and the words they uttered, not having any apparent connexion with visible objects, I was unable to discover any clue by which I could unravel the mystery of their reference. By great application, however, and after having remained during the space of several revolutions of the moon in my hovel, I discovered the names that were given to some of the most familiar objects of discourse: I learned and applied the words fire, milk, bread, and wood. I

learned also the names of the cottagers themselves. The youth and his companion had each of them several names, but the old man had only one, which was father. The girl was called sister, or Agatha; and the youth Felix, brother, or son. I cannot describe the delight I felt when I learned the ideas appropriated to each of these sounds, and was able to pronounce them. I distinguished several other words, without being able as yet to understand or apply them; such as good, dearest, unhappy.

“I spent the winter in this manner. The gentle manners and beauty of the cottagers greatly endeared them to me: when they were unhappy, I felt depressed; when they rejoiced, I sympathized in their joys. I saw few human beings beside them; and if any other happened to enter the cottage, their harsh manners and rude gait only enhanced to me the superior accomplishments of my friends. The old man, I could perceive, often endeavoured to encourage his children, as sometimes I found that he called them, to cast off their melancholy. He would talk in a cheerful accent, with an expression of goodness that bestowed pleasure even upon me. Agatha listened with respect, her eyes sometimes filled with tears, which she endeavoured to wipe away unperceived; but I generally found that her countenance and tone were more cheerful after having listened to the exhortations of her father. It was not thus with Felix. He was always the saddest of the groupe; and, even to my unpractised senses, he appeared to have suffered more deeply than his friends. But if his countenance was more sorrowful, his voice was more cheerful than that of his sister, especially when he addressed the old man.

“I could mention innumerable instances, which, although slight, marked the dispositions of these amiable cottagers. In the midst of poverty and want, Felix carried with pleasure to his sister the first little white flower that peeped out from beneath the snowy ground. Early in the morning before she had risen, he cleared away the snow that obstructed her path to the milk-house, drew water from the well, and brought the wood from the out-house, where, to his perpetual astonishment, he found his store always replenished by an invisible hand. In the day, I believe, he worked sometimes for a neighbouring farmer, because he often went forth, and did not return until dinner, yet brought no wood with him. At other times he worked in the garden; but, as there was little to do in the frosty season, he read to the old man and Agatha.

“This reading had puzzled me extremely at first; but, by degrees, I discovered that he uttered many of the same sounds when he read as when he talked. I conjectured, therefore, that he found on the paper signs for speech which he understood, and I ardently longed to comprehend these also; but how was that possible, when I did not even understand the sounds for which they stood as signs? I improved, however, sensibly in this science, but not sufficiently to follow up any kind of conversation, although I applied my whole mind to the endeavour: for I easily perceived that, although I eagerly longed to discover myself to the cottagers, I ought not to make the attempt until I had first become master of their language; which knowledge might enable me to make them overlook the deformity of my figure; for with this also the contrast perpetually presented to my eyes had made me acquainted.

“I had admired the perfect forms of my cottagers – their grace, beauty, and delicate complexions: but how was I terrified, when I viewed myself in a transparent pool! At first I started back, unable to believe that it was indeed I who was reflected in the mirror; and when I became fully convinced that I was in reality the monster that I am, I was filled with the bitterest sensations of despondence and mortification. Alas! I did not yet entirely know the fatal effects of this miserable deformity.

“As the sun became warmer, and the light of day longer, the snow vanished, and I beheld the bare trees and the black earth. From this time Felix was more employed; and the heart-moving indications of impending famine disappeared. Their food, as I afterwards found, was coarse, but it was wholesome; and they procured a sufficiency of it. Several new kinds of plants sprung up in the garden, which they dressed; and these signs of comfort increased daily as the season advanced.

“The old man, leaning on his son, walked each day at noon, when it did not rain, as I found it was called when the heavens poured forth its waters. This frequently took place; but a high wind quickly dried the earth, and the season became far more pleasant than it had been.

“My mode of life in my hovel was uniform. During the morning I attended the motions of the cottagers; and when they were dispersed in various occupations, I slept: the remainder of the day was spent in observing my friends. When they had retired to rest, if there was any moon,

or the night was star-light, I went into the woods, and collected my own food and fuel for the cottage. When I returned, as often as it was necessary, I cleared their path from the snow, and performed those offices that I had seen done by Felix. I afterwards found that these labours, performed by an invisible hand, greatly astonished them; and once or twice I heard them, on these occasions, utter the words good spirit, wonderful; but I did not then understand the signification of these terms.

“My thoughts now became more active, and I longed to discover the motives and feelings of these lovely creatures; I was inquisitive to know why Felix appeared so miserable, and Agatha so sad. I thought (foolish wretch!) that it might be in my power to restore happiness to these deserving people. When I slept, or was absent, the forms of the venerable blind father, the gentle Agatha, and the excellent Felix, flitted before me. I looked upon them as superior beings, who would be the arbiters of my future destiny. I formed in my imagination a thousand pictures of presenting myself to them, and their reception of me. I imagined that they would be disgusted, until, by my gentle demeanour and conciliating words, I should first win their favour, and afterwards their love.

“These thoughts exhilarated me, and led me to apply with fresh ardour to the acquiring the art of language. My organs were indeed harsh, but supple; and although my voice was very unlike the soft music of their tones, yet I pronounced such words as I understood with tolerable ease. It was as the ass and the lap-dog; yet surely the gentle ass, whose intentions were affectionate, although his manners were rude, deserved better treatment than blows and execration.

“The pleasant showers and genial warmth of spring greatly altered the aspect of the earth. Men, who before this change seemed to have been hid in caves, dispersed themselves, and were employed in various arts of cultivation. The birds sang in more cheerful notes, and the leaves began to bud forth on the trees. Happy, happy earth! fit habitation for gods, which, so short a time before, was bleak, damp, and unwholesome. My spirits were elevated by the enchanting appearance of nature; the past was blotted from my memory, the present was tranquil, and the future gilded by bright rays of hope, and anticipations of joy.”

CHAPTER V

“I now hasten to the more moving part of my story. I shall relate events that impressed me with feelings which, from what I was, have made me what I am.

“Spring advanced rapidly; the weather became fine, and the skies cloudless. It surprised me, that what before was desert and gloomy should now bloom with the most beautiful flowers and verdure. My senses were gratified and refreshed by a thousand scents of delight, and a thousand sights of beauty.

“It was on one of these days, when my cottagers periodically rested from labour – the old man played on his guitar, and the children listened to him – I observed that the countenance of Felix was melancholy beyond expression: he sighed frequently; and once his father paused in his music, and I conjectured by his manner that he inquired the cause of his son’s sorrow. Felix replied in a cheerful accent, and the old man was recommencing his music, when some one tapped at the door.

“It was a lady on horseback, accompanied by a countryman as a guide. The lady was dressed in a dark suit, and covered with a thick black veil. Agatha asked a question; to which the stranger only replied by pronouncing, in a sweet accent, the name of Felix. Her voice was musical, but unlike that of either of my friends. On hearing this word, Felix came up hastily to the lady; who, when she saw him, threw up her veil, and I beheld a countenance of angelic beauty and expression. Her hair of a shining raven black, and curiously braided; her eyes were dark, but gentle, although animated; her features of a regular proportion, and her complexion wondrously fair, each cheek tinged with a lovely pink.

“Felix seemed ravished with delight when he saw her, every trait of sorrow vanished from his face, and it instantly expressed a degree of ecstatic joy, of which I could hardly have believed it capable; his eyes sparkled, as his cheek flushed with pleasure; and at that moment I thought him as beautiful as the stranger. She appeared affected by different feelings; wiping a few tears from her lovely eyes, she held out her hand to Felix, who kissed it rapturously, and called her, as well as I could distinguish, his sweet

Arabian. She did not appear to understand him, but smiled. He assisted her to dismount, and, dismissing her guide, conducted her into the cottage. Some conversation took place between him and his father; and the young stranger knelt at the old man's feet, and would have kissed his hand, but he raised her, and embraced her affectionately.

"I soon perceived, that although the stranger uttered articulate sounds, and appeared to have a language of her own, she was neither understood by, or herself understood, the cottagers. They made many signs which I did not comprehend; but I saw that her presence diffused gladness through the cottage, dispelling their sorrow as the sun dissipates the morning mists. Felix seemed peculiarly happy, and with smiles of delight welcomed his Arabian. Agatha, the ever-gentle Agatha, kissed the hands of the lovely stranger; and, pointing to her brother, made signs which appeared to me to mean that he had been sorrowful until she came. Some hours passed thus, while they, by their countenances, expressed joy, the cause of which I did not comprehend. Presently I found, by the frequent recurrence of one sound which the stranger repeated after them, that she was endeavouring to learn their language; and the idea instantly occurred to me, that I should make use of the same instructions to the same end. The stranger learned about twenty words at the first lesson, most of them indeed were those which I had before understood, but I profited by the others.

"As night came on, Agatha and the Arabian retired early. When they separated, Felix kissed the hand of the stranger, and said, 'Good night, sweet Safie.' He sat up much longer, conversing with his father; and, by the frequent repetition of her name, I conjectured that their lovely guest was the subject of their conversation. I ardently desired to understand them, and bent every faculty towards that purpose, but found it utterly impossible.

"The next morning Felix went out to his work; and, after the usual occupations of Agatha were finished, the Arabian sat at the feet of the old man, and, taking his guitar, played some airs so entrancingly beautiful, that they at once drew tears of sorrow and delight from my eyes. She sang, and her voice flowed in a rich cadence, swelling or dying away, like a nightingale of the woods.

"When she had finished, she gave the guitar to Agatha, who at first declined it. She played a simple air, and her voice accompanied it in sweet

accents, but unlike the wondrous strain of the stranger. The old man appeared enraptured, and said some words, which Agatha endeavoured to explain to Safie, and by which he appeared to wish to express that she bestowed on him the greatest delight by her music.

“The days now passed as peaceably as before, with the sole alteration, that joy had taken place of sadness in the countenances of my friends. Safie was always gay and happy; she and I improved rapidly in the knowledge of language, so that in two months I began to comprehend most of the words uttered by my protectors.

“In the meanwhile also the black ground was covered with herbage, and the green banks interspersed with innumerable flowers, sweet to the scent and the eyes, stars of pale radiance among the moonlight woods; the sun became warmer, the nights clear and balmy; and my nocturnal rambles were an extreme pleasure to me, although they were considerably shortened by the late setting and early rising of the sun; for I never ventured abroad during daylight, fearful of meeting with the same treatment as I had formerly endured in the first village which I entered.

“My days were spent in close attention, that I might more speedily master the language; and I may boast that I improved more rapidly than the Arabian, who understood very little, and conversed in broken accents, whilst I comprehended and could imitate almost every word that was spoken.

“While I improved in speech, I also learned the science of letters, as it was taught to the stranger; and this opened before me a wide field for wonder and delight.

“The book from which Felix instructed Safie was Volney’s *Ruins of Empires*. I should not have understood the purport of this book, had not Felix, in reading it, given very minute explanations. He had chosen this work, he said, because the declamatory style was framed in imitation of the eastern authors. Through this work I obtained a cursory knowledge of history, and a view of the several empires at present existing in the world; it gave me an insight into the manners, governments, and religions of the different nations of the earth. I heard of the slothful Asiatics; of the stupendous genius and mental activity of the Grecians; of the wars and wonderful virtue of the early Romans – of their subsequent degeneration –

of the decline of that mighty empire; of chivalry, Christianity, and kings. I heard of the discovery of the American hemisphere, and wept with Safie over the hapless fate of its original inhabitants.

“These wonderful narrations inspired me with strange feelings. Was man, indeed, at once so powerful, so virtuous, and magnificent, yet so vicious and base? He appeared at one time a mere scion of the evil principle, and at another as all that can be conceived of noble and godlike. To be a great and virtuous man appeared the highest honour that can befall a sensitive being; to be base and vicious, as many on record have been, appeared the lowest degradation, a condition more abject than that of the blind mole or harmless worm. For a long time I could not conceive how one man could go forth to murder his fellow, or even why there were laws and governments; but when I heard details of vice and bloodshed, my wonder ceased, and I turned away with disgust and loathing.

“Every conversation of the cottagers now opened new wonders to me. While I listened to the instructions which Felix bestowed upon the Arabian, the strange system of human society was explained to me. I heard of the division of property, of immense wealth and squalid poverty; of rank, descent, and noble blood.

“The words induced me to turn towards myself. I learned that the possessions most esteemed by your fellow-creatures were, high and unsullied descent united with riches. A man might be respected with only one of these acquisitions; but without either he was considered, except in very rare instances, as a vagabond and a slave, doomed to waste his powers for the profit of the chosen few. And what was I? Of my creation and creator I was absolutely ignorant; but I knew that I possessed no money, no friends, no kind of property. I was, besides, endowed with a figure hideously deformed and loathsome; I was not even of the same nature as man. I was more agile than they, and could subsist upon coarser diet; I bore the extremes of heat and cold with less injury to my frame; my stature far exceeded their's. When I looked around, I saw and heard of none like me. Was I then a monster, a blot upon the earth, from which all men fled, and whom all men disowned?

“I cannot describe to you the agony that these reflections inflicted upon me; I tried to dispel them, but sorrow only increased with knowledge. Oh,

that I had forever remained in my native wood, nor known or felt beyond the sensations of hunger, thirst, and heat!

“Of what a strange nature is knowledge! It clings to the mind, when it has once seized on it, like a lichen on the rock. I wished sometimes to shake off all thought and feeling; but I learned that there was but one means to overcome the sensation of pain, and that was death – a state which I feared yet did not understand. I admired virtue and good feelings, and loved the gentle manners and amiable qualities of my cottagers; but I was shut out from intercourse with them, except through means which I obtained by stealth, when I was unseen and unknown, and which rather increased than satisfied the desire I had of becoming one among my fellows. The gentle words of Agatha, and the animated smiles of the charming Arabian, were not for me. The mild exhortations of the old man, and the lively conversation of the loved Felix, were not for me. Miserable, unhappy wretch!

“Other lessons were impressed upon me even more deeply. I heard of the difference of sexes; of the birth and growth of children; how the father doated on the smiles of the infant, and the lively sallies of the older child; how all the life and cares of the mother were wrapt up in the precious charge; how the mind of youth expanded and gained knowledge; of brother, sister, and all the various relationships which bind one human being to another in mutual bonds.

“But where were my friends and relations? No father had watched my infant days, no mother had blessed me with smiles and caresses; or if they had, all my past life was now a blot, a blind vacancy in which I distinguished nothing. From my earliest remembrance I had been as I then was in height and proportion. I had never yet seen a being resembling me, or who claimed any intercourse with me. What was I? The question again recurred, to be answered only with groans.

“I will soon explain to what these feelings tended; but allow me now to return to the cottagers, whose story excited in me such various feelings of indignation, delight, and wonder, but which all terminated in additional love and reverence for my protectors (for so I loved, in an innocent, half painful self-deceit, to call them).”

CHAPTER VI

“Some time elapsed before I learned the history of my friends. It was one which could not fail to impress itself deeply on my mind, unfolding as it did a number of circumstances each interesting and wonderful to one so utterly inexperienced as I was.

“The name of the old man was De Lacey. He was descended from a good family in France, where he had lived for many years in affluence, respected by his superiors, and beloved by his equals. His son was bred in the service of his country; and Agatha had ranked with ladies of the highest distinction. A few months before my arrival, they had lived in a large and luxurious city, called Paris, surrounded by friends, and possessed of every enjoyment which virtue, refinement of intellect, or taste, accompanied by a moderate fortune, could afford.

“The father of Safie had been the cause of their ruin. He was a Turkish merchant, and had inhabited Paris for many years, when, for some reason which I could not learn, he became obnoxious to the government. He was seized and cast into prison the very day that Safie arrived from Constantinople to join him. He was tried, and condemned to death. The injustice of his sentence was very flagrant; all Paris was indignant; and it was judged that his religion and wealth, rather than the crime alleged against him, had been the cause of his condemnation.

“Felix had been present at the trial; his horror and indignation were uncontrollable, when he heard the decision of the court. He made, at that moment, a solemn vow to deliver him, and then looked around for the means. After many fruitless attempts to gain admittance to the prison, he found a strongly grated window in an unguarded part of the building, which lighted the dungeon of the unfortunate Mahometan; who, loaded with chains, waited in despair the execution of the barbarous sentence. Felix visited the grate at night, and made known to the prisoner his intentions in his favour. The Turk, amazed and delighted, endeavoured to kindle the zeal of his deliverer by promises of reward and wealth. Felix rejected his offers with contempt; yet when he saw the lovely Safie, who was allowed to visit her father, and who, by her gestures, expressed her lively gratitude, the

youth could not help owing to his own mind, that the captive possessed a treasure which would fully reward his toil and hazard.

“The Turk quickly perceived the impression that his daughter had made on the heart of Felix, and endeavoured to secure him more entirely in his interests by the promise of her hand in marriage, so soon as he should be conveyed to a place of safety. Felix was too delicate to accept this offer; yet he looked forward to the probability of that event as to the consummation of his happiness.

“During the ensuing days, while the preparations were going forward for the escape of the merchant, the zeal of Felix was warmed by several letters that he received from this lovely girl, who found means to express her thoughts in the language of her lover by the aid of an old man, a servant of her father’s, who understood French. She thanked him in the most ardent terms for his intended services towards her father; and at the same time she gently deplored her own fate.

“I have copies of these letters; for I found means, during my residence in the hovel, to procure the implements of writing; and the letters were often in the hands of Felix or Agatha. Before I depart, I will give them to you, they will prove the truth of my tale; but at present, as the sun is already far declined, I shall only have time to repeat the substance of them to you.

“Safie related, that her mother was a Christian Arab, seized and made a slave by the Turks; recommended by her beauty, she had won the heart of the father of Safie, who married her. The young girl spoke in high and enthusiastic terms of her mother, who, born in freedom spurned the bondage to which she was now reduced. She instructed her daughter in the tenets of her religion, and taught her to aspire to higher powers of intellect, and an independence of spirit, forbidden to the female followers of Mahomet. This lady died; but her lessons were indelibly impressed on the mind of Safie, who sickened at the prospect of again returning to Asia, and the being immured within the walls of a haram, allowed only to occupy herself with puerile amusements, ill suited to the temper of her soul, now accustomed to grand ideas and a noble emulation for virtue. The prospect of marrying a Christian, and remaining in a country where women were allowed to take a rank in society, was enchanting to her.

“The day for the execution of the Turk was fixed; but, on the night previous to it, he had quitted prison, and before morning was distant many leagues from Paris. Felix had procured passports in the name of his father, sister, and himself. He had previously communicated his plan to the former, who aided the deceit by quitting his house, under the pretence of a journey, and concealed himself, with his daughter, in an obscure part of Paris.

“Felix conducted the fugitives through France to Lyons, and across Mont Cenis to Leghorn, where the merchant had decided to wait a favourable opportunity of passing into some part of the Turkish dominions.

“Safie resolved to remain with her father until the moment of his departure, before which time the Turk renewed his promise that she should be united to his deliverer; and Felix remained with them in expectation of that event; and in the mean time he enjoyed the society of the Arabian, who exhibited towards him the simplest and tenderest affection. They conversed with one another through the means of an interpreter, and sometimes with the interpretation of looks; and Safie sang to him the divine airs of her native country.

“The Turk allowed this intimacy to take place, and encouraged the hopes of the youthful lovers, while in his heart he had formed far other plans. He loathed the idea that his daughter should be united to a Christian; but he feared the resentment of Felix if he should appear lukewarm; for he knew that he was still in the power of his deliverer, if he should choose to betray him to the Italian state which they inhabited. He revolved a thousand plans by which he should be enabled to prolong the deceit until it might be no longer necessary, and secretly to take his daughter with him when he departed. His plans were greatly facilitated by the news which arrived from Paris.

“The government of France were greatly enraged at the escape of their victim, and spared no pains to detect and punish his deliverer. The plot of Felix was quickly discovered, and De Lacey and Agatha were thrown into prison. The news reached Felix, and roused him from his dream of pleasure. His blind and aged father, and his gentle sister, lay in a noisome dungeon, while he enjoyed the free air, and the society of her whom he loved. This idea was torture to him. He quickly arranged with the Turk, that if the latter should find a favourable opportunity for escape before Felix could return to

Italy, Safie should remain as a boarder at a convent at Leghorn; and then, quitting the lovely Arabian, he hastened to Paris, and delivered himself up to the vengeance of the law, hoping to free De Lacey and Agatha by this proceeding.

“He did not succeed. They remained confined for five months before the trial took place; the result of which deprived them of their fortune, and condemned them to a perpetual exile from their native country.

“They found a miserable asylum in the cottage in Germany, where I discovered them. Felix soon learned that the treacherous Turk, for whom he and his family endured such unheard-of oppression, on discovering that his deliverer was thus reduced to poverty and impotence, became a traitor to good feeling and honour, and had quitted Italy with his daughter, insultingly sending Felix a pittance of money to aid him, as he said, in some plan of future maintenance.

“Such were the events that preyed on the heart of Felix, and rendered him, when I first saw him, the most miserable of his family. He could have endured poverty, and when this distress had been the meed of his virtue, he would have gloried in it: but the ingratitude of the Turk, and the loss of his beloved Safie, were misfortunes more bitter and irreparable. The arrival of the Arabian now infused new life into his soul.

“When the news reached Leghorn, that Felix was deprived of his wealth and rank, the merchant commanded his daughter to think no more of her lover, but to prepare to return with him to her native country. The generous nature of Safie was outraged by this command; she attempted to expostulate with her father, but he left her angrily, reiterating his tyrannical mandate.

“A few days after, the Turk entered his daughter’s apartment, and told her hastily, that he had reason to believe that his residence at Leghorn had been divulged, and that he should speedily be delivered up to the French government; he had, consequently, hired a vessel to convey him to Constantinople, for which city he should sail in a few hours. He intended to leave his daughter under the care of a confidential servant, to follow at her leisure with the greater part of his property, which had not yet arrived at Leghorn.

“When alone, Safie resolved in her own mind the plan of conduct that it would become her to pursue in this emergency. A residence in Turkey was abhorrent to her; her religion and feelings were alike adverse to it. By some papers of her father’s, which fell into her hands, she heard of the exile of her lover, and learnt the name of the spot where he then resided. She hesitated some time, but at length she formed her determination. Taking with her some jewels that belonged to her, and a small sum of money, she quitted Italy, with an attendant, a native of Leghorn, but who understood the common language of Turkey, and departed for Germany.

“She arrived in safety at a town about twenty leagues from the cottage of De Lacey, when her attendant fell dangerously ill. Safie nursed her with the most devoted affection; but the poor girl died, and the Arabian was left alone, unacquainted with the language of the country, and utterly ignorant of the customs of the world. She fell, however, into good hands. The Italian had mentioned the name of the spot for which they were bound; and, after her death, the woman of the house in which they had lived took care that Safie should arrive in safety at the cottage of her lover.”

CHAPTER VII

“Such was the history of my beloved cottagers. It impressed me deeply. I learned, from the views of social life which it developed, to admire their virtues, and to deprecate the vices of mankind.

“As yet I looked upon crime as a distant evil; benevolence and generosity were ever present before me, inciting within me a desire to become an actor in the busy scene where so many admirable qualities were called forth and displayed. But, in giving an account of the progress of my intellect, I must not omit a circumstance which occurred in the beginning of the month of August of the same year.

“One night, during my accustomed visit to the neighbouring wood, where I collected my own food, and brought home firing for my protectors, I found on the ground a leathern portmanteau, containing several articles of dress and some books. I eagerly seized the prize, and returned with it to my hovel. Fortunately the books were written in the language the elements of which I had acquired at the cottage; they consisted of *Paradise Lost*, a volume of *Plutarch’s Lives*, and the *Sorrows of Werther*. The possession of these treasures gave me extreme delight; I now continually studied and exercised my mind upon these histories, whilst my friends were employed in their ordinary occupations.

“I can hardly describe to you the effect of these books. They produced in me an infinity of new images and feelings, that sometimes raised me to ecstasy, but more frequently sunk me into the lowest dejection. In the *Sorrows of Werther*, besides the interest of its simple and affecting story, so many opinions are canvassed, and so many lights thrown upon what had hitherto been to me obscure subjects, that I found in it a never-ending source of speculation and astonishment. The gentle and domestic manners it described, combined with lofty sentiments and feelings, which had for their object something out of self, accorded well with my experience among my protectors, and with the wants which were forever alive in my own bosom. But I thought *Werther* himself a more divine being than I had ever beheld or imagined; his character contained no pretension, but it sunk deep. The disquisitions upon death and suicide were calculated to fill me with wonder. I did not pretend to enter into the merits of the case, yet I inclined towards

the opinions of the hero, whose extinction I wept, without precisely understanding it.

“As I read, however, I applied much personally to my own feelings and condition. I found myself similar, yet at the same time strangely unlike the beings concerning whom I read, and to whose conversation I was a listener. I sympathized with, and partly understood them, but I was unformed in mind; I was dependent on none, and related to none. ‘The path of my departure was free;’ and there was none to lament my annihilation. My person was hideous, and my stature gigantic: what did this mean? Who was I? What was I? Whence did I come? What was my destination? These questions continually recurred, but I was unable to solve them.

“The volume of Plutarch’s Lives which I possessed, contained the histories of the first founders of the ancient republics. This book had a far different effect upon me from the Sorrows of Werter. I learned from Werter’s imaginations despondency and gloom: but Plutarch taught me high thoughts; he elevated me above the wretched sphere of my own reflections, to admire and love the heroes of past ages. Many things I read surpassed my understanding and experience. I had a very confused knowledge of kingdoms, wide extents of country, mighty rivers, and boundless seas. But I was perfectly unacquainted with towns, and large assemblages of men. The cottage of my protectors had been the only school in which I had studied human nature; but this book developed new and mightier scenes of action. I read of men concerned in public affairs governing or massacring their species. I felt the greatest ardour for virtue rise within me, and abhorrence for vice, as far as I understood the signification of those terms, relative as they were, as I applied them, to pleasure and pain alone. Induced by these feelings, I was of course led to admire peaceable law-givers, Numa, Solon, and Lycurgus, in preference to Romulus and Theseus. The patriarchal lives of my protectors caused these impressions to take a firm hold on my mind; perhaps, if my first introduction to humanity had been made by a young soldier, burning for glory and slaughter, I should have been imbued with different sensations.

“But Paradise Lost excited different and far deeper emotions. I read it, as I had read the other volumes which had fallen into my hands, as a true history. It moved every feeling of wonder and awe, that the picture of an omnipotent God warring with his creatures was capable of exciting. I often

referred the several situations, as their similarity struck me, to my own. Like Adam, I was created apparently united by no link to any other being in existence; but his state was far different from mine in every other respect. He had come forth from the hands of God a perfect creature, happy and prosperous, guarded by the especial care of his Creator; he was allowed to converse with, and acquire knowledge from beings of a superior nature: but I was wretched, helpless, and alone. Many times I considered Satan as the fitter emblem of my condition; for often, like him, when I viewed the bliss of my protectors, the bitter gall of envy rose within me.

“Another circumstance strengthened and confirmed these feelings. Soon after my arrival in the hovel, I discovered some papers in the pocket of the dress which I had taken from your laboratory. At first I had neglected them; but now that I was able to decypher the characters in which they were written, I began to study them with diligence. It was your journal of the four months that preceded my creation. You minutely described in these papers every step you took in the progress of your work; this history was mingled with accounts of domestic occurrences. You, doubtless, recollect these papers. Here they are. Everything is related in them which bears reference to my accursed origin; the whole detail of that series of disgusting circumstances which produced it is set in view; the minutest description of my odious and loathsome person is given, in language which painted your own horrors, and rendered mine ineffaceable. I sickened as I read. ‘Hateful day when I received life!’ I exclaimed in agony. ‘Cursed creator! Why did you form a monster so hideous that even you turned from me in disgust? God in pity made man beautiful and alluring, after His own image; but my form is a filthy type of your’s, more horrid from its very resemblance. Satan had his companions, fellow-devils, to admire and encourage him; but I am solitary and detested.’

“These were the reflections of my hours of despondency and solitude; but when I contemplated the virtues of the cottagers, their amiable and benevolent dispositions, I persuaded myself that when they should become acquainted with my admiration of their virtues, they would compassionate me, and overlook my personal deformity. Could they turn from their door one, however monstrous, who solicited their compassion and friendship? I resolved, at least, not to despair, but in every way to fit myself for an interview with them which would decide my fate. I postponed this attempt

for some months longer; for the importance attached to its success inspired me with a dread lest I should fail. Besides, I found that my understanding improved so much with every day's experience, that I was unwilling to commence this undertaking until a few more months should have added to my wisdom.

“Several changes, in the mean time, took place in the cottage. The presence of Safie diffused happiness among its inhabitants; and I also found that a greater degree of plenty reigned there. Felix and Agatha spent more time in amusement and conversation, and were assisted in their labours by servants. They did not appear rich, but they were contented and happy; their feelings were serene and peaceful, while mine became every day more tumultuous. Increase of knowledge only discovered to me more clearly what a wretched outcast I was. I cherished hope, it is true; but it vanished, when I beheld my person reflected in water, or my shadow in the moon-shine, even as that frail image and that inconstant shade.

“I endeavoured to crush these fears, and to fortify myself for the trial which in a few months I resolved to undergo; and sometimes I allowed my thoughts, unchecked by reason, to ramble in the fields of Paradise, and dared to fancy amiable and lovely creatures sympathizing with my feelings and cheering my gloom; their angelic countenances breathed smiles of consolation. But it was all a dream: no Eve soothed my sorrows, or shared my thoughts; I was alone. I remembered Adam's supplication to his Creator; but where was mine? he had abandoned me, and, in the bitterness of my heart, I cursed him.

“Autumn passed thus. I saw, with surprise and grief, the leaves decay and fall, and nature again assume the barren and bleak appearance it had worn when I first beheld the woods and the lovely moon. Yet I did not heed the bleakness of the weather; I was better fitted by my conformation for the endurance of cold than heat. But my chief delights were the sight of the flowers, the birds, and all the gay apparel of summer; when those deserted me, I turned with more attention towards the cottagers. Their happiness was not decreased by the absence of summer. They loved, and sympathized with one another; and their joys, depending on each other, were not interrupted by the casualties that took place around them. The more I saw of them, the greater became my desire to claim their protection and kindness; my heart yearned to be known and loved by these amiable creatures: to see their

sweet looks turned towards me with affection, was the utmost limit of my ambition. I dared not think that they would turn them from me with disdain and horror. The poor that stopped at their door were never driven away. I asked, it is true, for greater treasures than a little food or rest; I required kindness and sympathy; but I did not believe myself utterly unworthy of it.

“The winter advanced, and an entire revolution of the seasons had taken place since I awoke into life. My attention, at this time, was solely directed towards my plan of introducing myself into the cottage of my protectors. I revolved many projects; but that on which I finally fixed was, to enter the dwelling when the blind old man should be alone. I had sagacity enough to discover, that the unnatural hideousness of my person was the chief object of horror with those who had formerly beheld me. My voice, although harsh, had nothing terrible in it; I thought, therefore, that if, in the absence of his children, I could gain the good-will and mediation of the old De Lacy, I might, by his means, be tolerated by my younger protectors.

“One day, when the sun shone on the red leaves that strewed the ground, and diffused cheerfulness, although it denied warmth, Safie, Agatha, and Felix, departed on a long country walk, and the old man, at his own desire, was left alone in the cottage. When his children had departed, he took up his guitar, and played several mournful, but sweet airs, more sweet and mournful than I had ever heard him play before. At first his countenance was illuminated with pleasure, but, as he continued, thoughtfulness and sadness succeeded; at length, laying aside the instrument, he sat absorbed in reflection.

“My heart beat quick; this was the hour and moment of trial, which would decide my hopes, or realize my fears. The servants were gone to a neighbouring fair. All was silent in and around the cottage: it was an excellent opportunity; yet, when I proceeded to execute my plan, my limbs failed me, and I sunk to the ground. Again I rose; and, exerting all the firmness of which I was master, removed the planks which I had placed before my hovel to conceal my retreat. The fresh air revived me, and, with renewed determination, I approached the door of their cottage.

“I knocked. ‘Who is there?’ said the old man. ‘Come in.’

“I entered; ‘Pardon this intrusion,’ said I, ‘I am a traveller in want of a little rest; you would greatly oblige me, if you would allow me to remain a

few minutes before the fire.’

“‘Enter,’ said De Lacy; ‘and I will try in what manner I can relieve your wants; but, unfortunately, my children are from home, and, as I am blind, I am afraid I shall find it difficult to procure food for you.’

“‘Do not trouble yourself, my kind host, I have food; it is warmth and rest only that I need.’

“I sat down, and a silence ensued. I knew that every minute was precious to me, yet I remained irresolute in what manner to commence the interview; when the old man addressed me.

“‘By your language, stranger, I suppose you are my countryman; are you French?’

“‘No; but I was educated by a French family, and understand that language only. I am now going to claim the protection of some friends, whom I sincerely love, and of whose favour I have some hopes.’

“‘Are these Germans?’

“‘No, they are French. But let us change the subject. I am an unfortunate and deserted creature; I look around, and I have no relation or friend upon earth. These amiable people to whom I go have never seen me, and know little of me. I am full of fears; for if I fail there, I am an outcast in the world forever.’

“‘Do not despair. To be friendless is indeed to be unfortunate; but the hearts of men, when unprejudiced by any obvious self-interest, are full of brotherly love and charity. Rely, therefore, on your hopes; and if these friends are good and amiable, do not despair.’

“‘They are kind... they are the most excellent creatures in the world; but, unfortunately, they are prejudiced against me. I have good dispositions; my life has been hitherto harmless, and, in some degree, beneficial; but a fatal prejudice clouds their eyes, and where they ought to see a feeling and kind friend, they behold only a detestable monster.’

“‘That is indeed unfortunate; but if you are really blameless, cannot you undeceive them?’

“‘I am about to undertake that task; and it is on that account that I feel so many overwhelming terrors. I tenderly love these friends; I have, unknown to them, been for many months in the habits of daily kindness towards them; but they believe that I wish to injure them, and it is that prejudice which I wish to overcome.’

“‘Where do these friends reside?’

“‘Near this spot.’

“The old man paused, and then continued, ‘If you will unreservedly confide to me the particulars of your tale, I perhaps may be of use in undeceiving them. I am blind, and cannot judge of your countenance, but there is something in your words which persuades me that you are sincere. I am poor, and an exile; but it will afford me true pleasure to be in any way serviceable to a human creature.’

“‘Excellent man! I thank you, and accept your generous offer. You raise me from the dust by this kindness; and I trust that, by your aid, I shall not be driven from the society and sympathy of your fellow-creatures.’

“‘Heaven forbid! even if you were really criminal; for that can only drive you to desperation, and not instigate you to virtue. I also am unfortunate; I and my family have been condemned, although innocent: judge, therefore, if I do not feel for your misfortunes.’

“‘How can I thank you, my best and only benefactor? from your lips first have I heard the voice of kindness directed towards me; I shall be forever grateful; and your present humanity assures me of success with those friends whom I am on the point of meeting.’

“‘May I know the names and residence of those friends?’

“I paused. This, I thought, was the moment of decision, which was to rob me of, or bestow happiness on me forever. I struggled vainly for firmness sufficient to answer him, but the effort destroyed all my remaining strength; I sank on the chair, and sobbed aloud. At that moment I heard the steps of my younger protectors. I had not a moment to lose; but, seizing the hand of the old man, I cried, ‘Now is the time! Save and protect me! You and your family are the friends whom I seek. Do not you desert me in the hour of trial!’

“‘Great God!’ exclaimed the old man, ‘who are you?’

“At that instant the cottage door was opened, and Felix, Safie, and Agatha entered. Who can describe their horror and consternation on beholding me? Agatha fainted; and Safie, unable to attend to her friend, rushed out of the cottage. Felix darted forward, and with supernatural force tore me from his father, to whose knees I clung: in a transport of fury, he dashed me to the ground, and struck me violently with a stick. I could have torn him limb from limb, as the lion rends the antelope. But my heart sunk within me as with bitter sickness, and I refrained. I saw him on the point of repeating his blow, when, overcome by pain and anguish, I quitted the cottage, and in the general tumult escaped unperceived to my hovel.”

CHAPTER VIII

“Cursed, cursed creator! Why did I live? Why, in that instant, did I not extinguish the spark of existence which you had so wantonly bestowed? I know not; despair had not yet taken possession of me; my feelings were those of rage and revenge. I could with pleasure have destroyed the cottage and its inhabitants, and have glutted myself with their shrieks and misery.

“When night came, I quitted my retreat, and wandered in the wood; and now, no longer restrained by the fear of discovery, I gave vent to my anguish in fearful howlings. I was like a wild beast that had broken the toils; destroying the objects that obstructed me, and ranging through the wood with a stag-like swiftness. Oh! what a miserable night I passed! the cold stars shone in mockery, and the bare trees waved their branches above me: now and then the sweet voice of a bird burst forth amidst the universal stillness. All, save I, were at rest or in enjoyment: I, like the arch fiend, bore a hell within me; and, finding myself unsympathized with, wished to tear up the trees, spread havoc and destruction around me, and then to have sat down and enjoyed the ruin.

“But this was a luxury of sensation that could not endure; I became fatigued with excess of bodily exertion and sank on the damp grass in the sick impotence of despair. There was none among the myriads of men that existed who would pity or assist me; and should I feel kindness towards my enemies? No: from that moment I declared everlasting war against the species, and, more than all, against him who had formed me, and sent me forth to this insupportable misery.

“The sun rose; I heard the voices of men, and knew that it was impossible to return to my retreat during that day. Accordingly I hid myself in some thick underwood, determining to devote the ensuing hours to reflection on my situation.

“The pleasant sunshine, and the pure air of day, restored me to some degree of tranquillity; and when I considered what had passed at the cottage, I could not help believing that I had been too hasty in my conclusions. I had certainly acted imprudently. It was apparent that my conversation had interested the father in my behalf, and I was a fool in

having exposed my person to the horror of his children. I ought to have familiarized the old De Lacy to me, and by degrees have discovered myself to the rest of his family, when they should have been prepared for my approach. But I did not believe my errors to be irretrievable; and, after much consideration, I resolved to return to the cottage, seek the old man, and by my representations win him to my party.

“These thoughts calmed me, and in the afternoon I sank into a profound sleep; but the fever of my blood did not allow me to be visited by peaceful dreams. The horrible scene of the preceding day was forever acting before my eyes; the females were flying, and the enraged Felix tearing me from his father’s feet. I awoke exhausted; and, finding that it was already night, I crept forth from my hiding-place, and went in search of food.

“When my hunger was appeased, I directed my steps towards the well-known path that conducted to the cottage. All there was at peace. I crept into my hovel, and remained in silent expectation of the accustomed hour when the family arose. That hour past, the sun mounted high in the heavens, but the cottagers did not appear. I trembled violently, apprehending some dreadful misfortune. The inside of the cottage was dark, and I heard no motion; I cannot describe the agony of this suspense.

“Presently two countrymen passed by; but, pausing near the cottage, they entered into conversation, using violent gesticulations; but I did not understand what they said, as they spoke the language of the country, which differed from that of my protectors. Soon after, however, Felix approached with another man: I was surprised, as I knew that he had not quitted the cottage that morning, and waited anxiously to discover, from his discourse, the meaning of these unusual appearances.

“‘Do you consider,’ said his companion to him, ‘that you will be obliged to pay three months’ rent, and to lose the produce of your garden? I do not wish to take any unfair advantage, and I beg therefore that you will take some days to consider of your determination.’

“‘It is utterly useless,’ replied Felix, ‘we can never again inhabit your cottage. The life of my father is in the greatest danger, owing to the dreadful circumstance that I have related. My wife and my sister will never recover their horror. I entreat you not to reason with me anymore. Take possession of your tenement, and let me fly from this place.’

“Felix trembled violently as he said this. He and his companion entered the cottage, in which they remained for a few minutes, and then departed. I never saw any of the family of De Lacy more.

“I continued for the remainder of the day in my hovel in a state of utter and stupid despair. My protectors had departed, and had broken the only link that held me to the world. For the first time the feelings of revenge and hatred filled my bosom, and I did not strive to controul them; but, allowing myself to be borne away by the stream, I bent my mind towards injury and death. When I thought of my friends, of the mild voice of De Lacy, the gentle eyes of Agatha, and the exquisite beauty of the Arabian, these thoughts vanished, and a gush of tears somewhat soothed me. But again, when I reflected that they had spurned and deserted me, anger returned, a rage of anger; and, unable to injure anything human, I turned my fury towards inanimate objects. As night advanced, I placed a variety of combustibles around the cottage; and, after having destroyed every vestige of cultivation in the garden, I waited with forced impatience until the moon had sunk to commence my operations.

“As the night advanced, a fierce wind arose from the woods, and quickly dispersed the clouds that had loitered in the heavens: the blast tore along like a mighty avalanche, and produced a kind of insanity in my spirits, that burst all bounds of reason and reflection. I lighted the dry branch of a tree, and danced with fury around the devoted cottage, my eyes still fixed on the western horizon, the edge of which the moon nearly touched. A part of its orb was at length hid, and I waved my brand; it sunk, and, with a loud scream, I fired the straw, and heath, and bushes, which I had collected. The wind fanned the fire, and the cottage was quickly enveloped by the flames, which clung to it, and licked it with their forked and destroying tongues.

“As soon as I was convinced that no assistance could save any part of the habitation, I quitted the scene, and sought for refuge in the woods.

“And now, with the world before me, whither should I bend my steps? I resolved to fly far from the scene of my misfortunes; but to me, hated and despised, every country must be equally horrible. At length the thought of you crossed my mind. I learned from your papers that you were my father, my creator; and to whom could I apply with more fitness than to him who

had given me life? Among the lessons that Felix had bestowed upon Safie geography had not been omitted: I had learned from these the relative situations of the different countries of the earth. You had mentioned Geneva as the name of your native town; and towards this place I resolved to proceed.

“But how was I to direct myself? I knew that I must travel in a south-westerly direction to reach my destination; but the sun was my only guide. I did not know the names of the towns that I was to pass through, nor could I ask information from a single human being; but I did not despair. From you only could I hope for succour, although towards you I felt no sentiment but that of hatred. Unfeeling, heartless creator! you had endowed me with perceptions and passions, and then cast me abroad an object for the scorn and horror of mankind. But on you only had I any claim for pity and redress, and from you I determined to seek that justice which I vainly attempted to gain from any other being that wore the human form.

“My travels were long, and the sufferings I endured intense. It was late in autumn when I quitted the district where I had so long resided. I travelled only at night, fearful of encountering the visage of a human being. Nature decayed around me, and the sun became heatless; rain and snow poured around me; mighty rivers were frozen; the surface of the earth was hard, and chill, and bare, and I found no shelter. Oh, earth! how often did I imprecate curses on the cause of my being! The mildness of my nature had fled, and all within me was turned to gall and bitterness. The nearer I approached to your habitation, the more deeply did I feel the spirit of revenge enkindled in my heart. Snow fell, and the waters were hardened, but I rested not. A few incidents now and then directed me, and I possessed a map of the country; but I often wandered wide from my path. The agony of my feelings allowed me no respite: no incident occurred from which my rage and misery could not extract its food; but a circumstance that happened when I arrived on the confines of Switzerland, when the sun had recovered its warmth, and the earth again began to look green, confirmed in an especial manner the bitterness and horror of my feelings.

“I generally rested during the day, and travelled only when I was secured by night from the view of man. One morning, however, finding that my path lay through a deep wood, I ventured to continue my journey after the sun had risen; the day, which was one of the first of spring, cheered

even me by the loveliness of its sunshine and the balminess of the air. I felt emotions of gentleness and pleasure, that had long appeared dead, revive within me. Half surprised by the novelty of these sensations, I allowed myself to be borne away by them; and, forgetting my solitude and deformity, dared to be happy. Soft tears again bedewed my cheeks, and I even raised my humid eyes with thankfulness towards the blessed sun which bestowed such joy upon me.

“I continued to wind among the paths of the wood, until I came to its boundary, which was skirted by a deep and rapid river, into which many of the trees bent their branches, now budding with the fresh spring. Here I paused, not exactly knowing what path to pursue, when I heard the sound of voices, that induced me to conceal myself under the shade of a cypress. I was scarcely hid, when a young girl came running towards the spot where I was concealed, laughing as if she ran from someone in sport. She continued her course along the precipitous sides of the river, when suddenly her foot slipt, and she fell into the rapid stream. I rushed from my hiding place, and, with extreme labour from the force of the current, saved her, and dragged her to shore. She was senseless; and I endeavoured, by every means in my power, to restore animation, when I was suddenly interrupted by the approach of a rustic, who was probably the person from whom she had playfully fled. On seeing me, he darted towards me, and, tearing the girl from my arms, hastened towards the deeper parts of the wood. I followed speedily, I hardly knew why; but when the man saw me draw near, he aimed a gun, which he carried, at my body, and fired. I sunk to the ground, and my injurer, with increased swiftness, escaped into the wood.

“This was then the reward of my benevolence! I had saved a human being from destruction, and, as a recompence, I now writhed under the miserable pain of a wound, which shattered the flesh and bone. The feelings of kindness and gentleness, which I had entertained but a few moments before, gave place to hellish rage and gnashing of teeth. Inflamed by pain, I vowed eternal hatred and vengeance to all mankind. But the agony of my wound overcame me; my pulses paused, and I fainted.

“For some weeks I led a miserable life in the woods, endeavouring to cure the wound which I had received. The ball had entered my shoulder, and I knew not whether it had remained there or passed through; at any rate I had no means of extracting it. My sufferings were augmented also by the

oppressive sense of the injustice and ingratitude of their infliction. My daily vows rose for revenge – a deep and deadly revenge, such as would alone compensate for the outrages and anguish I had endured.

“After some weeks my wound healed, and I continued my journey. The labours I endured were no longer to be alleviated by the bright sun or gentle breezes of spring; all joy was but a mockery, which insulted my desolate state, and made me feel more painfully that I was not made for the enjoyment of pleasure.

“But my toils now drew near a close and, two months from this time, I reached the environs of Geneva.

“It was evening when I arrived, and I retired to a hiding-place among the fields that surround it, to meditate in what manner I should apply to you. I was oppressed by fatigue and hunger, and far too unhappy to enjoy the gentle breezes of evening, or the prospect of the sun setting behind the stupendous mountains of Jura.

“At this time a slight sleep relieved me from the pain of reflection, which was disturbed by the approach of a beautiful child, who came running into the recess I had chosen with all the sportiveness of infancy. Suddenly, as I gazed on him, an idea seized me, that this little creature was unprejudiced, and had lived too short a time to have imbibed a horror of deformity. If, therefore, I could seize him, and educate him as my companion and friend, I should not be so desolate in this peopled earth.

“Urged by this impulse, I seized on the boy as he passed, and drew him towards me. As soon as he beheld my form, he placed his hands before his eyes, and uttered a shrill scream: I drew his hand forcibly from his face, and said, ‘Child, what is the meaning of this? I do not intend to hurt you; listen to me.’

“He struggled violently; ‘Let me go,’ he cried; ‘monster! ugly wretch! you wish to eat me, and tear me to pieces... You are an ogre... Let me go, or I will tell my papa.’

“‘Boy, you will never see your father again; you must come with me.’

“‘Hideous monster! let me go. My papa is a Syndic... he is M. Frankenstein...he would punish you. You dare not keep me.’

“‘Frankenstein! you belong then to my enemy... to him towards whom I have sworn eternal revenge; you shall be my first victim.’

“The child still struggled, and loaded me with epithets which carried despair to my heart: I grasped his throat to silence him, and in a moment he lay dead at my feet.

“I gazed on my victim, and my heart swelled with exultation and hellish triumph: clapping my hands, I exclaimed, ‘I, too, can create desolation; my enemy is not impregnable; this death will carry despair to him, and a thousand other miseries shall torment and destroy him.’

“As I fixed my eyes on the child, I saw something glittering on his breast. I took it; it was a portrait of a most lovely woman. In spite of my malignity, it softened and attracted me. For a few moments I gazed with delight on her dark eyes, fringed by deep lashes, and her lovely lips; but presently my rage returned: I remembered that I was for ever deprived of the delights that such beautiful creatures could bestow; and that she whose resemblance I contemplated would, in regarding me, have changed that air of divine benignity to one expressive of disgust and affright.

“Can you wonder that such thoughts transported me with rage? I only wonder that at that moment, instead of venting my sensations in exclamations and agony, I did not rush among mankind, and perish in the attempt to destroy them.

“While I was overcome by these feelings, I left the spot where I had committed the murder, and was seeking a more secluded hiding-place, when I perceived a woman passing near me. She was young, not indeed so beautiful as her whose portrait I held, but of an agreeable aspect, and blooming in the loveliness of youth and health. Here, I thought, is one of those whose smiles are bestowed on all but me; she shall not escape: thanks to the lessons of Felix, and the sanguinary laws of man, I have learned how to work mischief. I approached her unperceived, and placed the portrait securely in one of the folds of her dress.

“For some days I haunted the spot where these scenes had taken place; sometimes wishing to see you, sometimes resolved to quit the world and its miseries forever. At length I wandered towards these mountains, and have ranged through their immense recesses, consumed by a burning passion

which you alone can gratify. We may not part until you have promised to comply with my requisition. I am alone, and miserable; man will not associate with me; but one as deformed and horrible as myself would not deny herself to me. My companion must be of the same species, and have the same defects. This being you must create.”

CHAPTER IX

The being finished speaking, and fixed his looks upon me in expectation of a reply. But I was bewildered, perplexed, and unable to arrange my ideas sufficiently to understand the full extent of his proposition. He continued:

“You must create a female for me, with whom I can live in the interchange of those sympathies necessary for my being. This you alone can do; and I demand it of you as a right which you must not refuse.”

The latter part of his tale had kindled anew in me the anger that had died away while he narrated his peaceful life among the cottagers, and, as he said this, I could no longer suppress the rage that burned within me.

“I do refuse it,” I replied; “and no torture shall ever extort a consent from me. You may render me the most miserable of men, but you shall never make me base in my own eyes. Shall I create another like yourself, whose joint wickedness might desolate the world. Begone! I have answered you; you may torture me, but I will never consent.”

“You are in the wrong,” replied the fiend; “and, instead of threatening, I am content to reason with you. I am malicious because I am miserable; am I not shunned and hated by all mankind? You, my creator, would tear me to pieces, and triumph; remember that, and tell me why I should pity man more than he pities me? You would not call it murder, if you could precipitate me into one of those ice-rifts, and destroy my frame, the work of your own hands. Shall I respect man, when he contemns me? Let him live with me in the interchange of kindness, and, instead of injury, I would bestow every benefit upon him with tears of gratitude at his acceptance. But that cannot be; the human senses are insurmountable barriers to our union. Yet mine shall not be the submission of abject slavery. I will revenge my injuries: if I cannot inspire love, I will cause fear; and chiefly towards you my arch-enemy, because my creator, do I swear inextinguishable hatred. Have a care: I will work at your destruction, nor finish until I desolate your heart, so that you curse the hour of your birth.”

A fiendish rage animated him as he said this; his face was wrinkled into contortions too horrible for human eyes to behold; but presently he calmed himself, and proceeded:

“I intended to reason. This passion is detrimental to me; for you do not reflect that you are the cause of its excess. If any being felt emotions of benevolence towards me, I should return them an hundred and an hundred fold; for that one creature’s sake, I would make peace with the whole kind! But I now indulge in dreams of bliss that cannot be realized. What I ask of you is reasonable and moderate; I demand a creature of another sex, but as hideous as myself: the gratification is small, but it is all that I can receive, and it shall content me. It is true, we shall be monsters, cut off from all the world; but on that account we shall be more attached to one another. Our lives will not be happy, but they will be harmless, and free from the misery I now feel. Oh! my creator, make me happy; let me feel gratitude towards you for one benefit! Let me see that I excite the sympathy of some existing thing; do not deny me my request!”

I was moved. I shuddered when I thought of the possible consequences of my consent; but I felt that there was some justice in his argument. His tale, and the feelings he now expressed, proved him to be a creature of fine sensations; and did I not, as his maker, owe him all the portion of happiness that it was in my power to bestow? He saw my change of feeling, and continued:

“If you consent, neither you nor any other human being shall ever see us again: I will go to the vast wilds of South America. My food is not that of man; I do not destroy the lamb and the kid, to glut my appetite; acorns and berries afford me sufficient nourishment. My companion will be of the same nature as myself, and will be content with the same fare. We shall make our bed of dried leaves; the sun will shine on us as on man, and will ripen our food. The picture I present to you is peaceful and human, and you must feel that you could deny it only in the wantonness of power and cruelty. Pitiless as you have been towards me, I now see compassion in your eyes: let me seize the favourable moment, and persuade you to promise what I so ardently desire.”

“You propose,” replied I, “to fly from the habitations of man, to dwell in those wilds where the beasts of the field will be your only companions. How can you, who long for the love and sympathy of man, persevere in this exile? You will return, and again seek their kindness, and you will meet with their detestation; your evil passions will be renewed, and you will then

have a companion to aid you in the task of destruction. This may not be; cease to argue the point, for I cannot consent.”

“How inconstant are your feelings! but a moment ago you were moved by my representations, and why do you again harden yourself to my complaints? I swear to you, by the earth which I inhabit, and by you that made me, that, with the companion you bestow, I will quit the neighbourhood of man, and dwell, as it may chance, in the most savage of places. My evil passions will have fled, for I shall meet with sympathy; my life will flow quietly away, and, in my dying moments, I shall not curse my maker.”

His words had a strange effect upon me. I compassionated him, and sometimes felt a wish to console him; but when I looked upon him, when I saw the filthy mass that moved and talked, my heart sickened, and my feelings were altered to those of horror and hatred. I tried to stifle these sensations; I thought, that as I could not sympathize with him, I had no right to withhold from him the small portion of happiness which was yet in my power to bestow.

“You swear,” I said, “to be harmless; but have you not already shewn a degree of malice that should reasonably make me distrust you? May not even this be a feint that will increase your triumph by affording a wider scope for your revenge?”

“How is this? I thought I had moved your compassion, and yet you still refuse to bestow on me the only benefit that can soften my heart, and render me harmless. If I have no ties and no affections, hatred and vice must be my portion; the love of another will destroy the cause of my crimes, and I shall become a thing, of whose existence everyone will be ignorant. My vices are the children of a forced solitude that I abhor; and my virtues will necessarily arise when I live in communion with an equal. I shall feel the affections of a sensitive being, and become linked to the chain of existence and events, from which I am now excluded.”

I paused some time to reflect on all he had related, and the various arguments which he had employed. I thought of the promise of virtues which he had displayed on the opening of his existence, and the subsequent blight of all kindly feeling by the loathing and scorn which his protectors had manifested towards him. His power and threats were not omitted in my

calculations: a creature who could exist in the ice caves of the glaciers, and hide himself from pursuit among the ridges of inaccessible precipices, was a being possessing faculties it would be vain to cope with. After a long pause of reflection, I concluded, that the justice due both to him and my fellow-creatures demanded of me that I should comply with his request. Turning to him, therefore, I said:

“I consent to your demand, on your solemn oath to quit Europe for ever, and every other place in the neighbourhood of man, as soon as I shall deliver into your hands a female who will accompany you in your exile.”

“I swear,” he cried, “by the sun, and by the blue sky of heaven, that if you grant my prayer, while they exist you shall never behold me again. Depart to your home, and commence your labours: I shall watch their progress with unutterable anxiety; and fear not but that when you are ready I shall appear.”

Saying this, he suddenly quitted me, fearful, perhaps, of any change in my sentiments. I saw him descend the mountain with greater speed than the flight of an eagle, and quickly lost him among the undulations of the sea of ice.

His tale had occupied the whole day; and the sun was upon the verge of the horizon when he departed. I knew that I ought to hasten my descent towards the valley, as I should soon be encompassed in darkness; but my heart was heavy, and my steps slow. The labour of winding among the little paths of the mountains, and fixing my feet firmly as I advanced, perplexed me, occupied as I was by the emotions which the occurrences of the day had produced. Night was far advanced, when I came to the half-way resting-place, and seated myself beside the fountain. The stars shone at intervals, as the clouds passed from over them; the dark pines rose before me, and every here and there a broken tree lay on the ground: it was a scene of wonderful solemnity, and stirred strange thoughts within me. I wept bitterly; and, clasping my hands in agony, I exclaimed, “Oh! stars, and clouds, and winds, ye are all about to mock me: if ye really pity me, crush sensation and memory; let me become as nought; but if not, depart, depart and leave me in darkness.”

These were wild and miserable thoughts; but I cannot describe to you how the eternal twinkling of the stars weighed upon me, and how I listened

to every blast of wind, as if it were a dull ugly siroc on its way to consume me.

Morning dawned before I arrived at the village of Chamounix; but my presence, so haggard and strange, hardly calmed the fears of my family, who had waited the whole night in anxious expectation of my return.

The following day we returned to Geneva. The intention of my father in coming had been to divert my mind, and to restore me to my lost tranquillity; but the medicine had been fatal. And, unable to account for the excess of misery I appeared to suffer, he hastened to return home, hoping the quiet and monotony of a domestic life would by degrees alleviate my sufferings from whatsoever cause they might spring.

For myself, I was passive in all their arrangements; and the gentle affection of my beloved Elizabeth was inadequate to draw me from the depth of my despair. The promise I had made to the dæmon weighed upon my mind, like Dante's iron cowl on the heads of the hellish hypocrites. All pleasures of earth and sky passed before me like a dream, and that thought only had to me the reality of life. Can you wonder, that sometimes a kind of insanity possessed me, or that I saw continually about me a multitude of filthy animals inflicting on me incessant torture, that often extorted screams and bitter groans?

By degrees, however, these feelings became calmed. I entered again into the every-day scene of life, if not with interest, at least with some degree of tranquillity.

END OF VOLUME II

VOLUME III

CHAPTER I

Day after day, week after week, passed away on my return to Geneva; and I could not collect the courage to recommence my work. I feared the vengeance of the disappointed fiend, yet I was unable to overcome my repugnance to the task which was enjoined me. I found that I could not compose a female without again devoting several months to profound study and laborious disquisition. I had heard of some discoveries having been made by an English philosopher, the knowledge of which was material to my success, and I sometimes thought of obtaining my father's consent to visit England for this purpose; but I clung to every pretence of delay, and could not resolve to interrupt my returning tranquillity. My health, which had hitherto declined, was now much restored; and my spirits, when unchecked by the memory of my unhappy promise, rose proportionably. My father saw this change with pleasure, and he turned his thoughts towards the best method of eradicating the remains of my melancholy, which every now and then would return by fits, and with a devouring blackness overcast the approaching sunshine. At these moments I took refuge in the most perfect solitude. I passed whole days on the lake alone in a little boat, watching the clouds, and listening to the rippling of the waves, silent and listless. But the fresh air and bright sun seldom failed to restore me to some degree of composure; and, on my return, I met the salutations of my friends with a readier smile and a more cheerful heart.

It was after my return from one of these rambles that my father, calling me aside, thus addressed me:

“I am happy to remark, my dear son, that you have resumed your former pleasures, and seem to be returning to yourself. And yet you are still unhappy, and still avoid our society. For some time I was lost in conjecture as to the cause of this; but yesterday an idea struck me, and if it is well founded, I conjure you to avow it. Reserve on such a point would be not only useless, but draw down treble misery on us all.”

I trembled violently at this exordium, and my father continued:

“I confess, my son, that I have always looked forward to your marriage with your cousin as the tie of our domestic comfort, and the stay of my

declining years. You were attached to each other from your earliest infancy; you studied together, and appeared, in dispositions and tastes, entirely suited to one another. But so blind is the experience of man, that what I conceived to be the best assistants to my plan may have entirely destroyed it. You, perhaps, regard her as your sister, without any wish that she might become your wife. Nay, you may have met with another whom you may love; and, considering yourself as bound in honour to your cousin, this struggle may occasion the poignant misery which you appear to feel.”

“My dear father, re-assure yourself. I love my cousin tenderly and sincerely. I never saw any woman who excited, as Elizabeth does, my warmest admiration and affection. My future hopes and prospects are entirely bound up in the expectation of our union.”

“The expression of your sentiments on this subject, my dear Victor, gives me more pleasure than I have for some time experienced. If you feel thus, we shall assuredly be happy, however present events may cast a gloom over us. But it is this gloom, which appears to have taken so strong a hold of your mind, that I wish to dissipate. Tell me, therefore, whether you object to an immediate solemnization of the marriage. We have been unfortunate, and recent events have drawn us from that every-day tranquillity befitting my years and infirmities. You are younger; yet I do not suppose, possessed as you are of a competent fortune, that an early marriage would at all interfere with any future plans of honour and utility that you may have formed. Do not suppose, however, that I wish to dictate happiness to you, or that a delay on your part would cause me any serious uneasiness. Interpret my words with candour, and answer me, I conjure you, with confidence and sincerity.”

I listened to my father in silence, and remained for some time incapable of offering any reply. I revolved rapidly in my mind a multitude of thoughts, and endeavoured to arrive at some conclusion. Alas! to me the idea of an immediate union with my cousin was one of horror and dismay. I was bound by a solemn promise, which I had not yet fulfilled, and dared not break; or, if I did, what manifold miseries might not impend over me and my devoted family! Could I enter into a festival with this deadly weight yet hanging round my neck, and bowing me to the ground. I must perform my engagement, and let the monster depart with his mate, before I allowed myself to enjoy the delight of an union from which I expected peace.

I remembered also the necessity imposed upon me of either journeying to England, or entering into a long correspondence with those philosophers of that country, whose knowledge and discoveries were of indispensable use to me in my present undertaking. The latter method of obtaining the desired intelligence was dilatory and unsatisfactory: besides, any variation was agreeable to me, and I was delighted with the idea of spending a year or two in change of scene and variety of occupation, in absence from my family; during which period some event might happen which would restore me to them in peace and happiness: my promise might be fulfilled, and the monster have departed; or some accident might occur to destroy him, and put an end to my slavery forever.

These feelings dictated my answer to my father. I expressed a wish to visit England; but, concealing the true reasons of this request, I clothed my desires under the guise of wishing to travel and see the world before I sat down for life within the walls of my native town.

I urged my entreaty with earnestness, and my father was easily induced to comply; for a more indulgent and less dictatorial parent did not exist upon earth. Our plan was soon arranged. I should travel to Strasburgh, where Clerval would join me. Some short time would be spent in the towns of Holland, and our principal stay would be in England. We should return by France; and it was agreed that the tour should occupy the space of two years.

My father pleased himself with the reflection, that my union with Elizabeth should take place immediately on my return to Geneva. "These two years," said he, "will pass swiftly, and it will be the last delay that will oppose itself to your happiness. And, indeed, I earnestly desire that period to arrive, when we shall all be united, and neither hopes or fears arise to disturb our domestic calm."

"I am content," I replied, "with your arrangement. By that time we shall both have become wiser, and I hope happier, than we at present are." I sighed; but my father kindly forbore to question me further concerning the cause of my dejection. He hoped that new scenes, and the amusement of travelling, would restore my tranquillity.

I now made arrangements for my journey; but one feeling haunted me, which filled me with fear and agitation. During my absence I should leave

my friends unconscious of the existence of their enemy, and unprotected from his attacks, exasperated as he might be by my departure. But he had promised to follow me wherever I might go; and would he not accompany me to England? This imagination was dreadful in itself, but soothing, inasmuch as it supposed the safety of my friends. I was agonized with the idea of the possibility that the reverse of this might happen. But through the whole period during which I was the slave of my creature, I allowed myself to be governed by the impulses of the moment; and my present sensations strongly intimated that the fiend would follow me, and exempt my family from the danger of his machinations.

It was in the latter end of August that I departed, to pass two years of exile. Elizabeth approved of the reasons of my departure, and only regretted that she had not the same opportunities of enlarging her experience, and cultivating her understanding. She wept, however, as she bade me farewell, and entreated me to return happy and tranquil. "We all," said she, "depend upon you; and if you are miserable, what must be our feelings?"

I threw myself into the carriage that was to convey me away, hardly knowing whither I was going, and careless of what was passing around. I remembered only, and it was with a bitter anguish that I reflected on it, to order that my chemical instruments should be packed to go with me: for I resolved to fulfil my promise while abroad, and return, if possible, a free man. Filled with dreary imaginations, I passed through many beautiful and majestic scenes; but my eyes were fixed and unobserving. I could only think of the bourne of my travels, and the work which was to occupy me whilst they endured.

After some days spent in listless indolence, during which I traversed many leagues, I arrived at Strasburgh, where I waited two days for Clerval. He came. Alas, how great was the contrast between us! He was alive to every new scene; joyful when he saw the beauties of the setting sun, and more happy when he beheld it rise, and recommence a new day. He pointed out to me the shifting colours of the landscape, and the appearances of the sky. "This is what it is to live;" he cried, "now I enjoy existence! But you, my dear Frankenstein, wherefore are you desponding and sorrowful?" In truth, I was occupied by gloomy thoughts, and neither saw the descent of the evening star, nor the golden sun-rise reflected in the Rhine. And you, my friend, would be far more amused with the journal of Clerval, who

observed the scenery with an eye of feeling and delight, than to listen to my reflections. I, a miserable wretch, haunted by a curse that shut up every avenue to enjoyment.

We had agreed to descend the Rhine in a boat from Strasburgh to Rotterdam, whence we might take shipping for London. During this voyage, we passed by many willowy islands, and saw several beautiful towns. We staid a day at Manheim, and, on the fifth from our departure from Strasburgh, arrived at Mayence. The course of the Rhine below Mayence becomes much more picturesque. The river descends rapidly, and winds between hills, not high, but steep, and of beautiful forms. We saw many ruined castles standing on the edges of precipices, surrounded by black woods, high and inaccessible. This part of the Rhine, indeed, presents a singularly variegated landscape. In one spot you view rugged hills, ruined castles overlooking tremendous precipices, with the dark Rhine rushing beneath; and, on the sudden turn of a promontory, flourishing vineyards, with green sloping banks, and a meandering river, and populous towns, occupy the scene.

We travelled at the time of the vintage, and heard the song of the labourers, as we glided down the stream. Even I, depressed in mind, and my spirits continually agitated by gloomy feelings, even I was pleased. I lay at the bottom of the boat, and, as I gazed on the cloudless blue sky, I seemed to drink in a tranquillity to which I had long been a stranger. And if these were my sensations, who can describe those of Henry? He felt as if he had been transported to Fairy-land, and enjoyed a happiness seldom tasted by man. "I have seen," he said, "the most beautiful scenes of my own country; I have visited the lakes of Lucerne and Uri, where the snowy mountains descend almost perpendicularly to the water, casting black and impenetrable shades, which would cause a gloomy and mournful appearance, were it not for the most verdant islands that relieve the eye by their gay appearance; I have seen this lake agitated by a tempest, when the wind tore up whirlwinds of water, and gave you an idea of what the water-spout must be on the great ocean, and the waves dash with fury the base of the mountain, where the priest and his mistress were overwhelmed by an avalanche, and where their dying voices are still said to be heard amid the pauses of the nightly wind; I have seen the mountains of La Valais, and the Pays de Vaud: but this country, Victor, pleases me more than all those wonders. The mountains of

Switzerland are more majestic and strange; but there is a charm in the banks of this divine river, that I never before saw equalled. Look at that castle which overhangs yon precipice; and that also on the island, almost concealed amongst the foliage of those lovely trees; and now that group of labourers coming from among their vines; and that village half-hid in the recess of the mountain. Oh, surely, the spirit that inhabits and guards this place has a soul more in harmony with man, than those who pile the glacier, or retire to the inaccessible peaks of the mountains of our own country.”

Clerval! beloved friend! even now it delights me to record your words, and to dwell on the praise of which you are so eminently deserving. He was a being formed in the “very poetry of nature.” His wild and enthusiastic imagination was chastened by the sensibility of his heart. His soul overflowed with ardent affections, and his friendship was of that devoted and wondrous nature that the worldly-minded teach us to look for only in the imagination. But even human sympathies were not sufficient to satisfy his eager mind. The scenery of external nature, which others regard only with admiration, he loved with ardour:

The sounding cataract
Haunted him like a passion: the tall rock,
The mountain, and the deep and gloomy wood,
Their colours and their forms, were then to him
An appetite; a feeling, and a love,
That had no need of a remoter charm,
By thought supplied, or any interest
Unborrowed from the eye.

And where does he now exist? Is this gentle and lovely being lost forever? Has this mind so replete with ideas, imaginations fanciful and magnificent, which formed a world, whose existence depended on the life of its creator; has this mind perished? Does it now only exist in my memory? No, it is not thus; your form so divinely wrought, and beaming with beauty, has decayed, but your spirit still visits and consoles your unhappy friend.

Pardon this gush of sorrow; these ineffectual words are but a slight tribute to the unexampled worth of Henry, but they soothe my heart, overflowing with the anguish which his remembrance creates. I will proceed with my tale.

Beyond Cologne we descended to the plains of Holland; and we resolved to post the remainder of our way; for the wind was contrary, and the stream of the river was too gentle to aid us.

Our journey here lost the interest arising from beautiful scenery; but we arrived in a few days at Rotterdam, whence we proceeded by sea to England. It was on a clear morning, in the latter days of December, that I first saw the white cliffs of Britain. The banks of the Thames presented a new scene; they were flat, but fertile, and almost every town was marked by the remembrance of some story. We saw Tilbury Fort, and remembered the Spanish armada; Gravesend, Woolwich, and Greenwich – places which I had heard of even in my country.

At length we saw the numerous steeples of London, St. Paul's towering above all, and the Tower famed in English history.

CHAPTER II

London was our present point of rest; we determined to remain several months in this wonderful and celebrated city. Clerval desired the intercourse of the men of genius and talent who flourished at this time; but this was with me a secondary object; I was principally occupied with the means of obtaining the information necessary for the completion of my promise, and quickly availed myself of the letters of introduction that I had brought with me, addressed to the most distinguished natural philosophers.

If this journey had taken place during my days of study and happiness, it would have afforded me inexpressible pleasure. But a blight had come over my existence, and I only visited these people for the sake of the information they might give me on the subject in which my interest was so terribly profound. Company was irksome to me; when alone, I could fill my mind with the sights of heaven and earth; the voice of Henry soothed me, and I could thus cheat myself into a transitory peace. But busy uninteresting joyous faces brought back despair to my heart. I saw an insurmountable barrier placed between me and my fellow-men; this barrier was sealed with the blood of William and Justine; and to reflect on the events connected with those names filled my soul with anguish.

But in Clerval I saw the image of my former self; he was inquisitive, and anxious to gain experience and instruction. The difference of manners which he observed was to him an inexhaustible source of instruction and amusement. He was forever busy; and the only check to his enjoyments was my sorrowful and dejected mien. I tried to conceal this as much as possible, that I might not debar him from the pleasures natural to one who was entering on a new scene of life, undisturbed by any care or bitter recollection. I often refused to accompany him, alleging another engagement, that I might remain alone. I now also began to collect the materials necessary for my new creation, and this was to me like the torture of single drops of water continually falling on the head. Every thought that was devoted to it was an extreme anguish, and every word that I spoke in allusion to it caused my lips to quiver, and my heart to palpitate.

After passing some months in London, we received a letter from a person in Scotland, who had formerly been our visitor at Geneva. He

mentioned the beauties of his native country, and asked us if those were not sufficient allurements to induce us to prolong our journey as far north as Perth, where he resided. Clerval eagerly desired to accept this invitation; and I, although I abhorred society, wished to view again mountains and streams, and all the wondrous works with which Nature adorns her chosen dwelling-places.

We had arrived in England at the beginning of October, and it was now February. We accordingly determined to commence our journey towards the north at the expiration of another month. In this expedition we did not intend to follow the great road to Edinburgh, but to visit Windsor, Oxford, Matlock, and the Cumberland lakes, resolving to arrive at the completion of this tour about the end of July. I packed my chemical instruments, and the materials I had collected, resolving to finish my labours in some obscure nook in the northern highlands of Scotland.

We quitted London on the 27th of March, and remained a few days at Windsor, rambling in its beautiful forest. This was a new scene to us mountaineers; the majestic oaks, the quantity of game, and the herds of stately deer, were all novelties to us.

From thence we proceeded to Oxford. As we entered this city, our minds were filled with the remembrance of the events that had been transacted there more than a century and a half before. It was here that Charles I. had collected his forces. This city had remained faithful to him, after the whole nation had forsaken his cause to join the standard of parliament and liberty. The memory of that unfortunate king, and his companions, the amiable Falkland, the insolent Gower, his queen, and son, gave a peculiar interest to every part of the city, which they might be supposed to have inhabited. The spirit of elder days found a dwelling here, and we delighted to trace its footsteps. If these feelings had not found an imaginary gratification, the appearance of the city had yet in itself sufficient beauty to obtain our admiration. The colleges are ancient and picturesque; the streets are almost magnificent; and the lovely Isis, which flows beside it through meadows of exquisite verdure, is spread forth into a placid expanse of waters, which reflects its majestic assemblage of towers, and spires, and domes, embosomed among aged trees.

I enjoyed this scene; and yet my enjoyment was embittered both by the memory of the past, and the anticipation of the future. I was formed for peaceful happiness. During my youthful days discontent never visited my mind; and if I was ever overcome by ennui, the sight of what is beautiful in nature, or the study of what is excellent and sublime in the productions of man, could always interest my heart, and communicate elasticity to my spirits. But I am a blasted tree; the bolt has entered my soul; and I felt then that I should survive to exhibit, what I shall soon cease to be – a miserable spectacle of wrecked humanity, pitiable to others, and abhorrent to myself.

We passed a considerable period at Oxford, rambling among its environs, and endeavouring to identify every spot which might relate to the most animating epoch of English history. Our little voyages of discovery were often prolonged by the successive objects that presented themselves. We visited the tomb of the illustrious Hampden, and the field on which that patriot fell. For a moment my soul was elevated from its debasing and miserable fears to contemplate the divine ideas of liberty and self-sacrifice, of which these sights were the monuments and the remembrancers. For an instant I dared to shake off my chains, and look around me with a free and lofty spirit; but the iron had eaten into my flesh, and I sank again, trembling and hopeless, into my miserable self.

We left Oxford with regret, and proceeded to Matlock, which was our next place of rest. The country in the neighbourhood of this village resembled, to a greater degree, the scenery of Switzerland; but everything is on a lower scale, and the green hills want the crown of distant white Alps, which always attend on the piny mountains of my native country. We visited the wondrous cave, and the little cabinets of natural history, where the curiosities are disposed in the same manner as in the collections at Servox and Chamounix. The latter name made me tremble, when pronounced by Henry; and I hastened to quit Matlock, with which that terrible scene was thus associated.

From Derby still journeying northward, we passed two months in Cumberland and Westmoreland. I could now almost fancy myself among the Swiss mountains. The little patches of snow which yet lingered on the northern sides of the mountains, the lakes, and the dashing of the rocky streams, were all familiar and dear sights to me. Here also we made some acquaintances, who almost contrived to cheat me into happiness. The

delight of Clerval was proportionably greater than mine; his mind expanded in the company of men of talent, and he found in his own nature greater capacities and resources than he could have imagined himself to have possessed while he associated with his inferiors. "I could pass my life here," said he to me; "and among these mountains I should scarcely regret Switzerland and the Rhine."

But he found that a traveller's life is one that includes much pain amidst its enjoyments. His feelings are forever on the stretch; and when he begins to sink into repose, he finds himself obliged to quit that on which he rests in pleasure for something new, which again engages his attention, and which also he forsakes for other novelties.

We had scarcely visited the various lakes of Cumberland and Westmoreland, and conceived an affection for some of the inhabitants, when the period of our appointment with our Scotch friend approached, and we left them to travel on. For my own part I was not sorry. I had now neglected my promise for some time, and I feared the effects of the dæmon's disappointment. He might remain in Switzerland, and wreak his vengeance on my relatives. This idea pursued me, and tormented me at every moment from which I might otherwise have snatched repose and peace. I waited for my letters with feverish impatience: if they were delayed, I was miserable, and overcome by a thousand fears; and when they arrived, and I saw the superscription of Elizabeth or my father, I hardly dared to read and ascertain my fate. Sometimes I thought that the fiend followed me, and might expedite my remissness by murdering my companion. When these thoughts possessed me, I would not quit Henry for a moment, but followed him as his shadow, to protect him from the fancied rage of his destroyer. I felt as if I had committed some great crime, the consciousness of which haunted me. I was guiltless, but I had indeed drawn down a horrible curse upon my head, as mortal as that of crime.

I visited Edinburgh with languid eyes and mind; and yet that city might have interested the most unfortunate being. Clerval did not like it so well as Oxford; for the antiquity of the latter city was more pleasing to him. But the beauty and regularity of the new town of Edinburgh, its romantic castle, and its environs, the most delightful in the world, Arthur's Seat, St. Bernard's Well, and the Pentland Hills, compensated him for the change, and filled

him with cheerfulness and admiration. But I was impatient to arrive at the termination of my journey.

We left Edinburgh in a week, passing through Coupar, St. Andrews, and along the banks of the Tay to Perth, where our friend expected us. But I was in no mood to laugh and talk with strangers, or enter into their feelings or plans with the good humour expected from a guest; and accordingly I told Clerval that I wished to make the tour of Scotland alone. "Do you," said I, "enjoy yourself, and let this be our rendezvous. I may be absent a month or two; but do not interfere with my motions, I entreat you: leave me to peace and solitude for a short time; and when I return, I hope it will be with a lighter heart, more congenial to your own temper."

Henry wished to dissuade me; but, seeing me bent on this plan, ceased to remonstrate. He entreated me to write often. "I had rather be with you," he said, "in your solitary rambles, than with these Scotch people, whom I do not know: hasten then, my dear friend, to return, that I may again feel myself somewhat at home, which I cannot do in your absence."

Having parted from my friend, I determined to visit some remote spot of Scotland, and finish my work in solitude. I did not doubt but that the monster followed me, and would discover himself to me when I should have finished, that he might receive his companion.

With this resolution I traversed the northern highlands, and fixed on one of the remotest of the Orkneys as the scene labours. It was a place fitted for such a work, being hardly more than a rock, whose high sides were continually beaten upon by the waves. The soil was barren, scarcely affording pasture for a few miserable cows, and oatmeal for its inhabitants, which consisted of five persons, whose gaunt and scraggy limbs gave tokens of their miserable fare. Vegetables and bread, when they indulged in such luxuries, and even fresh water, was to be procured from the main land, which was about five miles distant.

On the whole island there were but three miserable huts, and one of these was vacant when I arrived. This I hired. It contained but two rooms, and these exhibited all the squalidness of the most miserable penury. The thatch had fallen in, the walls were unplastered, and the door was off its hinges. I ordered it to be repaired, bought some furniture, and took possession; an incident which would, doubtless, have occasioned some

surprise, had not all the senses of the cottagers been benumbed by want and squalid poverty. As it was, I lived ungazed at and unmolested, hardly thanked for the pittance of food and clothes which I gave; so much does suffering blunt even the coarsest sensations of men.

In this retreat I devoted the morning to labour; but in the evening, when the weather permitted, I walked on the stony beach of the sea, to listen to the waves as they roared, and dashed at my feet. It was a monotonous, yet ever-changing scene. I thought of Switzerland; it was far different from this desolate and appalling landscape. Its hills are covered with vines, and its cottages are scattered thickly in the plains. Its fair lakes reflect a blue and gentle sky; and, when troubled by the winds, their tumult is but as the play of a lively infant, when compared to the roarings of the giant ocean.

In this manner I distributed my occupations when I first arrived; but, as I proceeded in my labour, it became every day more horrible and irksome to me. Sometimes I could not prevail on myself to enter my laboratory for several days; and at other times I toiled day and night in order to complete my work. It was indeed a filthy process in which I was engaged. During my first experiment, a kind of enthusiastic frenzy had blinded me to the horror of my employment; my mind was intently fixed on the sequel of my labour, and my eyes were shut to the horror of my proceedings. But now I went to it in cold blood, and my heart often sickened at the work of my hands.

Thus situated, employed in the most detestable occupation, immersed in a solitude where nothing could for an instant call my attention from the actual scene in which I was engaged, my spirits became unequal; I grew restless and nervous. Every moment I feared to meet my persecutor. Sometimes I sat with my eyes fixed on the ground, fearing to raise them lest they should encounter the object which I so much dreaded to behold. I feared to wander from the sight of my fellow-creatures, lest when alone he should come to claim his companion.

In the mean time I worked on, and my labour was already considerably advanced. I looked towards its completion with a tremulous and eager hope, which I dared not trust myself to question, but which was intermixed with obscure forebodings of evil, that made my heart sicken in my bosom.

CHAPTER III

I sat one evening in my laboratory; the sun had set, and the moon was just rising from the sea; I had not sufficient light for my employment, and I remained idle, in a pause of consideration of whether I should leave my labour for the night, or hasten its conclusion by an unremitting attention to it. As I sat, a train of reflection occurred to me, which led me to consider the effects of what I was now doing. Three years before I was engaged in the same manner, and had created a fiend whose unparalleled barbarity had desolated my heart, and filled it for ever with the bitterest remorse. I was now about to form another being, of whose dispositions I was alike ignorant; she might become ten thousand times more malignant than her mate, and delight, for its own sake, in murder and wretchedness. He had sworn to quit the neighbourhood of man, and hide himself in deserts; but she had not; and she, who in all probability was to become a thinking and reasoning animal, might refuse to comply with a compact made before her creation. They might even hate each other; the creature who already lived loathed his own deformity, and might he not conceive a greater abhorrence for it when it came before his eyes in the female form? She also might turn with disgust from him to the superior beauty of man; she might quit him, and he be again alone, exasperated by the fresh provocation of being deserted by one of his own species.

Even if they were to leave Europe, and inhabit the deserts of the new world, yet one of the first results of those sympathies for which the dæmon thirsted would be children, and a race of devils would be propagated upon the earth, who might make the very existence of the species of man a condition precarious and full of terror. Had I a right, for my own benefit, to inflict this curse upon everlasting generations? I had before been moved by the sophisms of the being I had created; I had been struck senseless by his fiendish threats: but now, for the first time, the wickedness of my promise burst upon me; I shuddered to think that future ages might curse me as their pest, whose selfishness had not hesitated to buy its own peace at the price perhaps of the existence of the whole human race.

I trembled, and my heart failed within me; when, on looking up, I saw, by the light of the moon, the dæmon at the casement. A ghastly grin

wrinkled his lips as he gazed on me, where I sat fulfilling the task which he had allotted to me. Yes, he had followed me in my travels; he had loitered in forests, hid himself in caves, or taken refuge in wide and desert heaths; and he now came to mark my progress, and claim the fulfilment of my promise.

As I looked on him, his countenance expressed the utmost extent of malice and treachery. I thought with a sensation of madness on my promise of creating another like to him, and, trembling with passion, tore to pieces the thing on which I was engaged. The wretch saw me destroy the creature on whose future existence he depended for happiness, and, with a howl of devilish despair and revenge, withdrew.

I left the room, and, locking the door, made a solemn vow in my own heart never to resume my labours; and then, with trembling steps, I sought my own apartment. I was alone; none were near me to dissipate the gloom, and relieve me from the sickening oppression of the most terrible reveries.

Several hours past, and I remained near my window gazing on the sea; it was almost motionless, for the winds were hushed, and all nature reposed under the eye of the quiet moon. A few fishing vessels alone specked the water, and now and then the gentle breeze wafted the sound of voices, as the fishermen called to one another. I felt the silence, although I was hardly conscious of its extreme profundity until my ear was suddenly arrested by the paddling of oars near the shore, and a person landed close to my house.

In a few minutes after, I heard the creaking of my door, as if some one endeavoured to open it softly. I trembled from head to foot; I felt a presentiment of who it was, and wished to rouse one of the peasants who dwelt in a cottage not far from mine; but I was overcome by the sensation of helplessness, so often felt in frightful dreams, when you in vain endeavour to fly from an impending danger, and was rooted to the spot.

Presently I heard the sound of footsteps along the passage; the door opened, and the wretch whom I dreaded appeared. Shutting the door, he approached me, and said, in a smothered voice:

“You have destroyed the work which you began; what is it that you intend? Do you dare to break your promise? I have endured toil and misery: I left Switzerland with you; I crept along the shores of the Rhine, among its willow islands, and over the summits of its hills. I have dwelt many months

in the heaths of England, and among the deserts of Scotland. I have endured incalculable fatigue, and cold, and hunger; and do you dare destroy my hopes?"

"Begone! I do break my promise; never will I create another like yourself, equal in deformity and wickedness."

"Slave, I before reasoned with you, but you have proved yourself unworthy of my condescension. Remember that I have power; you believe yourself miserable, but I can make you so wretched that the light of day will be hateful to you. You are my creator, but I am your master: obey!"

"The hour of my weakness is past, and the period of your power is arrived. Your threats cannot move me to do an act of wickedness; but they confirm me in a resolution of not creating you a companion in vice. Shall I, in cool blood, set loose upon the earth a dæmon, whose delight is in death and wretchedness. Begone! I am firm, and your words will only exasperate my rage."

The monster saw my determination in my face, and gnashed his teeth in the impotence of anger. "Shall each man," cried he, "find a wife for his bosom, and each beast have his mate, and I be alone? I had feelings of affection, and they were requited by detestation and scorn. Man, you may hate; but beware! Your hours will pass in dread and misery, and soon the bolt will fall which must ravish from you your happiness forever. Are you to be happy, while I grovel in the intensity of my wretchedness? You can blast my other passions; but revenge remains – revenge, henceforth dearer than light or food! I may die; but first you, my tyrant and tormentor, shall curse the sun that gazes on your misery. Beware; for I am fearless, and therefore powerful. I will watch with the wiliness of a snake, that I may sting with its venom. Man, you shall repent of the injuries you inflict."

"Devil, cease; and do not poison the air with these sounds of malice. I have declared my resolution to you, and I am no coward to bend beneath words. Leave me; I am inexorable."

"It is well. I go; but remember, I shall be with you on your wedding-night."

I started forward, and exclaimed, "Villain! before you sign my death-warrant, be sure that you are yourself safe."

I would have seized him; but he eluded me, and quitted the house with precipitation: in a few moments I saw him in his boat, which shot across the waters with an arrowy swiftness, and was soon lost amidst the waves.

All was again silent; but his words rung in my ears. I burned with rage to pursue the murderer of my peace, and precipitate him into the ocean. I walked up and down my room hastily and perturbed, while my imagination conjured up a thousand images to torment and sting me. Why had I not followed him, and closed with him in mortal strife? But I had suffered him to depart, and he had directed his course towards the main land. I shuddered to think who might be the next victim sacrificed to his insatiate revenge. And then I thought again of his words: "I will be with you on your wedding-night." That then was the period fixed for the fulfilment of my destiny. In that hour I should die, and at once satisfy and extinguish his malice. The prospect did not move me to fear; yet when I thought of my beloved Elizabeth – of her tears and endless sorrow, when she should find her lover so barbarously snatched from her – tears, the first I had shed for many months, streamed from my eyes, and I resolved not to fall before my enemy without a bitter struggle.

The night passed away, and the sun rose from the ocean; my feelings became calmer, if it may be called calmness, when the violence of rage sinks into the depths of despair. I left the house, the horrid scene of the last night's contention, and walked on the beach of the sea, which I almost regarded as an insuperable barrier between me and my fellow-creatures; nay, a wish that such should prove the fact stole across me. I desired that I might pass my life on that barren rock, wearily it is true, but uninterrupted by any sudden shock of misery. If I returned, it was to be sacrificed, or to see those whom I most loved die under the grasp of a dæmon whom I had myself created.

I walked about the isle like a restless spectre, separated from all it loved, and miserable in the separation. When it became noon, and the sun rose higher, I lay down on the grass, and was overpowered by a deep sleep. I had been awake the whole of the preceding night, my nerves were agitated, and my eyes inflamed by watching and misery. The sleep into which I now sunk refreshed me; and when I awoke, I again felt as if I belonged to a race of human beings like myself, and I began to reflect upon what had passed with greater composure; yet still the words of the fiend rung in my ears like a

death-knell, they appeared like a dream, yet distinct and oppressive as a reality.

The sun had far descended, and I still sat on the shore, satisfying my appetite, which had become ravenous, with an oaten cake, when I saw a fishing-boat land close to me, and one of the men brought me a packet; it contained letters from Geneva, and one from Clerval, entreating me to join him. He said that nearly a year had elapsed since we had quitted Switzerland, and France was yet unvisited. He entreated me, therefore, to leave my solitary isle, and meet him at Perth, in a week from that time, when we might arrange the plan of our future proceedings. This letter in a degree recalled me to life, and I determined to quit my island at the expiration of two days.

Yet, before I departed, there was a task to perform, on which I shuddered to reflect: I must pack my chemical instruments; and for that purpose I must enter the room which had been the scene of my odious work, and I must handle those utensils, the sight of which was sickening to me. The next morning, at day-break, I summoned sufficient courage, and unlocked the door of my laboratory. The remains of the half-finished creature, whom I had destroyed, lay scattered on the floor, and I almost felt as if I had mangled the living flesh of a human being. I paused to collect myself, and then entered the chamber. With trembling hand I conveyed the instruments out of the room; but I reflected that I ought not to leave the relics of my work to excite the horror and suspicion of the peasants, and I accordingly put them into a basket, with a great quantity of stones, and laying them up, determined to throw them into the sea that very night; and in the mean time I sat upon the beach, employed in cleaning and arranging my chemical apparatus.

Nothing could be more complete than the alteration that had taken place in my feelings since the night of the appearance of the dæmon. I had before regarded my promise with a gloomy despair, as a thing that, with whatever consequences, must be fulfilled; but I now felt as if a film had been taken from before my eyes, and that I, for the first time, saw clearly. The idea of renewing my labours did not for one instant occur to me; the threat I had heard weighed on my thoughts, but I did not reflect that a voluntary act of mine could avert it. I had resolved in my own mind, that to create another like the fiend I had first made would be an act of the basest and most

atrocious selfishness; and I banished from my mind every thought that could lead to a different conclusion.

Between two and three in the morning the moon rose; and I then, putting my basket aboard a little skiff, sailed out about four miles from the shore. The scene was perfectly solitary: a few boats were returning towards land, but I sailed away from them. I felt as if I was about the commission of a dreadful crime, and avoided with shuddering anxiety any encounter with my fellow-creatures. At one time the moon, which had before been clear, was suddenly overspread by a thick cloud, and I took advantage of the moment of darkness, and cast my basket into the sea; I listened to the gurgling sound as it sunk, and then sailed away from the spot. The sky became clouded; but the air was pure, although chilled by the north-east breeze that was then rising. But it refreshed me, and filled me with such agreeable sensations, that I resolved to prolong my stay on the water, and fixing the rudder in a direct position, stretched myself at the bottom of the boat. Clouds hid the moon, everything was obscure, and I heard only the sound of the boat, as its keel cut through the waves; the murmur lulled me, and in a short time I slept soundly.

I do not know how long I remained in this situation, but when I awoke I found that the sun had already mounted considerably. The wind was high, and the waves continually threatened the safety of my little skiff. I found that the wind was north-east, and must have driven me far from the coast from which I had embarked. I endeavoured to change my course, but quickly found that if I again made the attempt the boat would be instantly filled with water. Thus situated, my only resource was to drive before the wind. I confess that I felt a few sensations of terror. I had no compass with me, and was so little acquainted with the geography of this part of the world that the sun was of little benefit to me. I might be driven into the wide Atlantic, and feel all the tortures of starvation, or be swallowed up in the immeasurable waters that roared and buffeted around me. I had already been out many hours, and felt the torment of a burning thirst, a prelude to my other sufferings. I looked on the heavens, which were covered by clouds that flew before the wind only to be replaced by others: I looked upon the sea, it was to be my grave. "Fiend," I exclaimed, "your task is already fulfilled!" I thought of Elizabeth, of my father, and of Clerval; and sunk into

a reverie, so despairing and frightful, that even now, when the scene is on the point of closing before me for ever, I shudder to reflect on it.

Some hours passed thus; but by degrees, as the sun declined towards the horizon, the wind died away into a gentle breeze, and the sea became free from breakers. But these gave place to a heavy swell; I felt sick, and hardly able to hold the rudder, when suddenly I saw a line of high land towards the south.

Almost spent, as I was, by fatigue, and the dreadful suspense I endured for several hours, this sudden certainty of life rushed like a flood of warm joy to my heart, and tears gushed from my eyes.

How mutable are our feelings, and how strange is that clinging love we have of life even in the excess of misery! I constructed another sail with a part of my dress, and eagerly steered my course towards the land. It had a wild and rocky appearance; but as I approached nearer, I easily perceived the traces of cultivation. I saw vessels near the shore, and found myself suddenly transported back to the neighbourhood of civilized man. I eagerly traced the windings of the land, and hailed a steeple which I at length saw issuing from behind a small promontory. As I was in a state of extreme debility, I resolved to sail directly towards the town as a place where I could most easily procure nourishment. Fortunately I had money with me. As I turned the promontory, I perceived a small neat town and a good harbour, which I entered, my heart bounding with joy at my unexpected escape.

As I was occupied in fixing the boat and arranging the sails, several people crowded towards the spot. They seemed very much surprised at my appearance; but, instead of offering me any assistance, whispered together with gestures that at any other time might have produced in me a slight sensation of alarm. As it was, I merely remarked that they spoke English; and I therefore addressed them in that language: "My good friends," said I, "will you be so kind as to tell me the name of this town, and inform me where I am?"

"You will know that soon enough," replied a man with a gruff voice. "May be you are come to a place that will not prove much to your taste; but you will not be consulted as to your quarters, I promise you."

I was exceedingly surprised on receiving so rude an answer from a stranger; and I was also disconcerted on perceiving the frowning and angry countenances of his companions. "Why do you answer me so roughly?" I replied: "surely it is not the custom of Englishmen to receive strangers so inhospitably."

"I do not know," said the man, "what the custom of the English may be; but it is the custom of the Irish to hate villains."

While this strange dialogue continued, I perceived the crowd rapidly increase. Their faces expressed a mixture of curiosity and anger, which annoyed, and in some degree alarmed me. I inquired the way to the inn; but no one replied. I then moved forward, and a murmuring sound arose from the crowd as they followed and surrounded me; when an ill-looking man approaching, tapped me on the shoulder, and said, "Come, Sir, you must follow me to Mr. Kirwin's, to give an account of yourself."

"Who is Mr. Kirwin? Why am I to give an account of myself? Is not this a free country?"

"Aye, Sir, free enough for honest folks. Mr. Kirwin is a magistrate; and you are to give an account of the death of a gentleman who was found murdered here last night."

This answer startled me; but I presently recovered myself. I was innocent; that could easily be proved: accordingly I followed my conductor in silence, and was led to one of the best houses in the town. I was ready to sink from fatigue and hunger; but, being surrounded by a crowd, I thought it politic to rouse all my strength, that no physical debility might be construed into apprehension or conscious guilt. Little did I then expect the calamity that was in a few moments to overwhelm me, and extinguish in horror and despair all fear of ignominy or death.

I must pause here; for it requires all my fortitude to recall the memory of the frightful events which I am about to relate, in proper detail, to my recollection.

CHAPTER IV

I was soon introduced into the presence of the magistrate, an old benevolent man, with calm and mild manners. He looked upon me, however, with some degree of severity; and then, turning towards my conductors, he asked who appeared as witnesses on this occasion.

About half a dozen men came forward; and one being selected by the magistrate, he deposed, that he had been out fishing the night before with his son and brother-in-law, Daniel Nugent, when, about ten o'clock, they observed a strong northerly blast rising, and they accordingly put in for port. It was a very dark night, as the moon had not yet risen; they did not land at the harbour, but, as they had been accustomed, at a creek about two miles below. He walked on first, carrying a part of the fishing tackle, and his companions followed him at some distance. As he was proceeding along the sands, he struck his foot against something, and fell all his length on the ground. His companions came up to assist him; and, by the light of their lantern, they found that he had fallen on the body of a man, who was to all appearance dead. Their first supposition was, that it was the corpse of some person who had been drowned, and was thrown on shore by the waves; but, upon examination, they found that the clothes were not wet, and even that the body was not then cold. They instantly carried it to the cottage of an old woman near the spot, and endeavoured, but in vain, to restore it to life. He appeared to be a handsome young man, about five and twenty years of age. He had apparently been strangled; for there was no sign of any violence, except the black mark of fingers on his neck.

The first part of this deposition did not in the least interest me; but when the mark of the fingers was mentioned, I remembered the murder of my brother, and felt myself extremely agitated; my limbs trembled, and a mist came over my eyes, which obliged me to lean on a chair for support. The magistrate observed me with a keen eye, and of course drew an unfavourable augury from my manner.

The son confirmed his father's account: but when Daniel Nugent was called, he swore positively that, just before the fall of his companion, he saw a boat, with a single man in it, at a short distance from the shore; and,

as far as he could judge by the light of a few stars, it was the same boat in which I had just landed.

A woman deposed, that she lived near the beach, and was standing at the door of her cottage, waiting for the return of the fishermen, about an hour before she heard of the discovery of the body, when she saw a boat, with only one man in it, push off from that part of the shore where the corpse was afterwards found.

Another woman confirmed the account of the fishermen having brought the body into her house: it was not cold. They put it into a bed, and rubbed it; and Daniel went to the town for an apothecary, but life was quite gone.

Several other men were examined concerning my landing; and they agreed, that, with the strong north wind that had arisen during the night, it was very probable that I had beaten about for many hours, and had been obliged to return nearly to the same spot from which I had departed. Besides, they observed that it appeared that I had brought the body from another place, and it was likely, that as I did not appear to know the shore, I might have put into the harbour ignorant of the distance of the town of... from the place where I had deposited the corpse.

Mr. Kirwin, on hearing this evidence, desired that I should be taken into the room where the body lay for interment that it might be observed what effect the sight of it would produce upon me. This idea was probably suggested by the extreme agitation I had exhibited when the mode of the murder had been described. I was accordingly conducted, by the magistrate and several other persons, to the inn. I could not help being struck by the strange coincidences that had taken place during this eventful night; but, knowing that I had been conversing with several persons in the island I had inhabited about the time that the body had been found, I was perfectly tranquil as to the consequences of the affair.

I entered the room where the corpse lay, and was led up to the coffin. How can I describe my sensations on beholding it? I feel yet parched with horror, nor can I reflect on that terrible moment without shuddering and agony, that faintly reminds me of the anguish of the recognition. The trial, the presence of the magistrate and witnesses, passed like a dream from my memory, when I saw the lifeless form of Henry Clerval stretched before me. I gasped for breath; and, throwing myself on the body, I exclaimed, "Have

my murderous machinations deprived you also, my dearest Henry, of life? Two I have already destroyed; other victims await their destiny: but you, Clerval, my friend, my benefactor..."

The human frame could no longer support the agonizing suffering that I endured, and I was carried out of the room in strong convulsions.

A fever succeeded to this. I lay for two months on the point of death: my ravings, as I afterwards heard, were frightful; I called myself the murderer of William, of Justine, and of Clerval. Sometimes I entreated my attendants to assist me in the destruction of the fiend by whom I was tormented; and, at others, I felt the fingers of the monster already grasping my neck, and screamed aloud with agony and terror. Fortunately, as I spoke my native language, Mr. Kirwin alone understood me; but my gestures and bitter cries were sufficient to affright the other witnesses.

Why did I not die? More miserable than man ever was before, why did I not sink into forgetfulness and rest? Death snatches away many blooming children, the only hopes of their doating parents: how many brides and youthful lovers have been one day in the bloom of health and hope, and the next a prey for worms and the decay of the tomb! Of what materials was I made, that I could thus resist so many shocks, which, like the turning of the wheel, continually renewed the torture.

But I was doomed to live; and, in two months, found myself as awaking from a dream, in a prison, stretched on a wretched bed, surrounded by gaolers, turnkeys, bolts, and all the miserable apparatus of a dungeon. It was morning, I remember, when I thus awoke to understanding: I had forgotten the particulars of what had happened, and only felt as if some great misfortune had suddenly overwhelmed me; but when I looked around, and saw the barred windows, and the squalidness of the room in which I was, all flashed across my memory, and I groaned bitterly.

This sound disturbed an old woman who was sleeping in a chair beside me. She was a hired nurse, the wife of one of the turnkeys, and her countenance expressed all those bad qualities which often characterize that class. The lines of her face were hard and rude, like that of persons accustomed to see without sympathizing in sights of misery. Her tone expressed her entire indifference; she addressed me in English, and the voice struck me as one that I had heard during my sufferings:

“Are you better now, Sir?” said she.

I replied in the same language, with a feeble voice, “I believe I am; but if it be all true, if indeed I did not dream, I am sorry that I am still alive to feel this misery and horror.”

“For that matter,” replied the old woman, “if you mean about the gentleman you murdered, I believe that it were better for you if you were dead, for I fancy it will go hard with you; but you will be hung when the next sessions come on. However, that’s none of my business, I am sent to nurse you, and get you well; I do my duty with a safe conscience, it were well if everybody did the same.”

I turned with loathing from the woman who could utter so unfeeling a speech to a person just saved, on the very edge of death; but I felt languid, and unable to reflect on all that had passed. The whole series of my life appeared to me as a dream; I sometimes doubted if indeed it were all true, for it never presented itself to my mind with the force of reality.

As the images that floated before me became more distinct, I grew feverish; a darkness pressed around me; no one was near me who soothed me with the gentle voice of love; no dear hand supported me. The physician came and prescribed medicines, and the old woman prepared them for me; but utter carelessness was visible in the first, and the expression of brutality was strongly marked in the visage of the second. Who could be interested in the fate of a murderer, but the hangman who would gain his fee?

These were my first reflections; but I soon learned that Mr. Kirwin had shewn me extreme kindness. He had caused the best room in the prison to be prepared for me (wretched indeed was the best); and it was he who had provided a physician and a nurse. It is true, he seldom came to see me; for, although he ardently desired to relieve the sufferings of every human creature, he did not wish to be present at the agonies and miserable ravings of a murderer. He came, therefore, sometimes to see that I was not neglected; but his visits were short, and at long intervals.

One day, when I was gradually recovering, I was seated in a chair, my eyes half open, and my cheeks livid like those in death, I was overcome by gloom and misery, and often reflected I had better seek death than remain miserably pent up only to be let loose in a world replete with wretchedness.

At one time I considered whether I should not declare myself guilty, and suffer the penalty of the law, less innocent than poor Justine had been. Such were my thoughts, when the door of my apartment was opened, and Mr. Kirwin entered. His countenance expressed sympathy and compassion; he drew a chair close to mine, and addressed me in French:

“I fear that this place is very shocking to you; can I do anything to make you more comfortable?”

“I thank you; but all that you mention is nothing to me: on the whole earth there is no comfort which I am capable of receiving.”

“I know that the sympathy of a stranger can be but of little relief to one borne down as you are by so strange a misfortune. But you will, I hope, soon quit this melancholy abode; for, doubtless, evidence can easily be brought to free you from the criminal charge.”

“That is my least concern: I am, by a course of strange events, become the most miserable of mortals. Persecuted and tortured as I am and have been, can death be any evil to me?”

“Nothing indeed could be more unfortunate and agonizing than the strange chances that have lately occurred. You were thrown, by some surprising accident, on this shore, renowned for its hospitality: seized immediately, and charged with murder. The first sight that was presented to your eyes was the body of your friend, murdered in so unaccountable a manner, and placed, as it were, by some fiend across your path.”

As Mr. Kirwin said this, notwithstanding the agitation I endured on this retrospect of my sufferings, I also felt considerable surprise at the knowledge he seemed to possess concerning me. I suppose some astonishment was exhibited in my countenance; for Mr. Kirwin hastened to say:

“It was not until a day or two after your illness that I thought of examining your dress, that I might discover some trace by which I could send to your relations an account of your misfortune and illness. I found several letters, and, among others, one which I discovered from its commencement to be from your father. I instantly wrote to Geneva: nearly two months have elapsed since the departure of my letter. But you are ill; even now you tremble: you are unfit for agitation of any kind.”

“This suspense is a thousand times worse than the most horrible event: tell me what new scene of death has been acted, and whose murder I am now to lament.”

“Your family is perfectly well,” said Mr. Kirwin, with gentleness; “and some one, a friend, is come to visit you.”

I know not by what chain of thought the idea presented itself, but it instantly darted into my mind that the murderer had come to mock at my misery, and taunt me with the death of Clerval, as a new incitement for me to comply with his hellish desires. I put my hand before my eyes, and cried out in agony:

“Oh! take him away! I cannot see him; for God’s sake, do not let him enter!”

Mr. Kirwin regarded me with a troubled countenance. He could not help regarding my exclamation as a presumption of my guilt, and said, in rather a severe tone:

“I should have thought, young man, that the presence of your father would have been welcome, instead of inspiring such violent repugnance.”

“My father!” cried I, while every feature and every muscle was relaxed from anguish to pleasure. “Is my father, indeed, come? How kind, how very kind. But where is he, why does he not hasten to me?”

My change of manner surprised and pleased the magistrate; perhaps he thought that my former exclamation was a momentary return of delirium, and now he instantly resumed his former benevolence. He rose, and quitted the room with my nurse, and in a moment my father entered it.

Nothing, at this moment, could have given me greater pleasure than the arrival of my father. I stretched out my hand to him, and cried:

“Are you then safe... and Elizabeth... and Ernest?”

My father calmed me with assurances of their welfare, and endeavoured, by dwelling on these subjects so interesting to my heart, to raise my desponding spirits; but he soon felt that a prison cannot be the abode of cheerfulness. “What a place is this that you inhabit, my son!” said he, looking mournfully at the barred windows, and wretched appearance of

the room. "You travelled to seek happiness, but a fatality seems to pursue you. And poor Clerval..."

The name of my unfortunate and murdered friend was an agitation too great to be endured in my weak state; I shed tears.

"Alas! yes, my father," replied I; "some destiny of the most horrible kind hangs over me, and I must live to fulfil it, or surely I should have died on the coffin of Henry."

We were not allowed to converse for any length of time, for the precarious state of my health rendered every precaution necessary that could insure tranquillity. Mr. Kirwin came in, and insisted that my strength should not be exhausted by too much exertion. But the appearance of my father was to me like that of my good angel, and I gradually recovered my health.

As my sickness quitted me, I was absorbed by a gloomy and black melancholy that nothing could dissipate. The image of Clerval was forever before me, ghastly and murdered. More than once the agitation into which these reflections threw me made my friends dread a dangerous relapse. Alas! why did they preserve so miserable and detested a life? It was surely that I might fulfil my destiny, which is now drawing to a close. Soon, oh, very soon, will death extinguish these throbbings, and relieve me from the mighty weight of anguish that bears me to the dust; and, in executing the award of justice, I shall also sink to rest. Then the appearance of death was distant, although the wish was ever present to my thoughts; and I often sat for hours motionless and speechless, wishing for some mighty revolution that might bury me and my destroyer in its ruins.

The season of the assizes approached. I had already been three months in prison; and although I was still weak, and in continual danger of a relapse, I was obliged to travel nearly a hundred miles to the county-town, where the court was held. Mr. Kirwin charged himself with every care of collecting witnesses, and arranging my defence. I was spared the disgrace of appearing publicly as a criminal, as the case was not brought before the court that decides on life and death. The grand jury rejected the bill, on its being proved that I was on the Orkney Islands at the hour the body of my friend was found, and a fortnight after my removal I was liberated from prison.

My father was enraptured on finding me freed from the vexations of a criminal charge, that I was again allowed to breathe the fresh atmosphere, and allowed to return to my native country. I did not participate in these feelings; for to me the walls of a dungeon or a palace were alike hateful. The cup of life was poisoned for ever; and although the sun shone upon me, as upon the happy and gay of heart, I saw around me nothing but a dense and frightful darkness, penetrated by no light but the glimmer of two eyes that glared upon me. Sometimes they were the expressive eyes of Henry, languishing in death, the dark orbs nearly covered by the lids, and the long black lashes that fringed them; sometimes it was the watery clouded eyes of the monster, as I first saw them in my chamber at Ingolstadt.

My father tried to awaken in me the feelings of affection. He talked of Geneva, which I should soon visit... of Elizabeth, and Ernest; but these words only drew deep groans from me. Sometimes, indeed, I felt a wish for happiness; and thought, with melancholy delight, of my beloved cousin; or longed, with a devouring *maladie du pays*, to see once more the blue lake and rapid Rhone, that had been so dear to me in early childhood: but my general state of feeling was a torpor, in which a prison was as welcome a residence as the divinest scene in nature; and these fits were seldom interrupted, but by paroxysms of anguish and despair. At these moments I often endeavoured to put an end to the existence I loathed; and it required unceasing attendance and vigilance to restrain me from committing some dreadful act of violence.

I remember, as I quitted the prison, I heard one of the men say, "He may be innocent of the murder, but he has certainly a bad conscience." These words struck me. A bad conscience! yes, surely I had one. William, Justine, and Clerval, had died through my infernal machinations; "And whose death," cried I, "is to finish the tragedy? Ah! my father, do not remain in this wretched country; take me where I may forget myself, my existence, and all the world."

My father easily acceded to my desire; and, after having taken leave of Mr. Kirwin, we hastened to Dublin. I felt as if I was relieved from a heavy weight, when the packet sailed with a fair wind from Ireland, and I had quitted for ever the country which had been to me the scene of so much misery.

It was midnight. My father slept in the cabin and I lay on the deck, looking at the stars, and listening to the dashing of the waves. I hailed the darkness that shut Ireland from my sight, and my pulse beat with a feverish joy, when I reflected that I should soon see Geneva. The past appeared to me in the light of a frightful dream; yet the vessel in which I was, the wind that blew me from the detested shore of Ireland, and the sea which surrounded me, told me too forcibly that I was deceived by no vision, and that Clerval, my friend and dearest companion, had fallen a victim to me and the monster of my creation. I repassed, in my memory, my whole life: my quiet happiness while residing with my family in Geneva, the death of my mother, and my departure for Ingolstadt. I remembered shuddering at the mad enthusiasm that hurried me on to the creation of my hideous enemy, and I called to mind the night during which he first lived. I was unable to pursue the train of thought; a thousand feelings pressed upon me, and I wept bitterly.

Ever since my recovery from the fever I had been in the custom of taking every night a small quantity of laudanum; for it was by means of this drug only that I was enabled to gain the rest necessary for the preservation of life. Oppressed by the recollection of my various misfortunes, I now took a double dose, and soon slept profoundly. But sleep did not afford me respite from thought and misery; my dreams presented a thousand objects that scared me. Towards morning I was possessed by a kind of night-mare; I felt the fiend's grasp in my neck, and could not free myself from it; groans and cries rung in my ears. My father, who was watching over me, perceiving my restlessness, awoke me, and pointed to the port of Holyhead, which we were now entering.

CHAPTER V

We had resolved not to go to London, but to cross the country to Portsmouth, and thence to embark for Havre. I preferred this plan principally because I dreaded to see again those places in which I had enjoyed a few moments of tranquillity with my beloved Clerval. I thought with horror of seeing again those persons whom we had been accustomed to visit together, and who might make inquiries concerning an event, the very remembrance of which made me again feel the pang I endured when I gazed on his lifeless form in the inn at...

As for my father, his desires and exertions were bounded to the again seeing me restored to health and peace of mind. His tenderness and attentions were unremitting; my grief and gloom was obstinate, but he would not despair. Sometimes he thought that I felt deeply the degradation of being obliged to answer a charge of murder, and he endeavoured to prove to me the futility of pride.

“Alas! my father,” said I, “how little do you know me. Human beings, their feelings and passions, would indeed be degraded, if such a wretch as I felt pride. Justine, poor unhappy Justine, was as innocent as I, and she suffered the same charge; she died for it; and I am the cause of this... I murdered her. William, Justine, and Henry... they all died by my hands.”

My father had often, during my imprisonment, heard me make the same assertion; when I thus accused myself, he sometimes seemed to desire an explanation, and at others he appeared to consider it as caused by delirium, and that, during my illness, some idea of this kind had presented itself to my imagination, the remembrance of which I preserved in my convalescence. I avoided explanation, and maintained a continual silence concerning the wretch I had created. I had a feeling that I should be supposed mad, and this forever chained my tongue, when I would have given the whole world to have confided the fatal secret.

Upon this occasion my father said, with an expression of unbounded wonder, “What do you mean, Victor? are you mad? My dear son, I entreat you never to make such an assertion again.”

“I am not mad,” I cried energetically; “the sun and the heavens, who have viewed my operations, can bear witness of my truth. I am the assassin of those most innocent victims; they died by my machinations. A thousand times would I have shed my own blood, drop by drop, to have saved their lives; but I could not, my father, indeed I could not sacrifice the whole human race.”

The conclusion of this speech convinced my father that my ideas were deranged, and he instantly changed the subject of our conversation, and endeavoured to alter the course of my thoughts. He wished as much as possible to obliterate the memory of the scenes that had taken place in Ireland, and never alluded to them, or suffered me to speak of my misfortunes.

As time passed away I became more calm: misery had her dwelling in my heart, but I no longer talked in the same incoherent manner of my own crimes; sufficient for me was the consciousness of them. By the utmost self-violence, I curbed the imperious voice of wretchedness, which sometimes desired to declare itself to the whole world; and my manners were calmer and more composed than they had ever been since my journey to the sea of ice.

We arrived at Havre on the 8th of May, and instantly proceeded to Paris, where my father had some business which detained us a few weeks. In this city, I received the following letter from Elizabeth:

TO VICTOR FRANKENSTEIN.

My Dearest Friend,

It gave me the greatest pleasure to receive a letter from my uncle dated at Paris; you are no longer at a formidable distance, and I may hope to see you in less than a fortnight. My poor cousin, how much you must have suffered! I expect to see you looking even more ill than when you quitted Geneva. This winter has been passed most miserably, tortured as I have been by anxious suspense; yet I hope to see peace in your countenance, and to find that your heart is not totally devoid of comfort and tranquillity.

Yet I fear that the same feelings now exist that made you so miserable a year ago, even perhaps augmented by time. I would not disturb you at this period, when so many misfortunes weigh upon you; but a conversation that

I had with my uncle previous to his departure renders some explanation necessary before we meet.

Explanation! you may possibly say; what can Elizabeth have to explain? If you really say this, my questions are answered, and I have no more to do than to sign myself 'your affectionate cousin'. But you are distant from me, and it is possible that you may dread, and yet be pleased with this explanation; and, in a probability of this being the case, I dare not any longer postpone writing what, during your absence, I have often wished to express to you, but have never had the courage to begin.

You well know, Victor, that our union had been the favourite plan of your parents ever since our infancy. We were told this when young, and taught to look forward to it as an event that would certainly take place. We were affectionate playfellows during childhood, and, I believe, dear and valued friends to one another as we grew older. But as brother and sister often entertain a lively affection towards each other, without desiring a more intimate union, may not such also be our case? Tell me, dearest Victor. Answer me, I conjure you, by our mutual happiness, with simple truth: Do you not love another?

You have travelled; you have spent several years of your life at Ingolstadt; and I confess to you, my friend, that when I saw you last autumn so unhappy, flying to solitude, from the society of every creature, I could not help supposing that you might regret our connexion, and believe yourself bound in honour to fulfil the wishes of your parents, although they opposed themselves to your inclinations. But this is false reasoning. I confess to you, my cousin, that I love you, and that in my airy dreams of futurity you have been my constant friend and companion. But it is your happiness I desire as well as my own, when I declare to you, that our marriage would render me eternally miserable, unless it were the dictate of your own free choice. Even now I weep to think, that, borne down as you are by the cruelest misfortunes, you may stifle; by the word honour, all hope of that love and happiness which would alone restore you to yourself. I, who have so interested an affection for you, may increase your miseries ten-fold, by being an obstacle to your wishes. Ah, Victor, be assured that your cousin and playmate has too sincere a love for you not to be made miserable by this supposition. Be happy, my friend; and if you obey me in this one

request, remain satisfied that nothing on earth will have the power to interrupt my tranquillity.

Do not let this letter disturb you; do not answer it tomorrow, or the next day, or even until you come, if it will give you pain. My uncle will send me news of your health; and if I see but one smile on your lips when we meet, occasioned by this or any other exertion of mine, I shall need no other happiness.

ELIZABETH LAVENZA

GENEVA, MAY 18TH 17...

This letter revived in my memory what I had before forgotten, the threat of the fiend: "I will be with you on your wedding-night!" Such was my sentence, and on that night would the dæmon employ every art to destroy me, and tear me from the glimpse of happiness which promised partly to console my sufferings. On that night he had determined to consummate his crimes by my death. Well, be it so; a deadly struggle would then assuredly take place, in which if he was victorious, I should be at peace, and his power over me be at an end. If he were vanquished, I should be a free man. Alas! what freedom? such as the peasant enjoys when his family have been massacred before his eyes, his cottage burnt, his lands laid waste, and he is turned adrift, homeless, penniless, and alone, but free. Such would be my liberty, except that in my Elizabeth I possessed a treasure; alas! balanced by those horrors of remorse and guilt, which would pursue me until death.

Sweet and beloved Elizabeth! I read and re-read her letter, and some softened feelings stole into my heart, and dared to whisper paradisaical dreams of love and joy; but the apple was already eaten, and the angel's arm bared to drive me from all hope. Yet I would die to make her happy. If the monster executed his threat, death was inevitable; yet, again, I considered whether my marriage would hasten my fate. My destruction might indeed arrive a few months sooner; but if my torturer should suspect that I postponed it, influenced by his menaces, he would surely find other, and perhaps more dreadful means of revenge. He had vowed to be with me on my wedding-night, yet he did not consider that threat as binding him to peace in the mean time; for, as if to shew me that he was not yet satiated with blood, he had murdered Clerval immediately after the enunciation of his threats. I resolved, therefore, that if my immediate union with my cousin

would conduce either to her's or my father's happiness, my adversary's designs against my life should not retard it a single hour.

In this state of mind I wrote to Elizabeth. My letter was calm and affectionate. "I fear, my beloved girl," I said, "little happiness remains for us on earth; yet all that I may one day enjoy is concentrated in you. Chase away your idle fears; to you alone do I consecrate my life, and my endeavours for contentment. I have one secret, Elizabeth, a dreadful one; when revealed to you, it will chill your frame with horror, and then, far from being surprised at my misery, you will only wonder that I survive what I have endured. I will confide this tale of misery and terror to you the day after our marriage shall take place; for, my sweet cousin, there must be perfect confidence between us. But until then, I conjure you, do not mention or allude to it. This I most earnestly entreat, and I know you will comply."

In about a week after the arrival of Elizabeth's letter, we returned to Geneva. My cousin welcomed me with warm affection; yet tears were in her eyes, as she beheld my emaciated frame and feverish cheeks. I saw a change in her also. She was thinner, and had lost much of that heavenly vivacity that had before charmed me; but her gentleness, and soft looks of compassion, made her a more fit companion for one blasted and miserable as I was.

The tranquillity which I now enjoyed did not endure. Memory brought madness with it; and when I thought on what had passed, a real insanity possessed me; sometimes I was furious, and burnt with rage, sometimes low and despondent. I neither spoke or looked, but sat motionless, bewildered by the multitude of miseries that overcame me.

Elizabeth alone had the power to draw me from these fits; her gentle voice would soothe me when transported by passion, and inspire me with human feelings when sunk in torpor. She wept with me, and for me. When reason returned, she would remonstrate, and endeavour to inspire me with resignation. Ah! it is well for the unfortunate to be resigned, but for the guilty there is no peace. The agonies of remorse poison the luxury there is otherwise sometimes found in indulging the excess of grief.

Soon after my arrival my father spoke of my immediate marriage with my cousin. I remained silent.

“Have you, then, some other attachment?”

“None on earth. I love Elizabeth, and look forward to our union with delight. Let the day therefore be fixed; and on it I will consecrate myself, in life or death, to the happiness of my cousin.”

“My dear Victor, do not speak thus. Heavy misfortunes have befallen us; but let us only cling closer to what remains, and transfer our love for those whom we have lost to those who yet live. Our circle will be small, but bound close by the ties of affection and mutual misfortune. And when time shall have softened your despair, new and dear objects of care will be born to replace those of whom we have been so cruelly deprived.”

Such were the lessons of my father. But to me the remembrance of the threat returned: nor can you wonder, that, omnipotent as the fiend had yet been in his deeds of blood, I should almost regard him as invincible; and that when he had pronounced the words, “I shall be with you on your wedding-night,” I should regard the threatened fate as unavoidable. But death was no evil to me, if the loss of Elizabeth were balanced with it; and I therefore, with a contented and even cheerful countenance, agreed with my father, that if my cousin would consent, the ceremony should take place in ten days, and thus put, as I imagined, the seal to my fate.

Great God! if for one instant I had thought what might be the hellish intention of my fiendish adversary, I would rather have banished myself for ever from my native country, and wandered a friendless outcast over the earth, than have consented to this miserable marriage. But, as if possessed of magic powers, the monster had blinded me to his real intentions; and when I thought that I prepared only my own death, I hastened that of a far dearer victim.

As the period fixed for our marriage drew nearer, whether from cowardice or a prophetic feeling, I felt my heart sink within me. But I concealed my feelings by an appearance of hilarity, that brought smiles and joy to the countenance of my father, but hardly deceived the ever-watchful and nicer eye of Elizabeth. She looked forward to our union with placid contentment, not unmingled with a little fear, which past misfortunes had impressed, that what now appeared certain and tangible happiness, might soon dissipate into an airy dream, and leave no trace but deep and everlasting regret.

Preparations were made for the event; congratulatory visits were received; and all wore a smiling appearance. I shut up, as well as I could, in my own heart the anxiety that preyed there, and entered with seeming earnestness into the plans of my father, although they might only serve as the decorations of my tragedy. A house was purchased for us near Cologne, by which we should enjoy the pleasures of the country, and yet be so near Geneva as to see my father every day; who would still reside within the walls, for the benefit of Ernest, that he might follow his studies at the schools.

In the mean time I took every precaution to defend my person, in case the fiend should openly attack me. I carried pistols and a dagger constantly about me, and was ever on the watch to prevent artifice; and by these means gained a greater degree of tranquillity. Indeed, as the period approached, the threat appeared more as a delusion, not to be regarded as worthy to disturb my peace, while the happiness I hoped for in my marriage wore a greater appearance of certainty, as the day fixed for its solemnization drew nearer, and I heard it continually spoken of as an occurrence which no accident could possibly prevent.

Elizabeth seemed happy; my tranquil demeanour contributed greatly to calm her mind. But on the day that was to fulfill my wishes and my destiny, she was melancholy, and a presentiment of evil pervaded her; and perhaps also she thought of the dreadful secret, which I had promised to reveal to her the following day. My father was in the meantime overjoyed, and, in the bustle of preparation, only observed in the melancholy of his niece the diffidence of a bride.

After the ceremony was performed, a large party assembled at my father's; but it was agreed that Elizabeth and I should pass the afternoon and night at Evian, and return to Cologne the next morning. As the day was fair, and the wind favourable, we resolved to go by water.

Those were the last moments of my life during which I enjoyed the feeling of happiness. We passed rapidly along: the sun was hot, but we were sheltered from its rays by a kind of canopy, while we enjoyed the beauty of the scene, sometimes on one side of the lake, where we saw Mont Salève, the pleasant banks of Montalègre, and at a distance, surmounting all, the beautiful Mont Blanc, and the assemblage of snowy mountains that in vain

endeavour to emulate her; sometimes coasting the opposite banks, we saw the mighty Jura opposing its dark side to the ambition that would quit its native country, and an almost insurmountable barrier to the invader who should wish to enslave it.

I took the hand of Elizabeth: "You are sorrowful, my love. Ah! if you knew what I have suffered, and what I may yet endure, you would endeavour to let me taste the quiet, and freedom from despair, that this one day at least permits me to enjoy."

"Be happy, my dear Victor," replied Elizabeth; "there is, I hope, nothing to distress you; and be assured that if a lively joy is not painted in my face, my heart is contented. Something whispers to me not to depend too much on the prospect that is opened before us; but I will not listen to such a sinister voice. Observe how fast we move along, and how the clouds which sometimes obscure, and sometimes rise above the dome of Mont Blanc, render this scene of beauty still more interesting. Look also at the innumerable fish that are swimming in the clear waters, where we can distinguish every pebble that lies at the bottom. What a divine day! how happy and serene all nature appears!"

Thus Elizabeth endeavoured to divert her thoughts and mine from all reflection upon melancholy subjects. But her temper was fluctuating; joy for a few instants shone in her eyes, but it continually gave place to distraction and reverie.

The sun sunk lower in the heavens; we passed the river Drance, and observed its path through the chasms of the higher, and the glens of the lower hills. The Alps here come closer to the lake, and we approached the amphitheatre of mountains which forms its eastern boundary. The spire of Evian shone under the woods that surrounded it, and the range of mountain above mountain by which it was overhung.

The wind, which had hitherto carried us along with amazing rapidity, sunk at sunset to a light breeze; the soft air just ruffled the water, and caused a pleasant motion among the trees as we approached the shore, from which it wafted the most delightful scent of flowers and hay. The sun sunk beneath the horizon as we landed; and as I touched the shore, I felt those cares and fears revive, which soon were to clasp me, and cling to me forever.

CHAPTER VI

It was eight o'clock when we landed; we walked for a short time on the shore, enjoying the transitory light, and then retired to the inn, and contemplated the lovely scene of waters, woods, and mountains, obscured in darkness, yet still displaying their black outlines.

The wind, which had fallen in the south, now rose with great violence in the west. The moon had reached her summit in the heavens, and was beginning to descend; the clouds swept across it swifter than the flight of the vulture, and dimmed her rays, while the lake reflected the scene of the busy heavens, rendered still busier by the restless waves that were beginning to rise. Suddenly a heavy storm of rain descended.

I had been calm during the day; but so soon as night obscured the shapes of objects, a thousand fears arose in my mind. I was anxious and watchful, while my right hand grasped a pistol which was hidden in my bosom; every sound terrified me; but I resolved that I would sell my life dearly, and not relax the impending conflict until my own life, or that of my adversary, were extinguished.

Elizabeth observed my agitation for some time in timid and fearful silence; at length she said, "What is it that agitates you, my dear Victor? What is it you fear?"

"Oh! peace, peace, my love," replied I, "this night, and all will be safe: but this night is dreadful, very dreadful."

I passed an hour in this state of mind, when suddenly I reflected how dreadful the combat which I momentarily expected would be to my wife, and I earnestly entreated her to retire, resolving not to join her until I had obtained some knowledge as to the situation of my enemy.

She left me, and I continued some time walking up and down the passages of the house, and inspecting every corner that might afford a retreat to my adversary. But I discovered no trace of him, and was beginning to conjecture that some fortunate chance had intervened to prevent the execution of his menaces; when suddenly I heard a shrill and dreadful scream. It came from the room into which Elizabeth had retired.

As I heard it, the whole truth rushed into my mind, my arms dropped, the motion of every muscle and fibre was suspended; I could feel the blood trickling in my veins, and tingling in the extremities of my limbs. This state lasted but for an instant; the scream was repeated, and I rushed into the room.

Great God! Why did I not then expire! Why am I here to relate the destruction of the best hope, and the purest creature of earth. She was there, lifeless and inanimate, thrown across the bed, her head hanging down, and her pale and distorted features half covered by her hair. Every where I turn I see the same figure – her bloodless arms and relaxed form flung by the murderer on its bridal bier. Could I behold this, and live? Alas! life is obstinate, and clings closest where it is most hated. For a moment only did I lose recollection; I fainted.

When I recovered, I found myself surrounded by the people of the inn; their countenances expressed a breathless terror: but the horror of others appeared only as a mockery, a shadow of the feelings that oppressed me. I escaped from them to the room where lay the body of Elizabeth, my love, my wife, so lately living, so dear, so worthy. She had been moved from the posture in which I had first beheld her; and now, as she lay, her head upon her arm, and a handkerchief thrown across her face and neck, I might have supposed her asleep. I rushed towards her, and embraced her with ardour; but the deathly languor and coldness of the limbs told me, that what I now held in my arms had ceased to be the Elizabeth whom I had loved and cherished. The murderous mark of the fiend's grasp was on her neck, and the breath had ceased to issue from her lips.

While I still hung over her in the agony of despair, I happened to look up. The windows of the room had before been darkened; and I felt a kind of panic on seeing the pale yellow light of the moon illuminate the chamber. The shutters had been thrown back; and, with a sensation of horror not to be described, I saw at the open window a figure the most hideous and abhorred. A grin was on the face of the monster; he seemed to jeer, as with his fiendish finger he pointed towards the corpse of my wife. I rushed towards the window, and drawing a pistol from my bosom, shot; but he eluded me, leaped from his station, and, running with the swiftness of lightning, plunged into the lake.

The report of the pistol brought a crowd into the room. I pointed to the spot where he had disappeared, and we followed the track with boats; nets were cast, but in vain. After passing several hours, we returned hopeless, most of my companions believing it to have been a form conjured by my fancy. After having landed, they proceeded to search the country, parties going in different directions among the woods and vines.

I did not accompany them; I was exhausted: a film covered my eyes, and my skin was parched with the heat of fever. In this state I lay on a bed, hardly conscious of what had happened; my eyes wandered round the room, as if to seek something that I had lost.

At length I remembered that my father would anxiously expect the return of Elizabeth and myself, and that I must return alone. This reflection brought tears into my eyes, and I wept for a long time; but my thoughts rambled to various subjects, reflecting on my misfortunes, and their cause. I was bewildered in a cloud of wonder and horror. The death of William, the execution of Justine, the murder of Clerval, and lastly of my wife; even at that moment I knew not that my only remaining friends were safe from the malignity of the fiend; my father even now might be writhing under his grasp, and Ernest might be dead at his feet. This idea made me shudder, and recalled me to action. I started up, and resolved to return to Geneva with all possible speed.

There were no horses to be procured, and I must return by the lake; but the wind was unfavourable, and the rain fell in torrents. However, it was hardly morning, and I might reasonably hope to arrive by night. I hired men to row, and took an oar myself, for I had always experienced relief from mental torment in bodily exercise. But the overflowing misery I now felt, and the excess of agitation that I endured, rendered me incapable of any exertion. I threw down the oar; and, leaning my head upon my hands, gave way to every gloomy idea that arose. If I looked up, I saw the scenes which were familiar to me in my happier time, and which I had contemplated but the day before in the company of her who was now but a shadow and a recollection. Tears streamed from my eyes. The rain had ceased for a moment, and I saw the fish play in the waters as they had done a few hours before; they had then been observed by Elizabeth. Nothing is so painful to the human mind as a great and sudden change. The sun might shine, or the clouds might lour; but nothing could appear to me as it had done the day

before. A fiend had snatched from me every hope of future happiness: no creature had ever been so miserable as I was; so frightful an event is single in the history of man.

But why should I dwell upon the incidents that followed this last overwhelming event. Mine has been a tale of horrors; I have reached their acme, and what I must now relate can but be tedious to you. Know that, one by one, my friends were snatched away; I was left desolate. My own strength is exhausted; and I must tell, in a few words, what remains of my hideous narration.

I arrived at Geneva. My father and Ernest yet lived; but the former sunk under the tidings that I bore. I see him now, excellent and venerable old man! his eyes wandered in vacancy, for they had lost their charm and their delight – his niece, his more than daughter, whom he doated on with all that affection which a man feels, who, in the decline of life, having few affections, clings more earnestly to those that remain. Cursed, cursed be the fiend that brought misery on his grey hairs, and doomed him to waste in wretchedness! He could not live under the horrors that were accumulated around him; an apoplectic fit was brought on, and in a few days he died in my arms.

What then became of me? I know not; I lost sensation, and chains and darkness were the only objects that pressed upon me. Sometimes, indeed, I dreamt that I wandered in flowery meadows and pleasant vales with the friends of my youth; but awoke, and found myself in a dungeon. Melancholy followed, but by degrees I gained a clear conception of my miseries and situation, and was then released from my prison. For they had called me mad; and during many months, as I understood, a solitary cell had been my habitation.

But liberty had been a useless gift to me had I not, as I awakened to reason, at the same time awakened to revenge. As the memory of past misfortunes pressed upon me, I began to reflect on their cause – the monster whom I had created, the miserable dæmon whom I had sent abroad into the world for my destruction. I was possessed by a maddening rage when I thought of him, and desired and ardently prayed that I might have him within my grasp to wreak a great and signal revenge on his cursed head.

Nor did my hate long confine itself to useless wishes; I began to reflect on the best means of securing him; and for this purpose, about a month after my release, I repaired to a criminal judge in the town, and told him that I had an accusation to make; that I knew the destroyer of my family; and that I required him to exert his whole authority for the apprehension of the murderer.

The magistrate listened to me with attention and kindness: "Be assured, sir," said he, "no pains or exertions on my part shall be spared to discover the villain."

"I thank you," replied I; "listen, therefore, to the deposition that I have to make. It is indeed a tale so strange, that I should fear you would not credit it, were there not something in truth which, however wonderful, forces conviction. The story is too connected to be mistaken for a dream, and I have no motive for falsehood." My manner, as I thus addressed him, was impressive, but calm; I had formed in my own heart a resolution to pursue my destroyer to death; and this purpose quieted my agony, and provisionally reconciled me to life. I now related my history briefly, but with firmness and precision, marking the dates with accuracy, and never deviating into invective or exclamation.

The magistrate appeared at first perfectly incredulous, but as I continued he became more attentive and interested; I saw him sometimes shudder with horror, at others a lively surprise, unmingled with disbelief, was painted on his countenance.

When I had concluded my narration, I said. "This is the being whom I accuse, and for whose detection and punishment I call upon you to exert your whole power. It is your duty as a magistrate, and I believe and hope that your feelings as a man will not revolt from the execution of those functions on this occasion."

This address caused a considerable change in the physiognomy of my auditor. He had heard my story with that half kind of belief that is given to a tale of spirits and supernatural events; but when he was called upon to act officially in consequence, the whole tide of his incredulity returned. He, however, answered mildly, "I would willingly afford you every aid in your pursuit; but the creature of whom you speak appears to have powers which would put all my exertions to defiance. Who can follow an animal which

can traverse the sea of ice, and inhabit caves and dens, where no man would venture to intrude? Besides, some months have elapsed since the commission of his crimes, and no one can conjecture to what place he has wandered, or what region he may now inhabit.”

“I do not doubt that he hovers near the spot which I inhabit; and if he has indeed taken refuge in the Alps, he may be hunted like the chamois, and destroyed as a beast of prey. But I perceive your thoughts: you do not credit my narrative, and do not intend to pursue my enemy with the punishment which is his desert.”

As I spoke, rage sparkled in my eyes; the magistrate was intimidated; “You are mistaken,” said he, “I will exert myself; and if it is in my power to seize the monster, be assured that he shall suffer punishment proportionate to his crimes. But I fear, from what you have yourself described to be his properties, that this will prove impracticable, and that, while every proper measure is pursued, you should endeavour to make up your mind to disappointment.”

“That cannot be; but all that I can say will be of little avail. My revenge is of no moment to you; yet, while I allow it to be a vice, I confess that it is the devouring and only passion of my soul. My rage is unspeakable, when I reflect that the murderer, whom I have turned loose upon society, still exists. You refuse my just demand: I have but one resource; and I devote myself, either in my life or death, to his destruction.”

I trembled with excess of agitation as I said this; there was a phrenzy in my manner, and something, I doubt not, of that haughty fierceness, which the martyrs of old are said to have possessed. But to a Genevan magistrate, whose mind was occupied by far other ideas than those of devotion and heroism, this elevation of mind had much the appearance of madness. He endeavoured to soothe me as a nurse does a child, and reverted to my tale as the effects of delirium.

“Man,” I cried, “how ignorant art thou in thy pride of wisdom! Cease; you know not what it is you say.”

I broke from the house angry and disturbed, and retired to meditate on some other mode of action.

CHAPTER VII

My present situation was one in which all voluntary thought was swallowed up and lost. I was hurried away by fury; revenge alone endowed me with strength and composure; it modelled my feelings, and allowed me to be calculating and calm, at periods when otherwise delirium or death would have been my portion.

My first resolution was to quit Geneva forever; my country, which, when I was happy and beloved, was dear to me, now, in my adversity, became hateful. I provided myself with a sum of money, together with a few jewels which had belonged to my mother, and departed.

And now my wanderings began, which are to cease but with life. I have traversed a vast portion of the earth, and have endured all the hardships which travellers, in deserts and barbarous countries, are wont to meet. How I have lived I hardly know; many times have I stretched my failing limbs upon the sandy plain, and prayed for death. But revenge kept me alive; I dared not die, and leave my adversary in being.

When I quitted Geneva, my first labour was to gain some clue by which I might trace the steps of my fiendish enemy. But my plan was unsettled; and I wandered many hours around the confines of the town, uncertain what path I should pursue. As night approached, I found myself at the entrance of the cemetery where William, Elizabeth, and my father, reposed. I entered it, and approached the tomb which marked their graves. Everything was silent, except the leaves of the trees, which were gently agitated by the wind; the night was nearly dark; and the scene would have been solemn and affecting even to an uninterested observer. The spirits of the departed seemed to flit around, and to cast a shadow, which was felt but seen not, around the head of the mourner.

The deep grief which this scene had at first excited quickly gave way to rage and despair. They were dead, and I lived; their murderer also lived, and to destroy him I must drag out my weary existence. I knelt on the grass, and kissed the earth, and with quivering lips exclaimed, "By the sacred earth on which I kneel, by the shades that wander near me, by the deep and eternal grief that I feel, I swear; and by thee, Oh Night, and by the spirits that

preside over thee, I swear to pursue the dæmon, who caused this misery, until he or I shall perish in mortal conflict. For this purpose I will preserve my life: to execute this dear revenge, will I again behold the sun, and tread the green herbage of earth, which otherwise should vanish from my eyes for ever. And I call on you, spirits of the dead; and on you, wandering ministers of vengeance, to aid and conduct me in my work. Let the cursed and hellish monster drink deep of agony; let him feel the despair that now torments me.”

I had begun my adjuration with solemnity, and an awe which almost assured me that the shades of my murdered friends heard and approved my devotion; but the furies possessed me as I concluded, and rage choked my utterance.

I was answered through the stillness of night by a loud and fiendish laugh. It rung on my ears long and heavily; the mountains re-echoed it, and I felt as if all hell surrounded me with mockery and laughter. Surely in that moment I should have been possessed by phrenzy, and have destroyed my miserable existence, but that my vow was heard, and that I was reserved for vengeance. The laughter died away: when a well-known and abhorred voice, apparently close to my ear, addressed me in an audible whisper: “I am satisfied: miserable wretch! you have determined to live, and I am satisfied.”

I darted towards the spot from which the sound proceeded; but the devil eluded my grasp. Suddenly the broad disk of the moon arose, and shone full upon his ghastly and distorted shape, as he fled with more than mortal speed.

I pursued him; and for many months this has been my task. Guided by a slight clue, I followed the windings of the Rhone, but vainly. The blue Mediterranean appeared; and, by a strange chance, I saw the fiend enter by night, and hide himself in a vessel bound for the Black Sea. I took my passage in the same ship; but he escaped, I know not how.

Amidst the wilds of Tartary and Russia, although he still evaded me, I have ever followed in his track. Sometimes the peasants, scared by this horrid apparition, informed me of his path; sometimes he himself, who feared that if I lost all trace I should despair and die, often left some mark to guide me. The snows descended on my head, and I saw the print of his huge

step on the white plain. To you first entering on life, to whom care is new, and agony unknown, how can you understand what I have felt, and still feel? Cold, want, and fatigue, were the least pains which I was destined to endure; I was cursed by some devil, and carried about with me my eternal hell; yet still a spirit of good followed and directed my steps, and, when I most murmured, would suddenly extricate me from seemingly insurmountable difficulties. Sometimes, when nature, overcome by hunger, sunk under the exhaustion, a repast was prepared for me in the desert, that restored and inspirited me. The fare was indeed coarse, such as the peasants of the country ate; but I may not doubt that it was set there by the spirits that I had invoked to aid me. Often, when all was dry, the heavens cloudless, and I was parched by thirst, a slight cloud would bedim the sky, shed the few drops that revived me, and vanish.

I followed, when I could, the courses of the rivers; but the dæmon generally avoided these, as it was here that the population of the country chiefly collected. In other places human beings were seldom seen; and I generally subsisted on the wild animals that crossed my path. I had money with me, and gained the friendship of the villagers by distributing it, or bringing with me some food that I had killed, which, after taking a small part, I always presented to those who had provided me with fire and utensils for cooking.

My life, as it passed thus, was indeed hateful to me, and it was during sleep alone that I could taste joy. Oh blessed sleep! Often, when most miserable, I sank to repose, and my dreams lulled me even to rapture. The spirits that guarded me had provided these moments, or rather hours, of happiness, that I might retain strength to fulfil my pilgrimage. Deprived of this respite, I should have sunk under my hardships. During the day I was sustained and inspirited by the hope of night: for in sleep I saw my friends, my wife, and my beloved country; again I saw the benevolent countenance of my father, heard the silver tones of my Elizabeth's voice, and beheld Clerval enjoying health and youth. Often, when wearied by a toilsome march, I persuaded myself that I was dreaming until night should come, and that I should then enjoy reality in the arms of my dearest friends. What agonizing fondness did I feel for them! How did I cling to their dear forms, as sometimes they haunted even my waking hours, and persuade myself that they still lived! At such moments vengeance, that burned within me, died in

my heart, and I pursued my path towards the destruction of the dæmon, more as a task enjoined by heaven, as the mechanical impulse of some power of which I was unconscious, than as the ardent desire of my soul.

What his feelings were whom I pursued, I cannot know. Sometimes, indeed, he left marks in writing on the barks of the trees, or cut in stone, that guided me, and instigated my fury. "My reign is not yet over," (these words were legible in one of these inscriptions); "you live, and my power is complete. Follow me; I seek the everlasting ices of the north, where you will feel the misery of cold and frost, to which I am impassive. You will find near this place, if you follow not too tardily, a dead hare; eat, and be refreshed. Come on, my enemy; we have yet to wrestle for our lives; but many hard and miserable hours must you endure, until that period shall arrive."

Scoffing devil! Do I vow vengeance; again do I devote thee, miserable fiend, to torture and death. Never will I omit my search, until he or I perish; and then with what ecstasy shall I join Elizabeth, and those who even now prepare for me the reward of my tedious toil and horrible pilgrimage.

As I still pursued my journey to the northward, the snows thickened, and the cold increased in a degree almost too severe to support. The peasants were shut up in their hovels, and only a few of the most hardy ventured forth to seize the animals whom starvation had forced from their hiding-places to seek for prey. The rivers were covered with ice, and no fish could be procured; and thus I was cut off from my chief article of maintenance.

The triumph of my enemy increased with the difficulty of my labours. One inscription that he left was in these words: "Prepare! your toils only begin: wrap yourself in furs, and provide food, for we shall soon enter upon a journey where your sufferings will satisfy my everlasting hatred."

My courage and perseverance were invigorated by these scoffing words; I resolved not to fail in my purpose; and, calling on heaven to support me, I continued with unabated fervour to traverse immense deserts, until the ocean appeared at a distance, and formed the utmost boundary of the horizon. Oh! how unlike it was to the blue seas of the south! Covered with ice, it was only to be distinguished from land by its superior wildness and ruggedness. The Greeks wept for joy when they beheld the Mediterranean

from the hills of Asia, and hailed with rapture the boundary of their toils. I did not weep; but I knelt down, and, with a full heart, thanked my guiding spirit for conducting me in safety to the place where I hoped, notwithstanding my adversary's gibe, to meet and grapple with him.

Some weeks before this period I had procured a sledge and dogs, and thus traversed the snows with inconceivable speed. I know not whether the fiend possessed the same advantages; but I found that, as before I had daily lost ground in the pursuit, I now gained on him; so much so, that when I first saw the ocean, he was but one day's journey in advance, and I hoped to intercept him before he should reach the beach. With new courage, therefore, I pressed on, and in two days arrived at a wretched hamlet on the seashore. I inquired of the inhabitants concerning the fiend, and gained accurate information. A gigantic monster, they said, had arrived the night before, armed with a gun and many pistols; putting to flight the inhabitants of a solitary cottage, through fear of his terrific appearance. He had carried off their store of winter food, and, placing it in a sledge, to draw which he had seized on a numerous drove of trained dogs, he had harnessed them, and the same night, to the joy of the horror-struck villagers, had pursued his journey across the sea in a direction that led to no land; and they conjectured that he must speedily be destroyed by the breaking of the ice, or frozen by the eternal frosts.

On hearing this information, I suffered a temporary access of despair. He had escaped me; and I must commence a destructive and almost endless journey across the mountainous ices of the ocean, amidst cold that few of the inhabitants could long endure, and which I, the native of a genial and sunny climate, could not hope to survive. Yet at the idea that the fiend should live and be triumphant, my rage and vengeance returned, and, like a mighty tide, overwhelmed every other feeling. After a slight repose, during which the spirits of the dead hovered round, and instigated me to toil and revenge, I prepared for my journey.

I exchanged my land sledge for one fashioned for the inequalities of the frozen ocean; and, purchasing a plentiful stock of provisions, I departed from land.

I cannot guess how many days have passed since then; but I have endured misery, which nothing but the eternal sentiment of a just retribution

burning within my heart could have enabled me to support. Immense and rugged mountains of ice often barred up my passage, and I often heard the thunder of the ground sea, which threatened my destruction. But again the frost came, and made the paths of the sea secure.

By the quantity of provision which I had consumed I should guess that I had passed three weeks in this journey; and the continual protraction of hope, returning back upon the heart, often wrung bitter drops of despondency and grief from my eyes. Despair had indeed almost secured her prey, and I should soon have sunk beneath this misery; when once, after the poor animals that carried me had with incredible toil gained the summit of a sloping ice mountain, and one sinking under his fatigue died, I viewed the expanse before me with anguish, when suddenly my eye caught a dark speck upon the dusky plain. I strained my sight to discover what it could be, and uttered a wild cry of ecstasy when I distinguished a sledge, and the distorted proportions of a well-known form within. Oh! with what a burning gush did hope revisit my heart! warm tears filled my eyes, which I hastily wiped away, that they might not intercept the view I had of the dæmon; but still my sight was dimmed by the burning drops, until, giving way to the emotions that oppressed me, I wept aloud.

But this was not the time for delay; I disencumbered the dogs of their dead companion, gave them a plentiful portion of food; and, after an hour's rest, which was absolutely necessary, and yet which was bitterly irksome to me, I continued my route. The sledge was still visible; nor did I again lose sight of it, except at the moments when for a short time some ice rock concealed it with its intervening crags. I indeed perceptibly gained on it; and when, after nearly two days' journey, I beheld my enemy at no more than a mile distant, my heart bounded within me.

But now, when I appeared almost within grasp of my enemy, my hopes were suddenly extinguished, and I lost all trace of him more utterly than I had ever done before. A ground sea was heard; the thunder of its progress, as the waters rolled and swelled beneath me, became every moment more ominous and terrific. I pressed on, but in vain. The wind arose; the sea roared; and, as with the mighty shock of an earthquake, it split, and cracked with a tremendous and overwhelming sound. The work was soon finished: in a few minutes a tumultuous sea rolled between me and my enemy, and I

was left drifting on a scattered piece of ice, that was continually lessening, and thus preparing for me a hideous death.

In this manner many appalling hours passed; several of my dogs died; and I myself was about to sink under the accumulation of distress, when I saw your vessel riding at anchor, and holding forth to me hopes of succour and life. I had no conception that vessels ever came so far north, and was astounded at the sight. I quickly destroyed part of my sledge to construct oars; and by these means was enabled, with infinite fatigue, to move my ice-raft in the direction of your ship. I had determined, if you were going southward, still to trust myself to the mercy of the seas, rather than abandon my purpose. I hoped to induce you to grant me a boat with which I could still pursue my enemy. But your direction was northward. You took me on board when my vigour was exhausted, and I should soon have sunk under my multiplied hardships into a death, which I still dread, for my task is unfulfilled.

Oh! when will my guiding spirit, in conducting me to the dæmon, allow me the rest I so much desire; or must I die, and he yet live? If I do, swear to me, Walton, that he shall not escape; that you will seek him, and satisfy my vengeance in his death. Yet, do I dare ask you to undertake my pilgrimage, to endure the hardships that I have undergone? No; I am not so selfish. Yet, when I am dead, if he should appear; if the ministers of vengeance should conduct him to you, swear that he shall not live – swear that he shall not triumph over my accumulated woes, and live to make another such a wretch as I am. He is eloquent and persuasive; and once his words had even power over my heart: but trust him not. His soul is as hellish as his form, full of treachery and fiend-like malice. Hear him not; call on the manes of William, Justine, Clerval, Elizabeth, my father, and of the wretched Victor, and thrust your sword into his heart. I will hover near, and direct the steel aright.

WALTON, IN CONTINUATION.

AUGUST 26TH 17...

You have read this strange and terrific story, Margaret; and do you not feel your blood congealed with horror, like that which even now curdles mine? Sometimes, seized with sudden agony, he could not continue his tale; at others, his voice broken, yet piercing, uttered with difficulty the words so replete with agony. His fine and lovely eyes were now lighted up with

indignation, now subdued to downcast sorrow, and quenched in infinite wretchedness. Sometimes he commanded his countenance and tones, and related the most horrible incidents with a tranquil voice, suppressing every mark of agitation; then, like a volcano bursting forth, his face would suddenly change to an expression of the wildest rage, as he shrieked out imprecations on his persecutor.

His tale is connected, and told with an appearance of the simplest truth; yet I own to you that the letters of Felix and Safie, which he shewed me, and the apparition of the monster, seen from our ship, brought to me a greater conviction of the truth of his narrative than his asseverations, however earnest and connected. Such a monster has then really existence; I cannot doubt it; yet I am lost in surprise and admiration. Sometimes I endeavoured to gain from Frankenstein the particulars of his creature's formation; but on this point he was impenetrable.

“Are you mad, my friend?” said he, “or whither does your senseless curiosity lead you? Would you also create for yourself and the world a demoniacal enemy? Or to what do your questions tend? Peace, peace! learn my miseries, and do not seek to increase your own.”

Frankenstein discovered that I made notes concerning his history: he asked to see them, and then himself corrected and augmented them in many places; but principally in giving the life and spirit to the conversations he held with his enemy. “Since you have preserved my narration,” said he, “I would not that a mutilated one should go down to posterity.”

Thus has a week passed away, while I have listened to the strangest tale that ever imagination formed. My thoughts, and every feeling of my soul, have been drunk up by the interest for my guest, which this tale, and his own elevated and gentle manners have created. I wish to soothe him; yet can I counsel one so infinitely miserable, so destitute of every hope of consolation, to live? Oh, no! the only joy that he can now know will be when he composes his shattered feelings to peace and death. Yet he enjoys one comfort, the offspring of solitude and delirium: he believes, that, when in dreams he holds converse with his friends, and derives from that communion consolation for his miseries, or excitements to his vengeance, that they are not the creations of his fancy, but the real beings who visit him

from the regions of a remote world. This faith gives a solemnity to his reveries that render them to me almost as imposing and interesting as truth.

Our conversations are not always confined to his own history and misfortunes. On every point of general literature he displays unbounded knowledge, and a quick and piercing apprehension. His eloquence is forcible and touching; nor can I hear him, when he relates a pathetic incident, or endeavours to move the passions of pity or love, without tears. What a glorious creature must he have been in the days of his prosperity, when he is thus noble and godlike in ruin. He seems to feel his own worth, and the greatness of his fall.

“When younger,” said he, “I felt as if I were destined for some great enterprise. My feelings are profound; but I possessed a coolness of judgment that fitted me for illustrious achievements. This sentiment of the worth of my nature supported me, when others would have been oppressed; for I deemed it criminal to throw away in useless grief those talents that might be useful to my fellow-creatures. When I reflected on the work I had completed, no less a one than the creation of a sensitive and rational animal, I could not rank myself with the herd of common projectors. But this feeling, which supported me in the commencement of my career, now serves only to plunge me lower in the dust. All my speculations and hopes are as nothing; and, like the archangel who aspired to omnipotence, I am chained in an eternal hell. My imagination was vivid, yet my powers of analysis and application were intense; by the union of these qualities I conceived the idea, and executed the creation of a man. Even now I cannot recollect, without passion, my reveries while the work was incomplete. I trod heaven in my thoughts, now exulting in my powers, now burning with the idea of their effects. From my infancy I was imbued with high hopes and a lofty ambition; but how am I sunk! Oh! my friend, if you had known me as I once was, you would not recognize me in this state of degradation. Despondency rarely visited my heart; a high destiny seemed to bear me on, until I fell, never, never again to rise.”

Must I then lose this admirable being? I have longed for a friend; I have sought one who would sympathize with and love me. Behold, on these desert seas I have found such a one; but, I fear, I have gained him only to know his value, and lose him. I would reconcile him to life, but he repulses the idea.

“I thank you, Walton,” he said, “for your kind intentions towards so miserable a wretch; but when you speak of new ties, and fresh affections, think you that any can replace those who are gone? Can any man be to me as Clerval was; or any woman another Elizabeth? Even where the affections are not strongly moved by any superior excellence, the companions of our childhood always possess a certain power over our minds, which hardly any later friend can obtain. They know our infantine dispositions, which, however they may be afterwards modified, are never eradicated; and they can judge of our actions with more certain conclusions as to the integrity of our motives. A sister or a brother can never, unless indeed such symptoms have been shewn early, suspect the other of fraud or false dealing, when another friend, however strongly he may be attached, may, in spite of himself, be invaded with suspicion. But I enjoyed friends, dear not only through habit and association, but from their own merits; and, wherever I am, the soothing voice of my Elizabeth, and the conversation of Clerval, will be ever whispered in my ear. They are dead; and but one feeling in such a solitude can persuade me to preserve my life. If I were engaged in any high undertaking or design, fraught with extensive utility to my fellow-creatures, then could I live to fulfil it. But such is not my destiny; I must pursue and destroy the being to whom I gave existence; then my lot on earth will be fulfilled, and I may die.”

SEPTEMBER 2ND

My Beloved Sister,

I write to you, encompassed by peril, and ignorant whether I am ever doomed to see again dear England, and the dearer friends that inhabit it. I am surrounded by mountains of ice, which admit of no escape, and threaten every moment to crush my vessel. The brave fellows, whom I have persuaded to be my companions, look towards me for aid; but I have none to bestow. There is something terribly appalling in our situation, yet my courage and hopes do not desert me. We may survive; and if we do not, I will repeat the lessons of my Seneca, and die with a good heart.

Yet what, Margaret, will be the state of your mind? You will not hear of my destruction, and you will anxiously await my return. Years will pass, and you will have visitings of despair, and yet be tortured by hope. Oh! my beloved sister, the sickening failings of your heart-felt expectations are, in

prospect, more terrible to me than my own death. But you have a husband, and lovely children; you may be happy: heaven bless you, and make you so!

My unfortunate guest regards me with the tenderest compassion. He endeavours to fill me with hope; and talks as if life were a possession which he valued. He reminds me how often the same accidents have happened to others, who have attempted this sea, and, in spite of myself, he fills me with cheerful auguries. Even the sailors feel the power of his eloquence: when he speaks, they no longer despair: he rouses their energies, and, while they hear his voice, they believe these vast mountains of ice are mole-hills, which will vanish before the resolutions of man. These feelings are transitory; each day's expectation delayed fills them with fear, and I almost dread a mutiny caused by this despair.

SEPTEMBER 5TH

A scene has just passed of such uncommon interest, that although it is highly probable that these papers may never reach you, yet I cannot forbear recording it.

We are still surrounded by mountains of ice, still in imminent danger of being crushed in their conflict. The cold is excessive, and many of my unfortunate comrades have already found a grave amidst this scene of desolation. Frankenstein has daily declined in health: a feverish fire still glimmers in his eyes; but he is exhausted, and, when suddenly roused to any exertion, he speedily sinks again into apparent lifelessness.

I mentioned in my last letter the fears I entertained of a mutiny. This morning, as I sat watching the wan countenance of my friend – his eyes half closed, and his limbs hanging listlessly – I was roused by half a dozen of the sailors, who desired admission into the cabin. They entered; and their leader addressed me. He told me that he and his companions had been chosen by the other sailors to come in deputation to me, to make me a demand, which, in justice, I could not refuse. We were immured in ice, and should probably never escape; but they feared that if, as was possible, the ice should dissipate, and a free passage be opened, I should be rash enough to continue my voyage, and lead them into fresh dangers, after they might happily have surmounted this. They desired, therefore, that I should engage with a solemn promise, that if the vessel should be freed, I would instantly direct my course southward.

This speech troubled me. I had not despaired; nor had I yet conceived the idea of returning, if set free. Yet could I, in justice, or even in possibility, refuse this demand? I hesitated before I answered; when Frankenstein, who had at first been silent, and, indeed, appeared hardly to have force enough to attend, now roused himself; his eyes sparkled, and his cheeks flushed with momentary vigour. Turning towards the men, he said:

“What do you mean? What do you demand of your captain? Are you then so easily turned from your design? Did you not call this a glorious expedition? and wherefore was it glorious? Not because the way was smooth and placid as a southern sea, but because it was full of dangers and terror; because, at every new incident, your fortitude was to be called forth, and your courage exhibited; because danger and death surrounded, and these dangers you were to brave and overcome. For this was it a glorious, for this was it an honourable undertaking. You were hereafter to be hailed as the benefactors of your species; your name adored, as belonging to brave men who encountered death for honour and the benefit of mankind. And now, behold, with the first imagination of danger, or, if you will, the first mighty and terrific trial of your courage, you shrink away, and are content to be handed down as men who had not strength enough to endure cold and peril; and so, poor souls, they were chilly, and returned to their warm firesides. Why, that requires not this preparation; ye need not have come thus far, and dragged your captain to the shame of a defeat, merely to prove yourselves cowards. Oh! be men, or be more than men. Be steady to your purposes, and firm as a rock. This ice is not made of such stuff as your hearts might be; it is mutable, cannot withstand you, if you say that it shall not. Do not return to your families with the stigma of disgrace marked on your brows. Return as heroes who have fought and conquered, and who know not what it is to turn their backs on the foe.”

He spoke this with a voice so modulated to the different feelings expressed in his speech, with an eye so full of lofty design and heroism, that can you wonder that these men were moved. They looked at one another, and were unable to reply. I spoke; I told them to retire, and consider of what had been said: that I would not lead them further north, if they strenuously desired the contrary; but that I hoped that, with reflection, their courage would return.

They retired, and I turned towards my friend; but he was sunk in languor, and almost deprived of life.

How all this will terminate, I know not; but I had rather die, than return shamefully – my purpose unfulfilled. Yet I fear such will be my fate; the men, unsupported by ideas of glory and honour, can never willingly continue to endure their present hardships.

SEPTEMBER 7TH

The die is cast; I have consented to return, if we are not destroyed. Thus are my hopes blasted by cowardice and indecision; I come back ignorant and disappointed. It requires more philosophy than I possess, to bear this injustice with patience.

SEPTEMBER 12TH

It is past; I am returning to England. I have lost my hopes of utility and glory; – I have lost my friend. But I will endeavour to detail these bitter circumstances to you, my dear sister; and, while I am wafted towards England, and towards you, I will not despond.

September 19th, the ice began to move, and roarings like thunder were heard at a distance, as the islands split and cracked in every direction. We were in the most imminent peril; but, as we could only remain passive, my chief attention was occupied by my unfortunate guest, whose illness increased in such a degree, that he was entirely confined to his bed. The ice cracked behind us, and was driven with force towards the north; a breeze sprung from the west, and on the 11th the passage towards the south became perfectly free. When the sailors saw this, and that their return to their native country was apparently assured, a shout of tumultuous joy broke from, them, loud and long-continued. Frankenstein, who was dozing, awoke, and asked the cause of the tumult. “They shout,” I said, “because they will soon return to England.”

“Do you then really return?”

“Alas! yes; I cannot withstand their demands. I cannot lead them unwillingly to danger, and I must return.”

“Do so, if you will; but I will not. You may give up your purpose; but mine is assigned to me by heaven, and I dare not. I am weak; but surely the

spirits who assist my vengeance will endow me with sufficient strength.” Saying this, he endeavoured to spring from the bed, but the exertion was too great for him; he fell back, and fainted.

It was long before he was restored; and I often thought that life was entirely extinct. At length he opened his eyes, but he breathed with difficulty, and was unable to speak. The surgeon gave him a composing draught, and ordered us to leave him undisturbed. In the meantime he told me, that my friend had certainly not many hours to live.

His sentence was pronounced; and I could only grieve, and be patient. I sat by his bed watching him; his eyes were closed, and I thought he slept; but presently he called to me in a feeble voice, and, bidding me come near, said, “Alas! the strength I relied on is gone; I feel that I shall soon die, and he, my enemy and persecutor, may still be in being. Think not, Walton, that in the last moments of my existence I feel that burning hatred, and ardent desire of revenge, I once expressed, but I feel myself justified in desiring the death of my adversary. During these last days I have been occupied in examining my past conduct; nor do I find it blameable. In a fit of enthusiastic madness I created a rational creature, and was bound towards him, to assure, as far as was in my power, his happiness and well-being. This was my duty; but there was another still paramount to that. My duties towards my fellow-creatures had greater claims to my attention, because they included a greater proportion of happiness or misery. Urged by this view, I refused, and I did right in refusing, to create a companion for the first creature. He shewed unparalleled malignity and selfishness, in evil: he destroyed my friends; he devoted to destruction beings who possessed exquisite sensations, happiness, and wisdom; nor do I know where this thirst for vengeance may end. Miserable himself, that he may render no other wretched, he ought to die. The task of his destruction was mine, but I have failed. When actuated by selfish and vicious motives, I asked you to undertake my unfinished work; and I renew this request now, when I am only induced by reason and virtue.

“Yet I cannot ask you to renounce your country and friends, to fulfil this task; and now, that you are returning to England, you will have little chance of meeting with him. But the consideration of these points, and the well-balancing of what you may esteem your duties, I leave to you; my judgment

and ideas are already disturbed by the near approach of death. I dare not ask you to do what I think right, for I may still be misled by passion.

“That he should live to be an instrument of mischief disturbs me; in other respects this hour, when I momentarily expect my release, is the only happy one which I have enjoyed for several years. The forms of the beloved dead flit before me, and I hasten to their arms. Farewell, Walton! Seek happiness in tranquillity, and avoid ambition, even if it be only the apparently innocent one of distinguishing yourself in science and discoveries. Yet why do I say this? I have myself been blasted in these hopes, yet another may succeed.”

His voice became fainter as he spoke; and at length, exhausted by his effort, he sunk into silence. About half an hour afterwards he attempted again to speak, but was unable; he pressed my hand feebly, and his eyes closed for ever, while the irradiation of a gentle smile passed away from his lips.

Margaret, what comment can I make on the untimely extinction of this glorious spirit? What can I say, that will enable you to understand the depth of my sorrow? All that I should express would be inadequate and feeble. My tears flow; my mind is overshadowed by a cloud of disappointment. But I journey towards England, and I may there find consolation.

I am interrupted. What do these sounds portend? It is midnight; the breeze blows fairly, and the watch on deck scarcely stir. Again; there is a sound as of a human voice, but hoarser; it comes from the cabin where the remains of Frankenstein still lie. I must arise, and examine. Good night, my sister.

Great God! what a scene has just taken place! I am yet dizzy with the remembrance of it. I hardly know whether I shall have the power to detail it; yet the tale which I have recorded would be incomplete without this final and wonderful catastrophe.

I entered the cabin, where lay the remains of my ill-fated and admirable friend. Over him hung a form which I cannot find words to describe; gigantic in stature, yet uncouth and distorted in its proportions. As he hung over the coffin, his face was concealed by long locks of ragged hair; but one vast hand was extended, in colour and apparent texture like that of a

mummy. When he heard the sound of my approach, he ceased to utter exclamations of grief and horror, and sprung towards the window. Never did I behold a vision so horrible as his face, of such loathsome, yet appalling hideousness. I shut my eyes involuntarily, and endeavoured to recollect what were my duties with regard to this destroyer. I called on him to stay.

He paused, looking on me with wonder; and, again turning towards the lifeless form of his creator, he seemed to forget my presence, and every feature and gesture seemed instigated by the wildest rage of some uncontrollable passion.

“That is also my victim!” he exclaimed; “in his murder my crimes are consummated; the miserable series of my being is wound to its close! Oh, Frankenstein! generous and self-devoted being! what does it avail that I now ask thee to pardon me? I, who irretrievably destroyed thee by destroying all thou lovedst. Alas! he is cold; he may not answer me.”

His voice seemed suffocated; and my first impulses, which had suggested to me the duty of obeying the dying request of my friend, in destroying his enemy, were now suspended by a mixture of curiosity and compassion. I approached this tremendous being; I dared not again raise my looks upon his face, there was something so scaring and unearthly in his ugliness. I attempted to speak, but the words died away on my lips. The monster continued to utter wild and incoherent self-reproaches. At length I gathered resolution to address him, in a pause of the tempest of his passion: “Your repentance,” I said, “is now superfluous. If you had listened to the voice of conscience, and heeded the stings of remorse, before you had urged your diabolical vengeance to this extremity, Frankenstein would yet have lived.”

“And do you dream?” said the dæmon; “do you think that I was then dead to agony and remorse? He,” he continued, pointing to the corpse, “he suffered not more in the consummation of the deed; Oh! not the ten-thousandth portion of the anguish that was mine during the lingering detail of its execution. A frightful selfishness hurried me on, while my heart was poisoned with remorse. Think ye that the groans of Clerval were music to my ears? My heart was fashioned to be susceptible of love and sympathy;

and, when wrenched by misery to vice and hatred, it did not endure the violence of the change without torture such as you cannot even imagine.

“After the murder of Clerval, I returned to Switzerland, heart-broken and overcome. I pitied Frankenstein; my pity amounted to horror: I abhorred myself. But when I discovered that he, the author at once of my existence and of its unspeakable torments, dared to hope for happiness; that while he accumulated wretchedness and despair upon me, he sought his own enjoyment in feelings and passions from the indulgence of which I was for ever barred, then impotent envy and bitter indignation filled me with an insatiable thirst for vengeance. I recollected my threat, and resolved that it should be accomplished. I knew that I was preparing for myself a deadly torture; but I was the slave, not the master of an impulse, which I detested, yet could not disobey. Yet when she died!... nay, then I was not miserable. I had cast off all feeling, subdued all anguish to riot in the excess of my despair. Evil thenceforth became my good. Urged thus far, I had no choice but to adapt my nature to an element which I had willingly chosen. The completion of my demoniacal design became an insatiable passion. And now it is ended; there is my last victim!”

I was at first touched by the expressions of his misery; yet when I called to mind what Frankenstein had said of his powers of eloquence and persuasion, and when I again cast my eyes on the lifeless form of my friend, indignation was re-kindled within me. “Wretch!” I said, “it is well that you come here to whine over the desolation that you have made. You throw a torch into a pile of buildings, and when they are consumed you sit among the ruins, and lament the fall. Hypocritical fiend! if he whom you mourn still lived, still would he be the object, again would he become the prey of your accursed vengeance. It is not pity that you feel; you lament only because the victim of your malignity is withdrawn from your power.”

“Oh, it is not thus, not thus,” interrupted the being; “yet such must be the impression conveyed to you by what appears to be the purport of my actions. Yet I seek not a fellow-feeling in my misery. No sympathy may I ever find. When I first sought it, it was the love of virtue, the feelings of happiness and affection with which my whole being overflowed, that I wished to be participated. But now, that virtue has become to me a shadow, and that happiness and affection are turned into bitter and loathing despair, in what should I seek for sympathy? I am content to suffer alone, while my

sufferings shall endure: when I die, I am well satisfied that abhorrence and opprobrium should load my memory. Once my fancy was soothed with dreams of virtue, of fame, and of enjoyment. Once I falsely hoped to meet with beings, who, pardoning my outward form, would love me for the excellent qualities which I was capable of bringing forth. I was nourished with high thoughts of honour and devotion. But now vice has degraded me beneath the meanest animal. No crime, no mischief, no malignity, no misery, can be found comparable to mine. When I call over the frightful catalogue of my deeds, I cannot believe that I am he whose thoughts were once filled with sublime and transcendant visions of the beauty and the majesty of goodness. But it is even so; the fallen angel becomes a malignant devil. Yet even that enemy of God and man had friends and associates in his desolation; I am quite alone.

“You, who call Frankenstein your friend, seem to have a knowledge of my crimes and his misfortunes. But, in the detail which he gave you of them, he could not sum up the hours and months of misery which I endured, wasting in impotent passions. For whilst I destroyed his hopes, I did not satisfy my own desires. They were forever ardent and craving; still I desired love and fellowship, and I was still spurned. Was there no injustice in this? Am I to be thought the only criminal, when all human kind sinned against me? Why do you not hate Felix, who drove his friend from his door with contumely? Why do you not execrate the rustic who sought to destroy the saviour of his child? Nay, these are virtuous and immaculate beings! I, the miserable and the abandoned, am an abortion, to be spurned at, and kicked, and trampled on. Even now my blood boils at the recollection of this injustice.

“But it is true that I am a wretch. I have murdered the lovely and the helpless; I have strangled the innocent as they slept, and grasped to death his throat who never injured me or any other living thing. I have devoted my creator, the select specimen of all that is worthy of love and admiration among men, to misery; I have pursued him even to that irremediable ruin. There he lies, white and cold in death. You hate me; but your abhorrence cannot equal that with which I regard myself. I look on the hands which executed the deed; I think on the heart in which the imagination of it was conceived, and long for the moment when they will meet my eyes, when it will haunt my thoughts, no more.

“Fear not that I shall be the instrument of future mischief. My work is nearly complete. Neither your’s nor any man’s death is needed to consummate the series of my being, and accomplish that which must be done; but it requires my own. Do not think that I shall be slow to perform this sacrifice. I shall quit your vessel on the ice-raft which brought me hither, and shall seek the most northern extremity of the globe; I shall collect my funeral pile, and consume to ashes this miserable frame, that its remains may afford no light to any curious and unhallowed wretch, who would create such another as I have been. I shall die. I shall no longer feel the agonies which now consume me, or be the prey of feelings unsatisfied, yet unquenched. He is dead who called me into being; and when I shall be no more, the very remembrance of us both will speedily vanish. I shall no longer see the sun or stars, or feel the winds play on my cheeks. Light, feeling, and sense, will pass away; and in this condition must I find my happiness. Some years ago, when the images which this world affords first opened upon me, when I felt the cheering warmth of summer, and heard the rustling of the leaves and the chirping of the birds, and these were all to me, I should have wept to die; now it is my only consolation. Polluted by crimes, and torn by the bitterest remorse, where can I find rest but in death?”

“Farewell! I leave you, and in you the last of human kind whom these eyes will ever behold. Farewell, Frankenstein! If thou wert yet alive, and yet cherished a desire of revenge against me, it would be better satiated in my life than in my destruction. But it was not so; thou didst seek my extinction, that I might not cause greater wretchedness; and if yet, in some mode unknown to me, thou hast not yet ceased to think and feel, thou desirest not my life for my own misery. Blasted as thou wert, my agony was still superior to thine; for the bitter sting of remorse may not cease to rankle in my wounds until death shall close them forever.

“But soon,” he cried, with sad and solemn enthusiasm, “I shall die, and what I now feel be no longer felt. Soon these burning miseries will be extinct. I shall ascend my funeral pile triumphantly, and exult in the agony of the torturing flames. The light of that conflagration will fade away; my ashes will be swept into the sea by the winds. My spirit will sleep in peace; or if it thinks, it will not surely think thus. Farewell.”

He sprung from the cabin-window, as he said this, upon the ice-raft which lay close to the vessel. He was soon borne away by the waves, and

lost in darkness and distance.

THE END

GRANDES CLÁSSICOS EM EDIÇÕES BILÍNGUES

A ABADIA DE NORTHANGER

JANE AUSTEN

A CASA DAS ROMÃS

OSCAR WILDE

A DIVINA COMÉDIA

DANTE ALIGHIERI

A MORADORA DE WILDFELL HALL

ANNE BRONTË

A VOLTA DO PARAFUSO

HENRY JAMES

AO REDOR DA LUA: AUTOUR DE LA LUNE

JULES VERNE

AS CRÔNICAS DO BRASIL

RUDYARD KIPLING

AO FAROL: TO THE LIGHTHOUSE

VIRGINIA WOOLF

BEL-AMI

GUY DE MAUPASSANT

CONTOS COMPLETOS

OSCAR WILDE

DA TERRA À LUA : DE LA TERRE À LA LUNE

JULES VERNE

DRÁCULA

BRAM STOKER

EMMA

JANE AUSTEN

FRANKENSTEIN, O MODERNO PROMETEU

MARY SHELLEY

GRANDES ESPERANÇAS

CHARLES DICKENS

JANE EYRE

CHARLOTTE BRONTË

LADY SUSAN

JANE AUSTEN

MANSFIELD PARK

JANE AUSTEN

MEDITAÇÕES

JOHN DONNE

MOBY DICK

HERMAN MELVILLE

NORTE E SUL

ELIZABETH GASKELL

O AGENTE SECRETO

JOSEPH CONRAD

O CORAÇÃO DAS TREVAS

JOSEPH CONRAD

O CRIME DE LORDE ARTHUR SAVILE E OUTRAS HISTÓRIAS

OSCAR WILDE

O ESTRANHO CASO DO DOUTOR JEKYLL E DO SENHOR HYDE

ROBERT LOUIS STEVENSON

O FANTASMA DE CANTERVILLE

OSCAR WILDE

O FANTASMA DA ÓPERA

GASTON LEROUX

O GRANDE GATSBY

F. SCOTT FITZGERALD

O HOMEM QUE QUERIA SER REI E OUTROS CONTOS SELECIONADOS

RUDYARD KIPLING

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EMILY BRONTË

O PRÍNCIPE FELIZ E OUTRAS HISTÓRIAS

OSCAR WILDE

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

O RETRATO DE DORIAN GRAY

OSCAR WILDE

O RETRATO DO SENHOR W. H.

OSCAR WILDE

O RIQUIXÁ FANTASMA E OUTROS CONTOS MISTERIOSOS

RUDYARD KIPLING

O ÚLTIMO HOMEM

MARY SHELLEY

OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

OS SONETOS COMPLETOS

WILLIAM SHAKESPEARE

OS TRINTA E NOVE DEGRAUS

JOHN BUCHAN

OBRAS INACABADAS

JANE AUSTEN

ORGULHO E PRECONCEITO

JANE AUSTEN

ORLANDO

VIRGINIA WOOLF

PERSUAÇÃO

JANE AUSTEN

RAZÃO E SENSIBILIDADE

JANE AUSTEN

SOB OS CEDROS DO HIMALAIA

RUDYARD KIPLING

SUAVE É A NOITE

F. SCOTT FITZGERALD

TEATRO COMPLETO - VOLUME I

OSCAR WILDE

TEATRO COMPLETO - VOLUME II

OSCAR WILDE

TESS D'UBERVILLES

THOMAS HARDY

UM CÂNTICO DE NATAL

CHARLES DICKENS

UMA DEFESA DA POESIA E OUTROS ENSAIOS

PERCY SHELLEY

VIAGENS EXTRAORDINÁRIAS

JULES VERNE

WEE WILLIE WINKLE E OUTRAS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

RUDYARD KIPLING